

A CONSTRUÇÃO DAS TOXICOMANIAS NA ADOLESCÊNCIA: TRAVESSIAS E
ANCORAGENS

Sandra Djambolakdjian Torossian

Tese apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de Doutor em
Psicologia sob a orientação da Profa. Dra. Rita Sobreira Lopes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento
Fevereiro 2001

AGRADECIMENTOS

Agradeço a:

José Otávio Severo Teixeira pelo companheirismo e apoio;

Meus pais Esteban e Elizabeth por terem dado o suporte necessário nos momentos mais difíceis;

Karina e Eduardo pelo seu acompanhamento fraterno;

Dra. Rita Sobreira Lopes pela sua orientação, contínua interlocução e cuidadosa leitura do texto;

Otávio Augusto Winck Nunes pelo acompanhamento e socorro na elaboração deste trabalho;

Marta Conte, Clarice Sampaio Roberto, Rose Teresinha Mayer e Tatiane Reis Vianna, amigas e colegas, pelo trabalho de construção em conjunto de várias das questões presentes neste trabalho;

Maria Cristina Solé por todos os momentos de discussão;

Todos os colegas e estagiários da COTE pelos árduos momentos de convivência;

Os colegas da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC)- campus de Joaçaba pelo incentivo recebido para a realização deste doutorado;

Clinica de Atendimentos Psicológico da UFRGS, especialmente, Martha Brizzio que abriu as portas para a realização de parte desta pesquisa;

Margarete, secretária do programa de pós-graduação, pela sua competência e amizade;

Os membros da banca examinadora pela sua valiosa contribuição na hora da defesa do projeto que originou esta tese;

Lúcia Serrano Pereira e Silvia Eugênia Molina pela sua escuta;

Os pacientes sem os quais não teria sido possível escrever este texto;

CAPES pelo auxílio financeiro.

La uva y el vino

Un hombre de las viñas habló, en agonía al oído
de Marcela. Antes de morir, le reveló su secreto:
La uva- le susurró- está hecha de vino
Marcela Pérez-Silva me lo contó, y yo pensé: Si la uva
Está hecha de vino, quizás nosotros somos las palabras que
cuentan lo que somos.

Eduardo Galeano

“El Libro de los Abrazos”

Sumário

CAPÍTULO I.....	11
INTRODUÇÃO	11
Apresentação.....	11
1.1 A construção da pesquisa.....	12
1.2. As toxicomanias	15
1.2.2. A toxicomania: um engano que conduz à indiferenciação.....	17
1.2.3. A operação farmakon	18
1.2.3.1. O farmakon	18
1.2.3.2. Do Phármakon à operação farmakon.....	20
1.2.3.3. As toxicomanias de suplência e as toxicomanias de suplemento	23
1.2.3.4. O tóxico e a droga nas toxicomanias	24
1.2.3.5. As lógicas da suplência e do suplemento.....	25
1.3. As toxicomanias e a adolescência	32
1.4. A adolescência	34
1.5. A construção das toxicomanias na adolescência: estudos empíricos	46
1.6. Questões metodológicas:	50
O método psicanalítico é um método de investigação do inconsciente. Método que reconhece a dupla característica de investigar e, ao mesmo tempo, produzir efeitos. Por exemplo, se um determinado sintoma associa-se inconscientemente a outras lembranças, o fato de apontar essa relação já é uma intervenção que tende a produzir modificações na associação.	50
1.6.1. Sobre a Transferência.....	54
1.6.2. Especificidades do fazer analítico com adolescentes e toxicômanos.....	57
1.7. Problemas e questões de pesquisa	61
1.8. Hipóteses sobre a construção das toxicomanias na adolescência	62
Participantes.....	66
Delineamento e Procedimentos.....	66
2.1. Dado	67

2.1.1. Análise do caso.....	72
2.1.2. Recortes transferenciais.....	82
2.2. Floriania.....	87
2.2.1. Análise do caso.....	89
2.2.2. Recortes transferenciais.....	93
2.3. Fênix.....	94
2.3.1. Análise do caso.....	99
2.3.2. Recortes transferenciais.....	105
CAPÍTULO III	116
O PRÍNCIPE, MORFEU E B.SIMPSON:	116
PERCURSOS TÓXICOS ADOLESCENTES II.....	116
A Comunidade Terapêutica da Cruz Vermelha Brasileira- RS (COTE).....	116
A inscrição da pesquisadora.....	117
Participantes.....	119
Delineamento e Procedimentos.....	120
Instrumentos	120
RESULTADOS	121
3.1. O Príncipe.....	121
3.2. Morfeu	132
3.3. B. Simpson.....	140
Essa imagem permite-lhes realizar o desejo materno, por exemplo, ser O Príncipe, fato que o sujeito consegue na marginalidade. Soma-se aí a imagem das drogas e seringas, cuja lembrança dedica a uma de suas “outras mães”. No caso de Morfeu, o silêncio associa-se à morte, sucesso que obtém parcialmente com a infecção pelo HIV.	146
CAPÍTULO IV.....	148
O OUTRO NA CONSTRUÇÃO DAS TOXICOMANIAS.....	148
MÉTODO.....	148
Participantes.....	148
Delineamento e Procedimentos.....	149

RESULTADOS	149
4.1. Toxicomanias de suplemento: quando o Outro permite ancoragens.....	149
4.1.1. Dado e a referência ao Pai.....	150
4.1.2. Floriana e a significação de um “novo corpo”	152
4.1.3. B. Simpson: travessuras para o pai.....	153
4.2. Costurando os recortes.....	153
4.3. Toxicomanias de suplência: o tóxico no lugar do Pai.....	155
4.3.1. Fênix: encontros com um pai	156
4.3.2. O Príncipe: um intruso de saída	157
4.3.3. Morfeu: sem defesas.....	159
Morfeu entrega-se quase totalmente ao desejo materno sem encontrar um pai que o defenda da possibilidade de engolimento pelo Outro. Os significantes paternos mostram traços tão apagados quanto é espaçado o contato com seu pai biológico. Seu nascimento é carregado de um descrédito do pai em relação à mãe, ao qual sobrevém a conseqüente falta de adoção do filho, marcada pela ausência do sobrenome paterno. Apesar de essa ausência não ser mencionada por Morfeu, este sujeito mostra as marcas de um abandono paterno e materno.	159
Os olhos maternos espelham uma preocupação com sua saúde, bem como a inscrição da morte enquanto imperativo. A isso ele responde com doenças graves que necessitam de cirurgia. No “après-coup” adolescente, soma-se um silêncio materno que reitera o abandono e o desamparo vivenciados e as carências simbólicas decorrentes das falhas na inscrição do Nome-do-Pai.	159
4.4. Entrelaçando os cortes... ..	160
CAPÍTULO V	166
DISCUSSÃO GERAL	166
5.1. O início das toxicomanias na adolescência	167
5.2. O Outro na construção das toxicomanias.....	173
5.3. Especificidades do tratamento com adolescentes toxicômanos	177
5.3.1. A demanda e a transferência	177

5.3.2. A abstinência.....	179
5.3.3. O lugar do analista.....	180
5.4. Novas questões de pesquisa.....	181
5.5. O que os adolescentes escutam?	182
Bento, Victor Eduardo Silva (1998). Formulando uma Psicopatologia Fundamental, justificando-a e ilustrando-a a partir da psicanálise da adolescência de Dora. Revista Latinoamericana de Psicopaologia Fundamental. 1 (4): 11- 29.	183
Pearson, Michael e Michell, Lynn (2000). Smoke rings: Social Network Analysis of Freindship Groups, Smoking ans Drug-taking. Drugs: Education, Prevention and Policy. 7 (1): 21-37.	190
ANEXO A	192
OPERADORES DE LEITURA.....	192
A Identificação	192
O Narcisismo.....	196
O Complexo de Édipo.....	197
O Nome-do-Pai	199
ANEXO B	202
LETRAS DAS MÚSICAS (CASO FLORIANA).....	202
Faroeste Caboclo.....	202
Geração Coca-Cola.....	207
ANEXO C	209
DESCRIÇÃO DO O TRATAMENTO NA COMUNIDADE TERAPÊUTICA DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA/ RS (COTE)	209
ANEXO D.....	214
DISPOSITIVOS DE ESCRITA UTILIZADOS COMO INSTRUMENTOS	214
I. CARTELA CLÍNICA	214
II- INVENTÁRIO PESSOAL.....	218

RESUMO

A presente tese trata da construção das toxicomanias na adolescência. Tem sua fundamentação na teoria freudo-lacaniana. As toxicomanias são entendidas como uma operação na qual a ineficácia paterna tem como consequência falhas simbólicas associadas a produção de um excesso narcísico. O tóxico, sendo entendido tanto como um remédio ao mal-estar provocado pela civilização quanto um veneno que coloca o corpo num circuito dual, aparece como recurso inscrito no discurso social dominante.

Nossa hipótese é de que o início das toxicomanias na adolescência se deve à inoperância simbólica característica da puberdade. A adolescência, por ser uma operação de retomada, na forma de “après-coup” do estágio do espelho, apresenta uma defasagem entre as modificações pubertárias e sua simbolização. A droga como recurso tóxico poderá constituir uma saída para esse hiato, no qual o Outro tem função primordial, ao propor uma “solução” para a castração.

Foram realizados três estudos, nos quais analisamos seis casos. No primeiro, foram escutados três sujeitos cuja queixa principal foi o uso de drogas. No segundo, os casos foram construídos a partir dos textos escritos de três sujeitos que se encontravam internados num hospital-dia. O terceiro estudo consistiu na análise dos seis casos focalizando o Outro (representado por figuras de autoridade e pelos pares) na construção das toxicomanias.

Os resultados apontaram que quando o Outro garante a inscrição significativa, os sujeitos engajam-se numa lógica toxicomaniaca que considera a alteridade. Em contrapartida, quando os significantes organizadores da subjetividade constituem tênues traçados, o Outro demonstra sua ineficácia na função de sustentar o sujeito. Por isso, o recurso ao tóxico prescindirá do Outro.

Discutimos, finalmente, o lugar do analista re-situando a exigência de abstinência em relação ao analista e não ao paciente. Sua escuta deverá priorizar o sujeito e não o tóxico, sob risco de repetir e perdurar a dualidade toxicomaniaca.

ABSTRACT

The present thesis discusses drug addiction construction in adolescence. It is based on Freud's and Lacan's theories. Addictions are understood as an operation in which paternal inefficacy leads to symbolic failure associated with the production of a narcissistic excess. The toxic, being understood as both a medicine for civilization's disease and a poison which places the body in a dual circuit, appears as a resource inscribed in the dominant social discourse.

Our thesis is that the onset of addiction in adolescence is due to the symbolic work failure which characterises puberty. Adolescence, as an "après-coup" operation of the mirror stage, presents a gap between puberty modifications and their symbolization. Drugs being took as a toxic resource may constitute an alternative for the gap, where the Other has a primary function, as it proposes a "solution" for castration.

Three studies were carried in which six cases were analysed. In the first one, we analysed three cases who were in treatment and whose main compliant was the use of drugs. In the second one, the written material of three cases placed in a day-hospital were analysed. The third study consisted of the analysis of the six cases focusing on the Other (represented by authority figures and peers) in addiction construction.

Results indicated that when the Other guarantees a signifier inscription, the subjects are engaged in an addiction logic that considers otherness. On the other hand, when the signifiers organizing subjectivity constitute tenuous lines, the Other reveals its inefficacy in supporting the subject. That is why the toxic solution will set the Other aside.

We finally discuss the analyst's position, emphasizing the need for the analyst abstinence instead of the patient's. He/she should give priority to the subject instead of to the toxic, at the risk of repeating a long-lasting addiction duality.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Apresentação

Chegava à instituição na qual eu trabalhava um grande número de adolescentes cuja queixa era o uso de drogas. Queixa esta que se apresentava sob duas formas: alguns sujeitos nos falavam das drogas como sofrimento principal, havendo quase uma impossibilidade de associação desse uso com outras questões de suas vidas, enquanto para outros o consumo de drogas foi o pivô da procura de um tratamento, demonstrando, porém, a possibilidade falar de outras questões além da droga.

O primeiro grupo de sujeitos tinha como elemento central de suas vidas o consumo de drogas. Este os havia levado a abandonar qualquer outra atividade no seu cotidiano como trabalhar, ter momentos de lazer ou relacionar-se com pessoas que não fossem consumidores de drogas. Realizavam o que, num primeiro momento desta pesquisa, denominamos um uso exclusivo de drogas. O segundo grupo realizava um uso que incluía, na maior parte das vezes, as drogas em outras atividades, como estudos, trabalho, lazer, esportes etc.

Após algum tempo de escuta desses pacientes, interoguei-me por essa diferença, a qual, para além de uma descrição fenomenológica dos tipos de uso de drogas, parecia representar uma relação diferenciada de cada um dos sujeitos mencionados com as drogas. Além disso, inquietavam-me as conseqüências terapêuticas que essa diferenciação trazia. Uns colocavam-me enquanto analista no limite de minha prática: como escutar sujeitos que apresentam quase uma impossibilidade associativa? Outros, levavam-me a interrogar as conseqüências que minhas intervenções adquiriam: cair no engodo por eles proposto, ao enfatizar as drogas, poderia definir um destino no qual estas propiciavam um traço identificatório.

Incomodada com essas questões, detive-me na observação e reflexão sobre a prática de muitos profissionais, bem como da minha própria, especialmente no tocante à

direção desses tratamentos. Constatei que, geralmente, os adolescentes que consumiam drogas dentre suas atividades cotidianas eram, muitas vezes, encaminhados a internações, nas quais precisavam definir-se como “toxicômanos”, “dependentes químicos” ou, acatando a gíria científico-popular, “DQs”. Outra opção poderia ser iniciar tratamentos ambulatoriais, nos quais era também necessário assumirem-se como toxicômanos. E, assim, muitos deles iniciaram incursões pelas ruas e clínicas brasileiras e, muitas vezes, estrangeiras.

Na minha clínica escutava esses adolescentes interrogando-se e interrogando aos outros: “sou drogado?” ou “sou maconheiro?” Parecia-me um erro terapêutico responder às interrogações encaminhando-os a tratamentos nos quais tivessem que denominar-se “drogados”, “toxicômanos”, “dependentes químicos”, “adictos”, etc. Estar-se-ia, assim, reforçando uma resposta pela via da droga.

Por outro lado, a clínica com aqueles sujeitos cujo discurso centrava-se na droga, quase numa impossibilidade de deslocamento associativo, apresentava, também, dificuldades relativas ao estatuto da droga e da subjetividade. A palavra parecia não ter efeito e o corpo sofria as conseqüências. Como tratar esses sujeitos com uma ação terapêutica que prioriza a palavra? Ter-se-ia que confirmar o axioma segundo o qual a psicanálise é contra-indicada nos casos de toxicomania?

Tomando estas inquietudes e questões como alicerces, construí uma pesquisa a qual, nas suas várias etapas, foi adquirindo novas formas.

1.1 A construção da pesquisa

No primeiro momento da organização da investigação, pretendia estudar a subjetividade do que denominei adolescentes usuários de drogas - aqueles cujo uso de drogas não excluía outras atividades - e dos adolescentes toxicômanos, cujo consumo de drogas excluía outras atividades. Denominei o primeiro grupo de “usuários não exclusivos” e o segundo grupo de “usuários exclusivos” ou “toxicômanos”.

Formulei as seguintes questões:

- 1) Todo uso de drogas deve ser considerado um problema?

- 2) As dificuldades com a função paterna, presentes na toxicomania, aparecem nos usuários adolescentes? Como elas aparecem?
- 3) Os problemas identificatórios, fundamentais na adolescência, relacionam-se com os diferentes tipos de uso de drogas (exclusivo e não-exclusivo) nesse momento?
- 4) O que determina a passagem de um uso não-exclusivo de drogas para um uso exclusivo?

Essas questões determinaram o delineamento dos estudos com adolescentes usuários de drogas e adolescentes toxicômanos, sendo que as duas últimas perguntas foram ganhando força e tornando-se o eixo investigativo. Além disso, inquietava-me a denominação, encontrada até esse momento, para diferenciar os mencionados tipos de uso de drogas. Era uma diferenciação descritiva que esboçava, mas não elucidava, as diferenças subjetivas.

Encontrei no texto de Le Poulichet (1987/1990, 1994/1996) uma teoria das toxicomanias que permitiu afastar-me da descrição fenomenológica na diferenciação entre uso exclusivo e não-exclusivo de drogas, bem como dar sustentação teórica a minha pergunta sobre as toxicomanias na adolescência.

Foi a adolescência que me trouxe as interrogações iniciais. Além disso, encontrei dados epidemiológicos que apontam a relação entre a adolescência e o início das toxicomanias, bem como estudos psicanalíticos que reforçam essa relação.

Le Poulichet (1987/1990), autora escolhida para sustentar a nossa pesquisa, por apresentar uma teoria psicanalítica das toxicomanias, constata estar na adolescência o surgimento das toxicomanias, porém, não explica essa relação. Rassial (1990/1999,1997), autor escolhido para fundamentar as questões relativas à adolescência, por ser um psicanalista dedicado à pesquisa deste tema, tece algumas considerações sobre “o adolescente e a droga”, mas não enfatiza o surgimento da toxicomania .

Tomamos de Le Poulichet (1987/1990) a diferenciação metapsicológica entre toxicomanias de suplemento e toxicomanias de suplência e de Rassial (1997) o conceito de adolescência enquanto “après-coup” do Estágio do espelho. Segundo Le Poulichet (1987/1990, 1994/1996), as toxicomanias de suplemento obedecem a uma operação psíquica, por ela denominada operação farmakon, na qual o corpo está velado pelas palavras, encontrando-se inserido numa cadeia metafórica. É o caso daqueles sujeitos que apresentam uma queixa de uso de drogas e conseguem associá-la a outras questões. A

nossa formulação inicial de uso não-exclusivo de drogas ganha aqui um novo estatuto. Os usuários inicialmente denominados não-exclusivos, ou os momentos de uso não-exclusivo, são aqueles nos quais o corpo encontra-se ligado a outros significantes, por isso no tratamento há possibilidade de associação.

Nas toxicomanias de suplência, em contrapartida, o corpo encontra-se excluído da cadeia metafórica, por isso a associação no tratamento é quase impossível. A operação farmakon faz com que o sujeito desapareça, dando lugar ao funcionamento de um organismo-máquina (Le Poulichet, 1987/1990).

Estas teorizações nos levaram a reformular nossas questões de pesquisa. Então, a pergunta que nos acompanhou ao longo desta travessia investigativa foi: como se constroem as toxicomanias na adolescência?

Tivemos como hipótese que estas apresentam-se, geralmente, a partir a adolescência pela inoperância simbólica característica da puberdade. O sujeito precisa, na operação adolescente, simbolizar as modificações pubertárias e efetua um teste à eficácia paterna. É aí que uma toxicomania poderá vir a ser construída, pela via da suplência ou do suplemento. Quando a inscrição do Nome-do-Pai (para uma definição do termo, ver Anexo A) sustenta o relance adolescente, apresenta-se a via do suplemento, caso contrário, o sujeito poderá encaminhar-se pela via da suplência toxicomaniaca.

Apresentamos, inicialmente, as teorias psicanalíticas sobre as toxicomanias e a adolescência, que fundamentaram nosso trabalho, encontradas no primeiro capítulo. O segundo capítulo apresenta o primeiro estudo que consistiu na construção de três casos de adolescentes por nós escutados em situação de tratamento. A apresentação de casos é foco, também, do terceiro capítulo, no qual analisamos as toxicomanias de três pacientes em tratamento num hospital-dia. No quarto capítulo, retomamos os seis casos, tendo como eixo central de análise, a função do Outro na construção das toxicomanias. Finalizamos, no quinto capítulo, com as considerações finais relativas a nossa tese sobre a construção das toxicomanias na adolescência e as especificidades do tratamento com adolescentes toxicômanos.

A psicanálise, na sua vertente freudo-lacaniana, constituiu o arcabouço teórico que fundamentou o percurso de investigação aqui apresentado. Psicanalistas possuidores de vasta produção sobre a adolescência e as toxicomanias tornaram-se referências no trajeto

apresentado a seguir. Iniciamos pelas formulações relativas às toxicomanias para depois apresentar as idéias dos autores sobre a adolescência e, finalmente nossas hipóteses de trabalho.

1.2. As toxicomanias

Começaremos apresentando as contribuições freudianas em relação aos processos psíquicos presentes nas toxicomanias ou adições. Posteriormente, traremos as teorias e contribuições sobre as toxicomanias de psicanalistas que se dedicam hoje a esse tema.

1.2.1. As toxicomanias na obra de Freud

Encontramos na obra psicanalítica de Freud várias formulações que explicitam o mecanismo da adição, além das investigações iniciais de Freud sobre a cocaína, de cunho médico, publicadas no livro “Freud e a cocaína” (Byck, 1974/1989)

Inicialmente, Freud (1897/1981) detém-se a explicar a origem de diferentes hábitos, e refere-se ao jogo, propondo a tese de estarem esses hábitos fundamentados na substituição de uma pulsão sexual por outra a esta associada. Essa menção aparece numa carta a Fliess datada de 11 de janeiro de 1897. Em 22 de dezembro do mesmo ano, refere-se à masturbação como sendo o primeiro e único hábito. As adições como o álcool, a morfina e o tabaco seriam, então, seu substituto. Na mesma carta, Freud já se pergunta pela cura das adições: a adição é curável ou temos que conformar-nos e converter a histeria em neurastenia?

Como veremos adiante, a pergunta pela cura das toxicomanias movimenta ainda os psicanalistas, muitas vezes seduzidos pelas propostas de abstinência às drogas. Posição esta descartada por Freud (1898/1981) no texto “A etiologia sexual das neuroses”, ao sustentar ser a cura de abstinência ineficiente nas adições a narcóticos, se não for procurada a fonte do surgimento da necessidade imperativa.

No mesmo texto, o autor situa os narcóticos como compensação pela falta de gozo sexual e adverte para a diferença entre o uso dos mesmos e a intoxicação. Nem todos os indivíduos que usaram morfina ou cocaína, diz Freud, adquiriram a toxicomania correspondente; diferenciação hoje muitas vezes esquecida.

Seguindo a trilha em busca da explicação para a intoxicação, Freud (1905c/1981) explicita ser a persistência na organização oral da sexualidade a responsável pela predisposição a ser um sujeito bebedor ou fumante. No mesmo ano, em “O chiste e sua relação com o inconsciente” (Freud, 1905b), detém-se nas propriedades dos tóxicos, e atribui ao álcool a propriedade de levantar as inibições e melhorar o humor e a crítica.

Em “Luto e Melancolia”, Freud (1917/1981) compara o mecanismo da mania ao alcoolismo. Na intoxicação alcoólica as toxinas possibilitam a suspensão do gasto em energia de recalque, mecanismo também encontrado na mania. Nas duas situações o Eu triunfa, no entanto, ignora sobre o que triunfou.

As afirmações precedentes foram reelaboradas pelo autor, o qual, em 1927, no seu texto sobre “O humor” situa a embriaguez na linha do humor, enquanto método do aparelho psíquico cujo objetivo é fugir do sofrimento. Há aí, afirma Freud, um triunfo do Eu e do princípio do prazer e um repúdio às exigências da realidade.

No texto sobre “Dostoiévsky e o parricídio”, Freud (1928/1981) retoma a equiparação entre o hábito e a toxicomania, ao analisar a paixão patológica de Dostoiévsky pelo jogo. Aqui, Freud situa a toxicomania na via das paixões e associa-a com a adolescência e a masturbação. Retomando as idéias presentes na carta a Fliess, afirma ser o “vício” da masturbação (aspas do autor) substituído pela paixão pelo jogo. Situa, ainda, a base dessa substituição numa das primeiras fantasias do adolescente: que a mãe inicie o púbere na vida sexual para livrá-lo do onanismo.

Seguindo a linha anteriormente apontada, em “O mal-estar na civilização”, Freud (1930/1981), coloca as toxicomanias como uma das possíveis saídas para o alívio da angústia, provocado pelas renúncias, a serem realizadas pelo sujeito, em benefício da vida na civilização.

O mecanismo proposto por Freud para as toxicomanias é, então, o da substituição de uma pulsão sexual por outra a essa associada. Já acentua a adolescência como momento dessa substituição, momento no qual as pulsões genitais passam a organizar a sexualidade. As fantasias edípicas são retomadas: o sujeito demandaria à mãe a iniciação sexual para o abandono do onanismo. Essas fantasias dão origem à paixão, muitas vezes transformada em necessidade, pelo tóxico. Além disso, Freud destaca o recurso ao tóxico como um triunfo

do princípio do prazer, no qual alivia-se a angústia que as renúncias impostas pela realidade provocam.

Em relação à cura, Freud afirma serem infrutíferas as curas pela abstinência de narcóticos, já que estas não priorizam a fonte dessa paixão e da necessidade pelo tóxico. O legado freudiano em relação a este tema parece ter sido esquecido pelos seus seguidores, da mesma forma que o foram seus estudos e experiências com a cocaína. A toxicomania passou a ser tratada enquanto uma unidade patológica uniforme, desconsiderando-se as interrogações realizadas por Freud em relação aos sujeitos para os quais o uso de alguma substância química provoca uma toxicomania e aqueles para os quais o mesmo fato não a provoca.

1.2.2. A toxicomania: um engano que conduz à indiferenciação

A concepção da toxicomania enquanto unidade homogênea conduz a confusões entre usuários de drogas e toxicômanos. Assim, toma-se o comportamento “uso de drogas” como uma totalidade toxicomaníaca.

Vários autores realizam uma diferenciação descritiva entre o uso de drogas e a toxicomania. Porém, por permanecerem na descrição de fenômenos, não permitem entender as diferenças psíquicas entre os diversos sujeitos toxicômanos, nem entre as várias toxicomanias. E, ainda, “a toxicomania” confunde-se com os sujeitos toxicômanos.

A homogeneização da toxicomania, o relevo dado a esta entidade em detrimento do sujeito toxicômano, bem como a indiferenciação entre as toxicomanias e os usos de drogas é analisada por Le Poulichet (1987/1990). Segundo a autora, a postura inerente a um tal entendimento não pode ser considerada um erro, já que revela o espírito do tóxico presente nos discursos sociais. Esse espírito pode ser observado nas leis que se aplicam a todos os toxicômanos; no objeto de discurso privilegiado que “a toxicomania” oferece quando aparece como um espelho das imagens sociais da “intoxicação”, da “epidemia” e do “flagelo social” e, também, ao apresentar o imaginário do tóxico que, na atualidade, cria uma teoria orgânica da psique.

Em harmonia com a análise dessa autora, Giberti (1996) destaca a confusão existente entre uso de drogas e overdose e a falta de discriminação entre uso esporádico,

dependência ou adição. Atribui essa confusão ao imaginário social em relação às drogas, permeado de posições morais e moralizantes.

É esta entidade toxicomaniaca que se trata de problematizar e desconstruir, enquanto psicanalistas, tanto nos discursos dos pacientes que nos chegam clamando por uma categorização no quadro dos “drogados” - uniforme que poderá vestir seus corpos despidos de nomeação -quanto de seus familiares que compartilham com a sociedade a figura de um flagelo drogaditivo, destruidor de lares. E, ainda, questionar esse mesmo conceito incorporado por muitos profissionais que lidam com sujeitos toxicômanos, proporcionando uma visão baseada na singularidade.

Não existe uma toxicomania, mas várias toxicomanias, assim como sujeitos que fazem da droga um tóxico. Além disso, o simples fato de consumir drogas não define uma toxicomania.

Com a criação da “operação farmakon”, Le Poulichet (1987/1990) atribui um estatuto metapsicológico à diferença entre uso de drogas e toxicomania, bem como à diferenciação entre as varias toxicomanias.

1.2.3. A operação farmakon

Operação farmakon é a solução encontrada pela autora para nomear a operação psíquica que comporta os sintomas toxicomaniacos. Numa ponte entre a literatura e a psicanálise, Le Poulichet (1987/1990) busca em Derridá (1972/1997), que, por sua vez, recorre a Platão, uma formalização do tóxico.

1.2.3.1. O farmakon

A noção de “pharmakon”, farmakon ou Farmacéia, é oriunda da obra de Platão, e refere-se à escritura que enquanto remédio e veneno possibilitou a Socrates uma saída. A qualidade do farmakon de ser um remédio e um veneno simultaneamente pode ser percebida no seguinte parágrafo:

“... foi no momento em que brincava com Farmacéia (sùn Pharmakeíai paízousan) que o vento boreal (pneûma Boréou) empurrou Orítia e precipitou-a no abismo, “contra as rochas próximas”, “e que das próprias circunstâncias de sua morte nasceu a lenda de seu rapto por Bóreas” (Derridá, 1972/1997, p.14)

Derridá (1972/1997) pontua o momento no qual Platão menciona que no brincar com Farmacéia (administração do farmakon) Orítia encontrou a morte. Morte da qual nasce um mito.

Derridá diz, ainda:

“Farmacéia (Pharmákeia) é também um nome comum que significa a administração do Phármakon, da droga: do remédio e/ou veneno. “Envenenamento” não era o sentido menos corrente da “farmacéia”... Sócrates compara a uma droga (phármakon) os textos escritos que Fedro trouxe consigo. Esse phármakon, essa “medicina”, esse filtro, ao mesmo tempo remédio e veneno, já se introduz no corpo do discurso com toda sua ambivalência. Esse encanto, essa vitrupe de fascinação, essa potência de feitiço, pode ser – alternada ou simultaneamente – benéfica e maléfica. O phármakon seria uma substância, com tudo o que esta palavra possa conotar, no que diz respeito a sua matéria, de virtudes ocultas, de profundidade críptica recusando sua ambivalência à análise, preparando, desde então, o espaço da alquimia, caso não devamos seguir mais longe reconhecendo-a como a própria anti-substância: o que resiste a todo filosofema, excedendo-o indefinidamente como não-identidade, não-essência, não-substância, e fornecendo-lhe, por isso mesmo, a inesgotável adversidade de seu fundo e de sua ausência de fundo” (p.14)

Essa substância/não-substância é a escritura. A escritura apresenta o Phármakon: remédio/veneno para Sócrates, segundo Platão. Ser remédio e veneno simultaneamente é a

capacidade do farmakon. Seu poder reside no efeito de fascinação produzido, o qual apresenta o “benéfico e maléfico”.

O termo “pharmakon” apresenta a possibilidade de ser traduzido tanto como veneno quanto como remédio. Curiosamente, esse “problema de tradução” pode ser constatado em diferentes versões da obra: na de Derridá (1972/1997) as palavras de Sócrates são as seguintes: “tu pareces ter descoberto a **droga** para me fazer sair” (p. 15) , no entanto , na versão de Fedro (230 e) podemos ler Sócrates dizendo “mas pareces ter encontrado um **remédio** para me fazer sair¹” (Platão, 1997, p.179) (os grifos são nossos).

Duas traduções que remetem a duas significações para o mesmo termo, é essa a propriedade do farmakon .

A escritura é encenação, diz Derridá. O pharmakon - droga, remédio, veneno, filtro-fascina, produz efeitos inesperados, inclusive a morte, como foi o destino de Orítia. Dessa morte nasce um mito.

Se tomarmos o mito, a partir da psicanálise, enquanto “mito individual do neurótico” (Lacan, 1978/1980) podemos afirmar que o mito é uma tentativa de significar a morte. Mito esse que perpassa e é perpassado pela história de cada sujeito. É pelas palavras que o organismo é significado. Um bebê, por exemplo, somente poderá vir a tornar-se sujeito se fizer parte de um mito, se os significantes vestirem seu corpo.

Corpo e organismo, então, não são sinônimos, mas é nessa confusão que os sujeitos toxicômanos se encontram. Para eles o corpo e o organismo são equivalentes. Isso poderá ser melhor compreendido na continuação.

1.2.3.2. Do Phármakon à operação farmakon

Le Poulichet (1987/1990) utiliza-se da propriedade apontada por Derridá (1972/1997) do farmakon ser remédio e veneno para construir seu conceito de operação farmakon e assim explicar a operação encontrada nas toxicomanias.

¹ Tradução realizada pela autora desta tese de versão em espanhol.

“O Farmakon não seria, nas toxicomanias, senão o remédio de um sofrimento ‘insuportável’. Quando fixa-se o inefável numa operação, esse é já um segundo tempo, o momento de uma retirada, produziu-se uma fratura que entregou a palavra e o pensamento ao transtorno de um ‘corpo estranho’ tóxico.” (1987/ 1990. p.12)

Quando um sujeito consome drogas, ele não pensa nem fala. O ato do consumo não deixa lugar para as palavras, sejam elas pronunciadas ou pensadas. A droga vira tóxico, continuidade entre o remédio e o veneno, entre o “benefício e malefício”, tendo a propriedade de abolir o antagonismo desses conceitos. Por isso é utilizada pelos sujeitos toxicômanos para suportar a dor das diferenças. No ato do consumo, não há diferenças.

Remédio e veneno são as duas faces que constituem o princípio do farmakon. Princípio este encontrado em qualquer uso de drogas. Apesar de o princípio do farmakon estar presente nos usos de drogas, a operação farmakon é própria das toxicomanias. É nas toxicomanias que o tóxico constitui um sintoma que permite ao sujeito escapar de uma dor para ele insuportável: a dor da castração.

Nas toxicomanias a operação farmakon manda passear² o corpo, transformando-o em puro organismo. O corpo aparece despido de história, de mitos, enfim, de escritura. Esse é o remédio encontrado para quem possui um “eu constituído como uma resposta que realiza instantaneamente o gozo de um Outro” (Le Poulichet, 1994/1996, p.112)³. Pela via do tóxico o sujeito pretende escapar do que imagina ser o “comando” do Outro.

A operação farmakon constitui uma defesa ao fantasma do sujeito de ter seu desejo engolido pelo Outro. Neste ponto, as afirmações de Le Poulichet (1987/1990) são similares às de Petit (1987/1990), autor que analisa o discurso de sujeitos toxicômanos.

² Referindo-se a Sócrates diz Derrida (1972/1997) : “Então Sócrates começa por mandar passear os mitos.....referir-se-á no fato de que os mitos retornem de suas férias no momento e em nome da escritura” (p.13)

³ As citações do texto de Le Poulichet (1987/1990) que aqui constam foram traduzidas pela autora desta tese da versão castelhana da obra.

Petit (1987/1990) diferencia três momentos no discurso dos toxicômanos: o momento da perda do efeito inicial, o momento em que o sujeito fala desta perda, e o da “lua-de-mel” situado entre esses dois tempos. Sustenta o autor que, ao contrário do que se possa pensar, não é o momento de “flash” que os sujeitos toxicômanos procuram ao drogar-se, mas aquele no qual o efeito da droga desaparece.

É neste ponto que aparece o paradoxo na toxicomania. Ao mesmo tempo que o sujeito pretende eliminar qualquer indício da castração, ele evidencia a existência da mesma. Tomemos emprestado um exemplo do próprio Petit (1987/1990), para ilustrar essa situação. É comum que um toxicômano recuse-se a realizar atividades socialmente propostas como relevantes: estudos, trabalho, lazer etc. Estas são, geralmente atividades superinvestidas e supervalorizadas pelos pais, ou por outros representantes dos cuidados. Ao romper com isso, o toxicômano deixa-os “em falta” e , ao mesmo tempo, deixa-se “em falta”.

São as dificuldades com o Nome-do-Pai que levam estes sujeitos a precisar empreender essa via sintomática. Segundo o autor, a função paterna (ver Anexo A-Complexo de Édipo, para definição do conceito) aparece enfraquecida nestes sujeitos, os quais precisam encontrar uma solução ortopédica na droga. Uma solução que “propicie a castração” enquanto uma função ortopédica (Petit, 1987/1990).

A problemática referente à carência de função paterna é também referida por Le Poulichet (1987/1990). Para a autora, a operação farmakon “representa um cancelamento tóxico da dor e uma representação do objeto alucinatório”(p.67) Assim, revela um mundo contínuo no qual todas as diferenças se esvanecem, já que a descontinuidade é insuportável para o sujeito, em função de uma carência da função simbólica. O corpo está, desta forma, defendido de toda diferença.

Em relação ao estatuto do corpo nas toxicomanias, associado a falta de sustentação paterna, Melman (1991) diz encontrarem-se os toxicômanos com um corpo desertado pelo suporte de uma instância terceira.

Le Poulichet, ressalta, ainda, a existência de duas dimensões essenciais na operação farmakon: o alucinatório e a dor. É próprio desta operação estabelecer condições de satisfação alucinatórias bem como o cancelamento tóxico da dor. Isto resulta numa continuidade que neutraliza todo resto de castração.

A operação farmakon não está associada à autodestruição, como muitas vezes encontramos na literatura sobre toxicomania, mas, ao contrário, é uma operação de defesa que conserva e protege uma forma de narcisismo (para uma definição, ver Anexo A). Esta estabelece as condições necessárias de uma satisfação alucinatória e produz um cancelamento tóxico da dor, ao dar continuidade e reversibilidade aos opostos-remédio e veneno.

Se o sujeito precisa recorrer a uma tal solução é porque não possui a sustentação simbólica necessária para suportar a castração, estando a inscrição desta última apagada ou quase apagada. É aí que podemos entender o recurso ao tóxico, o qual possui a capacidade de constituir uma ortopedia da função paterna (Petit, 1987/1990) e permitir suportar a dor decorrente dos efeitos dessa função: a castração. Remédio que, por sua vez, é veneno quando insere um circuito pulsional de dois pólos: o organismo e a droga. Mas não é essa a lógica de todas as toxicomanias.

Da mesma forma que é necessário diferenciar os usuários de drogas dos sujeitos toxicômanos, nos quais, como vimos, o uso de drogas tem um estatuto de sintoma, existem, também, diferentes toxicomanias. Um exemplo disto foi por nós mencionado ao apresentarmos, no início deste trabalho, a diferença entre aqueles sujeitos que chegavam ao tratamento com possibilidades associativas, sem ter tido necessidade de abandonar todas suas atividades e aqueles que, sem possibilidades de associação, tinham reservado à droga um lugar subjetivo preponderante. Os primeiros tinham possibilidade de investimento pulsional em vários objetos, os segundos num só: a droga.

Encontramos em Le Poulichet (1987/1990) uma diferenciação entre duas lógicas encontradas nas toxicomanias que nos permitem avançar. Suplemento e suplência são os termos introduzidos pela autora para designar as duas lógicas toxicomaniacas.

1.2.3.3. As toxicomanias de suplência e as toxicomanias de suplemento

Para explicitar as duas lógicas mencionadas, faz-se necessário esclarecer quando a droga se constitui em tóxico. Isso nos auxiliará, também, a esclarecer a diferença, apontada acima, entre os usos de drogas e as toxicomanias. Se insistimos neste ponto é porque a confusão conceitual existente nesta área propicia, muitas vezes, equívocos terapêuticos. Além disso, esse esclarecimento é essencial para avançarmos na nossa questão de pesquisa,

ao trazer recursos para analisar as possíveis passagens dos usos de drogas para as toxicomanias, bem como de uma lógica toxicomaniaca para outra.

1.2.3.4. O tóxico e a droga nas toxicomanias

É nosso objetivo diferenciar, do ponto de vista psíquico, as toxicomanias de outras formas de uso de drogas. Nas toxicomanias a droga transforma-se em tóxico, assumindo este um lugar particular no psiquismo. Esse lugar será diferenciado segundo se trate de uma lógica de suplência ou de suplemento.

“O tóxico não é a droga” diz Le Poulichet (1987/1990, p. 80) O que pode fazer da droga um tóxico é o lugar que o corpo assume na relação com o Outro. O tóxico é uma tentativa de constituição de uma dualidade com a droga, eliminando qualquer terceiro dessa relação.

A autora exemplifica a relação estabelecida na hipnose como uma relação tóxica, uma vez que nesta o corpo fica diretamente ligado à presença e às sugestões do outro. Assim, a droga poderá transformar-se em tóxico quando estiver no lugar do hipnotizador, deixando o corpo totalmente entregue aos seus efeitos, sem haver alteridade.

“certos toxicômanos tratam seu próprio organismo como se o pensamento pudesse ficar paralisado por uma substância tóxica e como se o ‘corpo estranho’ da sexualidade pudesse ser neutralizado por uma fonte tóxica externa. Se a diferença ressuscita a dor, a operação farmakon desdobra o corpo no alucinatório, para que ‘psique’ se salve de toda fratura. Nas toxicomanias o corpo deve encontrar-se atravessado por um farmakon que regule a homeostase”. (p.99)

Nas toxicomanias ativa-se um mecanismo que tenta suprimir qualquer produção de angústia decorrente da constatação de diferenças. Os cortes (simbólicos) devem ser banidos da subjetividade. Se existe um terreno no qual as diferenças são evidenciadas, este é o da sexualidade. O tóxico permite suspender qualquer diferença e, assim, eliminar a angústia produzida.

Na via do tóxico, o sujeito desaparece deixando um corpo-organismo em funcionamento. No lugar das palavras que fariam do organismo um corpo, a carne apresenta-se nua, sem a roupa da linguagem. Não há possibilidade, então, de fazer um desfile vestindo os diferentes significantes de uma cadeia metafórica. Não há Outro para quem poder desfilar.

A droga, então, vira tóxico quando ela nada significa. Se vimos que o farmakon é remédio e veneno, substância e não-substância, este vira tóxico quando perde-se o “jogo” de alternância entre a presença e a ausência, jogo” ao qual Derridá (1972/1997) atribui um poder fundamental.

“O suplemento de leitura ou de escritura deve ser rigorosamente prescrito, mas pela necessidade de um jogo, signo ao qual é preciso outorgar o sistema de todos os seus poderes.” (p.8)

Existem toxicômanos que jogam e outros que não jogam. Os primeiros têm, por momentos, a possibilidade de jogar com as letras. Se eles podem associar no tratamento é porque lhes é possível suportar a falta instaurada entre uma palavra e outra. Não se trata, neste caso, de fazer funcionar uma máquina, mas de jogar com as palavras, dentre as quais inclui-se a palavra “droga” e “tóxico”.

Mas há os sujeitos que não têm possibilidade de estabelecer esse jogo. Para estes a alternância não se coloca como possibilidade. A droga é continuidade, não há ambivalência. O espaço perdido entre uma e outra palavra é insuportável. Daí a impossibilidade de associação. O corpo é instrumento a ser colocado à disposição para um funcionamento no qual nada pode se perder. Corpo e droga são um só.

Aos que jogam pode ser atribuída a lógica do suplemento proposta por Le Poulichet (1987/1990), para os que não jogam, a de suplência.

1.2.3.5. As lógicas da suplência e do suplemento

Le Poulichet (1994/1996) diferencia os usos de droga das toxicomanias, atribuindo às últimas “uma tentativa de autoconservação paradoxal” (p.115). Diz a autora:

“De fato, o que parece nas toxicomanias bem mais essencial do que a ação específica de uma droga, é essa operação que inventa um estatuto auto-erótico e auto-referencial de um corpo entregue a um imperativo de autogeração cotidiano, graças à invenção de um “corpo estranho” que garante uma supressão tóxica da dor e a restauração de uma forma de homeostase na autocronia. Graças a essa operação, a percepção dispõe então de um campo contínuo, no qual uma coisa chega ao seu próprio contrário, logo que toda diferença se absorve na reversibilidade” (Le Poulichet, 1994/1996. p.115)

As toxicomanias provocam um desaparecimento do sujeito. A operação farmakon estabelece, então, um circuito pulsional ou “pseudo pulsional” no qual o corpo se apresenta como uma máquina a ser conservada, parecendo carecer do véu de representações. O corpo torna-se organismo, deixa de ser elaborado na cadeia de significantes e subtrai-se a qualquer alteridade.

A autora denomina toxicomanias de suplência a essas toxicomanias nas quais a operação farmakon faz o corpo prescindir do Outro, confundindo-se com o organismo. Nestas “é preciso suprir sem cessar a claudicação de uma instância simbólica” (Le Poulichet, 1987/1990, p.124). Estas toxicomanias testemunham uma insuficiência do Nome-do-Pai. O pai não garante a colocação do corpo na linguagem, assim a carne perde-se no olhar da mãe sem que seja garantida a castração simbólica (para definição, ver Anexo A-Complexo de Édipo).

A lógica da suplência nas toxicomanias supõe um enfraquecimento simbólico em função do qual a droga transforma-se em tóxico, instaurando uma relação dual. Há aí uma impossibilidade de inclusão de um terceiro, entre o sujeito e a droga, porque não houve operação da metáfora paterna.

O corpo está quase totalmente entregue ao Outro, corpo este que, pela deficiência simbólica apontada, permanece sem significação. Não há um pai que opere interditando o gozo materno e permitindo simbolizar o corpo.

Le Poulichet (1987/1990) recorre ao conceito de formação narcísica para explicar o circuito pulsional na lógica da suplência. O corpo aqui transforma-se numa máquina a ser

administrada. Com diferentes doses o sujeito dedica sua vida a fazer funcionar essa máquina-organismo a serviço do gozo do Outro. Nesse momento, não há possibilidade de interromper o circuito. Investe-se tudo para manter um bom funcionamento. Assim, poderá ser preciso o aumento da quantidade de doses para não interromper o circuito.

Nesta lógica o sujeito desaparece, o desejo está colocado na satisfação do gozo desse Outro materno não castrado. Sendo assim, poder-se-ia associar diretamente a lógica da suplência com as psicoses. Apesar de nas psicoses a operação farmakon adquirir a função de “tapar os orifícios para a invasão de um Outro não castrado” (p.125), nas neuroses a lógica da suplência opera quando falha o simbólico.

Uma das principais diferenças da lógica da suplência operando nas neuroses e nas psicoses, segundo a autora, é que nas primeiras o sujeito se faz parcialmente objeto do gozo do Outro, enquanto que nas segundas a criança é esse objeto. Sobre as toxicomanias de suplência, diz Le Poulichet (1987/1990):

“Na clínica que aqui evoco, o corpo da criança ficou parcialmente suspenso do corpo do Outro primordial, no lugar no qual este último se manifestou não faltante. Nos casos em que a demanda não se pode elaborar nos significantes e encontrar um hiato, pratica-se uma abertura sobre o real: penso, por exemplo, em formas de enurese, quando um ‘fluxo’ segue atualizando, no real, uma oferenda ou uma produção para o Outro materno”.(P.129)

Quando há uma impossibilidade de simbolizar a demanda materna, isto é, colocá-la em significantes, o corpo escapa, também, à simbolização. Se a castração não opera, não há lugar para a falta entre o corpo da mãe e o corpo da criança, entre o desejo da mãe e o da criança. O paradoxo da suplência nas neuroses reside na tentativa de anulação da castração, através de um mecanismo que a faz aparecer.

Na citação acima, a autora responde a esta questão trazendo a idéia de um lugar do Outro primordial, não faltante, no qual o sujeito segurou-se parcialmente. A ausência de castração é parcial, diferentemente da psicose na qual é total. Por isso, o circuito pulsional

no qual o sujeito neurótico pretende engajar o seu corpo pela via do tóxico, mostra-se impossível.

“Aceder a tal forma de saber sobre ‘a máquina’ representa, no entanto, um caso de impossibilidade. Teria sido necessário que esse saber permanecesse suposto, que ficasse para sempre sob o carimbo, sob a garantia de um Nome. Não se trata de pensar que um toxicômano sabe o que faz quando põe seu corpo a trabalhar ‘de relojoeiro’. Este é, sem dúvida, num dado momento, o meio que ele encontra para fazer suplência a um desfalecimento do Outro, enquanto terceiro. Mas assim que começa a tratar dessa forma os próprios órgãos, estes deixam se ser silenciosos: saíram da sombra”. (Le Poulichet, 1987/1990, p.124).

Não são raros os casos de sujeitos toxicômanos com longas histórias de doenças na infância ou de aparição de doenças durante o período de tratamento. Quando se descobre a farsa da tentativa de controlar o organismo, os órgãos deixam “a sombra”.

A maior parte dos textos de Le Poulichet (1987/1990, 1994/1996) são dedicados ao entendimento das toxicomanias de suplência. Inclusive, há vários momentos nos quais o termo toxicomania supõe a lógica da suplência. Passaremos, agora, às suas considerações sobre o suplemento nas toxicomanias, e desde já mencionamos que este nos permitirá entender certos tipos de toxicomania de sujeitos adolescentes.

A lógica do suplemento nas toxicomanias é uma lógica significante. O corpo encontra um amparo simbólico, ele é significado. O recurso ao tóxico constitui uma forma paradoxal de tentar evitar a castração, que se torna insuportável ao sujeito. A operação farmakon constitui nestes casos uma prótese narcísica no momento e no lugar em que o Outro falha na significação do corpo .

Sobre as toxicomanias de suplemento, diz Le Poulichet (1987/1990):

“os seres, neste caso, estão preocupados pela busca de uma insígnia fálica e de um reconhecimento que, precisamente, fracassa. A operação do

farmakon sustenta, então, nessa dimensão do suplemento, uma forma de inefabilidade e uma verdadeira ‘suspensão’ dos conflitos psíquicos”. (p.136)

Recorrer a Derridá poderá nos auxiliar a entender esta lógica. Diz Derridá (1972/1997): “acrescentar não é senão dar a ler... o suplemento de leitura ou de escritura deve ser rigorosamente prescrito, mas pela necessidade de um jogo ...” (p.7-8). Jogo este marcado pela presença e ausência.

Na lógica do suplemento, então, existe a possibilidade de suportar a ausência, de poder jogar aceitando a descontinuidade entre o eu e o outro. Lembremos aqui do jogo de “fort-da” resgatado por Freud (1920/1981) para mostrar a elaboração da castração imposta pela ausência da mãe. A criança simboliza com o carretel o afastamento e a volta da mãe na tentativa de suportar melhor a dor que a falta desta lhe provoca. Este jogo torna-se um recurso simbólico para suportar a castração.

Nas toxicomanias de suplemento, então, o corpo encontra-se num circuito pulsional que suporta o jogo de presenças e ausências. Este circuito inclui o Outro, seja para elaborar a sua falta ou para demandar-lhe significação. Se, como vimos acima, acrescentar é “dar a ler”, na lógica do suplemento o corpo mostra-se ao outro para ser lido, para ser significado.

Lembremos, então, da nossa pergunta inicial: como se constrói uma toxicomania na adolescência? Temos aqui uma via para responder. Imaginemos que o Outro responda à demanda do adolescente, lendo: “tu és um drogado”, fazendo uma leitura que prioriza o tóxico. Isto, somado a outras questões constitutivas desse sujeito, poderá ser um passo a favor da entrada numa lógica de suplência toxicomaniaca, na medida que o reconhecimento outorgado pelo Outro não resgata o Nome que deveria sustentar esse sujeito. Propõe uma via de identificação imaginária que destaca o tóxico ao invés de retomar a identificação simbólica (sobre a identificação, ver Anexo A).

A suplência e o suplemento não são excludentes uma da outra, estas noções não se referem a quadros estáticos, mas a diferentes lógicas da operação farmakon. “Uma lógica da suplência não exclui a intervenção de uma dimensão do suplemento...” (Le Poulichet, 1987/ 1990, p.135) A lógica da suplência, em sujeitos não psicóticos, supõe, como vimos anteriormente, a existência de um lugar de inoperância simbólica no Outro. Isso coloca a

possibilidade de, resgatando a função paterna existente, recolocar o corpo na cadeia significante.

Um resumo das principais diferenças entre ambas as lógicas mencionadas aparece no seguinte quadro:

usos de drogas	Suplemento	suplência
princípio do farmakon	operação farmakon	operação farmakon
	prótese narcísica	formação narcísica
	o corpo químico “regula” os aparelhos	o corpo químico faz funcionar a máquina
	corpo imaginário em questão	“real” do corpo em questão
	inscreve-se na problemática fálica	ruína do Outro simbólico

Além de Le Poulichet, encontramos psicanalistas cujas propostas sobre as toxicomanias não estão muito distanciadas das aqui já apresentadas. Násio (1996) inclui as adições e a bulimia como exemplo do que ele denomina formações do objeto a, definidas como aquelas manifestações nas quais domina o gozo. O objeto a não seria a droga em si, mas o estado anterior à droga, a necessidade imperativa da droga. Diz o autor “ como se o drogadito necessitasse viver nesse estado de dor, de espera e de ilusão desse momento prévio”(p.100).

No seu texto, Le Poulichet (1987/1990) aproxima as toxicomanias de suplência às formações do objeto a. Násio (1991) diferencia esta últimas das formações do inconsciente. Estas são formações psíquicas associadas ao dizer enquanto para as formações do objeto a impõe-se o fazer. Não há deslocamento significante na forma de ligação, mas o vínculo dá-se por fusão. Por isso, na transferência há uma união entre analista e analisante, num lugar referido pelo autor como o lugar do objeto a- objeto causa de desejo, segundo o conceito de Lacan. O fazer vem do real, sem mediação simbólica.

Lembremos que para Le Poulichet (1987/1990) a suplência toxicomaniaca define-se pela ausência da mediação simbólica, perante a qual se impõe o fazer. Um fazer associado à possibilidade de um gozo sem limites que retira do corpo o véu de significantes.

A explicação da toxicomania pela via de um gozo total no qual elimina-se a instância terceira, herdeira do Édipo, é formulada por Melman (1992) para quem o toxicômano encontra-se situado numa perspectiva de gozo ilimitado, de um gozo não fálico.

O autor refere este gozo como um ideal social e, por isso, considera os toxicômanos como heróis de nossa sociedade, a eles cabendo a realização do ideal proposto. Assim, Melman conceitua a toxicomania como um sintoma social. Diz o autor:

“As toxicomanias são um sintoma social. Não basta que um grande número de indivíduos em uma comunidade seja atingido por algo para que isso se transforme em um sintoma social...pode-se falar em sintoma social a partir do momento em que a toxicomania é de certo modo inscrita, mesmo que nas entrelinhas, de forma não explícita, não articulada, no discurso, que é o discurso dominante de uma sociedade em uma dada época.”(Melman, 1992, p.66)”

O consumo ilimitado é um dos ideais de nossa sociedade. Como exemplo, o autor refere ser o ideal de qualquer publicitário achar um produto que faça os sujeitos consumirem sem parar. Os tóxicos, refere Melman (1992), tem essa característica. Por isso, considera que os toxicômanos realizam o ideal de consumo.

Na mesma linha de raciocínio, Calligaris (2000) afirma que numa sociedade que prioriza o consumo, são os objetos que tornam os sujeitos felizes. Por uma modalidade de consumo na qual o sujeito não desliza de um objeto para outro, os toxicômanos transgridem as regras essenciais do funcionamento do desejo materno, na medida que se fixam num único objeto.

A inoperância do Nome-do-Pai em interditar o desejo materno fazendo com que o sujeito sacrifique seu gozo em nome de uma instância terceira, está, segundo Melman (1992), associada a essa modalidade de gozo. Modalidade essa inscrita no discurso social. Em consonância com as afirmações de Le Poulichet (1987/1990) em relação as toxicomanias de suplência e Násio (1996), Melman (1992) aponta a emergência do real na forma de um fazer e a procura do toxicômano, não pelo momento do “flash”, mas da

ausência. Segundo o autor, “o estado de falta pode ser assim buscado como tal porque é o estado do gozo”(p.122)

A relação destas toxicomanias com a adolescência é freqüente, porém, sem a explicitação dos processos e mecanismos que possibilitam a junção das duas operações- a toxicomaniaca e a adolescente. Vejamos os autores que mencionam essa relação e suas proposições.

1.3. As toxicomanias e a adolescência

Le Poulichet (1987/1990, 1994/1996) associa as toxicomanias à adolescência, apontando para a incidência de uma montagem que neutraliza transtornos anteriores, como pode ser constado nos dois únicos parágrafos nos quais ela se dedica ao tema:

“no caso destes pacientes, a maioria heroinômanos, uma montagem de toxicomania se organizou, geralmente, desde a adolescência, com uma aparente neutralização de seus antigos transtornos”. (Le Poulichet, 1987/1990, p.129).

“As práticas toxicomaniacas só surgem, muitas vezes, a partir da adolescência, quando subsistem outras manifestações que põem em jogo perturbações corporais, constituindo estranhas ‘respostas’ (anorexia, bulimia, acidentes repetidos ou doenças perigosas)” (Le Poulichet, 1996, p.113)

Apesar de a autora mencionar uma associação entre a adolescência e o surgimento das toxicomanias, não elucida por que foi justamente nesse momento que uma montagem se organizou para neutralizar antigos transtornos, denominados, também, “estranhas respostas”.

Outros autores avançam nessa questão, porém, deixam também uma lacuna que possibilita a nossa investigação.

Como vimos acima, Freud (1928/1981), ao tratar da paixão pelo jogo, já propõe uma relação entre o hábito (em outros momentos refere-se à adição), e as fantasias edípicas adolescentes.

Rassial (1990/1999), ao teorizar a adolescência, lança idéias sobre a toxicomanias. O autor diferencia as toxicomanias que se constituem enquanto tentativas sem continuidade, daquelas que provocam dependência. De acordo com a denominação que utilizamos até aqui, podemos entender as primeiras como uso de drogas e as segundas como toxicomanias.

A origem das toxicomanias é, por ele situado, na continuidade do brincar, permanecendo os sujeitos, nesses casos, parados diante do objeto transicional (conceito tomado de Winnicott) quando o espaço e o tempo se revelam infinitos. “ A droga faz ofício de transição”(p.92), diz Rassial (1990/1999), por encontrar-se entre as atividades lúdicas e as atividades de sublimação socializadas. Nesse lugar, os sujeitos transformam o tempo e o espaço cotidianos, buscando um infinito temporal que corresponde a um apagamento da primazia dos pais na cadeia de gerações.

A contestação do significante organizador da subjetividade é mencionada por Rassial (1990/1999) como uma das questões adolescentes associadas a essa busca espaço-temporal ilimitada. Assim, atribui à droga dois estatutos possíveis: a função de significante e a de objeto que insiste em dar sentido à falta de ser. Aí a droga torna-se significante mestre e objeto primordial.

Ainda numa articulação entre a adolescência e a toxicomanias, afirma Rassial (1990/1999):

“A adolescência é a busca de uma farmácia, de um pharmakon, de uma droga secreta, de um filtro, mas também de uma senha que possa provocar um suplemento de alma, nesta fase que é, então, essencialmente marcada pelo luto dos objetos da infância e pelas metamorfoses da imagem especular” (p.114)

Apesar de a adolescência ser essa busca pelo farmakon e por uma senha que provoque o suplemento, o encontro com o farmakon poderá, como vimos, enveredar-se por

diferentes lógicas. Rassial (1990/1999) não realiza essa distinção entre as lógicas toxicomaníacas, mas, diferencia os usos de drogas das toxicomanias. Assim, o usuário ocasional, como ele o denomina, dirige-se pela via do encontro com esse filtro e com a droga secreta, dando sentido à falta de ser. No entanto, o toxicômano confunde o objeto da demanda com o objeto do desejo e transforma a demanda em necessidade. Estabelece, então, uma relação plena ao Outro, em função de dificuldades com a função paterna.

Rassial (1990/1999) sustenta, pelas questões precedentes, a articulação entre a adolescência e a toxicomania. No entanto, ficam para nós algumas questões sem resposta, sendo a principal: o que faz com que o encontro com o farmakon produza diferentes lógicas toxicomaníacas nos adolescentes? A resposta para esta pergunta propiciará, além do entendimento teórico, desdobramentos clínicos fundamentais para quem trabalha com adolescentes, evitando a possibilidade de reforçar uma via toxicomaníaca de identificação.

Para responder a essa pergunta, fundamentamos, em primeiro lugar, o entendimento psicanalítico da adolescência e depois formulamos algumas hipóteses.

1.4. A adolescência

Iniciaremos com as contribuições freudianas para, posteriormente, passarmos a outros psicanalistas que se dedicaram ao estudo do tema.

Uma das contribuições principais de Freud (1905c/1981) em relação à adolescência foi apontar esse momento como retomada de questões infantis. Freud esboça, também, uma diferenciação entre a adolescência -correspondendo ao domínio do psíquico- e puberdade - correspondendo ao domínio do orgânico.

Nos seus “Três ensaios para uma teoria sexual”, Freud (1905c/1981) dedica o terceiro ensaio à puberdade. Nesse texto, ele aponta para as mudanças que devem acontecer na vida sexual infantil com o advento da puberdade. Diz Freud (1905c/1981):

“Mas pela avançada época em que ocorre a maturação sexual chegou o momento no qual é necessário levantar, ao lado de outros diques sexuais, os que irão opor-se à tendência ao incesto, isto é, inculcar na criança aqueles preceitos morais que excluem da eleição de objeto as pessoas queridas

durante a infância e os parentes consangüíneos. O respeito desses limites é, primeiramente, uma exigência civilizatória da sociedade que tem que se defender da concentração, na família, de interesses que lhe são necessários para a constituição de unidades sociais mais elevadas e atua, portanto, em todos, e especialmente no adolescente, para desamarrar ou afrouxar os laços contraídos na infância com a família”. (p.1222)⁴

Sobre a relação da puberdade com a adolescência, acrescenta o autor:

“Enquanto pelos processos da puberdade fixa-se a primazia das zonas erógenas, e a eleição do membro viril indica primeiramente ao sujeito o novo fim sexual, isto é, a penetração numa cavidade excitatória da zona genital, dá-se, nos domínios psíquicos, o achado do objeto, momento que tem se preparado desde a infância mais remota”.(p.1224)

Neste trecho há uma diferenciação entre os processos da puberdade, ligados à excitação dos órgãos genitais e o trabalho que deve ser realizado nos “domínios psíquicos”. E é nos “domínios psíquicos” que haverá de se realizar o trabalho mencionado na primeira citação, o de “desatar” ou “afrouxar” os laços contraídos com a família na infância. Trabalho que ele situa como especialmente ligado ao adolescente, quando a primazia genital passa a organizar o psiquismo.

Na mesma obra encontramos a seguinte consideração:

“Simultaneamente ao vencimento e repulsa destas fantasias, claramente incestuosas, tem lugar uma das reações psíquicas mais importantes e, também, mais dolorosas da puberdade: a liberação do indivíduo da autoridade de seus pais, por meio da qual fica criada a contradição da nova geração com relação à antiga, tão importante para o progresso da civilização” (p. 1227).

⁴ As citações de Freud foram traduzidas pela autora da versão em língua espanhola (ver referências)

Freud aponta que o trabalho psíquico a ser realizado na adolescência é importante para o progresso civilizatório. Cabe ao sujeito libertar-se da autoridade paterna, dirigindo seu olhar para novas formas de autoridade. Podemos acrescentar que essa autoridade parental é uma marca de referência a partir da qual o adolescente poderá encontrar outras. Essa idéia de uma referência a partir da qual procurar outras, pode ser deduzida dos momentos em que Freud atribui aos modelos parentais de amor a escolha de novos objetos amorosos.

“Pode-se dizer que tampouco aqueles que tenham evitado a fixação incestuosa de sua libido tenham escapado por completo à influência da mesma. Um eco claro desta fase evolutiva está constituído pelo fato de que, como costuma acontecer freqüentemente, o primeiro amor do adolescente recaia numa mulher já madura, assim como o da menina num homem avançado em idade e revestido de autoridade, ou seja, em um e outro sexo, pessoas que para o sujeito apresentam analogia com a mãe ou o pai, respectivamente. A eleição de objeto verifica-se sempre mais ou menos livremente conforme este padrão... A inclinação infantil para os pais é quiçá o mais importante, mas não o único dos sentimentos que, **renovados na puberdade**, marcam depois o caminho à eleição de objeto” (p.1227) (grifo meu)

As palavras por mim grifadas salientam a idéia de que há, na adolescência uma renovação de inclinações infantis que servirão como modelo para futuras escolhas. A adolescência aparece, assim, como um momento em que voltam no sujeito as questões infantis.

No texto “Sobre a Psicologia do Colegial”, Freud (1914/1981) retoma o tema dos primeiros objetos de amor como fundamento sobre os quais outros poderão se estabelecer. Focalizando a imagem (imago) do pai, remete-nos, ali, à adolescência.

“Mas de todas as imagens da infância, geralmente extingüidas já na memória, nenhuma possui para o adolescente e para o homem maior importância que a do pai”. (p.1893)

No mesmo texto ele se refere à segunda metade da infância, situando-a como um momento de abandono do pai enquanto personagem ideal. Inicia-se, aqui, o afastamento da criança em relação ao pai, afastamento provocado pela queda de uma imagem idealizada do mesmo.

Freud aponta, no texto, a importância da figura paterna na infância, figura que será retomada na adolescência. O autor detém-se no estudo da figura do professor enquanto substituto paterno e de como esta é vivenciada no momento da juventude.

No texto “Análise fragmentária de uma histeria”, mais conhecido como caso Dora, Freud (1905 a/1981) escreve o caso de uma adolescente. Apesar de o autor priorizar o enfoque sobre a histeria de Dora, essa obra permite-nos a leitura de um processo no qual instaura-se a primazia da genitalidade na sexualidade de uma moça de 18 (dezoito) anos.

Freud analisa, neste caso, a conflitiva edípica de Dora no momento em que precisa realizar a passagem relativa a novas escolhas de objetos amorosos e sua relação com os sintomas histéricos. Nessa passagem, a família K torna-se uma referência, ancorada nas antigas, sendo o Sr. e a Sra. K os protagonistas principais. A eles Dora dirige demandas relativas à feminilidade e exige-lhes respostas em relação à nova organização da sexualidade. Situamos aí as várias cenas de sedução entre Dora e o Sr. K, bem como a passagem do interesse pelo Sr. K. para o de um jovem, após o segundo sonho. Além disso, os conflitos com a Sra. K, bem interpretados por Freud, no epílogo, como um interesse pela mesma.

Os sintomas apresentados por Dora nesse momento de passagem, associam-se às mencionadas questões interpretadas por Freud sob a luz da identificação: a identificação com o sintoma paterno (tosse), identificação com a prima, identificação com a Sra. K.

Como é freqüente nos casos de adolescentes, Dora surpreende Freud com o abandono do tratamento, antes do tempo imaginado pelo analista. Temos aqui algumas pistas sobre a transferência nas análises de adolescentes. Pistas que Bento (1998) ressalta, ao apontar a importância do caso Dora para a teorização da técnica psicanalítica com

adolescentes. O autor parte da flexibilidade de Freud, presente no epílogo, ao perguntar-se pela possibilidade da continuidade do tratamento de Dora, caso ele tivesse interpretado a transferência associada ao amor pela Sra K. Segundo o autor, Freud flexibiliza, com essa pergunta, a técnica analítica ortodoxa de adultos neuróticos.

Veremos mais adiante (item 1.6.2) o tratamento com adolescentes toxicômanos. No entanto, podemos aqui registrar as especificidades da transferência nesses casos, associada às questões adolescentes, especificidades que geralmente nos fazem repetir a pergunta freudiana relativa à possibilidade da continuidade.

Depois de Freud, na vertente lacanianiana da psicanálise, alguns autores se detiveram na análise da adolescência. Rassial (1997) apresenta um arcabouço teórico fundamental para nossa pesquisa. O autor propõe, retomando alguns conceitos freudianos e lacanianos, que se considere a adolescência como uma operação de passagem e não como um momento cronológico. Diz Rassial (1997):

“momento lógico do ‘a posteriori’⁵ do Estágio do espelho, apropriação parcial do olhar e da voz da mãe que reconheceu outrora o que a criança viu” (p. 17).

Na adolescência o Outro deve reconhecer o “novo corpo” a “nova voz”. Para isso:

“... o adolescente deverá efetuar um trabalho de apropriação ou, antes, de reapropriação da imagem do corpo, tal como ela foi construída na primeira infância, por volta da época chamada do Estágio do espelho... Com efeito, na adolescência, o que garante essa imagem do corpo não são mais o olhar e a voz dos pais, em particular da mãe, mas o que verão e dirão os seus pares e, sobretudo, os eventuais parceiros do outro sexo” (p.77).

Nestas colocações de Rassial, destaca-se o lugar atribuído ao Outro na operação adolescente. Este merece ser melhor explicado, para entendermos a relação das

⁵ Mantemos aqui, e em todos os momentos em que estivermos realizando citações, o termo “a posteriori” quando assim o fizer o tradutor do texto. Utilizamos, no entanto, “après coup” quando não forem citações.

toxicomanias com a adolescência. Mencionamos, na seção 1.2.3.5, a possibilidade de ser o retorno do Outro um dos contribuintes para a definição de uma toxicomania de suplência.

Segundo Rassial (1990/1999), é o “après-coup” do estadio do espelho o momento no qual o sujeito terá que se reapropriar de uma imagem corporal transformada, sob o olhar do Outro. Esta imagem corporal é afetada de quatro modos complementares:

- 1)- pela modificação de seus atributos (ex.: pilosidade, seios, silhueta);
- 2)- por seus funcionamentos (genitalidade, menstruação, mudança da voz);
- 3)- pela semelhança com o corpo do adulto, geralmente o genitor do mesmo sexo;
- 4)- por sua importância para o olhar do adolescente ou do adulto do outro sexo

Nesta reapropriação da imagem, o corpo muda de estatuto e de valor, passando a genitalidade a ocupar uma posição dominante. Além disso, o olhar dos semelhantes passa a ser privilegiado e não mais o dos pais.

Rassial, neste momento, menciona a passagem do reconhecimento realizado pelos pais ao dos pares, ao encarnarem o Outro. Pensamos, no entanto, que o olhar dos pais possui um estatuto diferenciado do olhar e reconhecimento dos pares. O primeiro, encontra-se situado numa cadeia de gerações, de filiação, fato que o coloca numa posição hierarquicamente diferenciada, numa posição capaz de fazer função materna e paterna. Destacamos esta diferenciação entre pais e pares para refletir sobre o dizer popular “o grupo leva às drogas” bem como sobre os resultados de pesquisas empíricas (ver item 1.5).

Consideramos, aqui, a verdade carregada nesse dizer. O grupo poderá iniciar um sujeito no uso de drogas, mas não construir uma toxicomania. Como vimos anteriormente, para o estabelecimento de uma toxicomania, seja esta de suplência ou de suplemento, deve estar em jogo uma carência da função simbólica. O grupo caracteriza-se pela produção de identificações imaginárias.

Sobre as modificações da imagem do corpo, Rassial (1990/1999) acrescenta:

“Na puberdade, as modificações reais inicialmente não simbolizadas, depois mal simbolizadas pela relação sexual, excedem o corpo imaginário... A estruturação da imagem corporal, que já aconteceu, é posta à prova, e as castrações carregam seus frutos para além do olhar dos pais que as sustentaram” (p.19)

Aponta, aqui, o autor uma falha na simbolização do corpo modificado. Explicamos acima que, nas toxicomanias, o corpo possui um estatuto principal, e, além disso, a ausência ou quase ausência de simbolização caracteriza qualquer uma das lógicas toxicomânicas (a suplência e o suplemento).

As modificações reais não simbolizadas ou mal simbolizadas em toda operação adolescente poderão somar-se às falhas simbólicas do Outro, fazendo com que a droga assuma uma significação tóxica. Onde falha o simbólico o tóxico se constitui.

Na mudança de estatuto e valor do corpo, “as castrações” presentificam-se. Há várias formas de lidar com estas, dentre elas a forma toxicomânica. Lembremos o que diz Le Poulichet (1987/1990) sobre a função do tóxico na lógica do suplemento: é uma forma de lidar com a castração “suspendendo os conflitos psíquicos” (p.136) O adolescente poderá, então, utilizar-se do recurso ao tóxico para enfrentar os conflitos psíquicos que a posta à prova da imagem corporal provoca. Segundo afirma Rassial (1997), esses conflitos psíquicos associam-se com a constatação da castração. A saída, então, é suspender esta última, especialmente nos casos em que o Outro, nas suas variadas encarnações, valoriza “a droga” como uma saída possível para seus conflitos.

Sobre o trabalho psíquico da operação de passagem adolescente, diz Rassial (1997):

“O adolescente está sempre confrontado, se não a uma pane, ao menos a um risco de pane, porque ele deve de novo, e precisamente no ‘a posteriori’, realizar uma série de operações fundadoras, cuja efetuação infantil está recolocada na ordem do dia. Da identificação estrita ou familiar à identificação geral no social, há um hiato que exige do sujeito uma operação de múltiplas faces, das quais três podem ser distingüidas...” (p. 40).

As três faces são descritas da seguinte forma:

1) “Primeiramente, ele deve agora aceder imaginariamente, além do fático, a uma relação genitalizada ao outro do Outro sexo, apropriar-se do olhar e da voz, objetos parciais que, atribuídos à mãe no lugar do falo, quando da

fase do espelho, haviam-no assegurado de sua existência...” (p. 40).

Até o presente momento o reconhecimento do Outro, especialmente materno, propiciou ao sujeito uma imagem com a qual identificar-se. Agora um de seus pares poderá encarnar o Outro e devolver-lhe uma imagem diferente daquela oferecida pela mãe. Outro com o qual poderá estabelecer uma relação sexual genital. Para dar conta dessa modificação, o sujeito adolescente precisará apropriar-se daquele olhar e voz maternos para re-significá-los e relançar-se numa nova posição.

Essa apropriação poderá dar-se, segundo observamos, tanto pela aceitação quanto pela negação. O adolescente poderá acatar o dizer/olhar materno sem “revolta” ou acatá-lo, negando-o. Por exemplo, as repetidas falas dos adolescentes: “eles (pai, mãe, etc) querem que eu seja como eles acham bom, mas eu vou fazer como eu quiser”, “eles acham que eu sou criança mas eu não sou mais”, enfim, “eles acham que eu sou...mas eu não sou isso”. Muitas vezes os pais tomam esta “rebeldia” como uma afronta a sua autoridade sem perceber nisso uma demanda de confirmação do olhar inicial e, ao mesmo tempo, um reconhecimento e significação das modificações pubertárias.

2) “Em segundo lugar, o adolescente deve modificar o valor e a função do sintoma que, para seguir Lacan, o ‘sinthoma’ é o signo, não elevável à qualidade de significante, do desejo recalcado... De sintoma que era no desejo dos pais e, sobretudo, da mãe, ele deve tornar-se proprietário de um sintoma que toma, a partir de então, todo seu impulso intersubjetivo para transformar-se em sintoma sexual, quer seu lugar seja genital, linguageiro, corporal, comportamental ou outro..” (p. 40).

O sujeito, nesse momento, deverá realizar uma outra operação de retomada e ressignificação: de sintoma dos pais a um sintoma que inscreva seu desejo. Novamente toma impulso nas referências parentais para relançar-se numa outra posição.

3) “Em terceiro lugar, o adolescente irá testar a eficácia do Nome-do-Pai, além da metáfora paterna, para colocar ordem na língua que habita e que está

habitado. Além do reconhecimento patronímico que poderia sustentar a infância, ele deve operar uma validação da operação infantil de inscrição ou de forclusão do Nome-do-Pai...” (p.40).

O teste à eficácia do Nome-do-Pai poderá confirmar a sustentação simbólica na busca por novas formas de autoridade. No entanto, por encontrar-se o adolescente num momento de hiato relativo às significações, em algum momento poderá deparar-se com a falta de sustentação paterna.

Qual será o destino daqueles adolescentes que em qualquer uma dessas três faces da operação adolescente encontrem os pilares que deveriam sustentá-los ruídos pelo silêncio ou pelo susurro? Ou ainda se neste outro momento do espelhamento encontram uma imagem que reforça o tóxico?

Sobre o tema das referências para o adolescente, Rassial (1997) menciona, ainda, que na adolescência a metáfora segundo a qual os pais representam o Adulto perde seu valor, já que há nesse momento uma “desqualificação do pai e da família em encarnar imaginariamente o Outro, a escrever por exemplo o Adulto. Nesse momento, a promessa edípica ‘renuncie provisoriamente ao gozo do qual terás direito mais tarde’ revela-se enganadora” (Rassial, 1997, p.41)

O retorno da promessa edípica em relação ao objeto é reconhecida como uma farsa, uma vez que o objeto (materno) é interdito e a satisfação obtida dos objetos imaginariamente substitutivos não é a imaginada, além disso, existe a necessidade de um investimento subjetivo e a satisfação não será total, os novos objetos não satisfazem completamente. A partir da promessa edípica, pode-se criar no sujeito a ilusão de que haverá um objeto que poderá provocar a satisfação total. No momento da adolescência constata-se a falência desta promessa e, muitas vezes, pode-se continuar na busca de um objeto de satisfação total. A droga poderá vir a ser encontrada nesta busca. Mas apesar dela proporcionar um momento de satisfação total, volta a constatação da incompletude.

Autores como Mannoni (1996) e Melman (1995) pontuam as questões identificatórias que a adolescência implica, incluindo nestas a função paterna.

Mannoni (1996) situa como questão fundamental da adolescência as identificações, apontando haver necessidade de um estudo mais aprofundado das mesmas. Ele relaciona os modelos identificatórios às diferentes culturas, e diz que em sociedades estáveis, nas quais os modelos de identificação são evidentes, as crises da adolescência são menos visíveis. Parece retomar a relação feita por Freud (1905c/1981) entre a adolescência, o conflito de gerações e o progresso da civilização quando afirma:

“... A puberdade permanece uma crise puramente individual, que não coloca nenhum problema social, enquanto que a adolescência ameaça criar um conflito de gerações. Um tal conflito tem evidentemente seus valores, e sua ausência pode ser considerada como uma exceção, e, afinal de contas, como um sintoma desfavorável.” (Mannoni, 1996, p.21).

Nessa relação adolescência-sociedade insere a problemática identificatória, ressaltando que esta deve ser tratada por quem pretende trabalhar com adolescentes. Neste momento, existe a necessidade de abandonar as identificações passadas, por exemplo, em relação ao “ser criança”, porém sem poder o sujeito, ainda, colocar-se no lugar do adulto. Se assim o fizer, será exposto ao ridículo. Esse impasse, equivalente ao hiato proposto por Rissial, produz, segundo Mannoni, uma ruptura de identificação no eu. Assim, o adolescente toma “emprestado” um “ar” que não é o seu, o que pode ser constatado nas roupas, opiniões etc.

Melman (1995) refere-se à adolescência enquanto uma crise, relativa a uma necessidade inserida no funcionamento psíquico, a partir das modificações do estatuto social: a urgência de que o sujeito adote um novo papel e assuma novos encargos.

A isso acrescenta-se a nova aparição do objeto fálico, que tinha organizado inicialmente a castração e fôra esquecido na latência. Perante esse objeto, pode aparecer a divisão entre a participação no jogo social, a título de uma representação que teria evitado a castração, e a manutenção de uma exterioridade totalmente crítica que “assassina” tudo o que aparece marcado pela insuficiência marcada pela falta.

É aí que se engaja a questão com o pai, uma vez que o adolescente esperava dele a entrega do objeto prometido no Édipo. O pai não o tem e, além disso, reaparece, também, castrado.

A formação dos “bandos” adolescentes, em oposição a um inimigo (social), partilha dessa problemática. Os sujeitos se unem na possibilidade de constituir grupos de iguais, numa relação de espelhamento com o pai idealizado. Cada um dos integrantes do grupo é idêntico a essa imagem. A figura do inimigo estaria, para Melman, representando a alteridade, e por isso, deve ser “eliminado”.

O tema da constituição dos grupos nos interessa porque, como dissemos anteriormente, associa-se diretamente ao uso de drogas. Uma questão para nós fundamental é entender qual a diferença, para o adolescente, entre o olhar dado, por um lado, pelos integrantes do grupo e, por outro, pelos pais, ambos enquanto figuras que encarnam o Outro.

Em relação às questões grupais, encontramos em Kehl (2000) a introdução do conceito de função fraterna na constituição psíquica, o qual torna-se pertinente na explicação da função dos pares na adolescência. Segundo a autora, a função fraterna refere-se à função que os irmãos, não necessariamente consangüíneos, exercem na constituição do sujeito, função esta que sintoniza com as funções materna e paterna.

Aos irmãos cabe a função de apontar para a igualdade e, ao mesmo tempo, para a diferença, uma vez que compartilham o mesmo sobrenome mas não o prenome. Os grupos de adolescentes retomam essa função, na medida que são cúmplices na criação de novidades, no entanto, auxiliam-se para fazer valer a Lei. As pequenas transgressões adolescentes são tomadas pela autora como um recurso de criação do novo, mas estando os sujeitos sustentados pela função da Lei.

Se associarmos a estas as proposições de Rassial (1990/1999,1997) podemos entender que a função dos irmãos, na adolescência é a de reconhecer no outro uma nova imagem e a de reforçar a sustentação paterna, como resultado do teste à eficácia do Nome-do-Pai.

Calligaris (2000) ressalta ser a adolescência a realização do ideal dos adultos. Os adolescentes realizam as fantasias que os adultos pretendem esquecer, diz o autor. É por isso que os adolescentes “aborrecem”, eles insistem em lembrar o que os adultos pretendem

recalcar. A contradição sobressai, ainda, quando os adultos propõem um ideal e, ao mesmo tempo, uma moratória do mesmo. É aí que um hiato se cria. Exemplo disto, segundo Calligaris (2000), é a preocupação dos pais em relação às drogas, uma posição pela qual os adolescentes vêm-se infantilizados, mas cuja ausência aparece como descaso.

O hiato adolescente, assinalado também por Rassial (1997), é tema das formulações de Rodolfo e Rodolfo (1986), quando apontam que os adolescentes esforçam-se em começar sempre do novo, como se não pudessem tomar nada emprestado, nem sequer deles próprios, diz o autor. As contribuições de Rodolfo e Rodolfo, em relação ao trabalho psíquico adolescente, assemelham-se às de Rassial. Os autores assinalam a necessidade do sujeito desprender-se da criança amarrada ao Outro para o qual “os significantes do mito espalharam no espelho os lugares desde os quais deve significar-se e do qual o adolescente pretenderá escapar”(p.60) Não ocupando esse lugar, entrará numa luta na qual deverá procurar sustentar-se num lugar de identificação.

Sobre a função de sustentação simbólica, Rodolfo e Rodolfo (1986) afirmam:

“Matar o pai significa para o adolescente uma operação que lhe permitirá, no futuro, alcançar sua própria paternidade. Em última instância, coincide com um ‘dom’ do pai, com receber do pai significantes para (re)posicionar-se. Paradoxalmente, tal categoria implica que a função paterna continue viva. O pai que não se deixa substituir, mata a função... um pai que evita o confronto, um pai que não o é, que sai muito facilmente de seu lugar, que delega responsabilidades muito rapidamente, não é um pai sobre o qual possa cometer-se um crime: já está morto como premissa. Um pai que nunca se deixa substituir, fecha, bloqueia o acesso simbólico a esta posição subjetiva”(p.62) ⁶

A saídas adolescentes perante a função paterna são inúmeras. No nosso caso, lidamos com adolescentes que encontram pais já mortos, outros que não se deixam matar e outros que se deixam matar muito facilmente. São eles que fizeram surgir as questões que, junto às lacunas teóricas e de pesquisas em relação ao tema, nos permitiram formular

⁶ Tradução da autora

perguntas e hipóteses. Apresentaremos, a seguir, os estudos empíricos encontrados sobre a relação entre a adolescência e o início do uso de drogas para depois situar as questões metodológicas e, finalmente, formalizar nosso problema e questões.

1.5. A construção das toxicomanias na adolescência: estudos empíricos

Vários estudos empíricos dedicam-se a pesquisar o uso ou abuso de drogas entre adolescentes. Nestes, prevalece a descrição de fatores de risco, tomando indicadores comportamentais.

É quase inexistente a pesquisa da passagem do uso para o abuso de drogas. Encontramos somente um estudo que descreve vários estágios que conduzem de uma forma de consumo para a outra. Além disso, a explicação de mecanismos psicológicos e/ou psíquicos nas toxicomanias não aparece como foco dos estudos.

A associação entre a questão das drogas e a adolescência é pesquisada por Bauman e Phongsavan (1999) quando realizam uma revisão sobre a epidemiologia do uso de drogas. Os autores concluem que esse é um problema que ainda permanece sem solução, uma vez que o uso de tabaco, abuso de álcool, e de várias categorias de drogas ilícitas mostra uma progressão desde 1990, entre adolescentes que freqüentam instituições escolares. Esses resultados assemelham-se aos resultados encontrados por Carlini e colaboradores (1990) em pesquisas realizadas no Brasil.

Os estudos epidemiológicos são necessários para o mapeamento e “fotografia” da realidade da população atingida. No entanto, os dados obtidos merecem uma explicação das várias áreas envolvidas com a questão: psicologia, sociologia, antropologia, psicanálise, economia, dentre outras.

A falta de solução para o problema, apontada pelos autores acima citados merece ser questionada sob vários aspectos. Em primeiro lugar, o que se entende por solução é um decréscimo do uso de drogas? Se for assim precisamos do entendimento teórico dos dados para a elaboração de estratégias de prevenção. No entanto, acreditamos que uma ênfase na redução do uso poderá cair no discurso de “combate às drogas”, bem analisado por Bucher e Oliveira (1994), ressaltando seu caráter ideológico de “luta contra um flagelo” que desconsidera as implicações subjetivas e sociais. Já assinalamos a significação do

imaginário social da toxicomania enquanto “flagelo”, servindo para a elaboração de uma teoria orgânica da psiquê e das conseqüências relativas à indiferenciação entre uso de drogas e toxicomanias, com implicações clínicas e sociais (Le Poulichet, 1987/1990, Giberti, 1996).

Na tentativa de elucidar o uso e abuso de drogas, diversos pesquisadores levantam os fatores a estes associados. Hussong (2000) pesquisa contextos nos quais os adolescentes usam drogas. Os resultados do seu estudo apontam para a ausência de diferenças relativas ao sexo em relação aos contextos de uso, bem como a um predomínio do contexto familiar para o uso de álcool e do contexto escolar, a casa de amigos e festas sociais, para o uso de substâncias mais severas.

Pearson e Michell (2000) concluíram que, em todas as posições sociais, a aprendizagem de comportamentos de risco em relação ao uso de drogas bem como de comportamentos que não apresentam esses riscos, dá-se nos grupos de pares. Além disso, os pesquisadores apontam que o grupo apresenta maior influência em relação aos fatores de risco nos estudantes da periferia, num determinado momento do desenvolvimento.

Gosselin, Larocque, Vitaro e Gagnon (2000) afirmam que o uso precoce de substâncias tóxicas é persistente e encontraram os seguintes fatores de risco: não adaptação à escola, ausência de supervisão parental e autopercepção positiva em relação aos pares. Os fatores de proteção ao uso estão associados a qualidades morais elevadas e à reação negativa em relação ao uso de cigarro e álcool por parte das mães.

Brook, Kessler e Cohen. (1999) realizaram um estudo longitudinal em relação aos indicadores sobre o início do uso de maconha. Os resultados indicaram que os riscos de iniciar o uso de maconha associou-se a jovens não ajustados às regras e jovens relacionados com pares que usam maconha ou tabaco. Já os jovens que se identificam com seus pais têm menor probabilidade de iniciar o uso de maconha.

Um estudo realizado por Trost, Langan e Kellar-Guenther (1999), indica, ainda, que a oferta de drogas dá-se, mais frequentemente, por amigos do mesmo sexo, namorados, irmãos ou primos. Quando são os membros da família ou namorados os que oferecem a droga, torna-se mais difícil resistir.

Finalmente, Lloyd (1998) realiza uma revisão dos fatores de risco em relação ao início do uso da maconha, encontrando os seguintes indicadores: ter irmãos ou pais com

envolvidos com uso de drogas; desorganização familiar; comunicação ou apego pobres; abuso infantil; notas baixas na escola; falta às aulas; exclusão da escola; desordens de conduta na infância, crime, desordens mentais (depressão ou comportamentos suicidas) e carência social. Estes indicadores são interpretados a partir de uma rede causal interativa.

Nestes estudos, numerosos fatores e contextos são apontados como tendo associação ao uso, abuso ou início de uso de alguma substância. Dentre eles, vários destacam a influência ou o convívio com o grupo de pares. Perguntamo-nos, acima, pela influência grupal na construção das toxicomanias. Estes estudos apontam, mas, por serem descritivos, não explicitam os mecanismos dessa construção.

Sobre a passagem do uso de drogas ao abuso encontramos o modelo proposto por Muisener (1995). Este levanta alguns dilemas em relação ao uso de drogas na adolescência e apresenta a descrição do que ele denomina CUE (Adolescent Chemical Use Experience Continuum). O autor descreve, então, quatro estágios do uso de substâncias pelos adolescentes, dos quais faremos aqui um breve apanhado.

Estágio 1 - Uso experimental (aprendendo a oscilação do humor). Este é o estágio da experimentação e da exploração das drogas, no qual o adolescente aprende que a ingestão de uma substância química pode mudar seu humor.

Segundo o autor, para muitos adolescentes a experiência de ensaio e erro com substâncias químicas leva ao segundo estágio.

Estágio 2 - Uso social (procurando a oscilação do humor). Aqui encontra-se o jovem que exhibe um padrão de alteração de seu estado emocional, através da química, particularmente no social. O comportamento adolescente ocorre com outros pares, não implicando, porém, que o uso seja socialmente aceito. Esse estágio é mais ou menos adaptativo e normativo para muitos adolescentes, mesmo que muitos deles passem para o estágio seguinte.

Estágio 3 - Uso operacional (Preocupação com a oscilação do humor). Este estágio representa a entrada no abuso de substâncias químicas. O adolescente está atuando, colocando para fora o seu estado afetivo interno.

Qualquer uso de substâncias químicas neste estágio pode ser considerado como uma automedicação. O adolescente transformou-se num farmacêutico junior e está autoprescrevendo-se drogas para operar nos seus sentimentos. Subjetivamente ele poderá

experimentalizar essa auto medicação como sendo adaptativa, mas, segundo o autor, ela é mal-adaptativa do ponto de vista do desenvolvimento.

Existem dois tipos de uso neste estágio: o uso hedonístico e o uso compensatório. No primeiro, procura-se o efeito da euforia como um fim em si mesmo, estando o uso motivado por uma necessidade incessante de intensificar estados afetivos de prazer através da química. No segundo, o uso serve como forma de tratar disforia ou outros estados de pânico.

Estágio 4 - (Usando para sentir-se normal). Aqui a adição sustenta a vida do adolescente. Ele é um consumidor compulsivo que espera encontrar um estado de humor através das drogas, sendo este estado alterado considerado como “normal”.

O modelo aqui apresentado traz uma boa descrição dos diferentes tipos de uso. Porém, não nos fornece dados para o entendimento da construção psíquica das toxicomanias já que a explicação da passagem de um estágio para outro dá-se levando em conta a aprendizagem, entendida como de ensaio-e-erro.

O ponto forte deste trabalho é a cuidadosa descrição dos estágios que poderá servir-nos para refletir sobre a subjetividade. Podemos, então, utilizar a descrição de Muisener e afastando-nos dos seus modelos teóricos, pensar nestes momentos, não enquanto meras fases evolutivas do uso de drogas, mas enquanto posições do sujeito usuário. Assim, podemos perguntar-nos qual é a posição subjetiva de alguém que se insere numa aprendizagem da oscilação do humor? Como se dá a passagem dessa posição para outra na qual a procura é o importante? E, sucessivamente, para a preocupação e, em seguida, o uso para sentir-se normal, colocando-se, aí, numa posição de farmacêutico do seu corpo. Nessa linha de raciocínio, poderíamos entender, tendo base nas teorias apresentadas, a relação do toxicômano com corpo, e com o Outro.

Encontramos escassas pesquisas que focalizam os mecanismos psíquicos ou psicológicos da toxicomania. Uma exceção é o estudo realizado por Wawzyniak (1998) que, através de casos, discute a experimentação e a adição de drogas enquanto manifestações das mudanças psicológicas que ocorrem na adolescência. Focaliza, especialmente, a desestabilização da realidade traduzida no sentimento de incerteza.

Bertolini (2000) apresenta o caso de um adolescente adicto analisando a inadequação da clivagem primária entre os objetos bons e os objetos maus bem como entre

as partes boas e más de seu próprio self. A passagem do uso de drogas recreativo ou ocasional para uma adição perigosa, deveu-se, no caso deste paciente, às defesas patológicas contra o sofrimento psíquico e a sua desilusão em relação a um self grandioso, combinado com sentimentos de rebeldia contra toda autoridade, incluindo sua família, influência do grupo de pares, bem como desespero e ódio da realidade e de seu próprio corpo.

Estes dois últimos estudos possuem a qualidade de procurarem analisar o uso, o abuso de drogas e a passagem de um para o outro, sustentados em teorias que permitem a interpretação de dados, não ressaltando somente indicadores descritivos.

Nossa pesquisa encaminha-se nessa direção, sua metodologia principal consiste na análise de casos com base numa teoria, diferente da dos autores acima citados, que permite a explicação dos processos psíquicos envolvidos nas toxicomanias na adolescência.

Tendo já explicitado nossa fundamentação, passamos a tratar das questões metodológicas do nosso estudo e, finalmente, a apresentar nossas questões e hipóteses.

1.6. Questões metodológicas:

O método psicanalítico é um método de investigação do inconsciente. Método que reconhece a dupla característica de investigar e, ao mesmo tempo, produzir efeitos. Por exemplo, se um determinado sintoma associa-se inconscientemente a outras lembranças, o fato de apontar essa relação já é uma intervenção que tende a produzir modificações na associação.

Por isso, para Freud (1912a/1981), investigação e clínica são instâncias indissociáveis. As questões de nossa investigação provêm de um trabalho clínico. Além do trabalho com os adolescentes, reconhecemos que existe, na subjetividade do pesquisador, um motivo que o leva a olhar para essas questões e não outras. Segundo Caon (1996) o sujeito da pesquisa psicanalítica é o próprio pesquisador

A associação do trabalho terapêutico à investigação é uma constante na obra freudiana. Sua orientação era permitir a expressão do inconsciente. Para isto, inicialmente utiliza o método hipnótico que logo abandona por considerá-lo insatisfatório. Este é substituído pelo de associação livre como regra fundamental para o trabalho analítico. De

acordo com esta regra, o paciente é convidado a falar livremente, sem que seja censurado nada do que lhe ocorra.

A técnica utilizada pelo analista, segundo Freud (1912a/1981), é a atenção flutuante. Em relação a esta o autor afirma:

“Na realidade esta técnica é muito simples. Ela rechaça qualquer meio auxiliar, inclusive, como veremos, a mera anotação, e consiste simplesmente em não tentar reter especialmente nada e acolher tudo com uma igual atenção flutuante. Pouparamo-nos, deste modo, um esforço de atenção impossível de sustentar muitas horas no dia e evitamos o perigo inseparável da retenção voluntária, já que enquanto esforçamos, voluntariamente, a atenção com uma certa intensidade, começamos também, involuntariamente, a selecionar o material a nós oferecido, então: fixamo-nos especialmente num elemento determinado e eliminamos outro, seguindo nossas esperanças ou nossas tendências nessa seleção. Fazendo isto, corremos o perigo de não descobrir mais do que já sabemos"... "Não devemos esquecer que na maioria das análises escutamos do paciente coisas cuja significação só é descoberta 'a posteriori'" (p.1654).

O analista, ao deixar-se guiar pela sua memória inconsciente, permite que os atos falhos, sonhos e outras formações do inconsciente possam emergir no sujeito e serem escutados pelo psicanalista.

Essas questões são retomadas por Fedidá (1991), nas suas formulações sobre as construções do caso clínico e na relação das mesmas com a memória do analista. O autor afirma que a direção da cura do sujeito só se transforma em “caso” quando há a intervenção de um terceiro, isto é, quando o analista o expõe publicamente, seja em supervisão, escritura dos casos, apresentação dos mesmos etc. Ainda em relação à construção, ele retoma Freud e afirma:

“Sua tarefa, diz Freud, é - neste palco distinto onde ele escuta- construir “o

que foi esquecido”. Se, de fato, a construção corresponde a “tarefa” do analista, ela é, de maneira bastante exata, aquilo que deveria ser nomeado memória do infantil, na fonte da metáfora da linguagem do inédito, ali onde se forma a fala possível da interpretação. E é claro que, neste sentido, a construção é teoria do analista em sua metáfora singular (e singularizante), formada na escuta do paciente em seu tratamento” (Fedidá, 1991 p. 178-179).

Em vários momentos da obra de Freud (1900-1901/1981), por exemplo na "Psicopatologia da vida cotidiana", na "Interpretação dos sonhos" (Freud, 1900/1981), nas "Lições introdutórias à Psicanálise" (Freud, 1915-16/1981) podemos encontrar referências relativas à ligação existente entre o dizer do sujeito e os elementos inconscientes.

Jacques Lacan (1953/1985), ao discutir o método freudiano acrescenta:

"Seus meios são os da palavra, uma vez que confere um sentido às funções do indivíduo; seu domínio é o do discurso concreto, enquanto campo da realidade transindividual do sujeito; suas operações são as da história, enquanto constitui a emergência da verdade no real" (p. 247).

Lacan (1958/1985) diz ainda:

"É além do discurso que se acomoda a nossa ação de escutar, eu sei disso melhor que ninguém, mas tomo o caminho de ouvir e não o de auscultar... Ao que escuto, sem dúvida, não tenho nada a replicar." (p.597).

Ressaltando que o trabalho de escuta psicanalítica situa-se na escuta do recalcado e trazendo um exemplo de tal situação, Caon (1996) escreve:

“Quem, por exemplo, se interessa com o recalcado ínsito no linguajar? Tome-se, por exemplo, o atual significado do verbo ‘ficar’, muito utilizado

pelos adolescentes. Ficar vem de ‘figicare’, um verbo freqüentativo latino ‘fingo’, ‘fictum’, ‘figere’,.. É desse verbo que provavelmente vem a palavra ‘finta’ e ‘fingir’. ‘Ficar’ de namorado é um fazer de conta; é fazer amor fazendo de conta que se é amante ou namorado. Isso, aparentemente, não passa duma inocente cumplicité, como se diz em francês corrente. É também o prolongamento do jogo de fazer de conta, dos meninos e das meninas, retomado na adolescência...Em ‘ficar’, usado pelos adolescentes, pode-se desvendar o recalcado do linguajar cotidiano. Dissolver até seus últimos elementos é uma das características da pesquisa psicanalítica” (p107).

É importante ressaltar que, para que esta escuta até os últimos elementos seja possível, é necessário ao analista submeter-se à análise pessoal e ter acesso ao estudo da obra psicanalítica. Além disso, a alteridade na exposição da escuta e decorrente construção do caso (Fedidá, 1991) é também necessária.

Escutar é, então, um ato no qual está contida a subjetividade do psicanalista. Ele escutará e interpretará as rupturas que aparecem no discurso do sujeito, possibilitando, assim, que o mesmo traga as lembranças, palavras, significantes que se associam a elas.

Entendemos, aqui, a interpretação como uma intervenção do terapeuta, a qual procura fazer surgir um novo sentido, o que está sendo dito implicitamente ou, para lembrar Freud (1900/1981), fazer surgir o latente para além do manifesto (Chemama,1993/1995). Essa interpretação dar-se-á a partir da transferência.

Mencionamos ser o método psicanalítico um método de escuta do inconsciente. Situamos essa escuta na via da atenção flutuante proposta por Freud e retomada por Lacan. Antes de Freud, o inconsciente era definido pelo seu caráter negativo, como aquilo que não era consciente. Alí poderiam ser incluídos, então, todos os comportamentos reflexos e orgânicos como crescimentos, funções biológicas etc.

Freud postulou uma outra idéia: o inconsciente é aquilo que escapa, que tropeça ao pensamento lógico da consciência e pode ser apreendido através de lapsos, atos falhos, sonhos, sintomas, chistes. Ele dá, então, um estatuto psíquico ao inconsciente, afastando-o da idéia do “irracional” ou do orgânico.

Lacan retoma a hipótese freudiana, avançando na convergência do registro do inconsciente com os processos de simbolização “alí onde Freud sublinhava a preeminência das palavras, das falas, das associações livres, Lacan formula a hipótese do “inconsciente estruturado como uma linguagem” (Dor; em Kaufman, 1996, p. 267)

“Se Lacan afirmou, não sem humor, : o inconsciente é a condição da lingüística” foi precisamente porque pode encontrar no contexto da lingüística estrutural (Saussure, Benveniste, Jakobson) o aporte favorável que lhe permitiu afirmar, a partir da obra freudiana, sua tese fundamental...” (Dor; em Kaufman, 1996, p 167).

Nesse sentido, deve-se ressaltar a diferenciação realizada por Lacan entre os níveis discursivos do enunciado e da enunciação. Lacan (1954-1955/1984) realiza uma diferenciação entre o sujeito do enunciado, equivalente ao eu freudiano, e o sujeito da enunciação: sujeito do inconsciente. O eu é uma instância primordialmente imaginária que corresponde à lógica de pensamento consciente, é o que aparece explicitamente no discurso.

Já o sujeito do inconsciente é o que aparece no dizer ao não-dizer, é o que no discurso aparece de forma implícita. Devemos considerar aqui a impossibilidade de tudo dizer, em função da dimensão real da língua. O que o eu carrega de não sabido sobre sua origem? Por exemplo, o que há de desconhecimento ou ao dizer “eu sou Pedro”. Desconhecimento relativo aos significantes que marcaram o sujeito, significantes recalçados do desejo materno e paterno.

Quando um sujeito fala em análise devemos considerar, também, as questões transeferenciais. A seguir, apresentamos nosso entendimento desse conceito.

1.6.1. Sobre a Transferência

A transferência pode ser entendida como um vínculo afetivo intenso que se instaura entre o paciente e o analista (Freud, 1912b/1981).

Lacan a propõe como o lugar de fala em que cada um deles está colocado, nos diferentes momentos do tratamento. Esses lugares associam-se ao recalçado. A transferência não aparece somente no processo analítico, manifestando-se em todas as relações cotidianas. Contudo na análise ela toma um valor central. Lembramos de um sujeito atendido numa situação de pesquisa (Djambolakdjian, 1994) que apresentando uma dificuldade de aprendizagem, indutora de sucessivos erros e repetições, nos dizia: “eu estou achando que tu estás com vontade de me enfiar essa tua caneta no pescoço”.

Analisemos mais detalhadamente esta situação. O sujeito transfere ao pesquisador algo que diz respeito a sua subjetividade. Ele supõe uma vontade do pesquisador. Essa suposição diz da posição em que o sujeito se encontra em relação ao pesquisador, o qual está colocado aí no lugar do Outro. Por falas subseqüentes, podemos perceber que este é um lugar de sucessivos “erros”, os quais provocam a ira dos outros. O “enfiar a caneta no pescoço” não é uma opção casual. Lembramos, aqui, que esse sujeito tem a característica de apresentar tatuagens em todo o corpo e referir a vontade de continuar tatuando-se. É como se as únicas inscrições possíveis se dessem no nível corporal, como se a simbolização ficasse, por momentos, quase apagada.

Falamos acima de uma suposição, uma suposição de saber sobre o analista que remete, nesse caso, a uma suposição de saber sobre o Outro. Podemos entender, assim, a transferência na conceitualização lacaniana de sujeito-suposto-saber, isto é, o analista é colocado pelo paciente no lugar de quem detém um saber e, em relação a isso, o sujeito se coloca ou é colocado em diferentes posições. Essa suposição diz sobre o lugar inconsciente em que o sujeito se apresenta. Num processo analítico esses lugares mudam em diferentes momentos. Perguntas como para quem o sujeito fala, a partir de onde ele fala, por quem ele é falado, podem nos auxiliar a situar as questões transferencias. Um último exemplo ilustrativo dessa questão: Dado, um dos casos a serem apresentados a seguir, tinha o hábito de fumar maconha e dizia que drogar-se era algo “ruim”, trazendo situações de outros membros da família que se drogavam muito e poderiam assim “matar os pais”. Era engraçado notar que quando ele falava do seu uso de maconha parecia debochar dos dizeres “adultos”. Ao ser questionado sobre o “ruim” e sobre o “matar os pais”, ele refere uma fala materna que teria dito que “essas porcarias fazem os filhos ficarem ruins e até matarem os pais”.

O sujeito aí fala para um analista, o qual ele situa num lugar muito próximo da mãe. É a partir da intervenção do terapeuta, no sentido de questionar a obviedade da colocação do “ruim” e do “matar...” que ele pode continuar falando e deslocando-se do dizer materno. No primeiro momento, era como se ele fosse falado pela mãe, falando para um analista, ao qual supunha colocado em cumplicidade com a mãe. Nesse deslocamento o sujeito muda de lugar, passando a ocupar uma posição diferente da ocupada ao estar colado às palavras da mãe.

A mudança da posição do sujeito é tratada por Lacan (1951/1984) ao analisar o caso Dora sob a perspectiva da transferência. O autor focaliza as intervenções de Freud e os efeitos que estas provocaram, denominando de inversões dialéticas as respectivas mudanças de posição do sujeito. Diz Lacan:

“Trata-se de uma escansão das estruturas nas quais se transmuta, para o sujeito, a verdade e que não tange somente sua compreensão das coisas, mas sua posição mesma enquanto sujeito do qual os “objetos” são função” (p.207).

Uma das inversões dialéticas assinaladas por Lacan (1951/1984) é decorrente da pergunta que Freud realiza à Dora em relação à sua implicação na atitude adotada perante o Sr. K., do qual ela se queixa. Essa pergunta permite que Dora passe de uma posição de ausência de implicação na cena, para um questionamento sobre quais das suas atitudes poderiam ter contribuído para o desfecho acontecido. Nesta passagem Dora muda sua posição de sujeito do inconsciente.

Como mencionamos no item 1.4 existem, neste caso, algumas particularidades no tratamento, associadas ao fato de ser Dora uma adolescente. Passamos, então, a tratar desse tema.

1.6.2. Especificidades do fazer analítico com adolescentes e toxicômanos

Apesar de o fazer analítico fundamentar-se nos pontos acima tratados, existem algumas especificidades quando se trata da escuta de sujeitos adolescentes e toxicômanos, em relação à demanda de tratamento, à transferência e ao lugar do analista. É o que passaremos a tratar agora, tomando como referência as contribuições de Le Poulichet (1987/1990) e Rassial (1990/1999).

Quando tratamos das toxicomanias, mencionamos ter o tóxico a função de anestesiar o sofrimento produzido pelas diferenças, constituindo-se enquanto prótese que obtura qualquer ruptura. Se os toxicômanos encontraram esse remédio para suas dores, por que procurariam um tratamento, especialmente aquele que se detém nas rupturas (discursivas)?

Apesar do remédio apresentar-se como solução definitiva, tem momentos em que a operação *famakon* não garante a anestesia e a “prótese” encontrada para consertar a abertura falha. São nesses momentos que os toxicômanos dirigem-se a um terapeuta ou analista com um pedido de consertar aquilo que não mais funciona. No entanto, a saída toxicomaníaca não poderá manter-se imutável junto ao dispositivo analítico. Por isso, faz-se necessário interrogar a posição do tóxico nas curas, diferenciando-o da droga (Le Poulichet, 1987/1990).

Para que isso seja possível o analista deverá renunciar aos estereótipos da droga, por exemplo, colando-se a clichês como “a droga faz mal à saúde”, “drogas: tô fora” ou aos opostos “droga não faz mal”, etc. Ao invés disso, cabe ao analista questionar os lugares de irrupção do tóxico na palavra. Em que momentos o sujeito recorre ao tóxico? Ou ainda, quando a palavra torna-se tóxica, não permitindo o deslocamento significante?

Le Poulichet (1987/1990) situa, ainda, a partir da herança freudiana, o lugar do analista, ressaltando a sua abstinência. Abster-se significa, nestes casos, não competir com a droga na via da satisfação do sujeito.

Muitas vezes, os analistas consideram a necessidade de ocupar, na transferência, o lugar da droga. Apesar de ser essa geralmente, a proposta do sujeito, o analista não poderá atender plenamente a essa demanda sob o perigo de manter a relação dual que faria da relação analítica uma relação tóxica, uma relação “a dois”.

Cabe ao analista “irrealizar o uso da droga”, diz Le Poluchet (1987/1990, p.162). Irrealizá-lo levando em consideração a alteridade, apostando na função da palavra, e não eliminando, a qualquer preço, a droga enquanto produto químico. Por isso, é função do analista reestabelecer os trajetos pulsionais, não “vendo ou engolindo o que o paciente lhe oferece, mas fazendo voltar algo do olhar ou da voz que ponha em perspectiva um objeto do desejo” (p.185). Caso contrário, o analista repete, na transferência, o “engolimento” materno no qual a lei simbólica não opera.

A dificuldade dos tratamentos com sujeitos toxicômanos apresenta-se nesse ponto, porque, geralmente, essa alteridade está excluída e será necessário um analista posicionado de forma a não enfrentar a droga e a não identificar-se com o sofrimento do sujeito, para permitir-lhe que a palavra retome a função simbólica.

“A maior parte das vezes, esse lugar da cura não se apresenta constituído desde o começo, é como se o corpo ainda não pudesse situar-se porque não soubesse ‘ausentar-se’ para elaborar-se na palavra e no silêncio”(Le Poluchet, 1987/ 1990, p.171)

Retomar a possibilidade do “fort-dá” é tarefa do analista. Então uma posição totalmente silenciosa do analista é, também, contra indicada:

“Se o analista permanece silencioso, numa posição que convoque os dizeres, sem limite, precipitam-se a maior parte das vezes, oferendas e depósitos, quase sempre seguidas de uma desapareção ou de uma passagem ao ato” (Le Poulichet, 1987/1990. p.182).

Suportar, na transferência, a presença e a ausência do corpo, as propostas de combate à droga, a tendência a “colocar no colo” um sujeito indefeso, de interditar pela força um gozo ilimitado, de ressucitar do lixo ao qual nos vemos impelidos, é função árdua mas necessária à cura desses sujeitos.

“Só nessas condições pode a toxicomania adquirir sentido! Fundamentalmente, passar a tomar o estatuto de ‘sintoma’ para um sujeito, enquanto o paciente tece na sua palavra ‘novelas’ e ‘teorias’ que tentam dar um sentido à adição. De alguma forma, a toxicomania torna-se, para o paciente, signo de um enigma e de um saber terceiro incógnito, quando antes não engendrava mais que uma forma de circularidade. Isso deve-se ao deslocamento do estatuto da toxicomania, à metamorfose pelo trabalho da cura, enquanto essa aparecia suspensa do enigma do desejo do Outro e se desdobrava uma atividade fantasmática. Agora pode experimentar o mesmo destino de qualquer sintoma na cura” (Le Poulichet, 1987/1990, p. 198).

Percebemos que as especificidades até aqui mencionadas adequam-se, principalmente, àqueles casos nos quais a toxicomania exclui a alteridade e apresenta-se numa lógica dual. No entanto, há uma outra lógica nas toxicomanias, na qual a alteridade se mantém e na qual o tóxico se apresenta como prótese narcísica: lógica do suplemento, segundo denominação de Le Poulichet (1987/1990) .

Nesses casos, segundo nossa hipótese, a inscrição do Nome-do-Pai garante a função simbólica no “après- coup” adolescente. Assim, as formulações de Rassial (1990/1999) em relação à clínica psicanalítica com adolescentes, tornam-se pertinentes para pensar, também, o viés do suplemento toxicomaniaco.

Em relação às toxicomanias, esse autor afirma preferir enfatizar a análise das questões adolescentes do que centrar-se no tóxico. Concordamos com ele, no entanto, na lógica da suplência, o tóxico se impõe ao tratamento, precisando-se realizar o trabalho de retomada da alteridade para que o “estatuto de sintoma” seja recolocado e assim poder haver um deslocamento do tóxico para as questões psíquicas que a adolescência apresenta.

Rassial (1990/1999) situa as diferentes posições atribuídas pelo adolescente aos adultos, posições estas que tendem a presentificar-se na transferência. Diz o autor:

“Por estar na incerteza sobre si mesmo, seu próprio saber e o saber dos outros, o adolescente tem a tendência ou a desvalorizar todo saber, considerado como incapaz de um efeito de verdade, o adulto sendo, por

natureza, aquele que não compreende nada; ou então, ao contrário, a colocar um adulto isolado, em posição de mestre detentor de todo saber; ou então ainda, a se apoiar em sua boa figura para se apresentar ele mesmo como detentor de um saber inacessível ao outro (é particularmente o caso, muitas vezes, do toxicômano)” (p.190).

Essas posições apresentam, em alguns casos, armadilhas transferenciais que colocam o analista numa situação de difícil saída. Como falar a alguém que nada compreende? Ou ainda, como o analista poderá sair da posição de mestre? Como já mencionamos, seguir o ensino freudiano, levando em conta a abstinência do analista torna-se aqui fundamental. Consideramos, aqui, a posição indicada por Rassial (1990/1999, p.192), de “muito mais ‘ir buscar’ do que ‘deixar vir’” as associações do paciente.

Rassial (1990/1999) aponta também, a inversão dos tempos nas análises de adolescentes em relação à dos adultos. Para o adulto, diz o autor, a desconstrução das figuras imaginárias que encarnam o Outro é efeito de uma identificação do laço conflitual entre o sujeito, o objeto e da operação que os liga. No entanto, para o adolescente, a desconstrução das figuras do Outro vem em primeiro lugar, para, num segundo tempo, poder analisar o laço entre sujeito e objeto. Por isso, não é aconselhável que o analista, desde o início, assumira qualquer uma das posições que o adolescente propõe ao adulto, acima apontadas. Se assim o fizer corre o risco de “fundar, como novo mestre, uma consistência enfim sólida do Outro”(p.198)

O fim da análise com sujeitos adolescentes, segundo reflexões de Rassial (1990/1999) deve conduzir o sujeito a aceitar uma certa solidão que lhe permita autorizar-se a realizar escolhas de vida, bem como manter com os outros uma relação menos presa a ideais imaginários e à busca de um gozo impossível.

A partir da teoria e das questões metodológicas apresentadas, formulamos problemas e perguntas que nortearam nossa investigação. Os pressupostos teóricos aliados a nossa experiência clínica permitiram-nos levantar, também, algumas hipóteses.

1.7. Problemas e questões de pesquisa

A pergunta que originou nossa pesquisa pode ser resumida nos seguintes termos: como se constroem as toxicomanias na adolescência?

Retomaremos algumas das idéias principais até aqui descritas para poder dar andamento a nosso curso investigativo, no qual encontraremos algumas hipóteses e casos clínicos.

Rassial (1990/1999), dentre outros autores que fundamentam nosso trabalho, menciona as toxicomanias na adolescência, esboçando uma diferenciação entre os usos de drogas e as toxicomanias, e associando as últimas ao brincar. Esse autor afirma que as toxicomanias têm origem da continuidade desse brincar, por fazer a droga o ofício de transição. No entanto, não encontramos no seu texto um foco na construção dessas toxicomanias. Quais seriam as condições psíquicas necessárias para que um adolescente apresente esse sintoma?

Ao procurar nos autores que teorizam a toxicomania, encontramos referências à adolescência, como no caso de Le Poulichet (1987/1990), sem, no entanto, haver uma explicação sobre a relação, por esta delineada, entre o início do uso de drogas e o psiquismo do adolescente.

A autora realiza uma diferenciação entre a lógica de suplência e a de suplemento nas toxicomanias. Apesar de Le Poulichet (1987/1990) explicar ambas lógicas, seu olhar detém-se nas toxicomanias de suplência.

Quando tomamos a toxicomania enquanto um sintoma social, isto é, como um sintoma inscrito no discurso dominante de uma sociedade numa determinada época (Melman, 1992), entendemos que esta é uma saída possível ao sujeito contemporâneo. Como ressalta Melman, isso não significa que todos os sujeitos compartilhem dessa saída. Então, perguntamo-nos, o que determina que uns procurem essa via e outros não. A relação realizada com a adolescência, em outros autores que endereçam seu olhar para o social, como Calligaris (2000), é considerar tanto a toxicomania quanto a adolescência como a realização de um ideal social. Apesar de concordarmos com essa análise, ela ainda não nos auxilia na investigação dos processos psíquicos que fazem com que alguns sujeitos adolescentes inscritos nesse social optem pela toxicomania.

Com a intenção de elucidar os processos psíquicos que conduzem à construção de toxicomanias, incluindo aí a explicação da passagem do predomínio de uma lógica a outra e a função do Outro nessa construção, nos referenciamos nos textos dos mencionados autores, produzindo nosso próprio texto. Resta, ainda, expor a escuta dos sujeitos envolvidos, parte valiosa do nosso trabalho. Os textos elaborados a partir dessa escuta, seja das palavras pronunciadas ou escritas, serão encontrados nos próximos capítulos desta tese. Antes, no entanto, apresentamos as hipóteses formuladas durante a pesquisa.

1.8. Hipóteses sobre a construção das toxicomanias na adolescência

“A puberdade fisiológica perturba a imagem do corpo construída na infância”
(Rassial, 1990/1999 p.17)

Encontramos na adolescência um corpo modificado no real que precisa de uma ressignificação. O adolescente deve elaborar esse “novo corpo” na palavra. Essa operação psíquica que é a adolescência precisa dar conta do novo corpo, e aí o olhar do Outro tem prioridade.

O corpo precisa ser revestido por novas palavras, palavras que vêm do Outro encarnado pelos pais e do Outro encarnado pelos semelhantes. Palavras novas sustentadas nas palavras velhas. Esse Outro poderá oferecer ao adolescente diversos retornos pulsionais (pulsão escópica e da voz).

Imaginemos um Outro cego e mudo para as modificações pubertárias. Imaginemos, ainda, um Outro que susurra, dificultando ao adolescente escutar o som de suas palavras. Ou, então, um Outro que grita sem deixar lugar para as palavras do sujeito adolescente. E, ainda, um Outro que grita dizendo: ÉS DROGADO!

Se o sujeito adolescente está à procura de imagens e palavras encontrará, no caso de um Outro cego, uma falta de significação das suas modificações pubertárias que poderá

levá-lo a prescindir do Outro no “après-coup” especular. Poderá, então, buscar relações nas quais nenhum terceiro seja incluído: relações tóxicas.

Se o Outro susurra, algumas palavras poderão chegar aos seus ouvidos, palavras essas que por vezes poderão escapar. Nos momentos de fuga o tóxico poderá se apresentar como solução, mas não enquanto solução permanente.

O grito sem deixar espaço para esse sujeito adolescente emergente fará com que este ou acate o grito sem questionamento ou veja-se forçado a estabelecer um corte que o diferencie. Já mencionamos a possibilidade de isto acontecer através do recurso ao tóxico.

Quando as palavras gritadas são: ÉS DROGADO, ao adolescente restarão duas alternativas: se rebelar contra esse destino, ou acatá-lo sem maiores questionamentos. Geralmente observamos a última alternativa.

O recurso ao tóxico pincelado nestas saídas terá diferentes lógicas, mas parece-nos viável a hipótese se ser no teste da eficácia do Nome-do Pai, apontada por Rassistal (1997), que as toxicomanias poderão ser construídas.

Quando o pai falha na transmissão simbólica, isto é, o Nome-do-Pai, mesmo inscrito, não permite a organização significativa necessária para que o sujeito possa relançar-se, ressignificar o corpo e reapropriar-se de sua imagem corporal, esse corpo poderá ficar sem significação, fora da cadeia dos significantes, construindo, assim, uma lógica de suplência.

A função paterna permite ao corpo engajar-se ou não numa cadeia significativa. Essa tem o papel de interditar uma relação de dualidade. Nas toxicomanias de suplência joga-se “entre dois”, nas de suplemento, entre três. Neste último caso, a função paterna evita o engolimento de “um pelo outro”, faz metáfora, significando o corpo na palavra.

Quando a palavra do pai não opera defendendo o filho de ser objeto do gozo da mãe, ao chamá-lo, por exemplo de “drogado” e/ou “fazendo de tudo pelo filho”, esse retorno poderá vir a construir uma toxicomania de suplência, nesse caso, há uma identificação com os significantes jogados pela mãe.

Já quando a função paterna mostra sua eficácia nesse teste que é a adolescência, mas o sujeito fica preso ao olhar de “drogado”, poderão se construir toxicomanias de suplemento, associadas a identificações imaginárias com o desejo materno.

Para testar a eficácia paterna, o sujeito poderá recorrer a uma saída toxicomaniaca e aí, se o Nome-do-Pai garante sua inscrição, poderá defender o sujeito de ser “engolido” pelo Outro. Caso contrário, isto é, se o resultado desse teste é a falta de eficácia paterna, por uma falha na inscrição do Nome-do-Pai, o sujeito ficará a mercê do gozo materno, desaparecendo, por conseqüência, enquanto sujeito e fazendo do seu corpo pura máquina.

Ainda, o adolescente procurará o olhar do Outro, representado pelos pares. O envolvimento destes com tóxicos poderá influenciar no início do uso de drogas mas não na construção de uma toxicomania. Esta, está associada ao retorno do teste à eficácia paterna.

CAPÍTULO II

DADO, FLORIANA E FÊNIX: PERCURSOS TÓXICOS DE ADOLESCENTES I

Dado, Fênix e Floriana são os nomes fictícios de três adolescentes cuja queixa inicial foi o “uso de drogas”, escutados em tratamento analítico na Clínica de Atendimento Psicológico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. São casos nos quais esse uso de drogas configurou-se em toxicomanias.

Eram, então, adolescentes para os quais o uso de drogas constituía uma questão a ser analisada, porém, não ocupava todo o espaço de suas vidas. O consumo de álcool, maconha ou cocaína teve uma função de remédio e veneno, porém, permitia-lhes continuar com outras atividades. O ato do uso de drogas demandava ser decifrado, ser lido pelo Outro.

Se marcamos que esse consumo definiu uma toxicomania é porque o princípio do *farmakon*, presente em todo uso de drogas, deu lugar à operação *farmakon*. O recurso ao tóxico transformou-se num sintoma associado ao “alívio da dor da existência” (Freud, 1930/1981).

Estes adolescentes encontraram um amparo no Outro, que lhes permitiu ancorar em referências conhecidas para poder relançar-se nas novas questões surgidas a partir da puberdade. No último dos casos aqui apresentados, no entanto, a âncora parece não estar estabilizada.

Vejamos, então, o método que nos possibilitou a construção dos mesmos.

MÉTODO

Participantes

Participaram deste estudo três sujeitos adolescentes que se preocupavam ou preocupavam seus familiares pelo uso de drogas. As idades variaram de 13 a 18 anos sendo dois do sexo masculino e um do feminino.

Delineamento e Procedimentos

Os casos foram construídos, a partir da escuta individual de cada sujeito conforme proposta de Fedidá, 1991. Os atendimentos aconteceram numa clínica não especializada exclusivamente em tratamento a toxicômanos.

O tempo cronológico de tratamento foi específico para cada sujeito. Dado ficou aproximadamente dois anos, enquanto Fênix interrompeu seu tratamento depois de um ano e seis meses e Floriana não completou um ano.

RESULTADOS

Alguns marcos referenciaram nossa construção dos casos, marcos esses referentes à teoria psicanalítica da constituição do sujeito e do sintoma da toxicomania. Somente com fins didáticos e explicativos os transformaremos em temas: o Estágio do Espelho, especialmente no “après-coup” da adolescência; o Édipo, incluindo aí a função paterna e as identificações; as lógicas da suplência e suplemento no recurso ao tóxico; a transferência no tratamento.

A apresentação dos casos foi organizada em duas partes: a primeira, introduz o relato da história do caso e a segunda, a análise fundamentada nas teorias apresentadas no início deste trabalho.

O caso de Dado foi o primeiro caso escrito, além de ser o sujeito que mais tempo ficou em tratamento. Foi, em vários momentos, o pivô da formulação de nossas perguntas e hipóteses. A estruturação da escrita desse caso contribuiu como eixo para a análise dos outros dois. Por isso, considerando as questões transferenciais envolvidas nessa escolha, dedicamos a ele um maior número de páginas.

2.1. Dado

Nos seus 13 anos, Dado é o protótipo dos meninos dessa idade. Cabelo quase raspado, roupas largas, fundilhos caídos, seu jeito é uma mistura de ingenuidade e esperteza. Desperta simpatia e preocupação. Comparece à primeira sessão acompanhado de sua mãe que, apavorada, relata os últimos acontecimentos. Só o deixa sozinho algumas semanas após o início do tratamento.

O relato materno não difere de outros, nos quais os pais encontram maconha entre os pertences dos filhos, a mãe cogita até uma internação. Esta estará sempre como uma alternativa a qualquer novo acontecimento, já que a droga, para ela, é ruim e perigosa.

No caminho de seu tratamento, Dado, além de apresentar uma série de idas e vindas em relação ao seu uso de drogas, realiza variados “acting-out” os quais requerem a presença parental, impondo limites reais (proibição de saídas, exigência de permanência junto a eles nos momentos em que não frequente a aula, dentre outras).

Sobre a droga Dado, aparentemente despreocupado, apresenta sua versão da história. Numa espécie de conto quase infantil, introduz a heroína maconha que o auxilia a realizar bem seus afazeres escolares, o deixa calmo. A partir de seu contato com ela não houve mais reclamações escolares. A escola é um lugar muito prezado pelos seus pais, no qual a maconha funcionou como um remédio. A maconha é comparada com outra personagem bem conhecida- a mãe- ela sim “é um porre, ela o irrita”.

Aos poucos o remédio encontrado vai se tornando veneno. Uma sucessão de lembranças o conduzem ao momento em que decidiu parar com o uso de outra droga: a cocaína. Esta não era tão amiga, o levou a se desfazer de um pertence “de marca” para ficar com ela. Aí houve um limite, de acordo com suas palavras: “não dou dinheiro por isso”. Além disso, lembra de amigos aos quais essa droga levou pela via delinqüencial. Na maconha ainda pode confiar, não lhe faz essas exigências, no entanto, questiona-se sobre essa amizade.

Em alguns momentos de seu tratamento, guiado pela mão da mãe, Dado indiferencia sua amiga maconha da cocaína. Estas, inicialmente, pareciam diferenciadas pelos seus efeitos. As duas são drogas e tornam-se “ruins”. Lembranças de um parente machucado em função do uso de cocaína reforçam a idéia das drogas fazerem mal por natureza. Como no vai-vem de um balanço, Dado retoma suas posições anteriores: “não é a

droga que faz mal, é a pessoa. Se ela tem coração ruim, as drogas vão ser ruins, se não, não”. Para confirmar sua descoberta apresenta uma situação na qual ele quase brigou com alguém sob efeito da maconha, mas pensou em não se “sujar por isso e ficou na sua”.

Assim, diferenciando novamente as duas drogas, Dado descarta a cocaína e retoma sua amizade com a maconha. No seu espírito adolescente, briga com ela em alguns momentos, prometendo que não mais a fumará. Promessa que cumpre só momentaneamente. Nesse percurso, experimenta novas drogas- as colas- descartando-as pelos efeitos que elas produzem.

Pela via das drogas, Dado apresenta suas histórias familiar e escolar. Repetem-se momentos nos quais o sujeito atua suas questões com as drogas, dirigindo-se à mãe para limitá-lo. Às vezes pede-lhe auxílio direto- após a descoberta pela mãe, conta-lhe de seu uso e pede-lhe que o encerre – outras vezes mostra-se “drogado” aos olhos maternos, o que faz com que ela tome atitudes de controle.

As interferências parentais nos momentos desses atos, o conduzem pelo caminho do questionamento. Despontam aí duas vias: o pai reconhece que a bebida é “coisa de guri”, mas as outras coisas são porcarias que irão prejudicá-lo, ele sente-se protegido. A via materna apresenta o inimigo mortal: filhos assassinam seus pais por causa dessa porcaria, a droga toma conta dos pensamentos, as pessoas matam sem pensar.

Na escola Dado era um menino inquieto que causava problemas aos pais e professores. Frequentadores da escola em função dos problemas disciplinares do filho, os pais demandavam-lhe que se acalmasse e se dedicasse aos estudos. Essa demanda era essencialmente paterna. Para o pai: “se vou bem na escola, estou bem, sou um bom menino”. O rendimento escolar era, geralmente oscilante, tendo chegado a reprovar um ou dois anos.

As associações de Dado sobre esses acontecimentos escolares, remetem-no ao pai. Ele não teve chances de estudar, cursou somente até o segundo grau, agora faz um curso técnico para beneficiar seu estabelecimento comercial. Há um ar de admiração nas palavras de Dado. Reafirma que, apesar da idade, seu pai estuda. Em contrapartida, Dado precisa aí fazer sintoma. O remédio encontrado para os problemas disciplinares foi a maconha, pelas suas propriedades “calmantes”. Foi outro o remédio, porém, para as dificuldades no rendimento escolar: a repetição dos processos paternos. Diz não estudar por não gostar.

Durante o percurso do tratamento, novas oscilações na escola: avança e retrocede, passa de ano e reprova, fica “calmo” e briga. As brigas com colegas e professores coincidem com os momentos em que ele decide iniciar abstinência em relação à maconha. Estes, por sua vez, associam-se aos momentos em que se sente “livre” em relação aos pais.

Nesse vai-e-vem, esconde-esconde ou, se utilizarmos a metáfora freudiana, o fort-dá (Freud, 1920/1981) realizado, ele esconde e mostra sua droga, esconde-se e mostra-se “drogado”, faz aparecer e desaparecer sua mãe; comparece e não comparece às sessões; assiste e não assiste às aulas.

Após a reprovação no último ano, Dado inscreve-se num curso supletivo. Quando está em vias de terminar a primeira etapa, diagnostica uma nova reprovação, havendo ainda tempo suficiente para recuperar as notas nas matérias em que não alcançava a média estipulada. Em resposta aos meus questionamentos diz “não estudo porque não gosto, tenho preguiça, não consigo sentar e estudar”.

A analista é levada a confrontá-lo com as ações parentais. Eles gostam de tudo o que fazem? A resposta negativa o faz dizer que ele poderia estudar apesar de não gostar. Dá-se conta de que a maconha consumida antes das aulas o prejudica e decide deixá-la para outros momentos. Recoloca a diferenciação entre as diferentes drogas e encontra uma resposta para a sua pergunta: “sou viciado?”

De forma geral, o caminho percorrido para responder a essa pergunta é o seguinte: inicialmente, rotula-se viciado, justificando este fato pelas palavras de sua mãe. Num momento posterior, diferencia o “vício” do uso e pergunta-se pela capacidade das drogas tornarem uma pessoa ruim. A isso responde que as drogas não fazem mais que potencializar a “ruindade” já existente, isto é, “se a pessoa tem o coração ruim, as drogas o deixam ruim, se o coração é bom, elas não podem deixá-lo ruim”.

Reconhece, porém, o tênue limite entre o uso e o “vício”, “não é tão fácil se controlar, mas eu consigo... às vezes”. Conclui, aqui, que ele é um “viciado de de manhã”, durante o resto do dia, não precisa da maconha. Na parada final desta caminhada, fortalece a idéia do controle, decidindo que, para passar de ano, não pode usar maconha pela manhã e vê-se capaz de realizar este propósito.

Durante o mencionado percurso, sua mãe torna-se um “porre” quando o controla e “boazinha” quando o deixa livre. O jogo entre liberdade e controle assume dimensões de

questionamento. Quando está muito livre precisa controle, aparece “drogado” perante os olhos maternos.

As diferentes cenas aparecidas durante o tratamento envolvem, ainda, um segredo e silêncio em relação ao pai. Filho e mãe tornam-se cúmplices quando decidem calar os acontecimentos relativos ao uso de drogas, sem que estes apareçam aos olhos paternos. A mãe, no entanto, quebra o silêncio. Esta “traição” enfurece e tranqüiliza Dado.

Entrelaçando sem parar pais e drogas, o seu discurso retoma incessantemente o julgamento das últimas- são elas boas ou ruins? Em determinado momento do tratamento, associa o bom e ruim ao estar bem ou mal na vida. Aí apresenta uma queda nos negócios paternos, uma falência seguida de uma recuperação em função do auxílio de uma terceira pessoa.

Da sua infância lembra do pai e da mãe acobertando-o quando pequeno. Se “rodava” na escola, “ganhava” presentes, diferentemente de sua irmã que nada ganhava nas mesmas circunstâncias. Ressalta a mudança, agora é diferente.

Enuncia a passagem- de pequeno a adulto- o que aparece também nas minhas palavras: o pequeno cresceu. Seguidamente emergem lembranças do dizer paterno: “tu não precisas mais babá”, “isso é comportar-se como gente grande”. Estas palavras contrapõem-se ao discurso materno, no qual o lugar de Dado é de dependência. Ele não pode sair, sempre há dúvida sobre suas reais intenções quando afasta-se dos pais. Dúvida essa que se transforma em certeza do uso de drogas.

Dado parece, nesse ponto, colar-se ao discurso materno, realizando “acting-out”, pela via das drogas, e tamponando seus ouvidos aos dizeres do pai.

Parece ver-se forçado a realizar uma escolha entre o pai e a mãe, colocando-se numa posição semelhante ao daquelas crianças que precisam responder aos apelos parentais do tipo: “de quem gostas mais, do pai ou da mãe?” Surge aí algo não-dito, pai e mãe confluíam nas opiniões e relacionavam-se bem até o acontecimento de uma briga, da qual Dado desconhece os motivos, mas, repetindo o dizer da mãe, arrisca: “depois, nunca foi igual”. Porém, sobre isso nunca mais se falou na sua família. Numa bela explicação do recalque, Dado diz: “não ficou esquecido, ficou deslembrado”. Esquecimento ou “deslembramento” que o conduz a identificar-se às impossibilidades paternas.

Dado fala de seu crescimento. Lembra momentos da infância nos quais “viajava” olhando as pessoas e imaginando que elas se transformavam em monstros e outras personagens dos desenhos animados. Com pesar, conclui que esse tempo passou, agora precisa deparar-se com a responsabilidade. O estudar, ação que o remete ao seu futuro (cuidar do negócio de seu pai), traz associada essa responsabilidade, da qual ele tenta escapar, fracassando. Além disso, a maconha lhe permite permanecer nas “viagens” infantis.

Ainda falando da passagem da infância ao ser adulto, menciona suas “necessidades de masculinidade”, ao confrontar-se com algumas limitações impostas pelos pais em relação às saídas noturnas. A partir do momento em que Dado dedica atenção especial a essas “necessidades”, as drogas parecem ocupar um lugar secundário, apesar de ele dedicar-lhes sempre os momentos iniciais de suas sessões.

Um sonho é mencionado nesse momento: “sonhei que eu estava fumando e fiquei apavorado, eu dizia: ‘não posso, não posso, eu parei!’”. Lembra-se que não é a primeira vez que um sonho assim aparece. Na vez anterior ele dizia, no sonho: “tô fumando, me esqueci que tinha parado”. Acrescenta ainda, “não digo mais que parei definitivamente, agora eu digo, acho que parei, e acho que parei mesmo”. Essa é a sua aposta. À analista não cabe outra coisa senão avalizá-la e marcar a diferença entre “não poder fumar” e “esquecer que havia parado”.

Durante o percurso de aproximadamente dois anos de tratamento a analista é o ouvido para suas histórias, e depósito de diferentes olhares: ora é aquela que acompanha suas aventuras e desventuras, ora é aquela para quem é possível falar sem preconceito, ora é o juiz que dará o veredito sobre sua amiga maconha e poderá dizer se ela é boa ou má. Um jogo difícil, no qual precisa escapar do veredito final.

Após uma série de questionamentos, um período de abstinência e de iniciar a falar sobre sua sexualidade de forma mais direta, Dado retoma o uso da maconha, porém, a partir de outra posição subjetiva. De acordo com suas palavras: “voltei a fumar, mas é diferente. Não sei explicar, não preciso dela, fumo de vez em quando e é mais nas festas porque eu gosto de fumar”.

Como é de se esperar o tema drogas vem acompanhado de outras questões. Aqui ele apresenta diferentes passagens: da necessidade da maconha para a escolha e uso recreativo

da mesma e da infância para o ser adulto. Sobre isso Dado diz: “meu pai falou que eu fiquei mais responsável quando passei para o segundo grau, eu fiquei calado mas pensei, é agora que tu consegue ver, porque eu há mais tempo estou adulto”. E, sob a categoria que intitulou “coisas da vida”, relata seus pensamentos de futuro, amores, escolha da profissão e responsabilidade.

Para encerrar o relato de sua história, nada melhor que suas palavras: “a gente sempre diz que os pais não vão estar a vida toda para nos cuidar, mas agora eu sinto isso mais, eu estou me responsabilizando pela minha vida, agora presto muita atenção nas aulas. Sabe, fiquei mais amigo do meu pai, não tenho mais tanto medo, falo mais com ele”.

2.1.1. Análise do caso

A toxicomania de Dado apresenta-se sob a lógica do suplemento, segundo a diferenciação proposta por Le Poulichet (1987/1990) e descrita na seção anterior deste trabalho.

As drogas, neste caso, são utilizadas, muitas vezes, numa continuidade do brincar infantil (Rassial, 1990/1999), como recurso para a realização dessa operação de passagem que é a adolescência, especialmente quando se trata de lidar com a castração.

Diversos “acting out” fazem com que Dado procure as drogas, especialmente a maconha, em momentos de angústia. Estes atos constituem um chamado aos pais. Além disso são, também, uma forma de lidar com a angústia produzida pela confrontação com a castração, com o novo estatuto que seu corpo adquire ao ocupar a genitalidade uma posição dominante (Rassial, 1997), bem como com a posição que esse sujeito deverá ocupar na relação com o Outro, não mais encarnado absolutamente pelos pais, mas também pelos pares.

Os pais de Dado respondem a esse chamado intervindo e apontando os limites na realidade contextual, com limitação de saídas e obrigação de trabalho, por exemplo. Ele obedece e se tranqüiliza, não sem revolta, ao constatar nestas atitudes parentais um amparo simbólico.

De forma geral, os “acting out” são associados por Le Poulichet (1987/1990) às toxicomanias de suplemento e as passagens ao ato às de suplência. A autora resgata a dimensão da alteridade na diferença entre um e outro conceito. Nos “acting out” o ato está

endereçado ao Outro, enquanto nas passagens ao ato, a conduta elimina a dimensão de alteridade.

Ao apresentar-se “drogado” perante a mãe, brigar e bater nos colegas ou, ainda, “fumar mato” em momentos de extrema angústia, Dado dirige-se a seus pais. Em alguns momentos com palavras - falar com seus pais sobre as drogas - em outros com o ato em si, por exemplo, aparecendo “drogado” aos olhos da mãe.

Entrando num mundo desconhecido pelos pais, Dado denuncia uma falha no saber parental. Ele conhece as drogas, os pais não. Porém, sabe do perigo que estas representam e incita os pais a marcarem sua preocupação pelo filho e sua função de autoridade. Neste caso, o recurso ao tóxico tem a função de ser uma continuidade do brincar infantil e de apontar aos pais algo que eles não sabem e Dado pode lhes ensinar. A experimentação de diferentes drogas e as deduções que Dado realiza sobre cada um dos efeitos produzidos colocam-se numa faixa limítrofe entre o brincar infantil e as dificuldades encontradas na adolescência. Dado brinca com as drogas, ao mesmo tempo que estas lhe permitem refletir e pensar, não mais como uma criança, mas “como adulto”.

O uso de drogas na adolescência como representação de uma continuidade do brincar infantil é tema de debate de Rassial (1990/1999). Neste ponto, o autor retoma as colocações de Winnicott sobre o objeto transicional e afirma que “a droga faz ofício de objeto de transição”(p.92). Além disso, a droga concentra a duplicidade de fazer função de significante e ser um objeto que denuncia a falta de ser do sujeito. As “viagens” de Dado mostram, por um lado, a ludicidade e, por outro, a duplicidade mencionada.

A polissemia do significante “viagem”, escolhido por Dado, nos conduz tanto ao efeito da maconha quanto à descrição de sua brincadeira preferida na infância. Dado hoje “viaja” com a maconha e, quando criança, “viajava” imaginando que as pessoas transformavam-se em monstros e outras personagens infantis. Viagens essas que o remetem ao Outro.

Mencionamos anteriormente os diversos atos de Dado quando se tratava de “ser adulto”. “Drogar-se” e fazer os pais vê-lo “drogado” não é uma encenação. Mostra-se aos pais para que estes o vejam e confirmem as referências simbólicas mas, também, na tentativa de validar um saber sobre as drogas. Isto é evidente quando Dado tenta convencê-los de que a maconha não é uma droga como as outras e que ela “faz bem”.

A maconha é a droga escolhida por Dado após ter experimentado outras. Esta escolha não é casual já que se trata, para ele, de efetuar a travessia adolescente. A cocaína e as colas não lhe permitiram, pelos seus efeitos, a realização da travessia. Trata-se de viajar de sua condição infantil para a condição adulta. Isso implica uma mudança de posição para a qual este sujeito precisa um auxílio (encontrado na maconha), no lugar onde o auxílio simbólico falha. Lembremos, aqui, de autores como (Le Poulichet 1987/1990), Petit (1987/1990) e Melman (1992) que se referem ao recurso às drogas e ao tóxico no lugar de uma falha da função paterna.

A falha na simbolização presentifica-se, também, no processo de reapropriação da imagem corporal própria da operação adolescente, relativa às mudanças fisiológicas reais. Estas, segundo Rassial (1997), são inicialmente não simbolizadas e depois mal-simbolizadas pela relação sexual. Aqui a castração reaparece para além do olhar dos pais que sustentaram, até esse momento, a imagem corporal. Agora, o adolescente verá reaparecer a castração em relação ao olhar de seus pares.

Aparece, então, um impasse no qual o olhar dos pais não é suficiente para sustentar a castração relativa à relação sexual, na nova organização do sujeito, regida pela genitalidade. Sabemos que nas toxicomanias, nas quais o corpo, neste caso um corpo modificado, encontra-se significado pelo Outro, o recurso ao tóxico tem por função “suspender” a castração (Le Poulichet, 1987/1990).

Se, por um lado, a adolescência reatualiza a castração (Rassial, 2000) e, por outro, o tóxico, na operação farmakon, constitui um recurso utilizado para lidar com os conflitos psíquicos, ao anestesiar o sofrimento produzido pela castração (Le Poulichet, 1987/1990), podemos assim entender o que leva alguns adolescentes a procurar um recurso no tóxico para realizar a travessia entre a posição infantil e a posição adulta. Este lhes possibilita suspender os conflitos relativos ao novo estatuto que deverá se assumido, num momento de dificuldades simbólicas. Como já dissemos, Dado ancora-se na maconha para realizar a travessia.

A maconha serve-lhe, também, para denunciar a falta de sustentação do saber parental. Esta falha no Outro, aí encarnado pelos pais, aparece quando Dado acusa-os de nada saberem sobre as drogas. Assim, presentifica-se na droga a falta do Outro. Paradoxalmente, ao denunciar essa falta provocando um movimento de revolta nos pais,

Dado referencia-se no Outro. Eles têm um saber não reconhecido por Dado, o saber sobre o perigo em que as drogas podem se transformar. Muitas vezes manifestado sob certo exagero, pela falta de informação e colado ao sensacionalismo atual sobre os “malefícios” das drogas, os pais fazem surgir um saber, que é referência para Dado. Na sua contestação, Dado faz aparecer o saber e a referência paternos.

Na fundamentação teórica deste trabalho, mencionamos as teorizações de Rassistal (1997) ao sustentar que uma das passagens a serem realizadas pelo adolescente é a procura de novas referências, ao constatar que aqueles a quem ele atribuía todo o saber- os pais- são incapazes de representar o mundo dos adultos, já que as promessas edípicas infantis foram uma farsa. Quando criança prometiam-lhe que no futuro o sujeito teria a possibilidade de acesso ao gozo. Na adolescência o futuro torna-se presente e o sujeito depara-se novamente com a castração, já que o gozo prometido, imaginado como ilimitado, não é total. O sujeito está, no caso das neuroses, submetido à interdição do incesto.

O recurso ao tóxico associa-se à incapacidade de representação do mundo adulto pelas referências parentais e apresenta-se como solução para anestesiar a dor da descoberta da farsa da promessa edípica ao, imaginariamente, permitir o acesso a um infinito temporal. O paradoxo deste recurso é, como já mencionado, que ao mesmo tempo em que procura “apagar” a castração, a torna evidente.

Por mais fragilizada que a função paterna possa se apresentar aos olhos de Dado, ela o sustenta e o organiza psiquicamente. O pai lhe propicia significantes aos quais poderá se identificar, por exemplo, o nome e a profissão. Dado referencia-se ao nome e ao lugar do pai quando, questionando-se sobre seu futuro profissional, diz pretender seguir uma profissão que lhe permita ficar no lugar do pai nos negócios. Além disso, insiste em apontar o prazer surgido nos momentos em que o pai conversa com ele para “mostrar-lhe as coisas erradas”.

O jogo de aparecimentos e desaparecimentos, semelhante ao “fort-dá” apontado por Freud (1920/1981), indicam-nos um jogo de presenças e ausências no qual o sujeito se insere. Freud aponta, nesse texto, o caráter de elaboração da ausência materna presente nesse jogo. Lacan (1953-54/1984) relaciona o fort-dá ao nascimento do simbólico. É pela

palavra que a criança pode significar a presença e a ausência. O fort-dá possibilita que o sujeito suporte a perda que a palavra supõe.

Se consideramos que a adolescência constitui o “après-coup” do estágio do espelho, momento lógico no qual ressignificam-se o olhar do Outro, o sintoma e o Nome-do-Pai pode-se entender este jogo realizado por Dado na mesma lógica, porém, com as dificuldades simbólicas que a adolescência implica. Dado não faz aparecer e desaparecer um brinquedo, mas se faz aparecer e desaparecer, seja nas sessões de análise, na escola, ou, ainda, “brinca” de eliminar e fazer retornar a angústia. Quando fuma maconha provoca um estado de consciência no qual a angústia desaparece.

Neste momento, então, Dado joga com o Outro, ao mostrar-se e esconder-se. Percebemos, aqui, mais uma vez o caráter “lúdico” do seu uso de drogas. Se na infância brincava com brinquedos e com sua imaginação ao “viajar”, transformando as pessoas em monstros, hoje ele “brinca” com um objeto químico e com o seu corpo.

Devido à “não-simbolização ou má simbolização” provocada pela mudanças pubertárias, este sujeito procura o recurso tóxico, na lógica de suplemento, nos momentos e lugares dessa falha simbólica. Para um melhor entendimento da escolha realizada por Dado faz-se necessário, ainda, acompanharmos o estatuto da droga nos diferentes momentos do seu tratamento.

Inicialmente, Dado apresenta-nos a droga, especialmente a maconha, como seu remédio perante um sintoma anterior. Foi esta que lhe permitiu ficar calmo na escola, atendendo ao apelo do pai: ser um bom menino.

A maconha apresenta-se, neste momento, como uma solução para remediar um sintoma escolar, atendendo à demanda do pai. No entanto, apesar de esta ser utilizada como calmante, o sujeito reconhece um perigo no poder de chegar a provocar dependência. Considera a maconha uma droga, mas com certa reticência, ora dizendo que é “boa”, ora ressaltando o perigo. As outras drogas, porém, são mais perigosas.

A cocaína, segundo afirma, provoca dependência. Dado reconhece nos seus amigos sujeitos que extrapolaram todos os limites para conseguí-la. No seu caso, foi a perda de uma roupa de grife que o levou a perceber um limite: a cocaína poderia levá-lo a um desajuste na balança econômica. Opta, então, por recuperar as roupas de grife ao invés de consumir “pó”.

Esta opção ressalta sua inserção simbólica, prefere a marca de uma palavra (uniformizada no seu grupo de amigos) do que uma marca no corpo, provocada pelo uso da cocaína.

Apesar de a cocaína parecer ter para Dado um lugar definido, podendo ele olhá-la com certo distanciamento, não acontece o mesmo com a maconha. Esta provoca-lhe prazer. Além disso, apresenta funções calmantes, e é em relação à maconha que Dado se perguntará pela sua identificação ao significante “viciado”. Suas incursões pelos caminhos das colas seguem um rumo parecido ao da cocaína. O limite não se dá em função dos valores econômicos nem pela grife, mas em função do efeito desagradável e assustador que elas provocam. Recusa, mais uma vez, uma marca puramente corporal.

A maconha ou “mato”, segundo sua denominação, a partir de determinado momento do tratamento passará a ser a droga escolhida. Esta nem sempre é significada como droga. “Coisa boa”, “porcaria”, “prazerosa”, “coisa ruim” são algumas outras das suas significações. Porém, a pergunta sobre sua identidade de “viciado” continua ao longo do tratamento.

O estatuto significante da droga adquire, na gíria por ele utilizada, a função de, ao mesmo tempo, referenciar-se no discurso materno e diferenciar-se do Outro. A mãe dizia: “as pessoas que usam drogas **matam** os pais”. Dado chama a maconha de **mato**. Os pais **morrem** simbolicamente e, neste caso, é a maconha que auxilia o sujeito. O **mato** condensa as significações referentes à diferenciação e ao remédio/veneno do tóxico.

As várias significações relacionadas com a maconha, remetem-nos ao conceito de farmakon (phármakon), resgatado por Derridá (1972/1997) de Platão bem como à teorização realizada por Le Poulichet (1987/1990, 1991) sobre a operação farmakon nas toxicomanias.

Derridá (1972/1997) ressalta a polissemia deste termo grego, apontando para a possibilidade das seguintes traduções: “remédio”, “veneno”, “droga”, “filtro”. Ser benéfico e maléfico é estatuto do farmakon.

Le Poulichet (1987/1990) toma essa idéia de continuidade entre o remédio e o veneno para explicar a operação farmakon, que transforma a droga em tóxico em função dos processos psíquicos associados à falha da função paterna e ao conseqüente estatuto que o corpo assume neste casos.

A maconha constitui para Dado, assim, o farmakon. Esta é, ao mesmo tempo remédio e veneno e, conseqüentemente, tóxica. A utilização da mesma, no entanto, vem sempre acompanhada de uma pergunta endereçada ao Outro. Ele insiste em perguntar: “sou viciado?”

A resposta final encontrada é negativa, porém, não interrompeu o uso. Podendo afirmar que não é viciado, admite gostar dos efeitos produzidos pela maconha e poder utilizá-la somente nos momentos em que ela não interfere nas suas obrigações cotidianas. Um sonho que se repete, com uma sutil diferença, marca a passagem de uma posição de sujeito para outra, em relação ao tóxico. O primeiro sonho aparece num momento de abstinência. Neste Dado via-se fumando maconha e dizia não poder fumar. No segundo sonho, também acontecido num momento de abstinência, refere ter se esquecido de que tinha parado de fumar (grifos meus). As associações relativas a este último trazem questionamentos sobre sua decisão de interromper o uso de maconha por causa dos prejuízos que esta lhe ocasiona, especialmente na escola.

No primeiro sonho, o não poder fumar associa-se a uma proibição parental da qual ele não se apropriou. A proibição constituía um retorno do Outro, encarnado nos seus pais em relação à maconha. Nisso o retorno recebido de seus amigos era diferente do dos pais. O sujeito aparece aí numa situação de recebimento passivo das “ordens” dos pais e do uso da droga.

O segundo sonho traz um esquecimento. São duas formações do inconsciente: o sonho e o esquecimento. As associações relativas a este sonho apontam para uma apropriação do “não fumar” em função do prejuízo que a droga pode lhe trazer. Esta mudança de posição da completa passividade para um início de atividade custou-lhe muita angústia, durante quase todo o tempo de seu tratamento.

A possibilidade de pensar na sua ação (de fumar maconha) marca a passagem da proibição para o esquecimento, ambos presentes nos sonhos. No “não poder fumar” o ato de fumar aparece colado, sem mediação, às palavras do Outro, encarnado pelos pais. No sonho ele fuma não podendo fazê-lo, ou melhor não podendo colocar a intermediação do pensamento entre as palavras dos pais e o ato de fumar. O paradoxal nesta situação é que essa falta de mediação simbólica aparece num sonho, e este por si só é um recurso de

simbolização. Cabe aqui ressaltar que esse sonho apareceu para o sujeito junto a uma impossibilidade de associar livremente.

Dado consegue realizar associações a partir do segundo sonho, associações essas que o levam à possibilidade de falar, pensar e refletir sobre sua ação. Isso demonstra o ressurgimento de um terceiro na relação ao Outro e à droga, bem como a simbolização do “acting-out”.

A partir desse momento, Dado iniciará um movimento pendular em relação às duas posições, ora vê-se “ativo” ora “passivo”. Isso até poder responder à pergunta sobre sua condição de “viciado”.

Existe uma relação direta entre essa mudança de posição e o retorno recebido do Outro, encarnado pelos pais e pelos amigos.

Numa tendência a colar-se às palavras da mãe, Dado se diz viciado no momento inicial de reflexão sobre sua condição. São necessárias as intervenções da analista para que essa aparente verdade retome um estatuto de questão. É drogado? É um drogado de “de manhã”? Não é drogado, só gosta de usar de vez em quando? O trajeto de Dado com as drogas pode ser acompanhado pelas nomeações que ele se atribui. Durante um percurso que durou quase dois anos, ele passa de denominar-se “viciado” a dizer que usa drogas “de vez em quando porque gosta”. Constata-se, mais uma vez, nestas denominações, a mudança de posição do sujeito. O “viciado” reserva ao sujeito uma posição de quase aniquilamento, Não há possibilidade de nada fazer perante a droga e, discursivamente, o sujeito confunde-se com a droga. Ao dizer que “usa porque gosta” o tóxico não mais define o sujeito.

Os pais de Dado respondem de forma diferenciada à pergunta do filho sobre seu “vício”. A mãe, colada às notícias da mídia, lembra que as drogas podem levá-lo a matar os pais e nomeia-o enquanto “drogado”. O pai veta as drogas, mas possui outra postura, Dado não é drogado, mas precisa ter cuidado para não transformar-se num. Foi necessário o pai intervir no discurso materno, apontando uma saída diferente da de toxicômano para que seu filho pudesse realizar a passagem mencionada. À analista, nesse momento, coube o papel de mediadora.

Os amigos são também mencionados por Dado como aqueles que apostam ou duvidam de suas decisões de “parar de usar”, ou como pessoas cujo comportamento ele pode questionar, espelhar-se e afastar-se. No entanto, não são eles que influenciam nas

decisões de Dado sobre o uso de drogas, e sim, seus pais. É com os pais que ele barganha as saídas, a possibilidade de ficar em casa sozinho em troca do bom comportamento.

Desta forma podemos diferenciar os retornos recebidos do Outro quando quem o representa são as figuras investidas de autoridade, colocadas numa hierarquia diferenciada (por exemplo os pais) e quando representado por figuras de hierarquia semelhante (os amigos). Quem faz diferença na escolha de Dado são as figuras investidas de autoridade e não seus semelhantes.

A possibilidade de mudança de uma posição de sujeito para outra está associada como mencionamos, ao retorno recebido pelo Outro, em especial quando este aparece encarnado por figuras hierarquicamente diferenciadas. Aparece, aqui, uma das questões fundamentais da operação adolescente, a saber, a reapropriação de uma imagem sob o olhar do Outro (Rassial, 1990/1999). Olhar esse que merece algumas considerações quando se trata, como neste caso, de um recurso ao tóxico.

Dissemos acima que Dado passa do “acting-out”, no qual o sujeito quase desaparece, para uma posição na qual ele pode se apropriar de um dizer parental sobre seus atos, passagem marcada pelo ressurgimento do simbólico, o qual falhou por um momento. No “acting-out”, o olhar desencadeia uma ação diretamente- o “tu és drogado” desencadeia a ação de drogar-se. No momento seguinte uma dimensão de alteridade é resgatada. Aqui, re estabelece-se a estrutura triádica no olhar.

Lacan (1953-54/1984), ao falar da inscrição do sujeito no simbólico, aponta para esta estrutura do olhar. Diz Lacan que o reconhecimento marca a relação simbólica. O olhar que reconhece o sujeito possui uma estrutura triádica: eu vejo alguém me olhando (relação a dois) e esse alguém sabe que eu sei que ele me olha (terceiro elemento). Apesar de o reconhecimento marcar a relação simbólica, o olhar pertence também ao registro do imaginário, uma vez que possibilita a constituição de uma imagem a partir do outro.

Nesse “après-coup” do Estágio do espelho, no qual o olhar está em jogo, Dado procura o reconhecimento de seu crescimento. Aparecem, também, os conflitos edípicos. No questionamento sobre a fronteira do seu recurso ao tóxico, duas associações aparecem: o dinheiro e o pai. O dinheiro faz limite quando Dado se dá conta de que poderá vir a trocar seus objetos por droga. O pai faz limite real proibindo o uso de drogas, condicionando esse fato às saídas noturnas.

Associada ao pai vem, também, sua falência. Falência nos negócios que apresenta a falha do pai ideal. A mãe confirma essa falência quando aponta a perda da potência de seu marido, dizendo ao filho que depois de um fato determinado, nunca mais foi a mesma coisa. Este fato, segundo Dado, ficou “deslembrado” mas não esquecido.

A mãe insiste em apontar as falhas paternas, chamando Dado a optar pelo amor materno. Isso manifesta-se nas diversas situações de cumplicidade em relação ao silêncio sobre episódios com drogas. Porém, a mãe o remete ao pai, quando quebra a cumplicidade, sendo isso vivenciado como uma traição por Dado, a qual que o irrita e tranquiliza. A evidência do pai como terceiro na relação com a mãe recoloca as referências que Dado irá utilizar para relançar-se enquanto sujeito, nessa operação que é a adolescência.

O antagonismo liberdade X prisão é recorrente no discurso de Dado, apontando dois significantes associados à passagem do olhar parental para o olhar do semelhante. Aparecem aí os “acting-out”, nos quais precisa mostrar-se “drogado” aos olhos da mãe. “Acting-out” realizados sempre que sente uma excessiva liberdade por parte dos pais.

Ao entendermos a operação adolescente como um “après-coup” do estágio do espelho (Rassial, 1997), compreendemos que esses “acting-out” relacionam-se com o risco de pane decorrente das operações fundadoras que o sujeito deve realizar, na adolescência, para recolocar suas questões infantis. O ato de “drogar-se” possui um destinatário.

O recurso ao tóxico de Dado aparece no hiato, marcado pela falta de simbolização, tentando uma reparação da pane subjetiva. Ao mostrar-se “drogado” aos olhos maternos faz surgir uma nova denominação com a qual pode se identificar. Se no Estágio do espelho a mãe reconhece seu filho ao significar o corpo e apontar-lhe seu lugar no desejo, neste “après-coup” ela o significa como “drogado”. Dado cola-se a essa significação, não apresentando, num primeiro momento, qualquer questionamento. É necessária a intervenção de um terceiro (pai, analista) para haver o deslocamento dessa significação.

No caso apresentado, Dado constata a eficácia do Nome-do-pai. Isso lhe permite formular o desejo de assumir o lugar do pai (nos negócios). Essa eficácia é confirmada quando é possível a Dado escutar as palavras do seu pai, seja em relação ao seu crescimento (“tu não precisas mais babá”) seja em relação ao “ser drogado” (“tu não é drogado mas tens que ter cuidado para não transformar-te num”). Qualquer um desses dizeres interdita o desejo materno em relação a Dado. A mãe o denomina “drogado” e

aproveita-se disso para impedir as saídas noturnas, estas associadas às “necessidades de masculinidade”. É pela interdição paterna, mediadas, no momento de tratamento, pela analista, que Dado pode deslocar o lugar do tóxico. Assim, as drogas deixam de ser o eixo central do seu discurso para dar lugar aos questionamentos sobre a profissão, a sexualidade e outras “coisas da vida”(sic).

Os “acting-out”, neste caso, pela via do uso de drogas, associam-se ao reconhecimento materno e ao questionamento da eficácia da função paterna. Quando Dado duvidou da eficácia do pai enquanto interditor do desejo materno, procurou as drogas, transformando-as em tóxico ao estabelecer-se aí uma relação a dois.

A recorrência destes episódios assemelham-se ao brincar infantil, porém, sem a dimensão do “faz de conta”. O uso de drogas, no momento do “acting-out”, elimina a dimensão metafórica do brincar. Assim, ele pode “ser” a droga, o marginal, o drogado e colar-se sem intermediação simbólica às palavras de sua mãe. As intervenções limitadoras lhe permitem conferir o amparo da interdição, possibilitando a diferenciação em relação ao olhar materno e, conseqüentemente, voltar à dimensão da metáfora. Por isso, Dado pode mudar sua posição e usar drogas não mais para “ser” a droga, o drogado, ou para remediar seus sintomas de fracasso, mas para divertir-se, para brincar, uma brincadeira que ele reconhece como perigosa, o que lhe permite preocupar-se e diminuir o uso quando avalia que “está demais”.

2.1.2. Recortes transferenciais

Como observamos no caso de Dado, o seu uso de drogas constitui uma toxicomania de suplemento, sendo uma de suas perguntas principais: “sou viciado?”. Constatamos, ainda, que ele recorre aos pais e também à analista para encontrar a resposta a essa pergunta. A mãe confirma o “diagnóstico”, o pai o nega, porém, apontando os cuidados necessários. A analista questiona a verdade materna, possibilitando a Dado escutar as palavras de seu pai. Apontamos, também, que Dado procura diferentes olhares, o dos pais e o de seus semelhantes, mas é o de seus pais que ele utiliza como referência. O que aconteceria se Dado tivesse ficado com a resposta materna a sua pergunta? Ou, ainda, se a analista tivesse avalizado essa resposta, falando, inclusive, em nome da ciência? Provavelmente encontraria a resposta “sou viciado”, e esse seria o novo olhar encontrado no espelho.

O processo terapêutico de Dado foi marcado pela escuta das questões referentes às drogas, sem optar por reforçar a “ruindade” ou a “bondade” dessas, para que ele pudesse realizar todas as perguntas necessárias sobre sua adolescência e deslizar o foco do seu discurso, das drogas para as outras “questões da vida” (segundo suas palavras): escola, sexualidade, etc.

Nesse processo, a palavra do pai passa por momentos de descrédito precisando ser reforçada pela analista, tanto no discurso de Dado quanto solicitando a presença do pai na sessão. A presença de pai, mãe e filho foi fundamental num momento do tratamento no qual Dado parecia confuso em relação à liberdade conquistada.

Isso possibilitou a reapropriação da referência paterna, no momento enfraquecida, e a evidência das repetições decorrentes da identificação com o fracasso paterno (falência nos negócios), bem como com algumas impossibilidades colocadas pelo pai (ele não pode estudar).

Longe de propor modificações no comportamento, como por exemplo , abandonar seu grupo de amigos, tratou-se da significação e das implicações inconscientes que o uso de drogas apresentava para Dado. Isso teve como consequência a modificação de certos comportamentos (não fumar, não fumar antes das aulas, somente fumar nas festas, aceitar as condições parentais), porém, sendo isso reflexo de uma mudança de posição do sujeito em relação às drogas.

A escuta psicanalítica permitiu, também, realizar um diagnóstico em relação ao tipo de uso de drogas. Dado apresenta uma toxicomania na lógica do suplemento, porém, dependendo da resposta encontrada à sua pergunta “sou viciado?” poderia construir-se outro destino.

Enfatizamos que se trata, nesta operação adolescente, da procura de uma referência simbólica que foi reencontrada, por isso a resposta de seus pares, apesar de encarnar por momentos o Outro, não constitui essa referência. Esta apresenta uma via de identificação imaginária.

A intervenção de um terceiro nesse momento foi crucial para o destino de Dado. Se tivesse ficado preso ao discurso materno, o qual o fazia ensurdecer as palavras do pai, a via toxicomânica teria se apresentado como solução. Assim, salientamos a importância terapêutica da realização de uma diferenciação entre uso de drogas e as toxicomanias, bem

como entre as diferentes lógicas toxicomaníacas, para não cairmos na cilada de apontar uma via de identificação com o “vício”.

A diferenciação diagnóstica mencionada não é realizada a priori, mas durante o processo de escuta. Freud (1913/1981) já apontava para a distinção entre o diagnóstico em psicanálise e o diagnóstico psiquiátrico. O primeiro é realizado ao longo do tratamento, o segundo é realizado antes da prescrição de tratamento.

Uma das dificuldades encontradas pelo analista, nestes casos, está em não atribuir ao uso de drogas uma significação moral ou uma preocupação com os prejuízos para a saúde, evitando, dessa forma colar-se aos discursos parentais, sociais ou científicos biologizantes.

Não trabalhamos a partir de um saber absoluto sobre as drogas, um saber a partir do qual poderemos indicar a melhor saída para “livrar-se” das mesmas, mas a partir de uma verdade inconsciente, verdade esta que nos levará a entender o recurso ao tóxico.

No caso de Dado, evidenciou-se um pai enfraquecido pelo discurso materno e pelas questões adolescentes acima apontadas - denúncia de uma falha em representar o mundo adulto, queda do pai ideal, dentre outras. Soma-se a isso uma identificação imaginária a seus pares- os amigos- todos inscritos no discurso da sociedade atual que apresenta as drogas como remédio para a dor provocada pela descoberta dessas falhas.

As questões aqui descritas indicam que o nosso entendimento do uso de drogas distancia-se do conceito de doença incurável. O uso de drogas no caso de Dado apresenta-se como um sintoma tóxico. Na medida que esse sintoma é trabalhado, permitindo a associação do mesmo com os processos inconscientes recalçados, modifica-se o lugar que as drogas ocupam na vida de Dado. Estas passam a adquirir uma nova significação. Não são mais o remédio (que pode tornar-se veneno) para os seus males na escola e na relação com os pais ou para sua angústia pelas modificações pubertárias, mas transformam-se num divertimento. Constata-se, assim, uma mudança na posição do sujeito. Esta, como mencionamos anteriormente, oscila. Dado apresenta períodos nos quais as drogas não se apresentam enquanto tóxico e outros nos quais há um recurso ao tóxico. Esta possibilidade de oscilação já constitui um deslocamento da posição inicial do sujeito em relação às drogas. Não fazemos então, uma equivalência entre abstinência às drogas e a cura. (ver capítulo V, seção 5.3.2)

Durante o processo terapêutico, Dado atribui à analista diferentes lugares transferenciais. No tempo inicial de sua análise lhe demanda que julgue as drogas, dizendo se estas são boas ou ruins; julgamento este que se estende a ele mesmo: por usar drogas ele é um bom ou mau menino? Quando o julgamento não está mais em questão, reconhece na analista alguém para quem pode falar de suas questões sem ser julgado e sem que sua mãe tome conhecimento.

No entanto, para isso ser possível, a analista foi muitas vezes colocada no lugar da mãe. Assim, ele a ignorava, não se lembrando de seu nome e faltando às sessões. Ao ser questionado sobre as faltas, ele mencionava esquecimentos ou outras atividades mais importantes no mesmo horário. As ausências nem sempre significaram indiferença, mas sim um jogo de aparecimento e desaparecimento, para poder elaborar o descolamento em relação à mãe. Aí a analista, além de representar o objeto jogado fora e recuperado, transforma-se em mediadora do dizer paterno que o auxiliará a efetivar o deslocamento em relação às palavras e ao olhar da mãe, bem como a escutar o reconhecimento paterno em relação ao seu crescimento.

O jogo transferencial de esconde-esconde apresenta outros jogos e imprime um caráter lúdico ao processo de análise, ludicidade na qual Dado alterna-se com a droga como brinquedo principal. É ele quem aparece e desaparece nas sessões ao mesmo tempo que aparece e desaparece enquanto criança perante os olhos da mãe. As drogas são por vezes objetos perigosos e, por vezes, parecem ser um brinquedo nas suas mãos. Como já foi dito, estas lhe permitem realizar hoje as viagens que outrora realizara imaginando monstros.

As drogas encontram-se, então, num lugar de transição entre o brincar infantil e a responsabilidade que o mundo adulto lhe apresenta. A escolha por ficar “sem drogas” ou, em outro momento, “fumar nas festas” foi realizada após Dado ter podido falar da sua preocupação com a inserção no mundo do trabalho, a escolha profissional e a possibilidade de “ficar sem os pais”. Quando o sujeito encontra-se na posição “criança” as drogas, especialmente a maconha, propiciam-lhe viagens das quais não tinha intenções de escapar. Quando mais próximo do “adulto” os efeitos das drogas são questionados, abandonando os “perigosos” e preferindo os “prazerosos”. Certamente esta distinção é didática, pois não é possível uma separação tão perfeita dos mesmos. Dado diz isso ao apontar: “não é fácil se controlar, mas eu consigo... às vezes”. Salientamos, no entanto, a significação que ele

atribui às drogas nos diferentes momentos de um movimento pendular entre a infância e o ser adulto. Nessa passagem, a intervenção paterna é fundamental. O pai lhe aponta: “não precisas mais de babá” e o reconhece: “isso é comportar-se como gente grande”.

Durante o período de seu tratamento, Dado tratou das novas exigências colocadas pela sua puberdade bem como das questões recalcadas associadas aos seus sintomas uso de drogas e fracasso escolar. Ao pai foi impossibilitado o estudo na idade em que era esperado que o realizasse. Porém, consegue estudar em idade mais avançada, com a imagem de “super-homem” aos olhos de seu filho. Dado repete a impossibilidade de estudar, dizendo “não gostar” de fazê-lo. Soma-se a isso a responsabilidade que o “estudar” representa num momento em que prefere o brincar da infância.

O estudo concentra várias significações: superação do pai, atendimento ao pedido paterno de ser um bom menino, repetição da impossibilidade paterna e a responsabilidade ligada ao futuro. Além disso, o estudo associa-se à infância, quando era recompensado mesmo sem ter se dedicado à escola.

Num primeiro momento do tratamento, Dado fracassa repetindo o ano e apresentando uma série de problemas de disciplina que o levam a acalmar-se com a maconha. Após a escolha de não mais remediar sua angústia escolar com a droga, inicia um doloroso processo de estudo no qual ele sempre se defronta com o “não gostar” ou “ter preguiça”, anunciando sempre um fracasso escolar, o qual não chega a acontecer, uma vez que ele pode falar.

O reconhecimento paterno de seu crescimento e de seu progresso na escola auxiliam no processo de passagem, permitindo a Dado responder a seu pai. . O pai atribui ao segundo grau a “responsabilidade” de seu filho e Dado faz o contraponto, pensando: “eu há tempo que estou adulto, agora é que tu consegue ver”.

Essa frase é um marco no tratamento de Dado em relação à operação adolescente. Afastando-se do lugar habitual de rebeldia, vê-se adulto. Para isso, dispensa a imagem do olhar materno e paterno podendo falar de sua imagem construída a partir do reflexo do olhar dos pais e dos pares (amigos, namoradas). Isto permite-lhe falar de suas “necessidade de masculinidade” e de outras questões ligadas à sexualidade genital.

2.2. Floriana

Quando a vejo na sala de espera imagino que ela tem 18 anos. Surpreendo-me ao saber sua idade: 14 anos. A mãe parece sua irmã mais velha. Bonita e bem arrumada Floriana me olha com cara de quem não sabe o que faz naquele lugar.

É sua mãe quem inicia a história. Floriana foi encontrada junto a uma amiga, quase desmaiada entre latas de cola de sapateiro; o pai da menina as levou para a Dipame (delegacia do menor, na época). Elas tinham planejado fugir, mas a cola as prendeu na casa da amiga.

A mãe de Floriana critica a atitude desse pai: “minha filha precisa de ajuda e não de polícia”. Numa atitude rara na maioria dos pais de filhos que se envolvem com drogas, acrescenta sem medo: “eu sei que ela tem um monte de problemas relacionados à idade e é por isso que eu a trouxe, acho que o que ela fez com as drogas é uma forma de me dizer que precisa de ajuda para as outras coisas, tu vê, os pais da outra menina a internaram numa clínica”.

Floriana confirma os acontecimentos. Nas primeiras sessões parece não ter nada a dizer, até que um dia pede-me para esperar uns minutos, ela quer terminar de ler o horóscopo. Enunciando, pela primeira vez, um pedido, afirma querer saber coisas sobre a vida, sobre o amor, sobre “essas coisas”. Pode, então, falar do seu lugar em relação aos pais. A separação dos pais, os novos namorados de ambos, a sua relação com eles, são os assuntos prediletos.

Cria, posteriormente, uma série de escândalos, sempre relatados pela mãe. Para Floriana estes mais parecem brincadeiras. A primeira destas brincadeiras transgressoras aconteceu quando quase foi expulsa do colégio, por estar rindo em horário de aula, dizendo que o crucifixo se mexia. Isso foi o efeito da ingestão de álcool com medicamentos roubados da clínica, pela sua amiga. Esse fato requereu a minha presença na escola, com o intuito de tranquilizar a direção e as professoras, afirmando que a menina encontrava-se em tratamento e constatando que ela não precisava de internação, como era o desejo destas.

Após ter provocado o tumulto, Floriana, aparentemente alheia ao problema criado, teve uma única preocupação: “será que vão descobrir a caixinha de remédios e a garrafinha de uisque jogadas num ralo?”

A mãe diz: “já falei para ela que eu também fazia coisas que não devia na idade dela, mas que faça bem feito, sem que a vejam”. Apesar do esforço realizado pela mãe para ser “amiga” da filha, Floriana a rotula de “chata e careta”.

Falar dos seus amores voláteis, dos meninos com os quais “fica”, dos que ela gosta e dos que não gosta, torna-se o ponto central das sessões.

O episódio mais recente é novamente relatado pela mãe: passando um feriado numa praia, saiu à noite, ficou alcoolizada e esteve a ponto de tirar a roupa na praça. Foi salva pelo irmão, que a levou para casa. Chegou com as roupas rasgadas.

A versão de Floriana é, mais uma vez, “debochada”. Ela ri dizendo que começou a beber e depois não lembra do que aconteceu. Da mesma forma que no episódio anterior, o relato prenuncia o que será falado. Neste caso, o corpo encontra-se em jogo.

Como num passe de mágica passa do ar de adolescente rebelde para o de criança e começa a desenhar. Seus desenhos revelam suas inquietudes. Num destes, Mickey e Minnie de mãos dadas embaixo de um coração com seus nomes escritos, em frente ao cinema no qual lê-se o cartaz do filme “Uma linda Mulher”. Em outra folha aparecem Pateta e Alice, também de mãos dadas. Desenha, ainda, o seu quarto cor de rosa, o que a leva a dizer da vontade de mudá-lo. Não gosta mais dele, é muito cor de rosa e ela não é mais menina. A mãe reclama porque faz pouco tempo aceitou trocar a decoração, a pedido de sua filha.

Seus desenhos marcam as mudanças e questões: o novo quarto imaginado; uma sereia transformando-se em roqueira e, posteriormente, uma roqueira de braços, cintura e pernas amarrados.

Finalmente, inicia um período musical no seu tratamento, desenhando capas de CDs nas quais lê-se “body cont” (o nome da banda é Body Count) e no meio delas uma figura de sexo indefinido sentada de pernas cruzadas. Chamam-nos a atenção as formas desse desenho. Somente o rosto é bem definido, o corpo não o é, e sabemos, em função dos desenhos anteriores, que Floriana é capaz de delinear bem o corpo. As sessões transformaram-se em shows, ela canta.

Nesse meio tempo troca de escola porque a mãe entendeu que na anterior estava sendo rotulada e nada “bom” do que ela fazia era reconhecido pela escola.

As músicas continuam sendo sua forma de falar. As mais escolhidas: Faroeste Caboclo e Geração Coca-Cola (uma cópia das letras das músicas encontra-se no Anexo B),

presentificam a contradição. A primeira apresenta um “fora-da lei” – Jeremias maconheiro sem-vergonha.... a segunda aponta uma geração consumista. Floriana diz perguntando: “legal essa música, não acha? É contra tudo. O maconheiro é contra a sociedade”.

Lembro-lhe que a letra da música escolhida a seguir não é nada anti-social, é uma música que denuncia o consumo. Quem consome maconha também é consumista, então, faz o que a sociedade espera e manda. Acrescento: “penso que se alguém quer ser anti-social poderia ser mais radical!”

Desta vez a transgressão não precisou ser encenada, a sua angústia e perguntas foram cantadas. Como nas vezes anteriores, as perguntas e angústias propiciaram uma virada. Seus compromissos de vida, os estudos, o futuro, os amores são trazidos à cena. Passa de ano e faz das férias o término de seu tratamento.

2.2.1. Análise do caso

A toxicomania de Floriana organiza-se numa lógica de suplemento, na qual constata-se uma referência ao Outro. Apesar de nesse ponto apresentar semelhanças com o caso de Dado, algumas particularidades merecem destaque e são as que passaremos a desenvolver.

Este caso é paradigmático das diferentes formas de reação que podemos encontrar, por parte dos adultos, ao uso de drogas de um adolescente, bem como do estatuto que o corpo adquire na adolescência, procurando-se uma saída pela toxicomania.

A mãe de Floriana reage de forma diferente do que o pai da colega e as professoras da escola à descoberta do uso de drogas por parte de sua filha. Estes últimos apavoram-se, encaminhando o destino das meninas pela via da internação e pela via policial. O entendimento demonstrado pela mãe de Floriana não é usual. Ela consegue entender que essa toxicomania é um sintoma que revela outros problemas. Não se preocupa com o uso de drogas em si, mas deduz serem as questões adolescentes da filha o problema maior.

Como percebemos durante o percurso de seu tratamento, essas questões referem-se às conseqüências das modificações corporais, associadas a um novo estatuto do corpo, ligado à genitalidade e a um novo valor desse corpo, já que o semelhante poderá ser a encarnação do Outro, além dos pais (Rassial, 1990/1999).

A adolescência se apresenta, como foi mencionado anteriormente, como uma pane subjetiva. Pane que se relaciona ao olhar e reconhecimento do Outro, ao questionamento e denúncia da falta de eficácia paterna e à relação genitalizada ao outro (Rassial, 1997). É nessa pane que as drogas se apresentam como uma solução na qual a angústia parece ser aliviada.

O desenho, a lápis, de uma menina, quase criança, que muda seu corpo pelo traço sobreposto da canetinha, é a forma que Floriana utiliza para falar da modificação pubertária de seu corpo. Recalca o corpo infantil (as linhas do lápis ficam apagadas) e mostra seu “novo corpo”. A partir daí ela poderá questionar-se sobre seu lugar no mundo, seja em relação a sua atividade de estudante ou na relação com seus semelhantes, na qual os meninos têm prioridade.

Além do desenho da menina-rockeira , o da capa de um disco e o ato falho que ali aparece, mostram suas perguntas sobre a passagem de uma forma corporal para outra. Desenha uma pessoa, sem identificação de formas masculinas ou femininas. “Body cont.” seria o nome de uma banda cujo disco ela desenha. O nome da banda a que ela se referiria é “Body count”.

Corpo é a tradução de body, count traz a idéia de contar e cont. de continuidade ou continuação. Floriana fala então dessa passagem-continuação entre seu corpo infantil e o corpo adulto.

As mudanças corporais são provocadoras de angústia. Inicialmente, Floriana não consegue colocá-las em palavras, recorrendo, então, ao “acting-out”, mostrando seu corpo em praça pública. Numa tentativa fracassada de anular a angústia provocada pelas mudanças do corpo e pelo escândalo produzido, deixa fluir o álcool no seu corpo, e esquece.

Como em momentos subseqüentes do seu tratamento, os “acting-out” provocam a fala. Assim, Floriana pode colocar no desenho suas questões. Na praça, mostrou-se aos outros. É o olhar dos seus pares, provavelmente os do sexo oposto, que ela procurava, porém, perdendo as referências. Nesse momento, a referência paterna parece falhar e Floriana mostra-se ao outro, sem sequer guardar os limites impostos pela vestimenta.

Operação de passagem do olhar e reconhecimento materno para o olhar genitalizado do outro sexo, segundo as colocações de Rassial (1990/1999), provocadoras de uma pane

na qual as referências paternas são testadas. Neste caso, a intervenção materna faz função paterna. Isso evidencia-se pela fala de Floriana sobre a relação de seus pais e das proibições que estes lhe fazem. Proibições sempre questionadas em função da separação de ambos.

A constituição de novos casamentos ou de novas relações temporárias de seus pais com outras pessoas são as ferramentas que Floriana utiliza para questionar a autoridade. “Eles não podem me proibir as coisas se eles saem com outras pessoas”.

Sua mãe torna-se “chata e careta”, por ser tomada no lugar de autoridade. Evidencia-se, nesse ponto, como são os olhos de Floriana os que vêm autoridade nas atitudes maternas, já que há nesse momento um esforço da mãe em ser “igual” à filha.

A falta de simbolização das modificações pubertárias, bem apontada por Rassial (1990/1999), provocam os mencionados “acting-out”. Floriana mostra seu corpo aos meninos e mostra-se “problemática” para a mãe.

O recurso ao tóxico efetiva-se nos momentos de falha na autoridade do Outro e de rebeldia contra a autoridade quando esta se manifesta. Lembremos, neste ponto, de Le Poulichet (1987/1990) quando aponta que a falta de simbolização do corpo pelo Outro será provocadora de “acting-out” e passagens ao ato. Neste caso, as atuações incluem um terceiro ao qual se mostrar, por isso as consideramos “acting –out”. Então, Floriana recorre ao tóxico quando falha a significação corporal que marca as mudanças do “ser criança” para o “ser adulto”. É somente num momento posterior que ela poderá falar, possibilitando a simbolização.

O álcool, a cola e os medicamentos parecem estar colocados na transição entre os brinquedos (representantes da infância) e a responsabilidade implicada no estudo, que vem apontar o ser adulto. Floriana faz sintoma na escola, seja pela via da indisciplina, seja pela do estudo.

Apresenta-se, aqui, uma outra face da operação adolescente: o teste à eficiência do Nome-do-Pai. No caso de Floriana, este vem pelo confronto com a autoridade.

As drogas auxiliam-na a transgredir e perguntar-se pelos limites dessas transgressões. Pergunta-se: o que ela deve mostrar? O que ela deve ocultar? Engaja-se num jogo de esconde-esconde ou esconde-mostra: escondeu o álcool, mas mostrou os seus

efeitos, aparecendo alcoolizada. Além disso, ataca um dos fundamentos da filosofia de sua escola: a religião.

O jogo que ela propõe apresenta o mesmo paradoxo que sua referência ao Outro. Floriana mostra-se, ao esconder, e evidencia sua referência a um terceiro, ao denunciá-la. Ao rebelar-se contra a autoridade, mostra que esta existe. Há uma função contra a qual se revoltar.

A proposta de sua mãe é, também, paradoxal. Ao dizer à Floriana “podes fazer as coisas mas sem ser vista” a mãe transmite sua experiência numa posição diferenciada da de Floriana (quando era menina fazia assim), porém, numa tentativa de anular essa diferenciação hierárquica chama sua filha para a cumplicidade. Além disso, aponta o “ser vista” como questão principal. Floriana responde a este apelo, mostrando o seu corpo e mostrando-se alcoolizada.

No lugar onde busca na mãe palavras que simbolizem as modificações pubertárias e psíquicas - lembremos que lhe exige um quarto de adulto- encontra palavras que lhe apontam o olhar do outro como questão fundamental. Assim, os “acting-out” transgressivos sucedem-se tendo sempre um outro como espectador.

Aos atos de transgressão segue-se a musicalidade, metaforizando, assim, suas questões. Floriana canta o hiato relativo à autoridade, denunciando a hipocrisia social. Jeremias é o símbolo da marginalidade - maconheiro e sem-vergonha, vive numa sociedade de consumo (geração Coca-cola).

O retorno recebido da mãe, em relação ao uso de drogas, merece ser destacado. Já apontamos o esforço materno em aparecer enquanto um par para sua filha, tentando eliminar a hierarquia existente entre as gerações, tentativa frustrada que sempre recoloca as referências identificatórias.

Sua mãe preocupa-se em não aderir à referência de marginalidade que começa a delinear-se pelo retorno recebido pela escola e pelo pai de sua amiga. Este e as professoras oscilam entre a atribuição de marginalidade ou de “doença”, encaminhando-a à polícia, no primeiro caso, e a uma clínica para internação, no segundo.

O retorno recebido de sua mãe decide o futuro de Floriana, apontando-lhe outro caminho- “trata de tua adolescência e não das drogas em si”- diz a mãe.

O tratamento dessa adolescência será apresentado, a seguir, com o olhar dirigido às questões transferenciais

2.2.2. Recortes transferenciais

O tratamento de Floriana dura, aproximadamente, um ano. Após “resolver” os sintomas mais emergentes e angustiantes- as drogas e os problemas escolares- bem como organizar os namoros e paqueras, Floriana se despede.

O nome fictício por mim atribuído na construção deste caso, associa-se à homofonia com seu verdadeiro nome e, além disso, transmite-me uma sensação de leveza característica do seu nome e de sua forma de agir.

O início do tratamento é marcado pelo pedido materno de Floriana tratar as questões adolescentes que a levaram ao uso de drogas e a alguns “escândalos” na escola. Nesse momento, a menina parecia nada demandar. É somente depois de algumas sessões que Floriana diz querer saber sobre a vida e sobre o amor, e começa, então, a implicar-se na fala. Até o momento, somente confirmava ou negava os relatos maternos. Além disso, dirige-me perguntas diretas às quais devo responder.

As sessões de Floriana têm um colorido especial, extraído de uma mistura entre a fala “adulta” e o brincar infantil. Ela só consegue falar através do horóscopo, do desenho e das músicas. As sessões finais, acontecidas após um período de faltas, são dedicadas ao “relato” das suas conquistas, mostrando-me suas melhoras.

A menina repete, na transferência, um jogo de implicação e não-implicação em relação ao que fala. Às vezes fala em nome próprio e outras com ar de “deboche”, parecendo não estar implicada nos relatos dos seus atos. Esse é o mesmo ar que aparece nos momentos posteriores aos “acting-out”, quando exclui-se da cena escandalosa ou minimiza a relevância do que fez.

Procura cumplicidade com a analista ao lhe fazer confidências sobre seus amores e esconderijos. Queixa-se sobre a situação de separação dos pais e das novas relações que cada um estabelece. Esta queixa permite-lhe tratar da suas relações e amores.

Floriana parece precisar das atuações para simbolizar as modificações ocorridas. Atua aquilo que não foi significado. Precisa do olhar da analista para retomar seu rumo identificatório. Isto aparece claramente quando fascina-se com a marginalidade, a qual

havia sido apontada como um caminho a seguir (lembramos que foi encaminhada à polícia). Procura o olhar materno, o qual lhe reflete uma imagem diferente da dos outros adultos. Procura o olhar e a palavra da analista, a qual evidencia a contradição presente no seu próprio dizer. Fala de ser marginal e, ao mesmo tempo, consumista.

Foi este o marco de virada do seu tratamento. As palavras da analista, somadas às atitudes da mãe, que a troca de colégio, na metade do semestre, porque no primeiro não reconheceram a mudança de posição de sua filha, propiciam a mudança de rumo. Finalizam, assim, os “acting-out”, sejam estes o recurso ao tóxico ou os “escândalos” e permanecem a escola, os namoros, as brigas, questões todas características de sua adolescência.

As mudanças acontecidas durante a cura referem-se não à eliminação da problemática adolescente apontada anteriormente, mas à dissolução da necessidade dos “acting-out” para resolvê-las, incluindo aí o consumo de drogas. Durante o percurso do tratamento foi possível significar as questões que, por estarem mal-significadas ou sem significação, levaram Floriana a procurar o tóxico e a mostrar-se ao Outro de forma escandalosa. O recurso ao tóxico não é mais necessário e traduz-se no abandono do uso de drogas.

Vejamos, agora, o percurso de Fênix pelas toxicomanias.

2.3. Fênix

Fênix, marcado por um olhar fixo e distante, evita cruzar seu olhar com o meu. Na época, ele tinha dezessete anos.

O nome fictício vincula-se ao significado de seu nome verdadeiro : renascer ou renascimento. Como veremos, Fênix renasce continuamente das cinzas. Além disso, como a ave, tem no olhar um traço marcante.

Fênix cala-se na primeira sessão e a sua mãe encarrega-se de falar por ele, relatando a história com drogas e a ligação dessa história com uma tentativa de suicídio que o levou a ser hospitalizado. Impressiona-me a colagem de Fênix às palavras de sua mãe, dizendo não ter nada a acrescentar, pois “ela já falou tudo”.

Nas palavras da mãe há uma ausência total de preocupação ou reprovação em relação às drogas, fato incomum nas mães de adolescentes usuários de drogas que procuram tratamento

Sempre acompanhado pela sua mãe ou por outras pessoas, Fênix retorna às sessões e inicia o relato de sua história. Esteve no hospital psiquiátrico internado por ter tentado “cortar seus pulsos” com uma tesoura. Mostra-me as marcas que restaram.

Parecendo não atribuir importância a nenhum dos fatos relatados, fala do consumo incontrolável de cocaína. No momento do início do tratamento, encontrava-se em abstinência por dois motivos: um deles o remetia à vontade de parar por saber que não faz bem, o outro, relacionava-se com a medicação que estava utilizando, a qual contra-indicava o uso de qualquer outra droga.

Olhando quase para o vazio e sem demonstrar qualquer emoção, fala do fato que o levou a fazer “aquilo”, por ter ficado “sem chão”. Namorava, na época, uma mulher mais velha do que ele, amiga e sócia de sua mãe, cujo nome era igual ao meu. A sociedade rompeu-se devido à falta de honestidade dessa mulher em relação à sua mãe. Torturas intermináveis no corpo de sua ex-namorada são imaginadas no momento do relato e o foram durante sua internação.

Depois disso, as mulheres passaram em sucessão pela sua vida, coincidindo com o primeiro período do tratamento. A única mulher que, no seu discurso, merece uma atenção especial e o leva a emocionar-se é sua “mãezinha”.

Ela hoje é casada com o pai de Fênix mas, na visão de seu filho, sofre muito com isso. Além deles, mora na casa sua “irmazinha” e um irmão mais velho, filho do antigo casamento de seu pai. A mãe iniciou a relação com seu pai quando este ainda era casado com sua primeira mulher e foi nesse período que Fênix nasceu. Durante alguns anos, ele não sabe precisar quantos, mãe e filho moraram sozinhos. Alguns anos depois, seu pai se separou e se casou com sua mãe. Após o casamento, nasceu a irmã.

Sobre o pai, aparentemente há pouco a dizer. Compara-o a um carrasco e queixa-se da falta de suporte, dizendo que seria muito melhor sem ele. Nos momentos em que fala sobre o pai, o tema das drogas torna-se mais recorrente. Relata uma espécie de alucinação: estava olhando para a janela e viu bichos parecidos com monstros olhando para ele. Pergunta-se se isso pode ser efeito da cocaína, mesmo estando em abstinência.

Durante algumas sessões fala do seu pai, ou melhor, da falta dele. O pai nunca esteve com Fênix, sua mãe e sua irmã. Somente importou-se com seu irmão. Não confia em Fênix quando ele diz que parou com as drogas.

No passado, trabalhava com seu pai e utilizou alguns cheques da empresa para comprar cocaína. Agora, aconteceu um mal-entendido: Fênix estava com uma mulher e o pai pensa que estava consumindo drogas. Para piorar a situação, seus primos o acusaram de roubar um cheque. O pai acreditou nos primos. Somente depois eles confessaram a mentira, mas o pai continuou acreditando neles.

Gostaria de dizer para seu pai tudo o que está pensando, mas não consegue. A isto associa uma sensação de estranheza e desconforto quando o pai fica em casa. Em função de seu trabalho, este ausenta-se por longos períodos e sua volta causa esse estranhamento: “é como se fosse um estranho em casa, isso acontece nos primeiros dias, depois me acostumo”.

Fênix consegue dizer a seu pai que gostaria de lhe falar, ao que o pai responde “depois a gente fala disso”, mas nunca falam.

Fênix sugere que ele compareça a uma sessão para eu convencê-lo de que parou com a drogas. Concordo com a presença do pai à sessão, porém para falarem daquilo que sempre fica adiado. Ele fará o convite e combinaremos um dia para a vinda do pai.

Como poderíamos esperar, imediatamente depois dessa decisão, Fênix se ausenta durante um mês e reaparece acompanhado de sua mãe. Esta solicita que a escute e diz que está se dando conta de que seu “filhinho” não está aproveitando as sessões. Ela sabe que ele tem muitas coisas para me falar, mas não está se “abrindo” por falta de confiança. Nela sim ele confia. Nesse ponto, represento uma ameaça para a mãe, ameaço sua “união” com o filho.

Acontece, então, uma interrupção no tratamento. Fênix ausenta-se e não é possível localizá-lo. Seis meses depois retorna, por uma condição do psiquiatra, o qual condicionou seu atendimento à continuidade de suas sessões. Fazendo do pedido do médico seu pedido, diz querer terminar este tratamento.

Interessa-se pelas diferenças, iniciando o questionamento sobre a diferença entre psiquiatra, psicólogo e psicanalista. A resposta sobre as mesmas o faz falar sobre si mesmo. Afirma não falar muito usualmente, mas que “aqui” está conseguindo “se abrir”.

A partir desse momento, as sessões tornam-se algo parecido a um jogo de perguntas e respostas no qual ele “controla” quem pergunta e quem responde: “agora tu pergunta” ou “bom agora eu tenho uma pergunta para te fazer”. Assim transcorre o segundo período de seu tratamento.

Fênix se perguntava, no primeiro período, quando poderia começar a trabalhar e o que ele poderia fazer. Sem se sentir em condições de voltar ao trabalho, tinha reiniciado seus estudos. Neste segundo momento, o trabalho e o estudo assumirão um novo lugar.

Tendo brigado com seu pai, em função de ele acreditar no que outras pessoas falaram a seu respeito, Fênix saiu de casa e foi morar na casa de seu sogro, pai da atual namorada, de 13 (treze) anos. Trabalha com ele. Recombina o valor da sessão porque quer pagar com seu dinheiro, sem ter que pedir nada ao seu pai. Vem sempre acompanhado de seu cunhado ou de sua sogra.

Fênix entrou em depressão, em função da falta de medicação durante alguns dias. Não tinha vontade de sair de casa e sentia-se muito mal. Não conseguia trabalhar, mas conseguiu assistir às aulas, “gosto de ir na aula este ano, estou aprendendo mais, no ano passado não aprendia”. Então revela os motivos dessa mudança: “minha mãe está indo junto comigo”. Novamente, a extrema proximidade de sua “mãezinha” o faz agir.

Fala sobre a ligação com sua mãe, mas o único distanciamento possível parece ser a distância física, não moram mais na mesma casa.

Uma novidade: conheceu seus avós maternos. Não os conhecia pelo avô estar brigado com a mãe, em função de ela ter se casado com um homem pobre. Além disso, esse avô era “ruim”, batia na avó.

As brigas com seu pai continuam, não consegue falar com ele. Surge aí a vontade de usar drogas e de parar com a medicação. Ao mesmo tempo, volta-se para mim em sua fala. Tem medo de vir falar de coisas das quais não quer falar, o que se transforma em medo de mim, do meu olhar. Sente-se bem falando, apesar da dificuldade em fazê-lo.

Os sogros o adotam quase como a um filho. Na procura de uma referência, Fênix inicia a se perguntar pela sua carreira profissional. Uma idéia não lhe sai da cabeça, quer

fazer carreira militar. Espera ansioso pelo momento de se alistar, questionando-se se o admitirão em função de seus problemas e da medicação que usa. Descreve, com detalhes, as ações de treinamento realizadas na mata. Sabe delas pelo irmão e pelos amigos. Imagina-se em situações de carência - de alimentos e de lugar para dormir - atravessando situações de difícil sobrevivência. Essa idéia o acompanha até o final de suas sessões.

Os pais saem de Porto Alegre e ele fica morando na casa “dos sogros” (nunca diz da namorada). Trabalha com o sogro, mas também procura outros “bicos”, já que seu projeto é “servir” e somente espera atingir a idade necessária para isso.

Passa por momentos de dificuldade financeira quando o sogro não tem emprego. Os pais lhe propõem que passe um tempo com eles, auxiliando o pai no trabalho. Fênix decide ir de muito bom gosto. Nesse período, suas sessões são mais espaçadas e sentem-se os efeitos da proximidade com o pai. Agora sem brigas, estão conversando e colaborando um com o outro. Um fato que contribuiu para isso foi um problema cardíaco sofrido pelo pai. Depois dele, a relação com Fênix mudou. Segundo suas palavras: “parece que meu pai é outro, conversa comigo, parece que achou que ia morrer, nem parece que é o meu pai, estou gostando muito”. Um tempo depois decide mudar-se definitivamente para a casa dos pais, até “servir no quartel”. Faz planos do que fará lá, trabalhando junto ao pai.

É nas últimas sessões que Fênix, em tom confessional, revela: “tenho algo para contar mas sinto muita vergonha disso, acho que tu vai ficar brava comigo, mas queria saber o que tu pensa. Sabe um tempo atrás que eu estava mal? Bom, eu andei usando cocaína, quando estava brigando com meu pai e com todos os problemas de dinheiro. O que tu acha disso? Eu já parei, mas sinto muita vergonha”.

O lugar no qual sou colocada retorna insistentemente, precisa do meu olhar, precisa que o Outro lhe fale. Há aí uma oscilação entre o olhar de reprovação do pai e o olhar quase confundido com o seu, da mãe. É isso que ele demanda durante todo o tratamento. Em alguns momentos, precisa de uma resposta sem evasivas, em outros posso remeter a ele a pergunta.

Naquele momento, considerando a necessidade de fugir dos lugares paterno e materno, pergunto o que o levou a usar cocaína. Sua resposta marca seu lugar e sua verdade: “tinha duas opções ou eu cheirava ou me matava”.

A cocaína é assim seu porto seguro, uma tábua na qual ele tenta se segurar para não desaparecer na correnteza. O risco de desaparecer é grande, já que a tábua paterna, que deveria segurá-lo, escapa. A cocaína joga como um ilusionista: apresenta-se como uma salvação maciça mas tem o poder do desaparecimento subjetivo. Fênix renasce, assim, a todo momento – das cinzas, do “pó”, da medicação.

À analista coube, nesse caso, acompanhar o sujeito na sua trajetória sendo levada a responder aos questionamentos realizados. Em alguns momentos, foi uma tábua na qual Fênix pôde se segurar para não desaparecer.

2.3.1. Análise do caso

Este caso apresenta uma oscilação entre as duas lógicas descritas por Le Poulichet (1987/1990) em relação às toxicomanias: o suplemento e a suplência. Além disso, diferentemente dos casos construídos anteriormente, apresenta uma dificuldade de diagnóstico entre a neurose e a psicose. Para elucidar essa questão, tomamos as palavras de Rassial (1990/1999), ao falar do suicídio na adolescência: “(o suicídio) deve sem dúvida ser relativizado no adolescente, na medida que é nesse período que entram em jogo questionamentos tão essenciais quanto nas psicoses, e isto para qualquer adolescente, mesmo neurótico” (p.134)

Fênix nos colocou, inicialmente, numa dúvida diagnóstica, pela fragilidade da função paterna e sua referência à mãe. Em relação a esta, muitas vezes, parecia não haver diferenciação. No entanto, no decorrer do tratamento, percebemos a existência da marca paterna, mesmo que muito fragilizada, a possibilidade de um distanciamento em relação às palavras de sua mãe, e a instauração de uma transferência neurótica, supondo um saber no analista.

A partir da postura da mãe nas primeiras sessões (quase ausência de qualquer emoção), deduzimos tratar-se de uma mulher sofrida e bastante cansada de enfrentar situações difíceis. Faz do filho a sua salvação, e insiste em colocá-lo numa posição de falo. As circunstâncias da vida propiciam esta organização. Durante muito tempo viveu

sozinha com o filho, sem ter o reconhecimento de um casamento, seja este formalizado ou não. Foi somente depois de alguns anos que houve outro arranjo familiar. Passou, então, a fazer parte de uma família composta por marido, filhos e um filho do marido.

A estranheza evidenciada por Fênix em relação ao pai, remete-o a este fato. Primeiro eram só ele e a mãe, depois, a família toda. Cada volta do pai recoloca a situação do re-arranjo familiar, no qual não somente ganhou um pai com o qual precisa conviver, mas também dois irmãos. Do mais velho tem ciúmes, já que o pai “olha só para ele”, da “irmazinha” ele deve se encarregar. O irmão é, também, uma referência, alguém com quem pode conversar.

A presença efetiva do pai, ao assumir a nova família, marcou uma diferença em relação à situação anterior e permitiu uma nova organização psíquica. O pai apareceu para Fênix, mesmo que sempre esteja prestes a escapar. Fênix oscila entre a presença e a ausência do pai. Isso, aliado à insistência da mãe em formar um par perfeito com seu filho, na tentativa de excluir qualquer terceiro, fazem com que a referência ao pai seja fragilizada. O percurso analítico de Fênix pode ser considerado como tendo seu eixo principal no resgate da referência paterna.

Sem possibilidade de sustentação simbólica, repetem-se, neste caso, os atos perante situações de crise: o uso compulsivo de drogas e a tentativa de suicídio. Apesar de duvidarmos da qualidade de passagens ao ato ou de “acting-out” desses atos, optamos pela primeira, uma vez que encontram-se mais ligados a um circuito pulsional no qual exclui-se o Outro do que apresentam um endereçamento a um terceiro.

A traição da namorada, tendo prejudicado à mãe, acarreta uma angústia insuportável que o leva a “cortar os pulsos”. Esse ato não se dirige a ninguém, não foi uma tentativa de fazer uma cena para a namorada, como poderíamos supor, nem para os pais. Foi uma tentativa de “ficar marcado”- na ausência de marcas simbólicas, estas ocuparam o corpo. É somente num segundo tempo - na sua análise - que pode mostrá-las a outro. Mostra-me as cicatrizes dizendo: “quer ver? Não mostrei para ninguém”.

Sobre as drogas não fala muito, somente que cheirava cocaína compulsivamente, a qual sabe ser ruim. Por este julgamento e por estar usando medicação psicotrópica, resolveu parar. O recurso ao tóxico parece estar inserido na mesma lógica que a tentativa

de suicídio, não há endereçamento ao Outro. Aí caracteriza-se uma toxicomania de suplência.

Ao falar das toxicomanias de suplência, em casos de psicoses, diz Le Poulichet (1987/1990) :

“... este ‘tratamento da máquina’ realizado pela **operação farmakon** se apresenta evidentemente como uma tentativa de manter-se fora do mundo. Trata-se de uma tentativa irrisória mas real, de produzir um novo corpo, na medida que ‘um corpo’ não se elaborou. O indivíduo não dispõe das coordenadas imaginárias e simbólicas que haveriam permitido que **isso fizesse um corpo**”(p.125).

Como mencionamos, anteriormente , os questionamentos do adolescente são semelhantes aos das psicoses. Isso procede inclusive para as questões corporais. Fênix tentou “produzir um novo corpo” através das passagens ao ato. As marcas reais, deixadas pelas cicatrizes, mostram o corte real que ele tentou produzir. Corte também procurado ao consumir cocaína. Diz ainda Le Poulichet (1987/1990): “a operação farmakon tenta, então, organizar um circuito fechado que de alguma forma pretenderia ‘tamponar’ os orifícios para a invasão de um Outro não castrado” (p.125)

Perante a insistência materna de formar um par perfeito com Fênix, sem cortes ou “intrusos”, este responde tomando a cocaína enquanto tóxico e se cortando. Ao cortar seus pulsos ele faz um corte no corpo. Ao aspirar cocaína utiliza um furo existente no corpo. Algo é acrescentado ao corpo para “tamponar” os orifícios, como se fosse possível “encher” o nariz de “pó” para a mãe não invadir seu corpo.

Ao deparar-se com a impossibilidade desta proposta recorre ao corte. Se ele tivesse recursos imaginários e simbólicos suficientes, não haveria necessidade de um corte no real. Uma palavra ou ato metaforizado teriam sido suficientes para defender-se da invasão materna. Nesse ponto ele não encontrou um pai que o defendesse.

O estranhamento em relação ao pai marca os primeiros momentos do encontro entre pai e filho. Porém, esse estranhamento não o afasta do pai. Pelo contrário, Fênix “acostuma-se” com sua presença. Ao dizer isto, Fênix aponta para uma fragilidade da função paterna, a qual presentifica-se em alguns momentos e em outros claudica. A queixa e a crítica ao pai são os recursos que ele utiliza para falar da referência paterna. Um pai que a todo momento fraqueja, mas do qual ele sempre aguarda um reconhecimento.

O sobrenome paterno e a escolha do pai quando constrói uma nova família com a mãe, garantem-lhe um reconhecimento simbólico, a todo momento posto à prova. Situação semelhante à daqueles desenhos feitos de tinta invisível, nos quais os traços aparecem com a luz e desaparecem sem ela.

O recurso ao tóxico, nos momentos nos quais ele fala do pai, apresentam uma relação nada casual. Na constatação da falta de reconhecimento, a cocaína aparece como uma possibilidade de sustentação que, como já mencionamos, o defende da invasão materna.

Fênix traz no seu nome a marca de uma permanente claudicação e renascimento. Na lógica da suplência, afirma Le Poulichet (1987/1990), a referência ao terceiro claudica provocando um desaparecimento do sujeito. A operação *farmakon*, nesta lógica, provoca o desaparecimento subjetivo, no lugar onde falha a significação do corpo pelo Outro. No caso de Fênix, a isso deve ser acrescida a significação carregada no nome. “Renascido” é o significante que o nomeia. Só nasce novamente quem morreu. É assim que este sujeito entra num circuito de claudicação e renascimento, sempre fiel ao desejo do Outro.

Uma das saídas encontradas, quando pensa na sua profissão, marca sua posição. Fênix pensa em “servir”. Servir ao Outro, mesmo que para isso seja necessário passar por situações de carência material. Há aqui uma mudança da posição do sujeito em relação a outras anteriores. Não “serve” mais doando seu corpo ao Outro, mas “serve em nome da pátria”. Apesar de apresentar uma forma de sacrifício corporal, esta nova servidão aponta um início de metaforização.

Fênix é um adolescente para quem o teste da eficácia do Nome-do-Pai, segundo a operação formulada por Rassial (1997), apresenta-se prioritariamente em relação às outras faces descritas pelo autor. O seu olhar, quase ao vazio, assemelha-se à imagem por ele vista no espelho: o silêncio. O olhar materno lhe devolve uma imagem de falo. Sua mãe lhe propõe que formem uma dupla perfeita. Somente eles poderão entender um ao outro, aprender como se fossem um só. O pai cala ou adia as suas palavras, estas “ficam para depois”.

Alguns indícios transferenciais evidenciam esta proposta. Quando Fênix chama o pai para comparecer às sessões, tem lugar as faltas e a denúncia materna de que naquele espaço e comigo seu filho não consegue se “abrir”. Nesse momento, Fênix se “abria”, “abria-se” à possibilidade de um encontro com o pai e “fechava-se” à proposta materna.

O retorno ao tratamento, mediado pela condição imposta pelo psiquiatra, fez com que Fênix pudesse demandar em nome próprio. Nesse momento, tinha muitas perguntas a fazer. Perguntas que o situam mais perto de uma organização infantil do que adulta.

Fênix inicia perguntando pelas diferenças e exigindo o olhar da analista. Exige um retorno que o situe nas diferenças encontradas. Aparentemente pergunta pelas diferenças entre a psiquiatria, a psicologia e a psicanálise, porém, essa não é senão uma fachada que coloca questões referentes àquilo que torna dois sujeitos diferentes. Sabemos que a operação encarregada dessa diferenciação é a castração. É pela castração que o filho se diferencia da mãe. Fênix inquiriu a analista sobre a castração, exigindo desta o trabalho de significá-la.

Na sua bagagem faltam-lhe significantes capazes de simbolizar essas diferenças. Falham, além disso, as coordenadas imaginárias que lhe possibilitem cobrir o real (Le Poulichet, 1987/1990). Fênix olha-se nos olhos da analista.

As suas perguntas não parecem situar-se no “après-coup”, mas serem formuladas pela primeira vez. É essa precariedade simbólica manifestada pela quase ausência do ir e vir discursivo que nos fez levantar a hipótese de “estado-limite” (Rassial, 2000). Tudo parece dito pela primeira vez.

As questões transferenciais, que serão melhor desenvolvidas adiante, e a evidência da função paterna, permitem-nos dizer que algo já foi dito. Apesar de enfraquecida

evidencia-se uma função paterna que, nos momentos iniciais da estruturação deste sujeito, marcou as diferenças. O ditado popular “falem mal, mas falem de mim” pode ser adequado para este caso. Fênix “fala mal, mas fala do pai” ou melhor “em nome do pai”.

Fênix briga com seu pai, chama-o de carrasco, queixa-se de sua falta de sustentação, tem ciúmes do irmão em relação ao pai, fatos estes que demonstram a referência paterna. Se esta não estivesse aí, contra o que Fênix brigaria?

Na retomada do tratamento, o sujeito reconstrói a referência ao pai, através de um sogro construtor. Este humilde e grande senhor não teve somente a construção enquanto profissão para seu sustento financeiro, mas também a sensibilidade necessária para auxiliá-lo a finalizar o levantamento dos pilares paternos iniciado pelo seu pai biológico.

Antes de encontrar o sogro, Fênix buscou sustentação em outros lugares: as mulheres e as drogas. Nesses, deparou-se com a impossibilidade de alcançar seu objetivo.

As drogas, em especial a cocaína, apresentaram uma solução ilusória na medida que, segundo ele, “o afundaram cada vez mais”. Não foi aí que ele encontrou o suporte simbólico que procurava.

As mulheres apresentavam a diferença mas não a simbolização da mesma. Diferença entre os sexos, a qual Freud (1925 a/1981) se refere quando aponta a anatomia genital. Porém, para Freud, a anatomia não dá conta do psiquismo. A diferença sexual não é a diferença anatômica. É no Édipo que a diferença psíquica se constitui. As dificuldades simbólicas apontadas, dizem, então, da passagem de Fênix pelo Édipo. Parece haver lugar somente para a mãe, com a conseqüente dificuldade de inscrição paterna.

Com algumas mulheres ele se relacionava somente por uma noite. A exceção foi aquela que o levou à passagem ao ato. Fênix envolve-se e apaixona-se por uma mulher da mesma idade e amiga da mãe, fato que a coloca muito próxima desta última. A traição de sua amada apresenta-lhe, de forma nua e crua, a falta. Ela trai a sua mãe. Deixa a mãe em falta. Aparece aí uma impossibilidade de igualar as duas, e sua mãe

volta a tornar-se a única mulher. Fênix precisa colocar-se no lugar de obturar a falta , na mãe, provocada pela namorada.

A sucessão de mulheres que procura não propicia uma escolha, ficando a mãe sempre no mesmo lugar. Finalmente, encontra uma namorada, uma “criança” segundo diz. Esta assemelha-se a sua “irmãzinha”. No entanto, a função da namorada parece ser propiciar-lhe um encontro com o pai.

Retomaremos algumas das questões levantadas até aqui, explicitando-as por recortes transferenciais.

2.3.2. Recortes transferenciais

As palavras da mãe introduzem o motivo da procura de tratamento. Fênix apresenta-se nada tendo a dizer, numa postura diferente da de outros adolescentes, os quais deixam a mãe falar para assinar embaixo de suas palavras ou criticá-las. Aqui não havia concordância nem crítica: a mãe tinha “falado tudo” , não restando espaço para as palavras de Fênix.

O primeiro indicio da instauração da transferência dá-se quando Fênix mostra-me as marcas que restaram de sua tentativa de suicídio, dizendo ser eu a primeira pessoa que as vê. Endereça-me uma demanda: fazer algo com as marcas que restaram. Isto permite-lhe falar da sua história com a namorada (cujo nome é igual ao meu), da traição, do hospital e das drogas.

Ao falar das drogas, fala do pai. Essa fala tinha um tom de confiança, carregando, também, um ar persecutório. Algumas coisas ele não podia dizer e sentia-se intimado a fazê-lo por estar ali, pelo meu olhar.

Falar do pai leva-o a perguntar-se pela distância em que se encontram e pensar na possibilidade de aproximação. Solicita-me que convença o pai de que ele interrompeu o uso de drogas, já que foi aí que se colocou entre ambos um distanciamento maior. Ele roubou dinheiro do pai. Tirou à força algo que o pai negava-se a lhe dar.

Toma à força objetos do pai. Melman (1992), ao falar da delinquência, ressalta a associação desta com a falta de reconhecimento simbólico do Nome-do-Pai. O mecanismo em comum com a delinquência é que, pela quase ausência de

reconhecimento simbólico, Fênix vê-se levado a tomar objetos do Outro paterno, provocando, assim, uma falta. Isso faz com que o pai o olhe, mesmo sendo um olhar de recriminação.

O roubo do dinheiro está associado ao uso de cocaína, e ambos à demanda de um olhar paterno. É em torno das drogas e do dinheiro que, num primeiro momento do tratamento, ele se relaciona com o pai. O pai não acredita e ele tenta convencê-lo da sua mudança.

Neste ponto dirige-se à analista: será que esta poderia ajudá-lo a convencer seu pai? A obter um reconhecimento que não fosse mais pela via da recriminação?

A analista toma esta via, apontando a possibilidade da construção de um novo endereçamento ao pai, através de um encontro. Encontro esse não somente físico, no âmbito da sessão, mas um encontro subjetivo, no qual Fênix pudesse fazer suas questões ao pai. A analista estaria aí mediando essa relação.

O encontro não aconteceu nesse momento, em função da intromissão materna. A mãe repete na transferência o seu lugar em relação ao filho: tenta “eliminar” a entrada de um terceiro, neste caso a analista, e provocar um “fechamento” do filho. Diz ela que seu filho não está se “abrindo”, somente ela sabe do que ele precisa. Tomamos esta afirmação enquanto uma denegação: ela sabe que seu filho está “abrindo-se” ao pai e é por isso que intervém.

No entanto, mesmo sem a presença física na sessão, o pai volta a ter um lugar. Isso manifesta-se nas posições em que Fênix coloca a analista. Num primeiro momento do tratamento, o olhar desta o ameaçava, uma vez que não havia quem o defendesse da invasão do Outro materno. A analista estava nesse momento sendo colocada no lugar da mãe, mas não responde a partir dele. Ao contrário, dá um retorno que possibilita a entrada do pai.

Ao discorrer sobre a função analítica nas toxicomanias, Le Poulichet (1987/1990) afirma:

“um limite adquire consistência quando o analista remete o sujeito ao eco de sua mensagem, ou melhor, quando constitui como mensagem ... Seria necessário, precisamente, que pudesse produzir-se um retorno- um ‘dá’- para que o corpo não ficasse devastado, despojado num ‘fort’ de oferenda” (p.185)

A autora acrescenta, ainda, que esse retorno será criado pelo analista a partir da percepção de suas próprias representações. Cabe, então, citar a preocupação e dúvidas que me assolaram durante o período em que escutava Fênix. Preocupações e dúvidas que me levaram a escrever e falar sobre o que escutava, possibilitando a reconstrução de um sujeito que a todo momento parecia esvanecer-se. ‘Separação’ era a palavra que mais me ocorria ao pensar em Fênix.

Ainda sobre as representações do analista, diz Le Poulichet (1987/1990):

“uma separação dos corpos resulta, entre outras coisas, subvertida no ato em que um sujeito faz uma oferenda para criar um ‘sucedâneo’ de representação no outro; o analista é, então, esse outro, na transferência. Assim, uma enunciação adquire valor de interpretação quando põe em jogo um movimento pulsional no qual o analista, que de sua parte, desprende sua voz para consumir, ao mesmo tempo, um retorno e uma separação” (p.185).

Fênix oferece-se para ser “engolido” pelo meu olhar, mas é ao colocar esse olhar em palavras que ele pode passar a falar no plural. Não fala mais em um olhar, mas em diferentes olhares: o dele e o meu. Para chegar a isso, houve um momento de olhar alucinatório: os monstros olhavam para ele. Monstros representantes desse outro engolidor perante o qual ele apresentava-se indefeso e do pai terrível que o ameaçava com a castração real.

Suportar esse endereçamento transferencial foi tarefa árdua. O trajeto entre o olhar engolidor e as palavras sobre o olhar requereu um trabalho de cavocação e lapidação do qual, muitas vezes, tive vontade de fugir.

Do trabalho de lapidação foi delineando-se um pai simbólico que permitiu traçar uma fronteira entre os olhares. A figura paterna foi tomando forma até o momento da mãe arrancar o cinzel.

O pó da pedra lapidada mistura-se, nos momentos em que o pai escapa, com o pó da cocaína. Cocaína que se transforma em tóxico e evidencia a necessidade de defesa contra a possibilidade de ser tomado por inteiro pelo Outro.

As drogas – cocaína e medicação- tem, neste caso, uma função de amarrar um terceiro. A passagem da cocaína para a medicação não é somente uma questão de efeitos diferenciados. A legalidade da medicação, em oposição à ilegalidade da cocaína, faz a função de uma mediação. Não é mais uma aquisição da droga e consumo direto, mas há agora, a necessidade de um intermediário. Precisa da autorização do médico responsável por prescrever a droga..

A volta de Fênix a sua análise, intermediada pelo psiquiatra, marca uma diferença em relação ao primeiro período do tratamento. Fênix pode demandar em nome próprio. Isso coincidindo com um distanciamento físico da mãe e com o encontro com o sogro.

A diferença entre estes dois momentos de sua análise aponta também para uma modificação da lógica da toxicomania. Se antes Fênix engajou-se numa toxicomania preferencialmente de suplência, agora é a lógica do suplemento a que vai se esboçando. Ao reconstruir a função paterna, seu corpo ganha significação, na medida que há um olhar que o reconhece como um “bom menino”, “bom namorado” e “trabalhador”.

Neste período, a cocaína volta a entrar em cena, na função de tóxico, quando este “novo pai” enfraquece. Este enfraquecimento dá-se pelas condições financeiras de seu sogro. Tem um momento em que este, sem trabalho, não consegue sustentar sua família, perdendo, assim, o reconhecimento social. É a miséria que provoca um enfraquecimento do sogro perante o social: não tendo dinheiro, perde o poder.

É nesta via que precisam ser entendidas as palavras de Fênix: “ou cheirava cocaína, ou me matava”. Ao ficar sem um pai que o sustentasse simbolicamente recorre à cocaína, numa tentativa de sustentação imaginária. O silêncio em relação a este episódio traz a vergonha pela “recaída”. Transferência que situa o olhar de um outro julgador e marca, mais uma vez, a diferenciação dos olhares. A analista poderá olhar para ele e condenar o que fez. Aí aparece o pai recriminador. No entanto, sem repetir a conduta paterna, reconheço nestas palavras sua verdade, o que lhe possibilita continuar falando.

A possibilidade de levar adiante a reconstrução de um pai deveu-se a uma modificação de posicionamento de seu pai, depois de ser surpreendido por uma doença cardíaca que quase o levou à morte e à “abertura” do filho, provocada pelos efeitos da análise. Além disso, a sustentação e o reconhecimento simbólico nos olhos do sogro foram fundamentais para o renascimento de um pai que a todo momento está prestes a escapar.

Ao iniciar a construção deste caso, mencionamos a tendência em atribuir a Fênix um “estado limite”. Alguns elementos nos permitem explicitar esta afirmação. Trata-se de um sujeito para o qual o “après-coup” do estágio do espelho da operação adolescente refletia a imagem de falo, quando eram os olhos maternos a espelhá-lo. O teste da eficácia do Nome-do-Pai, mencionado por Rassial (1997), diferentemente dos casos anteriormente relatados, significou quase uma nova construção. A imagem corporal sofria as conseqüências da ineficácia paterna na impossibilidade de interditar o gozo da mãe.

Assim, Fênix, através da cocaína, tentava defender-se, limitando o gozo materno. Nessa tentativa, constatava a ausência de significantes paternos, ficando seu corpo, nestes pontos, fora da cadeia significativa (Le Poulichet, 1987/1990).

Os significantes paternos precisaram, em alguns momentos, ser lapidados, esculpidos, para mostrarem sua eficácia. A pedra apresentava-se bruta em alguns pontos da escultura. Em outros momentos, a inscrição destes significantes estava coberta de “pó”, e foi função da análise fazê-los ressurgir.

DISCUSSÃO

Dos três casos aqui construídos surgem semelhanças que nos permitem uní-los com uma mesma linha, bem como alguns nós nesse fio que marcam interrupções na costura. Dado e Floriana podem ser considerados casos mais próximos, por tratar-se de toxicomanias de suplemento, se consideramos as lógicas mencionadas por Le Poulichet (1987/1990) e de adolescentes neuróticos, se tomarmos a via de um diagnóstico da estrutura. O caso de Fênix, como mencionado, nos colocou dúvidas diagnósticas e as duas lógicas toxicomaniacas se evidenciam.

Em todos os casos o recurso ao tóxico tem a função de possibilitar a passagem da condição infantil para a adulta, surgindo nos momentos em que as simbolizações falham. As modificações pubertárias, as novas exigências sociais e o teste à eficácia do Nome-do-Pai são os alvos destas falhas. Para cada sujeito a falta de simbolização ou má simbolização ancora-se em diferentes questões.

Dado prioriza com seu uso de drogas a demanda de uma referência paterna e testa a eficácia da função simbólica, questionando a possibilidade de sustentação. No “après-coup” adolescente encontra um olhar materno que sofre pela morte decorrente do crescimento de seu filho e convida-o a permanecer num lugar infantil. Aí o recurso ao tóxico funciona para marcar a morte e aliviar a angústia por esta produzida. Além disso, a maconha permite-lhe identificar-se com o ideal paterno de ser um bom menino na escola, evitando a repetição da via do pai marcada pela impossibilidade de estudar, bem como de provocar um corte em relação a esse ideal, colocando seu corpo nessa brecha.

Floriana debate-se com seu corpo em modificação, recorrendo ao tóxico nos momentos de falha na simbolização dessas mudanças. O álcool, os medicamentos e a maconha tornaram-se a solução por ela encontrada para demandar ao Outro a significação do seu “novo corpo”. As drogas permitem-lhe, também, denunciar e rebelar-se contra as exigências da cultura, traçando um ideal de marginalidade semelhante ao de “Jeremias”. Paradoxalmente, a inserção na cultura da “Geração Coca-Cola” aponta-lhe a sustentação que esse Outro lhe propicia.

Tanto Dado quanto Floriana demonstram o caráter lúdico do sintoma toxicomaniaco na via do suplemento. No entanto, as drogas parecem possuir um status maior de

brinquedo nas mãos da menina do que nas do menino. Dado “viaja” com as drogas de forma similar às suas viagens infantis, estando mais perto da fronteira entre uma e outra lógica. Seu jogo demanda mais diretamente a presença do Outro enquanto interditor.

Para Fênix, o recurso ao tóxico inscreve-se numa busca incessante do pai, um pai quase apagado que surge com o olhar recriminador. A imagem refletida no “après-coup” da adolescência apresenta um sujeito confundido, em parte, com sua mãe. Uma mãe que lhe exige indiferenciação e um pai que não possui a força necessária para interromper essa exigência. Fênix realiza uma suplência da função paterna com as drogas, nos momentos em que o pai caludica na sua função.

No entanto, nos momentos em que o pai ressurge permite-lhe uma organização subjetiva que o conduz por um trecho do trajeto de sua vida, até claudicar novamente. Fênix realiza sua travessia nesse estilo: perdendo e encontrando o pai. Aí atravessa de uma lógica toxicomaniaca para outra. Quanto maior é a permanência do pai, menor a necessidade de uma suplência da sua função.

Os “acting-out”, nos primeiros casos mencionados, constituem uma demanda ao Outro. Esses sujeitos pedem que o Outro, nas suas mais diversas encarnações, decifre o momento de passagem adolescente. Exigem uma leitura que lhes permita novas identificações. Além disso, os “acting-out” são, na maior parte das vezes, utilizados como recursos para a fala. Esses sujeitos parecem somente poder falar depois de “fazer”.

A leitura realizada pelas figuras que encarnam o Outro propiciam um retorno com o qual esses sujeitos adolescentes se identificam. Nos casos de Dado e Floriana cristalizou-se, por um momento, um retorno único que propiciou uma identificação com o tóxico. A mãe, no caso de Dado, a escola e o pai da amiga, no caso de Floriana, realizaram uma leitura do comportamento drogaditivo, na qual havia somente uma interpretação possível: “drogado”. A possibilidade de encontrar outras significações relativas ao “uso de drogas” parecia estar apagada. Isso propiciou, nesses casos, uma identificação imaginária com esse olhar do outro.

No entanto, ambos sujeitos encontraram, além deste, um olhar interditor na imagem refletida no “après-coup”, um olhar paterno inscrito desde sempre. O pai de Dado interrompeu o discurso materno, questionando o destino traçado pela mãe, ao qual Dado

colou-se em determinado momento. Interrompeu, também, o estilo de consumo de drogas de Dado, ao impor condições reais. A mãe de Floriana interpretou de forma diferente as leituras anteriormente realizadas, o uso de drogas de sua filha. Re-situou aí a problemática adolescente. Em ambos os casos houve, por diferentes vias, uma demanda de auxílio dos adolescentes, na forma de atos realizados com as drogas, traduzida pelos pais.

Para Fênix, a demanda de tratamento surge de forma diferente, por estar sua toxicomania construída, no momento da demanda, sob outra lógica. O recurso ao tóxico, nesse caso, não se endereçava ao Outro, mas fazia parte de um circuito pulsional que excluía qualquer terceiro. Esse modelo imitava a exigência de relação materna de ficarem “somente os dois”. O grito de socorro de Fênix precisou ser mais alto. Cortando seu próprio corpo, teve na tentativa de suicídio a garantia da escuta ao seu pedido. Sua mãe somente lhe permitiu o tratamento por exigência de um terceiro, o qual não garantiria a medicação necessária, caso não houvesse tratamento.

A analista representou, em todos os casos, esse lugar terceiro, em relação às drogas, do qual pôde questionar os sujeitos sobre a colagem ao discurso do Outro e assim introduzir um corte entre o dizer das figuras que encarnaram esse Outro e o fazer do sujeito. Por exemplo, no caso de Dado, tratou-se de problematizar a colagem às palavras da mãe, deixando entrar as palavras do pai que apontavam outra direção possível. Essa função, no caso de Floriana, precisou ser realizada em relação à escola, permitindo que a menina escutasse o que sua mãe tinha a dizer. Em relação a Fênix, houve a mesma necessidade, porém, a palavra da analista não foi suficiente para realizar o corte. Para isso, o papel do médico encarregado da medicação foi fundamental.

A retomada das referências paternas ou a finalização da construção dos pilares relativos ao pai, no caso de Fênix, foram os efeitos do trabalho analítico, o qual possibilitou a mudança de posição em relação às drogas. Na maior parte dos casos, as drogas abandonam o lugar de tóxico. Floriana abandona o uso e retoma, sem maiores problemas, suas atividades escolares. As drogas para Dado passam a ter outra significação. Não mais são o remédio para seus males, usando-as de forma recreativa e,

por vezes, não as usando. Fênix passa de uma lógica de suplência para a de suplemento e para a abstinência.

É fundamental, no entanto, ressaltar que esses lugares oscilaram durante o período de tratamento, muitas vezes, constituindo uma solução para a angústia, mesmo em momentos posteriores à abstinência ou ao uso recreativo. Se isso aconteceu durante o processo de tratamento, podemos inferir que a droga, enquanto recurso tóxico para a resolução dos conflitos provocados pela castração, permanece enquanto possibilidade conhecida para esses sujeitos. Da mesma forma, a possibilidade de mudar de posição em relação ao tóxico constitui já um saber.

Para que estes processos analíticos pudessem ocorrer, foi necessário à analista suportar transferencialmente o percurso dos sujeitos pelas diferentes drogas bem como escutar seus questionamentos e angústias. Em vários momentos foi necessário, também, servir de suporte para a construção ou reconstrução das referências paternas.

A transferência com estes sujeitos adolescentes levou-me a realizar uma travessia que me jogava de uma margem à outra da correnteza, tendo que desviar das várias “armadilhas” ao ser colocada ora no lugar dos “adultos” ora no do agir adolescente. Além disso, foi fundamental um afastamento dos discursos morais e moralizantes em relação às drogas, o qual, muitas vezes, permitiu desconstruir o imaginário dos pais com informações não sensacionalistas.

Para finalizar este capítulo, centrar-nos-emos no retorno do Outro na construção destas toxicomanias. Lembremos Rassial (1997) quando aponta ser a adolescência uma operação na qual o Outro passa a ser encarnado não somente pelos pais, mas também pelos iguais. Estes oferecem um novo olhar ao sujeito. Perguntamo-nos, acima, se nessa operação o olhar dos pais estaria na mesma ordem que o dos pares, quando se trata da construção de uma toxicomania. Nossa hipótese inicial marcava uma diferença entre o Outro sendo encarnado pelos pais e quando é encarnado pelos pares, por exemplo, os amigos. Sustentávamos, ainda, que quando os pais, ou outras figuras que se encontram numa hierarquia de autoridade diferente, retribuem um olhar que aponta para as drogas, seria o caso da possível determinação de uma toxicomania.

Com o presente estudo não temos elementos suficientes para responder à pergunta. No entanto, este nos permite realizar algumas considerações que nos aproximam da resposta.

Nos casos de Dado e Floriana evidencia-se, no discurso, a figura dos amigos. Este olhar é procurado e está sempre em jogo quando se trata de compartilhar o uso de drogas. Os amigos aparecem como aqueles que aprovam ou desaprovam o agir dos sujeitos que consomem drogas juntos e se questionam sobre a continuidade do uso ou sua interrupção. Porém, analisamos que é a figura dos pais (entenda-se figuras de autoridade), enquanto encarnação do Outro que limita o uso. É, portanto, esse olhar que recoloca a identificação simbólica. É a reedição da função paterna a encarregada de interditar o gozo materno que não reconhece a castração, propondo aos sujeitos a colagem às palavras que os nomeiam enquanto “drogados”. É o caso de Dado em relação ao discurso de sua mãe e de Floriana e o discurso da escola e do pai de sua amiga.

Nestes casos, então, os amigos, o grupo de pares, compartilham ou reprovam o uso mas não exercem a função de interdição. Neste ponto, merece destaque, nesta discussão, um texto no qual Kehl (2000) propõe o conceito de “função fraterna”, enquanto função dos irmãos, não necessariamente de sangue, na constituição do sujeito. Kehl (2000) aponta para a função dos irmãos, aos quais ela atribui uma circulação “horizontal” a diferença da função paterna, atribuindo-lhe uma “função vertical”. A função fraterna marca a igualdade do sobrenome, mas, sobretudo, a diferença do nome próprio. É entre irmãos que a função paterna pode ser questionada e é entre irmãos que podem ser cometidas pequenas desobediências, não à Lei, mas “às pequenas interdições arbitrárias que partem das autoridades”(p.43).

Dado e Floriana compartilham as drogas “entre irmãos”. É com eles que podem reclamar e contestar a autoridade, contestação que, no entanto, permite a simbolização da Lei (Kehl, 2000). Estes irmãos compartilham a novidade, as drogas que representam um saber desconhecido pelos pais. Demandam, porém, a presença da autoridade quando se mostram aos pais para serem significados ou lidos enquanto novo corpo produtor de um “novo” sujeito.

A autora citada menciona, ainda:

“nestes casos, o pai se mantém enquanto função viva e operante que continua a exigir dos membros da fratria a renúncia a certas satisfações pulsionais em nome do amparo que a coletividade deve oferecer a todos. Mas os termos vigentes da Lei podem ser alterados para melhor contemplar a diversidade entre os irmãos....”(p.44).

Ao demandar a presença da autoridade, Dado e Floriana mantêm a vigência da função paterna. A eficácia do Nome-do-Pai foi testada e garantiu a sustentação simbólica. As drogas possuem, nesse teste, especialmente em relação à fratria, a função de “alterar os termos vigentes da lei”, além das outras funções já mencionadas no decorrer deste capítulo.

Os irmãos, no caso de Fênix, tiveram função semelhante. O irmão foi aquele com quem teve que lutar pelo amor do pai, já que parecia-lhe que no amor paterno não haveria lugar para os dois. Seu pai só tinha olhos para seu irmão. Ao mesmo tempo, este irmão é o companheiro que o aproxima do pai, fornecendo-lhe orientações ao narrar histórias sobre uma forma de “servir” diferente daquela na qual o sujeito precisa oferecer todo seu corpo. Histórias essas sobre a “servidão” à pátria.

A namorada, uma criança semelhante a sua “irmazinha”, possibilita-lhe um encontro com o pai, ao apresentar-lhe aquele que o adotará durante um tempo: seu sogro. A legitimação do Nome-do-Pai é apontada por Kehl (2000) como sendo uma das funções da fratria.

Floriana, Dado e Fênix encontram diferentes estilos de inscrição do Nome-do-Pai. Estes garantem aos primeiros a sustentação simbólica necessária para que suas toxicomanias mantenham-se na lógica do suplemento, passando a mudar a posição do sujeito em relação ao tóxico. Fênix encontra uma inscrição que, por vezes, se apaga, precisando dos irmãos para fazê-la surgir novamente. Nos momentos de desamparo

simbólico precisa encontrar uma suplência do Nome-do-Pai, muitas vezes encontrada na toxicomania.

Os casos do próximo capítulo, permitem avançar na elucidação da construção de toxicomanias sob a lógica da suplência.

CAPÍTULO III

O PRÍNCIPE, MORFEU E B.SIMPSON:

PERCURSOS TÓXICOS ADOLESCENTES II

Neste capítulo trabalhamos a partir de alguns textos escritos por sujeitos internados num hospital-dia dirigido a toxicômanos. Os escritos a serem analisados fazem parte do tratamento da Comunidade Terapêutica da Cruz Vermelha Brasileira-RS (COTE), instituição na qual trabalhei durante dez anos.

Apresentarei uma breve introdução descritiva do tratamento ali realizado, bem como a minha inserção nesse trabalho, com o intuito de justificar a minha escolha e contextualizar a situação na qual os escritos são produzidos. Posteriormente, apresentaremos o método e os resultados, na forma de casos clínicos, e, por último, a discussão do estudo.

A Comunidade Terapêutica da Cruz Vermelha Brasileira- RS (COTE)

A COTE inicia suas atividades em 1987 e encerra-as em 2000, em função de problemas institucionais. A modalidade adotada para seu funcionamento era o hospital-dia.

Os pacientes freqüentavam a COTE durante o dia, voltando para suas casas à noite e aos finais de semana.

A referência inicial do modelo adotado baseou-se em experiências de Comunidades Terapêuticas italianas, permeado por um entendimento comportamental, tanto da toxicomania quanto da forma de tratá-la. Com a inserção de psicanalistas, dentre os quais me incluo, iniciou-se um processo de reformulação desse tratamento, adotando a teoria psicanalítica para o entendimento da toxicomania e para o embasamento das intervenções realizadas.

Nessa reformulação mantiveram-se alguns dos instrumentos utilizados anteriormente com uma nova interpretação. Faziam parte do tratamento atividades como triagem, grupos com pacientes e familiares, abordagens individuais, atividades artísticas, educação física e atividades profissionalizantes, dentre outras (para uma melhor descrição do tratamento ver Anexo C)

[A inscrição da pesquisadora](#)

Iniciei meu trabalho voluntário na COTE em 1990, participando das atividades realizadas durante um dia da semana e das reuniões de equipe. Nesse momento, o modelo terapêutico era o que chamávamos de modelo integrado, segundo denominação atribuída por Bucher (1992). Esse autor propõe o resgate do que há de positivo nas abordagens psiquiátrica, relacional e comportamental. Assim, um centro de atendimento, segundo ele, poderá contar com a assistência médica necessária sem estar esta fundada por injunções repressivas junto com o papel da transferência, proposto pela teoria psicanalítica, aliadando-se à programação disciplinar preconizada pela teoria comportamental.

Se bem essa era a proposta da equipe de trabalho da COTE, outro era o entendimento institucional. Este apontava para o comportamentalismo como única forma de tratamento de sujeitos toxicômanos, conseqüentemente chamados dependentes químicos. A ruptura com o modelo comportamental e a crescente inscrição da Psicanálise como fundamento do tratamento na COTE produziram o fechamento do Hospital-Dia no ano de 1992.

A reabertura deu-se alguns meses depois por uma equipe da qual fiz parte. Foi aí que se repensou a proposta e tomou-se a Psicanálise como fundamento. A maior parte das atividades e dispositivos iniciais mantiveram-se, porém, mudou-se o enfoque dos mesmos. De forma geral, eliminou-se o caráter de punição e recompensa, o avaliativo e o entendimento da abstinência. O resgate da subjetividade, o fortalecimento dos laços simbólicos e a análise de cada caso, eliminando os encaminhamentos gerais, foram fazendo parte da rotina terapêutica. A abstinência deixou de ser entendida como único objetivo a ser alcançado na cura. Por isso, mudou, também, o entendimento das recaídas. Se num determinado momento as recaídas eram compreendidas como falta de compromisso do sujeito com seu tratamento, determinando muitas vezes seu desligamento, neste momento foram significadas como uma repetição sintomática a qual a equipe terapêutica tinha por função suportar. Lembro de um caso ilustrativo desta mudança. Havia na equipe uma tendência a entender a décima recaída de um paciente como falta de compromisso, já que várias chances tinham sido dadas. Estava-se decidindo pelo seu desligamento. No entanto, da discussão desse caso foi surgindo outra possibilidade de leitura dessa recaída. O sujeito em questão, demandava, na transferência, a possibilidade de que o aceitássemos com todas as suas “falhas”, inclusive o seu sintoma toxicomaniaco. Da devolução desta leitura dependeu uma virada no tratamento do mencionado paciente.

Cada equipe de estagiários deixou sua contribuição na construção da proposta. Ao longo do tempo eliminaram-se alguns instrumentos utilizados inicialmente e reformularam-se outros (ver no Anexo C a proposta final).

A partir de 1996 não trabalhei mais diretamente com os pacientes mas com a supervisão individual dos estagiários. Por volta de 1998 passou a existir uma equipe de coordenação da qual também fiz parte. Os casos que apresentarei a seguir foram por mim acompanhados nas reuniões de equipe, em supervisão individual e em algumas abordagens diretas com os pacientes, abordagens essas realizadas quando da necessidade da coordenação intervir.

Durante os dez anos de trabalho várias questões foram surgindo tendo, inclusive, originado a presente tese. Nesta seção cabe, então, justificar a escolha dos escritos como material de análise.

Há vários anos questiono-me sobre os efeitos terapêuticos das atividades escritas propostas na COTE. Essa inquietação foi compartilhada por alguns colegas de trabalho, tendo originado uma dissertação de Mestrado (Nunes, 1999). Os materiais produzidos pelos pacientes, até essa data não haviam sido nunca estudados mesmo sabendo-se que seu conteúdo nos proporcionaria maior conhecimento desses sintomas que são as toxicomanias. Esse é um dos motivos pelos quais escolhi trabalhar com o material escrito. O outro relaciona-se com minha inserção nos últimos anos nos quais acompanhei os casos através das supervisões e reuniões, mas não escutando os sujeitos diretamente. Estes tornaram-se por mim conhecidos, além dos relatos em supervisão, pelos seus escritos.

MÉTODO

Participantes

Este estudo toma como referência os escritos de três sujeitos, de sexo masculino, internados na COTE em função de sua toxicomania, com idade variando entre 23 e 30 anos.

De forma geral, a idade dos sujeitos não corresponderia ao que se entenderia por idade de um adolescente, porém, como fundamentamos neste trabalho, a adolescência não se define pela faixa etária, mas por ser uma operação psíquica que poderá ter lugar em qualquer idade. Além disso, as questões trazidas pelos sujeitos são, sem dúvida, questões adolescentes .

Nunca houve na COTE uma estipulação de idade para o ingresso dos pacientes. Porém, percebe-se que, na sua maioria, encontravam-se na faixa dos 20 aos 40 anos. Isso certamente relaciona-se com a triagem, na qual cuidava-se para não acolher o pedido de ingresso daqueles sujeitos para os quais o uso de drogas era uma pergunta sobre a possibilidade de encontrar um traço identificatório.

A escolha desses sujeitos deu-se por ter a pesquisadora acompanhado os casos em supervisão da equipe, bem como por estarem completos os dispositivos de escrita que constituem os instrumentos deste estudo.

Delineamento e Procedimentos

Os casos foram construídos a partir dos textos escritos dos sujeitos internados na COTE. Esse material fazia parte do tratamento. Para essa construção procedemos à realização de recortes textuais nos quais focalizamos -se os temas relativos a nossas questões.

A partir desses recortes elaboramos três textos apresentando cada caso. As questões transferenciais da pesquisadora deram-se tanto em relação ao texto escrito quanto às situações de supervisão dos estagiários e ao lugar de equipe de coordenação da COTE.

Instrumentos

Os dispositivos de escrita da COTE podem ser divididos em dois grupos, de acordo com a solicitação que provocou sua existência. Uns foram constituídos para responder a instrumentos nos quais havia perguntas a serem respondidas (os chamaremos de escritos semi-dirigidos) e os outros respondem a uma solicitação de “escrever o que se sente” (os chamamos de escrita livre).

Nos escritos semi-dirigidos os dados apresentam-se de forma mais organizada em relação a etapas de vida, sentimentos em relação a drogas, frustrações e comportamentos. Isto não impede que surja a escrita livre em alguns momentos.

Na escrita livre, além das lembranças de vida, aparecem as questões transferenciais em relação ao tratamento- equipe terapêutica e grupo de colegas.

Dos escritos semi-dirigidos, analisamos: 1) a Cartela Clínica (ver Anexo D) por considerá-la, a que apresenta mais esforço subjetivo no momento de sua elaboração. Geralmente os pacientes requeriam mais tempo que o inicialmente estipulado para sua elaboração, necessitando de diversas intervenções da equipe ou solicitação de abordagens individuais por parte do próprio autor, nas quais falavam , associando, dos pontos de inibição; 2) o Inventário Pessoal (ver Anexo D) , por trazer dados fundamentais para o entendimento do sintoma.

Dos escritos que denominamos livres, tomamos o “Balanço de Sentimentos” (ver Anexo C, para uma descrição do mesmo), já que este requer um percurso do sujeito na leitura dos sentimentos de cada dia e a elaboração de uma síntese, na qual se retomam e ressignificam os sentimentos até a data em questão.

RESULTADOS

Apresentamos nesta seção a construção dos três casos. Esta baseou-se no material escrito, anteriormente citado, do qual realizamos recortes referentes aos nossos marcos de referência, isto é, o tóxico e a adolescência.

A teoria que nos permitiu realizar a análise encontra-se fundamentada no primeiro capítulo deste trabalho de tese. O Estágio do Espelho, especialmente no “après-coup” da adolescência; o Édipo, incluindo aí a função paterna e as identificações; as lógicas da suplência e suplemento no recurso ao tóxico e a transferência no tratamento, foram os temas (assim categorizados com fins didáticos para esta exposição) que nortearam nossa análise.

A elaboração dos casos inclui os recortes do texto original dos sujeitos, interpretados e organizados a partir da nossa escuta.

Preceber-se-á, em alguns casos, a presença de temas que em outros não aparecem. Isso deve-se à interpretação que cada sujeito faz das perguntas presentes nos instrumentos semi-dirigidos, bem como à possibilidade de escrita livre. Por exemplo, O Príncipe faz longas considerações sobre sua alta, que os outros dois sujeitos não realizam.

Passamos, agora, à exposição dos casos construídos.

3.1. O Príncipe

O Príncipe permaneceu aproximadamente um ano em tratamento na COTE. Tinha na época 30 anos e a droga escolhida era a cocaína, aplicada de forma injetável. O nome por nós escolhido para apresentá-lo refere-se a uma lembrança de sua infância: sua mãe, apesar de não ter condições financeiras para isso, vestia-o como um príncipe.

A “Cartela Clínica” enuncia o lugar subjetivo no qual ele se vê colocado e a relação deste com sua toxicomania. Diz sentir-se um intruso na sua família atual (mulher e filhas), em função de não estar trabalhando e de sua “vida nas drogas”. Uma lembrança escrita em relação à sua família associa-se a este lugar. O Príncipe perambulou por várias famílias durante sua vida. Uma das que mais o acolheu foi a de sua tia, na qual sentia-se um agregado.

Intruso e agregado demarcam um lugar de exterioridade em relação ao grupo familiar, um lugar que demonstra a falta de alguém que o adotasse, com exceção da mãe, a qual, também, falha entregando-o a várias outras “mães”. O Príncipe teve quatro padrastos, mas nenhum deles o adotou como filho. Tem a idéia de terem sido homens que se sucederam na vida de sua mãe. Alguns trechos dos seus escritos dizem da falta de referência paterna:

“Nunca tive uma filosofia de vida, uma direção correta Até os 14 anos tive uma criação rígida, fazia todos os afazeres da casa, só depois poderia sair para a rua, com hora marcada para voltar...nunca tive um pai.... tive uns 4 padrasto, cada qual com uma maneira de me ensinar”.

Várias vias apresentaram-se para O Príncipe como possibilidade de percurso. Ele perambulou pelas mesmas sem saber ao certo qual seria a principal- aquela que marcaria as outras como secundárias.

Alguns dos padrastos permitiram identificações simbólicas. É o caso daquele que o acompanhou durante a primeira infância, ao qual O Príncipe se refere como modelo a ser imitado.

A ausência do sobrenome paterno no seu nome registra uma falha na referência simbólica, uma falha relativa à inscrição do Nome-do-Pai. Sobre isso ele escreve:

“Existia dentro de mim uma vergonha muito grande de ser filho de mãe solteira.....pois não tinha sobrenome de pai, era um tabu”.

Cabe salientar, no entanto, que como seu nome aqui escolhido, seu prenome é composto. O segundo é o nome do seu pai. Essa semelhança não é suficiente para demarcar um lugar de filiação ao pai, já que o prenome, mesmo falando de um desejo materno, neste caso, estabelece uma semelhança com o do pai, mas não simboliza a filiação. Nomina, mas não nomeia (Lacan, 1973-74)

Sem a identificação com o sobrenome paterno resta-lhe o da mãe. E aqui, mais uma vez, surgem várias mães. Apesar de ser sua mãe biológica a referência mais constante, a mãe à qual ele pode retornar e recorrer após cada desventura de sua vida, sua madrinha, sua tia e uma outra senhora encarregaram-se, também, dos seus cuidados, sendo referidas pelo Príncipe como suas “mães”. Aqui, os trajetos também se truncam.

Quando O Príncipe tinha 6 ou 7 anos, a senhora encarregada de sua criação ficou hospitalizada e houve uma proibição do padrasto da época: ele e sua mãe não podiam visitá-la. Quando O Príncipe conseguiu fugir e chegar até o hospital, ela já tinha morrido e tinha sido sepultada como indigente. Cada data festiva- Natal, Ano Novo, aniversários- trazem-lhe a lembrança dessa senhora :

“todos os natais, ano Novo e aniversário eu lembrava dela e chorava muito por não ter podido lhe dar adeus”.

Sua madrinha, a quem “adorava”, morreu pelo uso de uma medicação injetável. O Príncipe associa este fato à toxicomania: “foi com 7 ou 8 anos que vi a primeira droga pesada, as ampolas e a seringa no meio das roupas dela”. Mais uma vez, a morte aparece associada a comemorações. Era esta madrinha a pessoa que realizava suas festas de aniversário.

Não é de se estranhar que as datas festivas marcassem várias das recaídas do Príncipe. Durante o tratamento na COTE, e em internações anteriores, a chegada de datas comemorativas remetiam-no diretamente à cocaína.

Várias mães, vários padrastos, vários lares marcam a trajetória de sua vida. Alguns trechos de seus escritos dizem destas andanças:

“.....convivi muito na casa dos meus parentes, um pouco em cada lugar, e minha mãe sempre me dando assistência mesmo à distância muitas vezes.....na adolescência com 16 anos passei a morar com minha mãe uma vida de cigano moramos em vários lugares sempre em peças dividindo uma peça para 3 pessoas.....”

Nestes percursos a única referência parecia ser a mãe. Na época da gravidez esta fugiu do pai do Príncipe “para protegê-lo”, por ser o pai muito agressivo. Já nesta época inscreve-se no destino do Príncipe a perambulação de um lugar para outro. A saída torna-se traço. Traço esse que se repete sem cessar: sair do lado do pai, sair da casa da mãe, sair da casa dos tios, sair da escola, sair dos tratamentos, sair do casamento, sair da vida “careta”, sair da “drogadição”.

Os significantes anteriormente mencionados, agregado e intruso, associam-se com este traço identificador e com o início de situações delinqüenciais. Escreve o sujeito:

“... fui expulso da escola que estudava, como não morava com meus pais, e sim com meus tios, eu sempre era por último, via eles ganhando presentes, atenção, dinheiro para ir ao cinema, de sua avó, como eu era agregado sempre ficava por último e de certa forma eu aceitava esta posição, por me sentir gratificado em conviver com eles: Também já começava a fazer pequenos furtos, como roubar no armazém, mexer na carteira da tia, transar com minha prima.....”

Na adolescência O Príncipe retoma as referências que possui:

“Tive uma adolescência normal, creio eu, tinha amigos, estudava não tinha compromissos maiores, hoje no meu entender eu devia ter mais acompanhamento e conselhos, gostaria de ter tido um pai e uma mãe mais sensíveis aos acontecimentos, ela sempre acreditou muito em mim e mantinha sempre uma aparência de menino tímido e educado, e era mesmo”.

Relembremos a operação adolescente na qual, segundo Rassial (1997), o “après-coup” do estágio do espelho apresenta três faces: a reapropriação de uma imagem corporal, do sintoma e o teste à eficácia do Nome-do-Pai. Ressaltamos, nesta operação de passagem, a função do retorno recebido do Outro para qualquer uma destas faces.

Os olhos maternos devolvem ao Príncipe a imagem de bom menino com a qual ele se identifica imaginariamente, mas, como toda identificação especular, esta não produz um sujeito. Como ele refere, faltou-lhe uma orientação, maior acompanhamento. Falhou a inscrição do significante Nome-do-Pai, faltou uma mãe que o **nomeasse para** o pai (Lacan, 1973-74)

A vida de cigano faz retornar o traço identificatório da saída. Quando encontra-se “bem” num lugar precisa sair. Assim, quando encontrava-se bem na sua vida familiar precisou sair para a marginalidade, o caminho inverso também acontecendo.

No teste da eficácia do Nome-do-Pai, reencontra um pai do qual não carrega o sobrenome, e do qual resta um traço: ter que fugir para se proteger. Não encontra neste pai procriador, nem nos seus padrastos, um sobrenome capaz de sustentá-lo na linhagem paterna.

Encontra, por outro lado, nos chefes de gangues e traficantes figuras ideais. Seus pares, amigos e primos apresentam-lhe as drogas. Vejamos os escritos:

“nesta época comecei a sair, a noite.....comecei a ter o vicio do cigarro, para chamar a atenção e impressionar as gurias, comecei a estudar a noite e me envolver com más companhias, puxadores de fumo, ladronzinhos de moto e carro para passear, a droga corria solta....não suportei a curiosidade e pedi para experimentar o pico, achei o máximo, mas consegui me manter longe só de vez em quando, passei a tomar comprimidos ligantes, fazia de tudo um pouco, me prostituía, traficava, roubava, não queria saber de outra vida pois me sentia bem, tinha respeito e consideração, não faltava dinheiro, namoradas, nem droga quando queria”.

O reconhecimento do Outro, agora encarnado pelos seus pares, além da mãe, dá-se pela via do tóxico. Os amigos apresentam as drogas, usa-as para se desinibir em relação às

mulheres, e para fazer parte do grupo. Esse “fazer parte do grupo” permitirá que avancemos na nossa tese: uma vez que a inscrição do Nome-do-Pai falhou, o grupo fez referência e pôde determinar a toxicomania. A inscrição no grupo faz uma suplência ortopédica da inscrição paterna.

O termo “curiosidade” nos conduz, também, por essa via. A curiosidade fez O Príncipe experimentar drogas, mas certamente não o fez continuar. Temos no seu escrito um ato falho que nos dá as pistas sobre a continuação do uso e a entrada na toxicomania pela via injetável.

Na frase: achei o máximo, mas consegui me manter longe só de vez em quando, passei a tomar comprimidos ligantes..... um ato falho revela o seguinte sentido: “achou o máximo e manteve-se longe, só de vez em quando”.

O que determinou essa proximidade? Lemos: “sentia respeito e consideração”. Respeito e consideração não sentidos antes, em função da configuração e organização significantes: era o último, sentia vergonha por não carregar o sobrenome paterno e ser filho de mãe solteira.

As questões especulares provocadoras de identificações imaginárias e as edípicas cujo efeito é a castração, juntamente com as identificações simbólicas, retornam no *après-coup* da adolescência. Assim, se a saída, a vergonha, a fuga, foram, entre outros, os traços e significantes associados ao pai e estes não constituíram uma sustentação suficiente, serão insuficientes também no “*après-coup*” da adolescência. Na falta de “orientação” buscou-se outra, no tóxico, mas esta também não é casual. Há a lembrança da morte da tia (uma de suas mães) e a imagem da seringa e da medicação, por ele identificada como a primeira droga vista.

O início do convívio com as drogas data dessa época e relaciona-se à família dos seus tios, o primo lhe apresenta o “primeiro baseado”. Sobre essa experiência O Príncipe diz:

“detestei, mas continuei, não acreditando naquele efeito que tinha me dado, pois via os outros se sentirem bem”

Temos nestas palavras o testemunho do consumo de drogas não constituir uma toxicomania pelo simples efeito da droga. O efeito não foi bom, como esperado, mas o que faz a continuidade é ver os outros sentirem-se bem. Este espelhamento nos outros - se eles se sentem bem eu me sinto bem - marca uma posição que se repete ao longo do tratamento. Identificação com a massa, se tomarmos os tipos de identificação apontados por Freud (1921/1981). Coloca-se na mesma situação que seus amigos, apesar de não sentir os mesmos efeitos da droga que eles sentem. O que tornou a droga um tóxico não foram os efeitos gratificantes, mas a identificação.

Sobre o início do convívio com as drogas, diz ainda:

“quando comecei a usar, não pensava o por quê, mas hoje percebo que buscava liberdade, ser diferente da sociedade, sensações, chamar a atenção das garotas....usei drogas primeiro por curiosidade, pois via quem usava ficar numa boa, alegre, extrovertido.... no início eu usava em grupos, nos reunia em um determinado lugar, geralmente nos fundos de uma casa de amigos, quando percebi já estava usando sozinho, não gostava de dividir com ninguém a cocaína principalmente.....no começo sentia fome e sono, nos últimos anos sentia depressão, revolta, arrependimento por ter usado, ao mesmo tempo sentia vontade de usar mais para fugir e não sentir a depressão”

Há neste trecho um registro de diferentes modalidades de uso que nos dizem de diferentes lógicas toxicomaniacas. Inicialmente, a droga entrando num processo grupal, no qual o compartilhar com o outro fazia parte do prazer, além do efeito em si. Num segundo momento, a exclusão dos outros para viver um idílio com a cocaína, especialmente.

O circuito pulsional sujeito-cocaína, que elimina qualquer terceiro da relação, substituindo inclusive necessidades como a fome e o sono, é especificado no seguinte escrito:

“....eu vivia só para a cocaína, não me alimentava mais, só pensava em arrumar um jeito de arrumar dinheiro para pagar dívidas de droga e comprar mais drogas...”

Estes escritos falam da transformação da droga em tóxico. O remédio para as dores relativas às diferentes faltas apontadas pelo Príncipe, transforma-se em veneno e apontam para a lógica da suplência na operação farmakon (Le Poulichet, 1987/1990). Não se droga para mostrar aos outros, ou para sentir o prazer que os outros sentem. Esses outros foram excluídos e entrou-se num circuito no qual se presentificam o organismo e a droga. Até o dinheiro perde seu valor fálico e de mediação para transformar-se somente num instrumento que lhe proporciona mais cocaína. Assim faz andar a máquina.

A descrição do início da injeção de cocaína atualiza a operação farmakon, um antídoto é encontrado para as dores da vida. No entanto, este produz seu veneno, e provoca um excesso:

“.....alguns do grupo já usavam droga injetável, eu só assistia, as vezes ajudava a preparar a droga até que um dia, pedi ao mais velho da roda que me deixasse experimentar a droga, pois estava curioso e queria conhecer. Foi o máximo achei que tinha encontrado o antídoto para minha insegurança, tudo ficava mais fácil, podia beber bastante, nunca ficava cansado...se passou alguns anos e me dei por conta que estava me afundando nos mais perversos caminhos...”

A “saída” encontrada desta vez é um casamento, a constituição de uma família e a aquisição dos bens necessários. Teve êxito neste empreendimento e então:

“...enfim uma vida saudável....me confortei com a cocaína novamente...quando me dei por conta estava aprofundado e não consegui parar mais de usar, minha vida se tornou um inferno, minha família destruída, hoje eu me sinto um homem derrotado, envergonhado, inseguro sem confiança em mim mesmo”.

É curioso notar que desta vez o tóxico se constitui como conforto face a uma vida saudável. O Príncipe não refere insegurança, ou outras falhas, como explicação para o início do uso de drogas, mas sucesso. Sucesso este associado a uma lógica fálica. Por que buscaria conforto na cocaína, então? Esta lógica torna-se insuportável e precisa mudar o

rumo para a marginalidade. Lembremos que a referência à “vida saudável” o colocava numa posição de “ser o último”. Precisa, então, mudar o curso e navegar na marginalidade.

O sucesso torna-se insuportável porque seu principado foi construído sobre pilares ruídos, que a todo momento ameaçam se desfazer. A mãe vestia-o como um príncipe, porém, estava longe de prover condições financeiras e subjetivas que lhe permitissem ocupar esse lugar. Na marginalidade ele pode finalmente encontrar o lugar que os olhos maternos refletiam. Aí sim ele era “real” e tinha seus súditos.

Esse sujeito, no entanto, podia julgar a via que tinha abandonado e assim deparar-se com o “inferno” no qual sua vida tinha se transformado. Inferno esse relativo a um circuito pulsional no qual o corpo aparecia como puro organismo a ser provido de droga, numa relação a dois, na qual nada e ninguém era capaz de se intrometer.

A passagem da modalidade aspirada para a injetável marca uma passagem do olhar para o usufruir. O Príncipe não mais se contentou com o prazer escópico, mas foi-lhe necessário fazer.

A referência ao “mais velho” enquanto suporte para sua nova descoberta traz, mais uma vez, a procura de um saber que possa mostrar-lhe “o caminho”. Colocamos este no singular porque sua busca parece ser, a todo momento, a procura da via principal.

Encontramos nos autores que teorizam as toxicomanias a referência a uma fragilidade na instância paterna. Fragilidade esta que destrói ou deixa inacabados os pilares simbólicos capazes de traçar e apontar um caminho possível. O Príncipe carece de um Rei. No seu lugar, encontramos uma Rainha com vários candidatos ao trono, mas nenhum forte o suficiente para adotar o herdeiro como filho.

Perante a insuficiência paterna, O Príncipe cavoca traços de um e de outro, em cada um dos lugares pelos quais passa. As drogas apresentam-se como uma solução mágica e viável, num primeiro momento, capaz de sustentá-lo. No entanto, cedo descobre a volatilidade desta solução quando o suporte encontrado esvai-se, restando somente ele e o seu corpo.

Sabemos que a insuficiência paterna não é exclusividade dos sujeitos que optam por uma via toxicômana. Então, cabe perguntar-nos o que leva o Príncipe a se enveredar por essa via. Já assinalamos alguns traços do caminho desenhado, principalmente as

lembranças da medicação da seringa de sua tia, provocadoras da morte, e o reconhecimento que a marginalidade lhe possibilitou, perante a falta de sustentação pelo Nome-do-Pai.

Mas aí novamente o reconhecimento da saída venenosa que este remédio lhe provocou e a busca de uma nova “orientação”:

“estava virando um monstro, não queria mais ficar de cara era muito ruim lembrar do que estava fazendo com minha família e comigo mesmo, e eu não acredito que tenha vindo ao mundo para ser o que estou sendo. Aí resolvi procurar ajuda, orientação, porque pra mim só restava o suicídio”.

No seu tratamento aparece a dualidade entre sujeito e droga, e a conseqüente dificuldade de permitir a entrada de um terceiro:

“...no meu dia a dia ainda estava bem mais apegado na COTE, não me sentindo bem na rua, e pra variar estava em conflito com C (um colega) ., e me debatendo com as drogas de uma forma bem violenta, e também não encontrando espaço para fazer abordagens nem terapia individual, talvez por não ter o hábito de pedir ajuda, achando que terceiros não tem que se envolver...”

O tempo passado do verbo deve-se a que este Balanço foi escrito quase no momento da alta do paciente, retomando todos os “Sentimentos do Dia”. A falta de mediação simbólica aparece também nas passagens ao ato. Sobre os motivos desta forma de fazer O Príncipe diz:

“...herdei uma compulsão de fazer o que me viesse na cabeça, sem interferência, como se meu Deus fosse eu mesmo, e acabei entrando numa via de desgraça e infelicidade....”

Este fazer inclui o ato de se drogar, os atos delinqüenciais e outros atos de violência, geralmente dirigidos aos seus familiares e, na COTE, aos seus colegas de tratamento. Vimos que somente num primeiro momento do seu percurso toxicomaníaco

O Príncipe dirige-se ao Outro nos seus atos, caracterizando o acting-out, Nos momentos posteriores o Outro está excluído, sendo o fazer uma passagem ao ato.

O processo de tratamento resgata a inclusão de terceiros. Se, como vimos acima, no trajeto drogaditivo deste sujeito, o corpo torna-se um instrumento, uma máquina (segundo formulações de Le Poulichet (1987/1990), a ser mantida em funcionamento através da ingestão , aspiração ou injeção, de doses de droga, quando a droga vai sendo excluída, o corpo manifesta-se de outras formas:

“também realizei um exame bem complicado nos intestinos e passei alguns dias bem tenso, mas graças a Deus transcorreu tudo bem não tenho câncer nem alguma doença maligna a não ser uma dependência de cocaína que tem como tratar”

Deus não é mais ele mesmo, mas uma entidade terceira a ser chamada em momentos de dificuldade. O corpo doente não é mais um simples organismo a ser mantido em funcionamento, mas está, nesse momento, recoberto de significantes que apontam sua falha. A doença marca o mal funcionamento do corporal.

Alguns momentos de recaída – saída da abstinência– são mencionados e associados com momentos de angústia provocados seja por alguma dificuldade ou por algum tipo de sucesso. Há aqui uma repetição, no percurso de seu tratamento, dos trajetos acima apontados. O lugar certo para o sucesso era o curso toxicômano, o sucesso na “vida sadia” ainda se apresenta carregado de significantes e traços que demarcam uma saída. Vejamos o seguinte escrito:

“Continuo com dificuldades de relacionamento, tanto familiar, como nos locais a onde ando, meu casamento com a droga também prejudica muito minha vida”.

A palavra casamento é uma ponte erguida entre as vias percorridas pelo Príncipe:

“acho que o certo seria minha independência com meu casamento e com a cocaína, é esta minha luta, ou então optar por uma das duas, e é claro que estou optando pela minha família....”.

Finalizamos com as palavras do Príncipe sobre seu tratamento, são estas que falam sobre o seu percurso, especialmente as conquistas relativas à resignificação da castração – “nada é como imaginamos”- diz ele. Aponta, ainda, o curso que lhe resta:

“Finalizando o que consigo observar, é que imaginava neste 1 ano e 4 meses pude me conhecer de alguma forma, confesso que imaginava outra finalização no meu tratamento, isto é, estar com meu casamento 100% de já ter um serviço e começar a trabalhar logo, de não sentir vontade de usar droga, de ver minha mãe bem, mas nem tudo é como imaginamos por isso vou continuar em busca de melhores dias em todos os aspectos da minha vida, como já disse, tenho saúde e desejo de mudar por isso vou continuar caminhando em direção a minha felicidade, com ou sem minha mulher, porque minha filha sempre estarei ao seu lado. Quanto esse trabalho posso dizer que me serviu para refletir no que tenho feito por mim, e com certeza, este ano fez eu crescer e desenvolver minha mentalidade, fez eu ver uma realidade de cara limpa, fez eu ver que posso me superar, que ainda tenho muito trabalho para fazer neste mundo, que tenho pessoas que se preocupam comigo, fez eu ver que não é tão fácil mudar meus defeitos que minhas explosões e falta de serenidade é um desequilíbrio das minha emoções que se eu quiser eu consigo reformulá-los com o passar dos dias: agradeço pela paciência de escutar e pela oportunidade que tive aqui nesta casa. Obrigado”.

3.2. Morfeu

Com 25 anos de idade, Morfeu ingressa na COTE, permanecendo em tratamento durante nove meses. Nove meses de gestação de um sujeito que tem na morte um traço de identificação. Morfeu procura a COTE após o resultado positivo do teste HIV. Adquiriu o vírus por compartilhamento de seringas.

O nome aqui escolhido para apresentar o seu caso deixa transparecer uma aposta para que as sucessivas mortes transformem-se em sonhos.

Dos seus escritos desprende-se um traço fundamental ligado à morte que demarca seu lugar subjetivo e se repete nas várias páginas, seja de escrita livre ou semi-dirigida. Menciona como experiências positivas de sua vida:

“... no meu primeiro ano de escola um guri deu em mim e eu apenas chorei, passando o tempo ele quis bater em mim novamente só que desta vez eu enchi ele de porrada aprendendo que para não apanhar dos outros eu tinha que me defender e preciso bater. Também certa vez minha avó e minha tia me levaram a um velório duma senhora que seguido íamos na casa dela eu fiquei durante algum tempo com medo, mas o que eu tirei de positivo nisto é que descobri que nascemos e vivemos, mas um dia teremos que morrer”.

Geralmente, no item sobre experiências positivas, os pacientes escrevem lembranças de momentos agradáveis vividos com pessoas próximas. Vemos que Morfeu precisa fazer um exercício de cavocar o “positivo” em situações nas quais mostra-se totalmente desamparado.

A primeira lembrança aponta para a estruturação de uma defesa perante um total desamparo ou abandono. Ninguém o defendia, então, precisou aprender a fazê-lo sozinho, e assim a “porrada” foi o melhor recurso. Sem fundamentos simbólicos que mediem sua relação com os outros, a defesa surge como um ato de violência. “Porrada” é um significante que condensa o seu agir em vários momentos, como veremos adiante.

A outra lembrança faz surgir a morte enquanto imperativo. Morfeu escreve que seu aprendizado foi ter descoberto que “teremos que morrer” e não, por exemplo, que “um dia morreremos”. Este imperativo de morte marca seu lugar. Em tudo o que ele faz precisa morrer, tudo ele perde. Morfeu não consegue ficar mais de seis meses num mesmo emprego, suas atitudes o levam a perder as namoradas, enfim, “tem que perder”. Assim ele escreve:

“...um comportamento que acho incorreto em mim é o de após algum tempo estar fazendo algo torno-me desleixado para com o mesmo, sinto irritação e vontade de abandoná-

lo...outro comportamento que acho incorreto é o ciumento, inseguro e possessivo que tive na maioria de meus relacionamentos. A origem destes comportamentos era sempre após estar algum tempo com alguém sempre manifestava estes defeitos vindo com o tempo a perder a pessoa que amava...”

O abandono mencionado refere-se à falta de amparo materno desde os primeiros anos de sua vida. Morfeu é o quarto filho de sua mãe e primeiro do seu pai. Do pai tem vagas lembranças, foi seu avó quem ocupou esse lugar. Aos três anos ficou sem a convivência de sua mãe a quem via somente duas vezes ao ano. Essa situação prolongou-se até a idade de onze anos. O lugar de desamparo e o de não ter sido o escolhido entre os irmãos são as conseqüências psíquicas que essa contingência da vida familiar provocou. Vários trechos de seus escritos apontam estes lugares. Escolhemos um destes:

“tenho um ressentimento desde criança que foi ter ficado longe de minha mãe até os onze anos. A causa deste ressentimento é de minha mãe me deixar no interior preferindo trazer meus outros irmãos primeiro, não a culpa por isto pois, talvez por necessidade isto aconteceu e até hoje noto que nossa relação é meia apática enquanto sua preferência por alguns dos meus irmãos”

A escrita da palavra ressentimento como “recentimento” pode ser tomada como uma condensação (recém+sentimento) que denota a atualidade das questões trazidas. É nesse lugar que Morfeu ainda se encontra, o de ser o filho excluído e desamparado.

Na relação que estabelece com as mulheres exige-lhes uma prova de amor impossível, demanda endereçada à mãe da qual não obteve sucesso.

“com as namoradas que eu tive.... no começo parecia tudo normal mas ao passar algum tempo tinha a necessidade de fazê-las provarem que me amavam. Fazia isto fazendo ciúmes, cobrando coisas, sendo ciumento e tentava ser o dono até mesmo dos pensamentos delas, para acreditar que tudo estava bem queria ter a atenção delas 24 horas, tendo assim característica de possessivo. Isto aconteceu umas três vezes, três mulheres diferentes”.

As relações amorosas, no seu caso, assemelham-se à relação tóxica, apontada por Le Poulichet (1987/1990). Estas relações são extraídas pela autora dos textos de Freud nos quais este explicita a relação do sujeito com o hipnotizador e a identificação com o líderes das massas. Relações a dois, sem a intermediação de um terceiro.

Em relação à transformação das drogas em tóxico escreve:

“o que me levava a recair era minha pouca força de vontade e também o desejo que não conseguia controlar, o desejo era forte e talvez porque já estava totalmente viciado, ou seja quando me batia o desejo esquecia de tudo e de todos” .

Onde Morfeu encontraria força de vontade se ele se encontra numa situação de quase total desamparo materno? O momento em que ele refere esquecer de tudo e de todos é o que marca a dualidade que transforma as drogas em tóxico. Aí não havia nenhuma mediação entre os dois.

Nas relações amorosas e no recurso ao tóxico sobressai-se a dualidade. Dualidade esta que aponta a falha da função paterna. O pai falhou na sua função de interditar o desejo materno. Sendo assim, coube a Morfeu a função de defesa. A “porrada” foi o meio utilizado. Porrada que se repete nas suas relações e na sua toxicomania. “Pancada” ou “baque” são gírias comumente utilizadas, pelos sujeitos toxicômanos, para fazer referência à injeção de drogas.

Em diversas situações vê-se “obrigado” a entrar em brigas corporais, escreve Morfeu: “comecei a ir a discotecas com 13 anos, na primeira festa que eu fui eu me envolvi numa briga porque eram meus amigos que estavam brigando e eu **tive** que ajudá-los” (grifo meu). O sujeito parece sempre iniciar-se por meio da “porrada” - por atos que carecem de intermediação simbólica. Neste caso, na primeira festa foi imperativo brigar.

O início do uso de cocaína deu-se da mesma forma: “...quando conheci a cocaína foi da pior forma possível pois já comecei tomando-a nos canos”.

Apesar de o pai biológico estar distante, o sujeito encontrou no avó um pai. Porém, um pai que não lhe deu sustentação simbólica suficiente para livrá-lo do lugar mortífero. Seu corpo sofre as conseqüências do imperativo de morte. Doenças sucedem-se desde a infância, algumas das quais necessitam de intervenções cirúrgicas. Cada uma destas últimas

deixa marcas subjetivas. Morfeu as utiliza para organizar seu tempo. São freqüentes frases nas quais se refere ao “antes” e “depois” da cirurgia.

Notas em relação à falta de revestimento significativo de seu corpo que o fazem valorizar os fluídos reais, e chegar até a morte, são freqüentes:

“...eu tinha uns 11 anos e fui numa festa onde com o descuido das pessoas eu tomei um monte de caipirinha e fiquei completamente bêbado e passei muito mal, vomitei muito e dormi com o rosto sufocado no próprio vomito arriscando a morrer deste jeito...”.

O risco fica cada vez mais próximo, culminando com a infecção pelo vírus HIV.

A construção de sua toxicomania dá-se sobre estes pilares: um corpo que, na falta de elementos significantes, utiliza-se de elementos reais, um imperativo de morte que o atravessa, uma imagem especular de filho problema e uma inscrição tênue do Nome-do-Pai.

A imagem refletida pelo Outro configura-se pelo “problema” que foi ao nascer e que repetiu no seu percurso com as drogas, bem como pela esperança de que fosse uma criança saudável. Imagem esta contra a qual se rebela.

“Quando nasci a situação de minha mãe não era muito favorável e eu acho que a única coisa que podiam esperar de mim era que eu nascesse com saúde” .

Se o esperado era a “saúde” ele oferece a doença, numa tentativa de defesa contra o imaginário de um Outro engolidor de seu desejo. Se o pai falhou em algum lugar na interdição do desejo materno, é Morfeu quem se vê impelido a fazer esse corte. Corta ou faz cortarem seu corpo, fica doente, fura-se, bate, machuca e machuca-se, tudo isso numa função ortopédica da função paterna (Petit, 1987/1990). Barra a imagem de saúde - a qual imagina ser o reflexo dos olhos maternos - com a doença e a morte. Esta também determinada pelo lugar de desamparo e abandono.

Sua travessia pelas drogas inicia com a bebida, passando à maconha e, finalmente, a cocaína injetada. Estas convertem-se em amparo ilusório, transformando-se em tóxico pela relação dual. Remédio para as situações de abandono que se transforma em veneno pelas conseqüências produzidas:

“o que me levou a usar drogas eu não tenho certeza pois principalmente a cocaína quando a usei pela primeira vez eu acabara de sofrer uma desilusão amorosa estava sozinho e achei que a cocaína não me traria problema algum a não ser prazer. Certo dia fui a casa de meu primo e ele estava usando com um amigo, e eu tive a maior curiosidade em conhecer aquilo, meu primo não queria me botar naquela onda, mas eu insisti até que ele me aplicou uma dose nos canos e assim começou meu inferno e envolvimento com cocaína”.

A lógica toxicomaniaca de suplência apresenta-se neste caso:

“No começo usava maconha sempre com amigos, pois não gostava de fumar sozinho. A cocaína eu comecei usando também em companhia de amigos cada um com seu aparelho mas como eu não sabia se aplicar precisava deles. Um dia aprendi a me aplicar e passei a usar sozinho” .

O início do uso de drogas deu-se entre amigos, com os quais compartilhava um momento. Estes, enquanto encarnação de Outro, reconheciam-no como um igual, já que sua mãe parecia não vê-lo.

No após-coup da adolescência, Morfeu reapropria-se da imagem especular na qual encontra uma imagem que se apaga. Uma imagem materna que lhe indica não haver lugar para todos os filhos ou um pai que lhe apresente a possibilidade de um lugar diferente daquele do desejo materno. Ao escrever sobre a adolescência, diz: “minha adolescência foi boa já estava acostumado com meus avós”. Apesar de o avó lhe proporcionar uma sustentação simbólica que lhe permite a filiação, falha em barrar, em algum lugar, o desejo materno. Desta forma, Morfeu morre a cada tentativa de se firmar nas diversas situações amorosas e laborais. Apaga-se repetindo o abandono.

Não encontra significantes que possam revestir o seu corpo, em modificação pela puberdade, já que retorna o imperativo de morte. É nesse momento que a infecção pelo vírus HIV aproxima a morte física. Esta torna-se palpável no seu corpo e pode lê-la através dos exames que lhe indicam a presença do vírus, e do desenvolvimento deste pela destruição de suas defesas imunológicas.

A “porrada” foi seu meio de defesa perante a falta de sustentação e o desamparo, defesas que aos poucos o vírus destrói. É por isso que pode-se entender que é a presentificação da morte no seu corpo que lhe permite viver:

“hoje graças a Deus, a minha mãe, a este tratamento e a minha deficiência imunológica, estou valorizando-me e querendo viver...”

O tratamento foi iniciado logo após a descoberta do vírus. Neste, suas questões se repetem e, sendo trabalhadas na transferência, entram num processo de simbolização. Como menciona Le Poulichet (1987/1990), na lógica da suplência a toxicomania não pode ser considerada um sintoma, porque o sujeito desaparece, o corpo aparecendo excluído da cadeia significante. A direção do tratamento, então, é fazer da toxicomania um sintoma.

Vejam, neste caso, os recortes do texto “Balanço de Sentimentos” que marcam os vários momentos desta inclusão na cadeia simbólica:

“ estava sem um pingo de controle e não sabia como este tratamento poderia me ajudar, mas senti que poderia ser minha última chance e assim fiz a triagem, mas, estava tão tomado pelo vício, que tive muita resistência para entrar aqui...”

O ingresso no tratamento, sendo significado como a última chance de viver, provoca resistências, pois é um terceiro que se insere no recurso ao tóxico, propiciando que o sujeito se reaproprie dos significantes capazes de vestir o seu corpo. Neste caso, foi através do HIV que isso tornou-se possível:

“com o passar dos dias me aprofundei mais no assunto hiv e assim descobri que poderia ter uma vida normal, ter relações e de que não precisava me isolar das pessoas, pois bastava ter os devidos cuidados...”

A resignificação do tóxico, ao associar o uso de drogas à relação com a mãe, permite a saída desse recurso:

“ não podia ouvir falar em droga, principalmente quando tinha algum dinheiro, me fazia sentir desejo de usar, isto me deixava muito nervoso... no início não consegui falar em drogas mas depois comecei a me dar conta que aqui na COTE não se falava só nisso e sim da vida... cada vez que sonhava com drogas me sentia abatido, pois acabava tendo que fazer abordagens e falar em grupo sobre o assunto. Os motivos que me levavam a não usar drogas aos poucos começaram a ficar mais claros para mim e muitas vezes estes motivos passaram a me manter firme em minha abstinência e nos momentos em que sentia-me tentado”

A possibilidade de falar e associar o uso de drogas a outras questões psíquicas permite-lhe o abandono das passagens ao ato. A possibilidade de sonhar é um indicativo das condições simbólicas. Há uma passagem do “pico” ao sonho. E pôde dar mais um passo ao falar sobre estes sonhos.

Além disso, apresenta-se a necessidade de controle das “tentações”. Para isso Morfeu apóia-se em todos os recursos encontrados na sua travessia: N.A. (grupo de auto-ajuda) e a Igreja. Inicia alguns cuidados com o seu corpo, os quais apontam uma problematização e questionamento em relação ao imperativo de morte:

“aos poucos comecei a gostar mais de mim, cuidando minha saúde e minha aparência, passei a tomar batidas de frutas e legumes...”

Na associação do tóxico com a mãe surgem o abandono e o desamparo, apresentando seus efeitos:

“tinha dificuldade em aceitar a ausência de minha mãe nas reuniões de família, cada vez que isso acontecia me sentia só...falei um pouco de minhas tentativas de ficar longe das drogas, onde certa vez cheguei e ir para o interior...me dava pavor ficar longe de minha mãe, me sentia só e jogado no mundo...”

A solidão faz com que ele se volte para sua mãe:

“a relação entre eu e minha mãe passou a fazer barulho dentro de mim, visando sempre a sua relação com os demais e este assunto passou a me acompanhar na COTE”.

A significação, no “après-coup”, do uso de drogas enquanto agressão à mãe, apresenta a lógica do suplemento- o uso endereçado ao Outro :

“tive uma briga feia com minha mãe devido ao não comparecimento dela nas reuniões, onde ela aproveitou e me jogou coisas duras na minha cara. Foi aí que eu resolvi deixar resolver esta questão conforme sua vontade, neste dia quase usei drogas mas tive pela primeira vez a capacidade de refletir, descobrindo que o fato de usar drogas seria um modo de agredir minha mãe, porém, percebi que o maior prejudicado seria eu, e assim, podi eu tomar a atitude de não fazer nada que piorasse as coisas...”

Deste texto sobressai a conjugação do verbo poder. “Podi” (em substituição do pôde) lembra a conjugação realizada pelas crianças nas suas primeiras incursões pela língua. Morfeu realiza suas primeiras incursões num mundo no qual não precisa colar-se ao desejo materno e assim vê no horizonte a possibilidade de navegar sem precisar morrer a cada conquista.

3.3. B. Simpson

B. Simpson tem vinte e quatro anos de pura travessura. É esta uma das razões pelas quais escolhi seu nome fictício nesta apresentação. Suas drogas prediletas eram a maconha e a cocaína aspirada. Estas permitiram-lhe construir uma toxicomania apoiada no discurso paterno. O seguinte escrito diz do seu lugar subjetivo.

“...quando eu nasci e cresci meu pai me deu um nome e disse para todos: “é um menino, se chamará...quero que ele viva e cresça livre, fazendo travessuras, chegando em casa chorando por ter se machucado jogando bola ou fazendo molequices”...

Estas palavras marcaram o destino do sujeito de tal forma que as travessuras e machucados sucederam-se sem fim. À diferença dos outros dois casos apresentados neste capítulo, observa-se que para B.Simpson a filiação está garantida, bem como os cuidados associados à função materna.

A toxicomania de B.Simpson remete, geralmente, às palavras do pai. Suas lembranças da infância têm seu pai e sua mãe como figuras principais, ressaltando destes, valores relacionados ao trabalho, aos cuidados e atenção aos filhos.

A adolescência é referida como um momento de apogeu. Quando fala deste momento, geralmente o faz no passado. Porém, em alguns trechos de seus textos, aparece o presente. Assinalamos isto porque certamente é do presente que se trata. Em relação às questões psíquicas que o levaram a navegar pela toxicomania, B.Simpson é um adolescente.

“ a adolescência se caracteriza por isso: eu aprendo algo, começo a pensar no que aprendi e por fim ter minhas próprias idéias a partir daí, fazendo valer meu ponto de vista”.

Aparece anunciado nestas palavras o eixo de seu tratamento: ter suas próprias idéias a partir do que aprendeu e fazer valer seu ponto de vista, diferenciar-se do destino traçado pelo pai para sua infância e questionar suas “molequices”. Ao falar sobre o início do uso de drogas não sabe explicá-lo e refere um primeiro momento de experimentação.

O encaminhamento pelo curso da toxicomania provocou a perda de suas atividades universitárias e uma exigência de tratamento por parte dos pais. Essa exigência é reconhecida por B.Simpson como um cuidado e agradece aos seus pais pelo ato. Surge nela um novo mandato paterno: abandonar as travessuras e molequices. É como se pudéssemos ouvir o pai dizendo: “agora não precisas fazer mais travessuras, já não és mais criança”. Com a exigência e dedicação dos pais ao tratamento (eles estavam sempre presentes quando solicitado e dispostos a questionarem seu lugar) fica demarcada uma passagem a ser realizada no curso de sua vida, uma passagem que exige uma mobilização de lugares.

B.Simpson metaforiza isso na sua triagem: “imagina que eu tenha um armário e as coisas estejam colocadas de uma determinada forma e eu resolvo mudá-las de lugar. Se tem

algo ocupando um espaço a partir dessa mudança poderia ficar um espaço vazio”. Diz ainda precisar tirar a droga do lugar e não saber como re-arranjar o espaço vazio.

A toxicomania foi tomando um espaço cada vez maior na sua vida. B.Simpson já havia realizado uma escolha profissional e iniciado os estudos universitários, mas não foi possível continuar porque as drogas, transformadas em tóxico, ocuparam esse espaço “no armário”.

No aprés-coup da operação adolescente (Rassial, 1997), Simpson procura uma imagem e uma referência:

“...sou um ser humano que...reconhece a mancada por si mesmo ou, se preciso for, com os olhos de alguém que queira que a verdade seja vista...”.

Escreve ainda:

“os primeiros meses foram marcados por uma busca muito grande de algo que pudesse servir como referência para minha vida...” .

No momento em que as palavras do pai referidas à infância não são mais referências e o levaram ao caminho da toxicomania, busca uma referência que lhe permita continuar pela vida. Nesse percurso as faltas aparecem, faltas essas que ele vê-se capaz de reconhecer, porém, muitas vezes precisando dos olhos do Outro.

No teste à eficácia do Nome-do Pai, apontada por Rassial (1997) como sendo uma das faces da operação adolescente, B.Simpson encontra um pai que lhe exige crescimento e, ao mesmo tempo, chama-o a continuar ocupando um lugar no qual suas palavras sejam fundamentais. É por isso que Simpson encontra a sustentação simbólica necessária para continuar seu percurso. No entanto, o novo percurso será marcado pelo questionamento ao imperativo paterno.

Se na infância o pai desejava um filho travesso, tendo B.Simpson seguido à risca sua orientação, na adolescência as “molequices” deixam de ser engraçadas aos olhos do pai.

A toxicomania de B.Simpson associa-se as “molequices” esperadas pelo pai, e fazem-nos pensar na continuação do brincar infantil, da qual fala Rassial (1997). É uma

toxicomania construída sobre as palavras do pai, e assim, perpassada pelo Outro. Toxicomania cuja lógica é de suplemento, se tomarmos a diferenciação de Le Poulichet (1987/1990).

B.Simpson encontra um lugar de filiação garantido, porém, não uma interdição ao desejo do Outro, encarnado neste caso pelo pai. A interdição encontra, assim, uma via de expressão real, no corpo, com a sucessão de inúmeros machucados, sendo estes também preditos pelo oráculo paterno. Quando criança machuca-se e adocece e, posteriormente, o corpo entra em cena na toxicomania.

Uma internação de 24 dias para desintoxicação foi necessária anteriormente ao tratamento de 1 ano na COTE. Essa desintoxicação mostra o estatuto do corpo no seu sintoma: tem que tirar a droga do corpo para poder tratar das questões que a ela se associam. Somente depois desse período é possível efetivar uma mudança de posição subjetiva em relação ao tóxico, ou “mudar os lugares do armário”, segundo sua metáfora.

A procura de tratamento deste sujeito dá-se pela intervenção parental no momento em que algumas perdas delineiam-se na sua vida. Este fato coincide com a denominação do próprio Simpson enquanto “dependente químico”. O corte nessa identificação com a “dependência química” inicia-se pelo retorno recebido do Outro. Seus pais, colocados aqui enquanto encarnação do Outro, intervieram espelhando o desejo de um destino diferente daquele manifesto para sua infância.

O seu tratamento na COTE foi marcado pela busca de uma descolagem do discurso do pai, que o chamava sempre para um lugar de subservência. Sobre seu primeiro momento Simpson escreve:

“era preciso tomar uma decisão a favor de mim mesmo. Mas que decisão poderia tomar um cara que nem anda sozinho na rua: o pai leva e a mãe busca? A questão mesmo iria muito além disso. O fato é que eu não me sentia seguro em andar sozinho...”.

Sobre seu lugar subjetivo nesse momento escreve, ainda:

“estava decidido a começar algumas mudanças importantes na forma pela qual estava me colocando diante das situações na minha casa. Com certeza não queria me colocar naquele

lugarzinho omissivo, à mercê de uma contestação das minhas atitudes e desejos. Apenas queria meu espaço de volta...”.

Uma abordagem com a presença dos pais foi necessária para intermediar as palavras de B.Simpson e de seus pais. Há aí um deslocamento: “descobri algo surpreendente: o medo e a insegurança estavam dentro de mim mesmo” .

Essas questões provocam um vai-e-vem, no qual situações vivenciadas com os colegas repetem a falta de espaço na qual o sujeito vê-se colocado e uma conseqüente “luta pelo espaço”. O trajeto de seu tratamento na COTE finaliza com a solicitação da sua alta progressiva antes do tempo por ele imaginado. Sua alta marca o fim de um trajeto e a continuação de uma travessia.

DISCUSSÃO

Os casos aqui apresentados, a partir de textos escritos, permitem-nos analisar a construção de toxicomanias de suplência, especialmente nos casos de O Príncipe e Morfeu. Focalizar, nessa construção, o retorno do Outro, será necessário para encaminhar-nos ao fim da presente investigação, delineando o próximo estudo.

O Príncipe e Morfeu apresentam o recurso ao tóxico enquanto suplência do lugar da função simbólica em falha. Suplência associada à ineficácia e enfraquecimento da função paterna, decorrentes do tênue traçado da inscrição do Nome-do-Pai. O Príncipe envergonha-se de não carregar o sobrenome paterno. O único sustento resgatado do pai é um traço relativo à “saída”, o qual o sujeito repete no curso de sua vida. A função paterna foi garantida, neste caso, por figuras diferentes de seu pai biológico.

A figura do avô garante a Morfeu alguma sustentação simbólica, porém, esta mostra sua ineficácia de barrar o gozo materno. A inscrição do significante Nome-do-Pai apresenta falhas, neste caso, como no anterior.

As mães destes dois sujeitos falham, também, na sua função de acolhimento. A distância física inscreveu o abandono. O Príncipe resgata a função materna, ao dizer que, apesar de distante, com sua mãe ele sempre pôde contar. Já para Morfeu o abandono

materno é reforçado com o desamparo. Ambos sujeitos recuperam o convívio materno em idade próxima à puberdade, momento em que também iniciam o uso de drogas.

No “après-coup” da adolescência, ao testarem a eficácia do Nome-do-Pai, estes sujeitos encontram uma falta de sustentação simbólica, decorrente de um tênue risco e/ou apagamento no momento da inscrição desse significante. Ficam, assim, a mercê de uma mãe que sem ter a quem prestar contas, aproxima-se e distancia-se de acordo com suas necessidades. Outras figuras maternas encarregam-se dos cuidados. Porém, não conseguem apagar os traços do abandono.

Morfeu encontra o silêncio na reedição do estágio do espelho, silêncio que lembra a morte. Esta é encontrada, também, nos atos de sua avó. Os olhos da mãe do Príncipe refletem a imagem que lhe valeu o nome fictício. As drogas e a morte são as imagens refletidas pelo espelho de suas “mães substitutas”. Morte com a qual ambos se identificam.

Não há quem os defenda, nesse ponto, do gozo materno. Assim, precisam encontrar um recurso que lhes garanta a defesa. As drogas, a “porrada” e a delinquência são os meios por eles encontrados para tentar interromper o fluxo que os cola à mãe. O tóxico entra, por isso, na lógica da suplência, de acordo com as formulações de Le Poulichet (1987/1990). Lógica que repete a dualidade, sendo ineficaz na interrupção do fluxo materno. Petit (1987/1990) situa a toxicomania enquanto uma ortopedia da função paterna. Diz o autor que a droga ocuparia o lugar de um dos Nomes-do-Pai. Aqui o paradoxo: o tóxico cola com a intenção de afastar, os sujeitos pretendem interditar e, no entanto, referenciam-se no Outro.

Detenhamo-nos na construção da lógica da suplência. Ambos sujeitos apontam que iniciaram o uso de drogas pela intermediação dos primos e amigos. Pela via das drogas testam a eficácia paterna, constatando uma inscrição quase invisível e a conseqüente falta de sustentação simbólica. O grupo de pares passa, então, a constituir uma referência. Assim, o olhar dos pares iguala-se ao olhar das figuras de autoridade, neste ponto inexistentes.

Essa imagem permite-lhes realizar o desejo materno, por exemplo, ser O Príncipe, fato que o sujeito consegue na marginalidade. Soma-se aí a imagem das drogas e seringas, cuja lembrança dedica a uma de suas “outras mães”. No caso de Morfeu, o silêncio associa-se à morte, sucesso que obtém parcialmente com a infecção pelo HIV.

No caso de B. Simpson o destino carrega a marca de um pai. Um pai que inscreveu o seu nome, exigindo-lhe obediência total. A toxicomania deste sujeito gira em torno dessa obediência e denota uma dificuldade de sair do lugar da infância.

No “après-coup” adolescente, B. Simpson, somente vê refletida a imagem de um lugar infantil, na qual as travessuras e as “molequices” determinam o agir. Perante as modificações da puberdade insiste na sua posição infantil, e as drogas permitem-lhe manter-se no lugar que ele imagina ser o demandado pelo pai.

Ao realizar o teste da eficácia do Nome-do-Pai encontra uma referência significativa que lhe permite relançar-se com a sustentação simbólica necessária. O sintoma da toxicomania é decorrente da falha na interdição do um gozo de um pai biológico que, por vezes, coloca-se no lugar materno. Este, no entanto, exerce sua função quando se trata de significar as modificações pubertárias. Talvez pelas dificuldades parentais em aceitar essas modificações, a intervenção dá-se num momento limite. Algumas perdas relativas a investimentos valorizados, como o estudo, foram necessárias para que o pai pudesse pronunciar-se a favor do “crescimento”. Isso acontece com a exigência do tratamento. É aí que é permitido a esse sujeito abandonar as “molequices”.

Apesar de a demanda de tratamento surgir, no caso de B. Simpson, mediada pelo dizer paterno, nos outros dois casos esta surge como alternativa para barrar o fluxo contínuo de obediência ao desejo materno. Nestas toxicomanias, o apagamento da inscrição paterna teve como conseqüências a falta de mediação simbólica. A demanda de tratamento surge num momento no qual os sujeitos sacrificaram o seu corpo e seu sangue.

Uma demanda surgida sob essas condições apresenta uma das primeiras dificuldades no tratamento: a inclusão da equipe terapêutica enquanto terceiro na dualidade tóxica. São vários os trechos dos textos desses sujeitos nos quais retoma-se a dificuldade de inserção de um terceiro, podendo esta estar representada pelo pedido de auxílio, pela relação com os colegas, pelo cumprimento de horários e tarefas, etc.

Algumas passagens ao ato, na forma de violência, repetem-se na transferência ao grupo e à equipe. Por exemplo, as “porradas” necessárias para defender-se de Morfeu e os episódios “marginais” do Príncipe. O processo de tratamento na COTE, neste caso, requereu o resgate de significantes paternos que permitissem a ressignificação do corpo e garantisse a quebra da dualidade tóxica. Para isso, muitas palavras precisaram ser pronunciadas e escritas, algumas das quais foram aqui analisadas.

O tratamento na COTE encerrou-se quando alguma mediação se fez possível e estes sujeitos não precisavam mais do auxílio de uma realidade comunitária onde horários, tarefas, funções e relações pessoais precisassem ser, a todo momento, trabalhadas. Isso somente foi viável quando houve uma mudança da posição dos sujeitos relativa à quebra da dualidade tóxica, esteja esta representada pelas drogas ou pelas pessoas. A toxicomania, na lógica da suplência, passa a ser sintoma, isto é, o corpo volta a ser colocado na cadeia significativa (Le Poulichet, 1987/1990). No entanto, ainda há um percurso a ser realizado.

No caso de B. Simpson, o fim do tratamento na COTE está marcado pelo questionamento à obediência do desejo do Outro, tendo o sujeito a garantia subjetiva de poder continuar nessa caminhada sem necessitar do amparo de um local no qual a “realidade” precise, a todo momento, ser trabalhada.

Este estudo subsidia-nos na resposta a nossa pergunta inicial. Vimos, aqui, principalmente, a construção de toxicomanias cuja lógica revela uma suplência ao Nome-do-Pai e um caso no qual a função paterna garante a sustentação simbólica. Esse último mostra-nos, no entanto, a flexibilidade da fronteira entre as duas lógicas, decorrente do enfraquecimento da função simbólica. Neste caso, o sujeito precisou de quase um ano de tratamento, afastado dos afazeres cotidianos, para reconhecer a eficácia do Nome-do-Pai.

Para finalizar a pesquisa, realizamos um recorte dos seis casos até aqui trabalhados, focalizando, na análise, o retorno do Outro. É o estudo que apresentaremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO IV

O OUTRO NA CONSTRUÇÃO DAS TOXICOMANIAS

Neste capítulo retomamos os casos apresentados nos capítulos anteriores e realizamos uma leitura transversal, na qual analisamos o retorno do Outro na operação adolescente. Este constitui o final do nosso trajeto investigativo para elucidar a questão inicial: como se controem as toxicomanias na adolescência?

A necessidade da análise proposta neste capítulo surge das questões que originaram esta pesquisa, relatadas na apresentação, dentre as quais incluímos as diferentes condutas terapêuticas dos profissionais que se encarregam do tratamento de sujeitos toxicômanos bem como das famílias e instituições sociais. Na fundamentação teórica, podemos entender melhor que a adolescência constitui uma retomada das questões especulares e paternas. Os sujeitos por nós escutados e os textos dos pacientes da COTE, falam-nos, a todo momento, deste retorno.

Para continuarmos faz-se necessário lembrar que o conceito de Outro, proposto por Lacan (1953-54/1984), refere-se a um lugar no qual pode situar-se o código, a linguagem, a cultura.

MÉTODO

Participantes

A proposta metodológica residuiu na realização de recortes relativos ao Outro nos casos anteriormente apresentados, organizando-os à luz das lógicas presentes nas toxicomanias segundo as formulações de Le Poulchet (1987/1990).

Delineamento e Procedimentos

A leitura realizada foi dividida em dois itens, um no qual analisamos o Outro nas toxicomanias de suplemento e outro no qual colocamos a ênfase nas toxicomanias de suplência. A organização do texto em torno das lógicas, deve-se à diferença da função do Outro em cada uma das mesmas. Por isso, encontraremos sob um mesmo foco de análise casos de sujeitos por nós escutados em situação de análise e casos construídos a partir dos textos escritos, por sujeitos que se encontravam em tratamento na COTE.

Sendo nosso objetivo uma análise das demandas dirigidas ao Outro e o retorno obtido na operação adolescente, a diferença de situação de escuta não apresenta problemas para a análise.

RESULTADOS

Apresentaremos, na primeira seção, recortes dos casos de Dado, Floriana e B. Simpson seguidos pelas nossas conclusões em relação ao Outro na construção dessas toxicomanias. Na segunda seção mantivemos a mesma organização com a apresentação dos casos de Fênix, Morfeu e O Príncipe. Finalmente, a discussão do tema proposto.

4.1. Toxicomanias de suplemento: quando o Outro permite ancoragens

Retomaremos nesta seção recortes dos casos de Dado, Floriana e B. Simpson, trabalhados nos capítulos anteriores. Esses recortes focalizam o Outro, seja pelas demandas a este dirigidas, seja pelo retorno que os sujeitos em questão recebem das figuras que o encarnam.

Recolocamos, aqui, uma de nossas teses: quando o teste da eficácia do Nome-do-Pai, na operação adolescente, encontra como resposta a retomada de uma inscrição significativa que permite a sustentação simbólica, as toxicomanias constroem-se numa lógica de endereçamento ao Outro e são sintoma da falha de simbolização das modificações pubertárias. Esse Outro é encarnado, nesses casos, pelas figuras de autoridade.

O retorno recebido dos pares enquanto encarnações do Outro é demandado quando se trata da significação do novo valor e estatuto que o corpo adquire. Esta é a demanda de um olhar que reconheça a inscrição da genitalidade. Tínhamos como hipótese que os amigos ou irmãos podem influenciar na apresentação das drogas. Porém, estes não fazem suplência ao lugar de autoridade.

Questionamos, ainda, nestes casos, o destino daqueles sujeitos nos quais as figuras de autoridade devolvem uma imagem de “drogados”. Incluímos aí os diferentes profissionais que trabalham com este sintoma, os quais tornam-se referência de saber para pais e adolescentes. O lugar do analista é também analisado.

4.1.1. Dado e a referência ao Pai

A toxicomania de Dado constrói-se num pedido de que o Outro decifre a passagem adolescente, havendo nisso uma demanda direta de validação da referência paterna. Dado inicia o uso de droga entre amigos e dirige-se aos pais para que estes signifiquem sua descoberta. Realiza uma série de “acting-out”, nos quais consome drogas até ficar “muito mal” e, como ato conseqüente, aparece perante sua mãe. Outras vezes, permite a esta a descoberta das drogas que ele guarda ou, quando nada disso acontece, revela, assustado, para sua mãe, o uso de drogas que faz.

Deduzimos, pelos seus atos, que a mãe reconhece no uso de drogas um sintoma do “crescimento”. Esta insiste em atribuir ao uso de drogas o motivo de todas as rebeldias de seu filho adolescente. As saídas noturnas, as faltas à escola e as notas que não alcançam a média escolar são significados sempre pelo uso de drogas, mesmo nos momentos nos quais Dado não as utiliza. A mãe cristaliza a significação “drogas” para todas as atividades que poderiam ser caracterizadas como comuns a qualquer adolescente. Há nisso uma colagem da mãe aos discursos moralizantes propostos pela mídia e pelas instituições sociais. Porém, interessa-nos o uso que disso ela faz.

Dado torna-se um “drogado” quando contraria suas “ordens”, sendo um “bom menino” quando “obedece” a todos seus pedidos. Este funcionamento materno aponta, por um lado, para momentos de dificuldade em significar o crescimento do seu filho, nos quais demanda-lhe que permaneça num lugar infantil de indiferenciação e, por outro, uma preocupação e cuidados característicos e necessários às mães dos adolescentes. A presença

destes cuidados terá, sem dúvidas, efeitos subjetivos relativos ao amparo. Dado sempre menciona a raiva que estes lhe provocam mas, sobretudo, o alívio de não se sentir abandonado. Raiva e alívio também referidos nos momentos em que a mãe propicia as intervenções paternas, por exemplo, quando quebra um “pacto de silêncio”.

Dado cola-se inicialmente ao discurso materno, considerando-se um “drogado”. No entanto, questionará este dizer ao longo de todo seu tratamento. Durante esse tempo procura novas significações: é drogado? é drogado de maconha? é drogado de de manhã? não é drogado?

Coube ao pai biológico, neste caso, a função de propor outra significação para o uso de drogas e estabelecer um corte na proposta de indiferenciação materna. O pai responde: não é drogado, mas se não se cuidar e não o cuidarem poderá transformar-se num. Ao pai coube, também, significar o crescimento: “não precisas de babá”, “isso é coisa de gente grande” ou “agora que estás no segundo grau ficastes responsável”.

A analista, nestes momentos, colocou-se como elemento terceiro, seja entre as palavras de Dado e as de sua mãe, ou numa exterioridade relativa ao grupo familiar, mediando cada um dos dizeres. Assim, foi possível que as palavras paternas chegassem aos ouvidos de Dado. Informações fornecidas aos pais e questionamentos a estes dirigidos possibilitaram a quebra de um imaginário sensacionalista em relação às drogas, bem como um deslocamento na imagem de “drogado” em relação a Dado.

Os amigos o introduzem no uso de drogas, sendo chamados a aprovar ou desaprovar seu percurso tóxico e os momentos em que resolve interrompê-lo. Também são espelhos em relação ao uso de certas drogas como a cocaína. É vendo que perdeu uma de suas roupas preferidas, em função da compra de cocaína, bem como observando o destino de alguns de seus amigos que resolve não investir nessa droga. Porém, não é a eles que Dado dirige uma demanda relativa à autoridade. Com estes compartilha os momentos agradáveis e desagradáveis e realiza interlocuções relativas à autoridade. Estas trocas e comparações servem-lhe como alteridade e, assim, consegue aceitar algumas das imposições familiares.

Com o grupo de amigos compartilha, também, um saber que é desconhecido pelos pais. Um saber relativo ao efeito das drogas que lhe permite estabelecer uma exterioridade em relação ao seu grupo familiar e, ao mesmo tempo, tomar este último como referência.

4.1.2. Floriana e a significação de um “novo corpo”

Floriana faz de sua toxicomania uma demanda de significação das modificações produzidas no seu corpo e o questionamento de referências. Embriaga-se para mostrar-se a seus pares de forma escandalosa. É também sob efeito de álcool e medicamentos que esta faz piadas questionadoras dos princípios religiosos de sua escola.

Aos seus pares dirige um pedido de reconhecimento de seu novo estatuto corporal e a seus professores um pedido de reafirmação de referências. Neste exemplo, podemos constatar os pedidos endereçados às diferentes figuras que encarnam o Outro. Aos amigos demanda a significação de questões corporais, às figuras de autoridade, a retomada das referências simbólicas.

A demanda de cura inclui as drogas e um pedido de respostas relativas ao amor e ao destino, trazidas via horóscopo. Durante o tratamento, segue um percurso similar ao de Dado, porém, numa direção mais inquisitória do que de indiferenciação em relação ao Outro. Floriana não aparece colada ao discurso da escola, nem ao dos pais da amiga, mas aponta a cada momento onde estes falham. À analista dirige perguntas e exige respostas imediatas.

Os representantes da escola insistem numa denominação que a levaria por um caminho toxicomaniaco, mas sua mãe interrompe-os, re-situando as questões subjetivas. Nesse ponto, Floriana responde ao pedido materno, acatando o corte por esta imposto e tratando de sua passagem adolescente.

Tem nos seus amigos um espelho para as questões corporais e das mudanças decorrentes da genitalidade, bem como uma companhia para suas incursões pelos tóxicos. A comparação com o percurso de uma de suas amigas, a qual foi obrigada a internar-se e realizar tratamento medicamentoso, por causa de uma toxicomania similar à de Floriana, permite-lhe decidir por um outro percurso de tratamento, que não enfatize as drogas mas o seu “crescimento”. Encontrou aí um suporte e direção de sua mãe e da analista.

4.1.3. B. Simpson: travessuras para o pai

B. Simpson demanda um corte em relação ao desejo do Outro que o remete a permanecer numa posição infantil, na qual existe um pai demandante de um sem fim de travessuras. Este sujeito não tem registro do limite demarcatório do fim dessas travessuras e, por isso, depara-se, geralmente, com limites corporais: os machucados quando criança e o corpo a serviço do tóxico, posteriormente.

A toxicomania apresenta seu caráter paradoxal. Ao mesmo tempo que lhe permite a obediência ao desejo do Outro, já que esta se inscreve por uma via travessa, introduz um corte na posição infantil. É contra a toxicomania que o pai se faz ouvir quando exige tratamento e recoloca a posição do sujeito. Nesse momento, o pai exige o abandono das “molequices” associadas à sua posição infantil e reconhece as mudanças inscritas no corpo do sujeito, presentes há, no mínimo, dez anos.

B. Simpson encontra, então, um pai que se pronuncia indicando-lhe um caminho diferente ao da toxicomania e uma equipe terapêutica disposta a tratar das questões relativas à colagem desse sujeito ao desejo do Outro.

Com os amigos e colegas compartilhou, quando consumia drogas, os momentos de uso e os saberes a este relacionados. Já com os colegas de tratamento compartilhou, além desse saber, a descoberta de uma mudança de posição subjetiva em relação às drogas. Estes últimos espelham os momentos de falhas, de vitórias, de dificuldades, etc.

A equipe terapêutica da COTE escuta suas questões, apostando e assinalando a possibilidade de tomar o dizer paterno como uma referência a partir da qual construir um outro saber. As intervenções realizadas com os pais possibilitaram um deslocamento do olhar inicial e a aposta no crescimento de seu filho.

4.2. Costurando os recortes...

Nos casos aqui apresentados, as toxicomanias encontram-se num circuito de alteridade ao constituírem um sintoma endereçado ao Outro. Em todos os casos, a inscrição do Nome-do-Pai garantiu aos sujeitos a possibilidade de resgate dos significantes paternos no teste da operação adolescente. E, além disso, um olhar que significou o movimento do sujeito, a partir das modificações pubertárias, sem cristalizar-se nas drogas.

Isso foi possível graças às intervenções terapêuticas que desconstruíram um imaginário parental ou das instituições escolares que tomavam as drogas enquanto calamidade social. Como podemos perceber, em alguns momentos, a imagem de um flagelo social colou-se ao desejo materno demandante de indiferenciação. Foi necessário fortificar as palavras do pai, fazendo-as serem escutadas pelos sujeitos em tratamento. A postura analítica, nesses momentos, é fundamental. Uma postura que priorize a escuta do inconsciente, sem enveredar-se pelos caminhos da moral. Além disso, é necessário desviar-se do caminho que propõe uma competição com o tóxico. Se entrarmos nele, certamente sairemos perdendo.

Um analista não está no lugar de substituir o tóxico, mas de poder suportá-lo. Somente assim poderemos fazer o sujeito falar. Como mencionamos no capítulo III, foi função de muitos “acting-out” serem antecessores da fala. A possibilidade de falar sobre as drogas propicia o deslocamento de significantes na cadeia associativa e, conseqüentemente, o trabalho com o sintoma.

Em todos os casos aqui analisados, as pessoas envolvidas com os adolescentes demandam à analista e à equipe terapêutica um saber em relação ao agir com o tóxico. É o caso dos pais de Dado e B. Simpson e das professoras de Floriania. Demanda esta que exigiu, em determinado momento, uma intervenção direta dos terapeutas.

Como mencionamos acima, é o reflexo dos olhos das figuras de autoridade que os sujeitos procuraram para o reconhecimento das mudanças ocorridas, especialmente em relação à retomada das referências paternas, sobre as quais se constroem novas escolhas. O olhar dessas figuras que encarnaram o Outro, apresentava-se, em alguns momentos, duvidoso sobre a imagem a ser refletida. Dúvida esta decorrente da subjetividade contemporânea e da falta de saber sobre o tóxico. Para resolver a dúvida recorreram aos terapeutas, os quais auxiliaram-nos na interpretação da conduta de seus filhos. Puderam, então, interpretar o recurso ao tóxico não somente enquanto uma rebeldia e uma situação sem saídas, mas enquanto uma demanda que necessitava respostas. E estas poderiam apontar outra via de identificação diferente do tóxico.

Algumas demandas foram, também, dirigidas ao Outro encarnado pelos pares. Com estes os sujeitos compartilharam a entrada no conhecimento das drogas, bem como a rebeldia contra a autoridade. Rebeldia esta que fez surgir a referência. As interlocuções

com os amigos garantiram, para estes sujeitos, a possibilidade de uma interpretação da lei paterna.

Imaginemos, por um momento, qual seria o destino dos sujeitos se desde o lugar em que fomos colocados, em relação ao saber sobre as drogas e o tóxico, tivéssemos respondido reforçando a via tóxica.

Se o olhar do Outro, encarnado pelas figuras de autoridade, devolvesse uma imagem na qual as drogas são priorizadas em detrimento de outros significantes, certamente é com estas que os sujeitos teriam se identificado. Foi esta a via tomada por B. Simpson, quando o pai reforçou as travessuras. Mas, nesse caso, houve um recuo desse olhar que conseguiu encontrar significantes possibilitadores de uma outra imagem, calcada não mais no tóxico e nas travessuras, mas na aposta do abandono da posição infantil.

Para finalizar esta seção, apontamos para o cuidado necessário aos profissionais que trabalham com adolescentes para não priorizarem, com suas intervenções, uma cristalização da imagem do tóxico. Nos referimos não somente aos profissionais da área da saúde, mas também àqueles que se encarregam da educação e autoridades judiciais que lidam com adolescentes no seu cotidiano.

4.3. Toxicomanias de suplência: o tóxico no lugar do Pai

Fênix, O Príncipe e Morfeu, são sujeitos cuja toxicomania, em determinados momentos, constrói-se prescindindo do Outro. A lógica da suplência traduz a dualidade; um circuito pulsional de dois pólos: o eu e a droga.

A situação dual, no lugar de uma situação ternária, revela uma falha na função paterna. Essa falha é decorrente de uma tênue inscrição do significante Nome-do-Pai, seja pela via de uma denegação ou de uma recusa. Perante essa falha, alguns traços paternos permitem identificações.

Nos casos apresentados na seção anterior, a inscrição do Nome-do-Pai garantiu uma função de sustentação capaz de tornar-se uma referência. Dessa forma, o teste da eficácia do Nome-do-Pai fez reaparecerem os significantes a serem tomados como referências para a realização de novas escolhas.

Diferente é o caso dos sujeitos dos quais nos ocuparemos nesta seção. Para estes os significantes paternos não sustentaram as referências simbólicas no teste adolescente e, assim, as referências fraternas associadas ao tóxico supriram, em determinados momentos, essa carência.

4.3.1. Fênix: encontros com um pai

Este sujeito tem inscrito no seu nome o renascimento e, implicitamente, a morte. Esta se sobressai nas várias interpretações realizadas pelo Outro. A mãe, propõe-lhe uma total indiferenciação subjetiva: serem os dois um só. Propõe, então, a morte do sujeito na medida que aniquila o desejo. O pai interdita, em parte, essa proposta, inscrevendo seu nome num estilo que permite ausências. Assemelhamos essa inscrição à imagem de uma escrita com tinta invisível, a qual, para sua leitura, exige uma luz que a faça aparecer.

Fênix, então, precisa do auxílio de uma luz mais intensa para fazer surgir o Nome-do-Pai. Luz esta procurada nos seus pares (irmão e namorada) e nos médicos e analistas. Nos momentos nos quais ninguém ilumina a escrita paterna, o tóxico surge como solução. Uma solução que repete a proposta materna.

Seu irmão e sua namorada permitem-lhe parcialmente o acesso a um pai. Nestes momentos de encontro com o pai, as passagens ao ato, incluindo as tóxicas, são desnecessárias. No entanto, sua toxicomania não constitui um chamado ao pai, como nos casos anteriormente trabalhados. É quando falta a sustentação significativa que Fênix oferece totalmente seu corpo ao Outro, um Outro materno que lhe demanda entrega total. Corta-se ou droga-se fazendo a mãe reagir e demandar uma outra resposta.

É esse o recurso que este sujeito encontra para interromper o fluxo contínuo que o liga à mãe. Outras personagens entram em cena: os médicos, psicólogos e analistas. Estes interpõem-se, por vezes com muita dificuldade, nessa continuidade demandada pela mãe. Fênix acata de bom grado essa interferência que lhe permite resgatar traços e significantes paternos. Inscrições que desaparecem necessitando de um Outro que as faça ressurgir.

4.3.2. O Príncipe: um intruso de saída

A ausência do sobrenome paterno tornou-se nodal na constituição deste sujeito. Falta de inscrição de um Nome que deixa rastros, ao apontar a necessidade de “saídas” como principal defesa organizadora do psiquismo. No entanto, essa não é uma ausência total, já que O Príncipe carrega o nome do seu pai no prenome.

O Príncipe prioriza, em relação ao Nome, a ausência em contraposição à presença parcial. Por isso, transforma-se num “intruso” ou “agregado” nas situações familiares organizadas em torno de um pai. Na procura de um pai que o sustente, encontra alguns padrastos que exercem a função de interditar, parcialmente, o desejo materno. O Príncipe encontra-se entre duas referências: a saída e a ancoragem nas referências que os padrastos lhe oferecem. Situação essa que ele repete: entre dois grupos ou mundos marcados pelos bons costumes e pela marginalidade, respectivamente.

O sobrenome materno não lhe oferece sustentação, já que é revelador de um desejo enganoso. Sua mãe demanda-lhe que seja um príncipe, sem ter as condições necessárias para tanto, condições essas que encontrará na marginalidade.

Dos amigos “da ativa” (gíria referente ao grupo consumidor de drogas) demanda o reconhecimento de um lugar diferenciado do lugar familiar. Se na família é o último, entre “amigos” é o primeiro, vindo a realizar, assim, o desejo materno. Também vê-se reconhecido como “primeiro” pelo social- na vila- nos momentos de marginalidade.

A procura de referências simbólicas no lugar de falha na inscrição do Nome-do-Pai se evidencia quando encontra no “mais velho” da turma uma introdução na modalidade do “pico”, “pico” esse que para além da modalidade injetável de cocaína, remete ao “topo” ou “cume” (Ferreira, 1986). Significação que, mais uma vez, coloca o desejo materno de que fosse um príncipe. Além disso, o pico denota seu lugar de indefinição. O Príncipe está entre os dois mundos, num lugar indefinido, da mesma forma que indefine-se o acréscimo da hora quando dizemos, por exemplo, “são três e pico” (Ferreira, 1986).

“Pico” é, ainda, um significante associado a um acréscimo, como acima mencionado, acréscimo esse associado ao excesso produzido na “operação farmakon”. Excesso narcísico, que prescindindo da alteridade, coloca o corpo num circuito “pseudo-pulsional” na tentativa de construção de uma borda que delimite os desejos (Le Poulichet, 1987/1990, 1991). Neste caso, o excesso remete ao lugar do “entre”.

No corpo encontra um limite que lhe faz demandar tratamento. Quando falha o circuito organismo-droga, o pensamento retoma um lugar de mediação e O Príncipe pode questionar-se sobre “o monstro” no qual está se transformando. Essa reflexão somente é realizada em comparação à imagem idealizada pelo Outro e como resposta ao “Che Vuoi”? Pensa o sujeito: “não é isso que esperam de mim”.

No tratamento sucedem-se repetições de demandas à equipe e aos colegas, os quais, transformados em encarnações do Outro, respondem de diferentes lugares. Aos colegas demanda o reconhecimento da emergência de um “novo sujeito” carente de drogas e à equipe solicita o retorno de um olhar que garanta sua imagem especular e uma referência simbólica.

Algumas dificuldades surgem no percurso de tratamento, especialmente nos primeiros momentos, em relação à inserção da COTE enquanto instância terceira. Encontra aí, porém, a escuta necessária para retomar, recolocar, e reinterpretar os significantes paternos, interpretação que, por exemplo, reafirma a inscrição parcial de um Nome que lhe permite revestir seu corpo. Esta reapropriação possibilitou uma mudança da posição desse sujeito em relação ao tóxico.

4.3.3. Morfeu: sem defesas

Morfeu entrega-se quase totalmente ao desejo materno sem encontrar um pai que o defenda da possibilidade de engolimento pelo Outro. Os significantes paternos mostram traços tão apagados quanto é espaçado o contato com seu pai biológico. Seu nascimento é carregado de um descrédito do pai em relação à mãe, ao qual sobrevém a conseqüente falta de adoção do filho, marcada pela ausência do sobrenome paterno. Apesar de essa ausência não ser mencionada por Morfeu, este sujeito mostra as marcas de um abandono paterno e materno.

Os olhos maternos espelham uma preocupação com sua saúde, bem como a inscrição da morte enquanto imperativo. A isso ele responde com doenças graves que necessitam de cirurgia. No “après-coup” adolescente, soma-se um silêncio materno que reitera o abandono e o desamparo vivenciados e as carências simbólicas decorrentes das falhas na inscrição do Nome-do-Pai.

Sua única defesa é a “porrada”, repetida na toxicomania por sucessivos “baques” e pela injeção de cocaína sem passar por outras modalidades de uso em relação a essa droga. Porrada que, interpretada enquanto desejo materno e ausência de defesas simbólicas, o conduzem à infecção pelo vírus HIV, o qual presentifica a morte no seu corpo.

Esse corpo é colocado como anteparo na defesa de um lugar que lhe permita a diferenciação dos desejos. Parece repetir o silêncio materno e, morrendo, nada lhe demandar. Alguns pedidos endereçados à mãe surgem somente após um período de tratamento. O silêncio se repete em relação aos pares. Inicialmente as rodas de amigos o amparam, mas é rápida sua passagem para a injeção de drogas, na qual prescinde dos outros.

A demanda de tratamento surge logo após a descoberta do HIV. A morte simbólica da posição infântil adquiriu uma dimensão real, o surgimento de um “novo” sujeito somente foi possível com a morte, parcialmente concreta, do “antigo”. Somente assim foi capaz de encontrar um Outro a quem dirigir uma demanda.

A entrada da equipe terapêutica enquanto terceiro na dualidade tóxica apresentou dificuldades semelhantes às dos casos anteriores. A possibilidade de endereçamento a um terceiro permitiu a Morfeu o amparo necessário para questionar e questionar-se sobre sua

obediência ao desejo materno. Além disso, a equipe auxiliou-o a resgatar alguns traços e significantes nos quais sustentar-se para viver.

4.4. Entrelaçando os cortes...

Os sujeitos cujos casos foram retomados nesta seção apresentam um circuito pulsional no qual prescinde-se do Outro, lógica de suplência segundo Le Poulichet (1987/1990). As drogas, enquanto tóxico, suprem a carência paterna, carência esta associada a uma falha na inscrição do Nome-do-Pai.

Os sujeitos ficam, então, a mercê do desejo materno, sem possuírem recursos suficientes para se descolarem do discurso da mãe. A parcialidade da inscrição dos significantes paternos não lhes fornece garantias de sustentação simbólica. Em alguns casos, a leitura realizada pelos sujeitos priorizou a carência e os apagamentos dessa inscrição, em detrimento dos traços inscritos.

A falha da inscrição do Nome-do-Pai, que retorna na operação adolescente, não permite ao sujeito a significação das modificações corporais decorrentes da puberdade. Estas, segundo Rassial (1990/1999) são, para os adolescentes em geral, mal-simbolizadas num primeiro momento. Nestes casos essa falta de significação se prolongou porque os sujeitos não encontraram no Outro, representado pelas figuras de autoridade, uma sustentação suficiente que lhes permitisse vestir o corpo com novas significações. Em substituição, encontraram os pares, que encarnando o Outro, apresentaram-lhes uma solução na qual prioriza-se o registro orgânico e não o corporal (o organismo vestido de significantes).

Assim, os sujeitos entram num circuito que prescinde do Outro e utilizam as drogas para fazer funcionar essa máquina orgânica (Le Poulichet, 1987/1990). Essa solução é paradoxal já que não prescindem totalmente do Outro. Pelo contrário, entregam-se de corpo e alma ao que imaginam ser o seu desejo. Entrega que, por outro lado, pretende ser a colocação de um anteparo de defesa do sujeito em relação ao fantasma de engolimento. Como menciona Petit (1987/1990), a droga entra no lugar do Nome-do-Pai e apresenta o paradoxo de prescindir, ao mesmo tempo que se referencia ao Outro.

É somente no momento em que a solução tóxica fracassa, seja porque já não apresenta o prazer inicial ou por outros motivos, que os sujeitos podem endereçar ao Outro um pedido de auxílio, pedido este que precisa ser decifrado já que, geralmente, se apresenta através de um corpo esfacelado. Além disso, os sujeitos, geralmente, negam o pedido que por um momento endereçaram a um terceiro e procuram permanecer no circuito dual.

Foram freqüentes, nestes casos, as dificuldades relatadas em relação à autorização de entrada de qualquer terceiro no espelhamento com a droga. As figuras que encarnam o Outro precisam ter, nesse momento de decifração, sensibilidade suficiente para interpretar o pedido a eles dirigido, bem como autoridade de fazer valer as palavras pronunciadas ou os atos demandantes que estes sujeitos lhes endereçaram.

É pelo reconhecimento de um desejo nos atos e palavras que será possível o resgate subjetivo. Lembremos que na lógica da suplência toxicomaniaca há uma de-subjetivação (Le Poulichet, 1987/1990).

O tratamentos, então, inscreveram-se na via de um reconhecimento do desejo, mesmo que esse aparecesse por relâmpagos. Fazer esses sujeitos falarem é, sem dúvida uma tarefa árdua, porém a única alternativa para o resgate da roupagem significativa desses corpos. Nestes tratamentos, o Outro apresentou a ancoragem necessária para a realização de novas escolhas.

DISCUSSÃO

Apresentamos, neste capítulo, uma leitura, focalizada no Outro, dos seis casos anteriormente construídos, divididos pelas lógicas presentes nas toxicomanias, fundamentadas por Le Poulichet (1987/1990). Esta autora aponta o endereçamento ao Outro ou ausência de alteridade como um traço divisor entre as duas lógicas. No suplemento, o sintoma toxicomaniaco endereça-se ao Outro, já na suplência a dualidade é preponderante, prescindindo o sujeito de qualquer referência a um terceiro. O paradoxo desta solução foi por nós levantada em vários momentos da presente tese.

Tanto Le Poulichet (1987/1990) quanto Petit (1987/1990) concordam em afirmar que essas toxicomanias são uma tentativa de circuito dual que, no entanto, faz surgir uma referência. A primeira autora aponta para o fracasso da solução do recurso ao tóxico, como um momento de reenvio de uma demanda. O segundo, mostra o paradoxo e engano dos sujeitos quando enveredam por um percurso que imaginam ser uma saída diferente daquela apontada pelo Outro. É no “diferente de” que aparece a referência.

Os sujeitos escutados falam dessa solução paradoxal, a qual, ao mesmo tempo, constitui uma tentativa de defesa em relação a uma possível confusão de desejos e uma entrega à demanda materna. Além disso, essa solução apresenta-se referenciada em traços que clamam pela intervenção de um pai. Lembremos, por exemplo, as drogas e as seringas como lembranças de uma tia, no caso de O Príncipe e a morte, no caso de Morfeu.

A existência de uma falha na inscrição do significante Nome-do-Pai marca, também, uma diferença entre as duas lógicas. Quando os sujeitos têm amparo significativo o sintoma da toxicomania endereça-se ao Outro. Segundo mencionamos, é na falta de significação das modificações pubertárias que a toxicomania inicia sua construção na adolescência. A falta de amparo significativo, provocada por falhas na inscrição do Nome-do-Pai, poderá colocar o sujeito num circuito dual, no qual o corpo e a droga sejam os únicos jogadores de um jogo defensivo.

Neste capítulo, trabalhamos os casos sob a perspectiva dessa presença ou ausência do Outro na construção das toxicomanias e na direção dos tratamentos. Nos casos das toxicomanias de suplemento, podemos observar uma tendência das figuras de autoridade que encarnaram o Outro a cristalizar seu olhar no tóxico, especialmente quando essa cristalização beneficiava a permanência num lugar infantil de colagem ao discurso materno. Os sujeitos adolescentes respondiam à demanda materna com uma indiferenciação de dizeres, na qual faziam suas as palavras da mãe. Assim, as drogas transformavam-se em significantes os quais permitiam uma identificação. Foi necessária a intervenção de um terceiro que se interpusesse na dualidade mãe-filho e apontasse para outras possibilidades de identificação. Esse terceiro (geralmente uma figura do âmbito familiar) endereçou, também, um pedido de auxílio aos analistas e terapeutas. Uma demanda de saber que lhes indicasse o que fazer. Apontamos ser aí um dos momentos em que a postura analítica é crucial. Uma postura que não se alie aos discursos moralizantes ou higienistas, os quais

procuram " livrar" o sujeito das drogas a qualquer custo, ou falar em nome da ciência colocando "a verdade sobre as drogas", mas estar sustentado numa ética que possibilite aos pais ou outras figuras de autoridade o resgate de sua função nos significantes que constituíram suas histórias. Foi assim que estes puderam intervir, sem reforçar a identificação com a droga e propor outras saídas.

Com os adolescentes essa postura é também fundamental para permitir-lhes escutar as palavras que poderão resolver o teste à eficácia do Nome-do-Pai, palavras essas muitas vezes negadas através da rebeldia. No entanto, se as figuras de autoridade souberem escutar a rebeldia, encontrarão não somente uma afronta à autoridade, mas, também, uma demanda de referências.

Nos casos em que um Nome não possibilita a sustentação simbólica necessária para que o sujeito encontre amparo às suas questões adolescentes, o tóxico terá a função de suprir as carências simbólicas. Desta forma, ao corpo faltar-lhe-ão os significantes necessários para ser ressignificado e se manterá enquanto anteparo defensivo perante a possibilidade de uma indiferenciação de desejos. Na função de defesa será machucado, cortado, furado e, assim, fará ressurgir com o tóxico a dualidade especular mãe-filho. Nesse "après-coup" do estágio do espelho que inclui o teste da eficácia paterna, o sujeito não encontra significantes a serem retomados e relançados.

Na via do suplemento na toxicomania, a função dos irmãos (Kehl, 2000) será compartilhar os efeitos da interdição, encontrando nos pares a sustentação necessária para a criação do novo. Já na via da suplência, a função fraterna virá suprir a sustentação significativa ineficaz.

Para finalizar esta discussão, propomos focalizar o tema da eficácia do Nome-do-Pai na operação adolescente e na operação farmakon. Lacan (1973-74) situa a função do terceiro na nomeação. Nomear, diz Lacan, é "nomear para", ou seja, é tarefa da mãe remeter seu filho ao pai. É nessa operação de "nomear para" que se dá a inscrição dos significantes paternos cujo efeito será a metáfora paterna, pelo deslocamento de um significante a outro. Nos casos trabalhados percebemos, por um lado, mães que mesmo apresentando resistências em alguns momentos, solicitam a entrada do pai. É o caso, por exemplo, da mãe de Dado, a qual não suportando o pacto de silêncio combinado com seu filho, quebra-o, relatando ao marido os acontecimentos. Por outro lado, há aquelas para as

quais esse endereçamento ao pai apresenta dificuldades. Assim, a nomeação dá-se com a marca dessa dificuldade. Nos casos trabalhados temos exemplos de mães para as quais foi possível nomear seus filhos para o seus próprios pais, filhos esses que carregam o sobrenome materno (do pai da mãe). No entanto, essa inscrição não foi suficiente para interditar o desejo materno. Sem um nome que os defendesse da indiferenciação em relação à mãe, os sujeitos procuraram outras defesas.

Nos casos em que foi possível "nomear para" o pai garantiu uma função que a todo momento precisou mostrar sua eficácia. Quando a nomeação falhou na sua função de remeter o sujeito ao Outro paterno, o corpo colocou-se na função de defesa. No “après-coup” da adolescência os sujeitos retomaram a falha na nomeação e procuraram uma referência no tóxico. Este, apresentado pelo grupo de pares, que fez suplência à função paterna, passou a ter uma função ortopedica em relação ao Nome-do-Pai (Petit, 1987/1990).

Se compararmos a função do Outro nos casos de toxicomanias de suplemento e nos de suplência, aqui apresentados, percebemos que há em todos eles uma falha relativa à função paterna. Nos primeiros, porém, o Outro encarnado pelas figuras de autoridade intervém no momento em que os sujeitos, através do tóxico, testam a eficácia do Nome-do-Pai. Nos segundos, não havendo um Nome que garanta a sustentação, não há pai que intervenha no “après-coup” da adolescência.

Essa intervenção paterna, efetivada pelas mais variadas figuras, proíbe o tóxico e aponta aos sujeitos outras vias de identificação. Percebe-se, no entanto, que para cada sujeito este processo dá-se em diferentes momentos.

Floriana encontrou um Outro que interveio num momento em que as drogas remediavam situações pubertárias relacionadas à mudança de estatuto e valor de seu corpo (Rassial, 1990/1999). O recurso ao tóxico manifestou um caráter lúdico. Sua brincadeira predileta era a de esconde-esconde. Escondia as drogas das figuras de autoridade e aparecia “drogada” perante seus olhos. Além disso, mostrava e escondia seu corpo dos seus pares. É neste momento que um Outro positiva-se numa intervenção que minimiza as drogas e faz prevalecerem as questões adolescentes.

Para Dado o recurso ao tóxico conota, também, o brincar: viajava com os monstros, assim como viaja com as drogas. Porém, o jogo por ele proposto exige maior disponibilidade de seu corpo à serviço das drogas. Dado tende a remediar todas as situações

de angústia com a maconha e passa a dela precisar para a execução de grande parte de suas atividades cotidianas: estudar, divertir-se, ficar na sua casa. A intervenção paterna surge num momento no qual o recurso ao tóxico assim se apresenta e após Dado ter se aproximado e “brincado” com vários tipos de drogas, até escolher a de sua preferência.

Para B. Simpson a intervenção chega num tempo posterior, se comparado com o dos outros sujeitos. Ele precisou encaminhar-se por um percurso de perdas concretas para que o Outro interviesse apontando novas direções. Foi no momento no qual o consumo de cocaína impediu-o de continuar seus estudos que os pais apontam-lhe uma direção diferente daquela à qual o sujeito encontrava-se atrelado. Como dissemos anteriormente, as intervenções aqui mencionadas precisaram de um suporte terapêutico.

Fênix, Morfeu e O Príncipe recorrem ao tóxico quando não encontram sustentação significativa. Fênix percorre um caminho no qual o pai aparece e desaparece tendo uma mãe que a todo momento lhe propõe a formação de um par perfeito. No “après-coup” adolescente, depara-se com um olhar que lhe promete a felicidade na constituição desse par e uma interdição enfraquecida dessa tentativa. Assim, ele morre e renasce, ações inscritas no seu nome, utilizando o “pó” como instrumento.

A adolescência para Morfeu apresenta-se sob uma falta de sustentação simbólica que o leva a recorrer ao tóxico, quase diretamente, furando seu corpo. A morte é um dos significantes que fazem seu olhos brilharem e o organizam psiquicamente, por um período.

O Príncipe denuncia uma falha dos pilares que o sustentam, sendo esta, em parte, oriunda de uma nomeação (imaginária) e não de uma nomeação (Lacan 1973-74). Lembremos que ele carrega o prenome, mas não o sobrenome paterno. Repete continuamente um dos traços herdados do pai: a saída. Os olhos da mãe espelham, no “après-coup” adolescente, uma imagem já construída na infância, imagem, esta que o sujeito prioriza e procura satisfazer. Assim, o tóxico associa-se à marginalidade, possibilitando-lhe, dentre outros “benefícios”, tornar-se o príncipe desejado pela mãe.

A falta de alteridade que caracterizara o recurso ao tóxico destes três sujeitos colocou o corpo num circuito no qual o abastecimento de drogas para um bom funcionamento do organismo, tomou conta do psiquismo.

Foi somente quando falhou a manutenção das engrenagens corporais que se estabeleceu um pedido de tratamento, então, uma demanda dirigida ao outro. A inserção do

Outro no circuito que prioriza o funcionamento da máquina só foi possível nessas condições (Le Poulichet, 1987/1990).

Tendo desenvolvido nossa pesquisa na forma dos três estudos apresentados, trazemos no próximo capítulo o fim do nosso percurso.

CAPÍTULO V

DISCUSSÃO GERAL

Partimos, nesta travessia, de interrogações relativas às diferentes demandas de tratamento dirigidas por sujeitos que se apresentaram através da toxicomania. A direção desses tratamentos provocou inquietações, as quais transformaram-se em perguntas impulsionadoras do presente trabalho. As diferentes condutas e posturas terapêuticas, observadas em relação a esta patologia, provocaram indignações e angústias que assinalaram a necessidade de formalização de um fazer terapêutico e do que, até então, eram reflexões isoladas.

Embarcamos na Psicanálise para fundamentar nosso trabalho. Tivemos em Freud e Lacan os autores de referência. Procuramos, ainda, psicanalistas, que referenciados nos primeiros, nos auxiliassem a entender a toxicomania e a adolescência. A relação entre ambas surge no nosso trabalho quando adolescentes nos procuram, demandando um olhar que lhes possibilite a realização de novas escolhas. As drogas, recurso por eles encontrado no alívio da angústia, são apresentadas como solução viável de nomeação.

Pesquisamos alguns autores, os quais focalizando a adolescência, apontaram para a toxicomania e outros que, teorizando sobre a toxicomania, assinalaram a adolescência como um momento de início. Porém, ainda ficou um trajeto a ser percorrido na elucidação da construção das toxicomanias nesse momento apontado como inicial: a adolescência.

Orientamo-nos nessa direção formulando hipóteses e formalizando nossa escuta de sujeitos que disso falavam. Foi assim que três estudos foram elaborados. O primeiro consistiu na escuta de três adolescentes que procuraram tratamento em função do uso de

drogas e foram escutados pela pesquisadora. A instituição à qual se dirigiram não possuía, na cultura, uma inscrição que remetesse à toxicomania. No segundo, foram analisados os textos escritos de três pacientes da Comunidade Terapêutica da Cruz Vermelha Brasileira/RS (COTE), textos que constituíam um dispositivo de tratamento do local. No terceiro estudo analisamos os seis casos sob um olhar que priorizou o Outro na construção das toxicomanias .

Chegando, agora, ao ponto no qual finaliza esta travessia, ancoramos, retomando e fechando as discussões abertas em cada um dos capítulos anteriores. Fechamento parcialmente conclusivo que orienta nosso olhar em novas direções.

5.1. O início das toxicomanias na adolescência

Os sujeitos escutados falam-nos das peripécias e vicissitudes da sua relação com os outros num momento em que seus corpos estão se modificando em ritmo acelerado. As modificações psíquicas decorrentes das corporais parecem não acompanhar essa velocidade. Seus pais e professores exigem-lhes uma postura diferenciada daquela que exigiam-lhe quando crianças. Seus amigos, outrora companheiros de brincadeiras, espelham as mudanças corporais e demandam um olhar que inclua a genitalidade. Falas sobre namoros, brigas e cumplicidades são freqüentes. Um novo “brinquedo” surge em conformidade com a contemporaneidade e é por todos compartilhado: as drogas. Drogas que remediam situações de angústia e, ao mesmo tempo, tornam-se venenosas, transformando-se em tóxico.

Esses adolescentes estão inseridos numa cultura na qual a toxicomania inscreve-se no discurso dominante. A evitação da angústia, o imediatismo do prazer, o consumo exacerbado, dentre outras propostas, são evidenciados nesse discurso.

O discurso desses sujeitos aponta para a relação adolescência-toxicomania, associação esta enunciada, também, pelos autores estudados. Ao longo da presente tese, detalhamos essa relação, tanto nas nossas hipóteses teóricas, quanto nas análises dos casos trabalhados. Temos, assim, condições de elucidá-la, remetendo-nos a duas operações: a operação farmakon e a operação adolescente. Para tanto, retomaremos as propostas dos

autores em relação a esses temas para depois concluirmos sobre a construção das toxicomanias na adolescência.

O descompasso entre as mudanças orgânicas e as suas conseqüências psíquicas foi apontada por Freud (1905c/1981, 1914/1981) quando, ao diferenciar a puberdade da adolescência, situa o trabalho psíquico a ser realizado em função da maturação sexual. A adolescência renova questões infantis que propiciarão ao sujeito o afrouxamento dos laços contraídos na infância em relação aos primeiros objetos de amor e à autoridade. É pela primazia da genitalidade que o sujeito adolescente encontra-se, segundo Freud (1905c/1981; 1928/1981) no trabalho de vencer as fantasias incestuosas e encaminhar-se para novas escolhas de objeto, bem como libertar-se da autoridade dos pais para novas formas de autoridade. Este processo provoca uma das reações psíquicas mais dolorosas e mais importantes para o progresso da civilização.

As “novas” escolhas realizadas pelos adolescentes têm, para Freud, um fundamento nas questões infantis. A operação adolescente é, então, um processo de retomada e relançamento das referências parentais. A criação do “novo” nesse lançamento é um processo sofrido que propicia o progresso da civilização.

Ao tratar do tema da toxicomania, Freud (1930/1981) enfatiza a função dos tóxicos em relação ao alívio do mal-estar associado às renúncias provocadas pela civilização. Alívio de um sofrimento relativo ao peso da realidade e a conseqüente busca de prazer. Freud assinala, aqui, a solução toxicomaniaca em relação à castração.

Em outros momentos de sua obra, refere-se a diferentes tipos de adições, inclusive aos tóxicos, explicando-os como uma substituição das pulsões sexuais. A utilização de álcool é ainda associada à diminuição da crítica superegógica e ao levantamento das inibições. (Freud, 1897/1981, 1898/1981, 1905a/1981, 1905b/1981, 1905c/1918, 1917/1981) .

Freud (1928/1981) deixa-nos rastros que nos permitem associar as toxicomanias à adolescência, por exemplo, quando relaciona a paixão pelo jogo às fantasias da puberdade. Por um lado, aponta o sofrimento do trabalho psíquico a ser realizado na adolescência e, por outro, associa a função dos tóxicos ao alívio do sofrimento provocado por questões superegógicas e à substituição das pulsões sexuais. Então, a angústia surgida do trabalho adolescente relativo à primazia das pulsões sexuais genitais e às mudanças em relação à

autoridade, nas quais pressupõe-se modificações superegóicas, poderá ser aliviada pela utilização de tóxicos.

A trilha aberta por Freud tanto para o entendimento das toxicomanias quanto para o da adolescência é exaustivamente seguida por psicanalistas, os quais, apropriando-se de sua teoria e da teoria lacaniana, propõem novos rumos na elucidação dessas problemáticas.

Assim, encontramos em Le Poulichet (1987/1990, 1991, 1994/1996) uma teoria das toxicomanias que detalha e avança no entendimento do alívio da angústia e da substituição das pulsões proposta por Freud. A autora segue uma interrogação freudiana relativa ao porquê de uns sujeitos intoxicarem-se com as drogas e outros não, diferenciando os usos de drogas das toxicomanias. A operação *farmakon* é apontada como diferencial.

As propriedades das drogas de constituírem uma solução de duas faces - remédio e veneno- para os conflitos psíquicos constitui o princípio do *farmakon*, presente tanto nos usos de drogas quanto nas toxicomanias. No entanto, não é a ingestão de uma droga que define uma toxicomania, mas a presença da operação *farmakon*: quando o mencionado princípio produz um excesso químico associado a uma problemática narcísica.

Dependendo da posição que os sujeitos assumam na operação *farmakon* definir-se-á uma lógica de suplemento ou de suplência na toxicomania. Quando o sujeito endereça-se ao Outro e está, portanto, inscrito na problemática fálica, o excesso químico tem a função de instrumentalizar a procura de um suplemento na relação imaginária com o outro. Essa saída provoca uma prótese narcísica que tende a “regular” os aparelhos corporais, suspendendo os conflitos psíquicos, ligados à castração. O corpo em questão é imaginário. Já quando o sujeito encontra-se numa posição na qual prescinde da alteridade, o excesso químico associa-se a uma formação narcísica dual. Nestes casos o corpo adquire uma dimensão real na qual o corpo químico tem que e fazer funcionar a máquina do organismo. O tóxico não mais regula o bom funcionamento mas é o motor sem o qual a máquina não funciona. Aqui manifesta-se a ruína do Outro simbólico.

Tanto na lógica da suplência quanto na do suplemento, Le Poulichet (1987/1990) aponta para a falta de eficácia simbólica. Nesse ponto, suas proposições assemelham-se às de Melman (1992) e Petit (1987/1990), autores que ressaltam as falhas na função paterna como um dos determinantes das toxicomanias.

Ao longo dos casos construídos nos capítulos anteriores, apontamos as falhas da função paterna associadas aos tênues traçados da inscrição do Nome-do-Pai, na lógica de suplência toxicomaniaca, e a inscrição de um Nome que garante a sustentação simbólica, nos casos nos quais o farmakon produz um suplemento na relação com o outro. Sustentação simbólica que, em termos freudianos, refere-se à autoridade.

Como mencionamos acima, Freud (1905c/1981) indica a passagem da autoridade dos pais para novas formas de autoridade como um dos trabalhos psíquicos a serem realizados pelos sujeitos adolescentes. Novas formas, referenciadas nas anteriores e limitadas pelas interdições impostas pela civilização.

Retomando as propostas freudianas e lançando novas proposições Rassial (1997) define a adolescência como um momento de “après-coup” do estágio do espelho, no qual são retomadas e relançadas às questões infantis associadas à apropriação da imagem corporal, do sintoma e ao teste da eficácia do Nome-do-Pai.

Em relação à imagem corporal, o autor ressalta que as modificações pubertárias são inicialmente não-simbolizadas e, depois, mal-simbolizadas. As falas dos sujeitos escutados, relativas ao descompasso entre as modificações corporais e as psíquicas, encontram um eco nestas proposições. Além disso, Rassial aponta para um momento de apropriação do sintoma, o que faz da adolescência um momento de construção, bem como para o teste da eficácia paterna. Neste momento constrói-se uma nova imagem corporal, sustentada no olhar anterior, paradoxalmente questionado. É nesse hiato de passagem entre o olhar dos pais e o dos “irmãos” que aparecem as carências na significação do corpo.

A passagem da autoridade dos pais para novas formas de autoridade traz consigo, também, um hiato, trabalhado por Rodolfo e Rodolfo (1986), como uma luta entre os significantes que referenciam o sujeito e dos quais o adolescente tenta escapar. O sujeito está aí situado num lugar “entre” diferentes olhares, “entre” diferentes formas de autoridade. Nesse momento testa a eficácia paterna que sempre aparecerá em falta, pelas próprias condições de enunciação: realiza-se um teste das referências ao mesmo tempo em que estas precisam ser negadas para efetuar a passagem para novas formas.

Queixas quase intermináveis são formuladas pelos adolescentes escutados, mas diferentemente de outras queixas estas parecem não ter solução. Queixam-se, por exemplo, da falta de reconhecimento deles enquanto adultos, e, ao mesmo tempo, menosprezam qualquer dizer vindo dos “adultos”. Demandam cuidados especiais da mãe e enraivecem quando esta atende ao seus pedidos. Solicitam liberdade total mas perdem-se com o excesso de liberdade.

As queixas mencionadas traduzem o lugar em que esses sujeitos se encontram em relação às promessas edípicas. Refere Rassial (1997) que na adolescência se constata a farsa das promessas que apontaram a escolha de novos objetos de amor como resolução do tabu do incesto. Os sujeitos encontram-se no momento de poder realizar a escolha e além de não ser-lhes reconhecida essa possibilidade de realização, mediante uma proposta de um novo adiamento, bem assinalada por Calligaris (2000), descobrem nessa solução uma constatação da castração e o sofrimento decorrente dos desencontros amorosos. Não são raros os momentos, nos casos trabalhados, em que os encontros e desencontros amorosos, bem como as decepções relativas à confrontação com o ideal do encontro perfeito precisaram ser trabalhadas. Temos aqui concretizada uma das razões do descrédito adolescente aos dizer dos adultos, como uma das faces de resposta ao teste das referências.

Se os adultos não constituem o mesmo estilo de referências que na infância, novas sustentações são procuradas. O grupo de amigos, a “turma”, têm nesse momento, uma função crucial. Melman (1992) ressalta a formação dos “bandos” adolescentes como uma resposta na qual os sujeitos opõem-se a um inimigo, representante da alteridade. No grupo priorizam-se os iguais, sendo cada integrante idêntico à imagem do pai ideal.

Kehl (2000) conceitua a função fraterna como aquela exercida pelos irmãos, incluindo aqui os consangüíneos ou não-consangüíneos, na constituição do sujeito. São os irmãos que marcam a igualdade e as diferenças. Estes diferem pelo seu nome mas referenciam-se ao mesmo sobrenome. A função fraterna reside, então, na cumplicidade entre irmãos que, por um lado, propõem a criação do novo e, por outro, fazem valer a Lei vigente.

As drogas são freqüentemente objeto de circulação e troca dos grupos constituídos por adolescentes. Estas estão, geralmente, associadas à criação do novo, proposta por Kehl (2000). Os adolescentes escutados falam disso quando mencionam a falta de saber e as fantasias parentais em relação às drogas. Estas são um objeto de circulação ao qual os adultos não têm acesso, podendo constituir um segredo bem guardado ou revelado através dos freqüentes esquecimentos das drogas aos olhos dos pais.

Levamos como hipótese deste trabalho que os grupos de adolescentes poderão ter a função de apresentar a droga para os sujeitos, mas não serão determinantes na construção de uma toxicomania. Esta hipótese revela-se, em parte, verdadeira.

Nos estudos realizados encontramos sujeitos cuja toxicomania inclui o endereçamento ao Outro para os quais o excesso químico tem a função de regulação e outros que estão engajados numa via que apresenta um circuito pulsional dual no qual é imperativo fazer funcionar o corpo- máquina. Os adolescentes cujas toxicomanias engajam-se na lógica do suplemento certificam a hipótese levantada como verdadeira. Estes sujeitos recorrem ao grupo na lógica proposta por Kehl (2000). Possuidores da inscrição de um Nome que recobre seus corpos de significantes e propicia-lhes a sustentação simbólica suficiente para realizar a passagem adolescente tem no grupo de amigos um auxílio na realização dessa travessia, compartilhando os efeitos da Lei. Os sujeitos do grupo espelham-se, constituindo referências imaginárias.

No entanto, para os sujeitos engajados numa lógica toxicomaniaca que elimina a alteridade, a fragilidade da inscrição do Nome-do-Pai os faz procurar uma suplência dessa inscrição. O grupo poderá, então, apresentar a possibilidade de tornar-se uma referência que supre a carência simbólica. Se esse grupo tiver no tóxico uma referência, este poderá funcionar como sustentação, ao apresentar-se como ortopedia da função simbólica falha. Ortopedia que tende a fracassar em algum momento. Além disso, nos casos apresentados, o grupo acolheu aqueles sujeitos presos ao abandono e desamparo maternos.

Resta, ainda, detalhar qual é a função do tóxico na operação adolescente, o que permitirá entender a razão de, geralmente, situar-se na adolescência o início da construção das toxicomanias.

Dissemos anteriormente que a adolescência apresenta um hiato na significação do corpo, na apropriação do sintoma e nas referências. Esta operação marca uma pane

subjetiva, segundo Rassial (1997), que coloca o sujeito numa posição “entre” autoridades, “entre” olhares. Essa posição denuncia que nessa passagem ainda há significações a fazer.

É nesse hiato, no qual são demandadas novas significações, que os sujeitos poderão encontrar no tóxico uma saída. Lembremos as formulações de Le Poulichet (1987/1990) relativas à suspensão dos conflitos, na lógica do suplemento. A saída pela via do tóxico permite, então, aos adolescentes uma suspensão daqueles associados à descoberta da farsa da promessa edípica, bem como daqueles conflitos que demandam uma nova posição do sujeito. Essa saída apoia-se numa atividade infantil. É nesta lógica que podemos situar as formulações de Rassial (1990/1999) que consideram as drogas como uma continuidade do brincar infantil. Vimos, nos casos apresentados, como os sujeitos utilizam-se do tóxico para retomar o jogo de presenças e ausências. Um jogo que possibilita a simbolização, na medida que faz o sujeito suportar as perdas ou ausências. Aparecimentos e desaparecimentos que têm no corpo um ponto de equilíbrio.

Se temos na adolescência um corpo que precisa ser “ajustado” e na toxicomania um remédio para resolver “ajustes” corporais, seja por uma regulação dos aparelhos ou por um imperativo de fazer o organismo funcionar, a operação farmakon poderá se apresentar como solução para os desajustes.

Em alguns casos, a operação farmakon constituirá um sintoma endereçado ao Outro. Em outros, poderá defender aqueles sujeitos que não encontram, no pai, uma garantia de sustentação. Defesa ilusória que coloca o corpo como anteparo perante a ameaça de um engolimento do desejo pelo Outro.

5.2. O Outro na construção das toxicomanias

A posição dos sujeitos na operação farmakon é uma das vias propostas por Le Poulichet (1987/1990) na diferenciação das diferentes lógicas encontradas nas toxicomanias. Na lógica da alteridade o corpo químico surge como suplemento na relação imaginária com o outro. Vimos, nos capítulos anteriores, vários acting-out endereçados às figuras que encarnam o Outro: drogar-se e mostrar-se aos pais ou amigos, por exemplo. Na lógica da suplência prescinde-se do Outro, mas, como já discutimos anteriormente, essa exclusão do terceiro é paradoxal.

A relação com o Outro é ressaltada por Rassial (1997;1990/1999) como um eixo da operação adolescente nas suas três faces: a imagem por este refletida, a apropriação do sintoma e o teste às referências paternas.

Já assinalamos como o tóxico poderá ser apresentado e constituído como sintoma. Intermediado pelos pares poderá tender a colocar-se como um suplemento na relação imaginária com o outro, remediando os conflitos adolescentes, ao suspender as questões associadas à castração e/ou instituir uma defesa contra o fantasma de indiferenciação em relação ao Outro. Defesa que em algum momento fracassa e faz os sujeitos dirigirem-se ao Outro.

Os adolescentes dirigem ao Outro, na adolescência, demandas relativas à validade das referências imaginárias e simbólicas. Essas últimas poderão tornar-se uma garantia ou apresentar suas falhas. Há, ainda, a possibilidade de o Outro cristalizar a imagem do tóxico. Assim, um sujeito que procura referências poderá encontrar nessa imagem uma saída de identificação imaginária ou uma suplência simbólica.

As demandas dirigidas ao Outro, especialmente quando encarnado pelas figuras de autoridade, tomam, freqüentemente, uma forma negativa. Assim, a rebeldia, o enfrentamento aos costumes parentais, o aparente desprendimento em relação a essas figuras, e até o recurso ao tóxico, poderão traduzir demandas de significação das modificações ocorridas e, muitas vezes, de intervenção.

É nesse ponto que produz-se um engano relativo à interpretação pelas figuras de autoridade. Aprendemos com Freud (1900/1981) que existe a sobredeterminação em relação ao significado dos sonhos e outras formações do inconsciente. No entanto, essa sobredeterminação ou polissemia parece escapar às figuras que encarnam o Outro, quando se trata da adolescência e da toxicomania, e assim, ficam sem a possibilidade de tomar a negativa como uma afirmação. Escapam não somente aos pais, mas também a muitos profissionais que lidam com adolescentes e toxicômanos, os quais tendem a interpretações únicas.

Ao tratar da denegação Freud (1925 b/1981), refere que um pensamento ou uma imagem recalcada pode abrir caminho para a consciência sendo negada. Assim, a denegação supõe um levantamento do recalçamento, mas não uma aceitação do recalçado. No mesmo texto, o autor resalta a impossibilidade do “não” ser proveniente do

inconsciente, e afirma que nesse ponto a função intelectual separa-se do processo afetivo. Ao analisar a função intelectual do juízo aponta um estado inicial de indiferenciação entre o subjetivo e o objetivo, característica da primeira fase do juízo. Chemama (1993/1995) salienta não se tratar aí, ainda, de um sujeito.

A prova da realidade constitui o segundo momento. A diferenciação entre o objetivo e o subjetivo constitui-se quando o pensamento é capaz de fazer presente uma imagem, sem que o objeto exterior continue existindo. A finalidade mais imediata do exame da realidade, nesse ponto, é convencer-se de que o objeto ainda existe. É aí que se descobre, nesse exame, a perda dos objetos que um dia procuraram uma satisfação real.

Não é difícil entender, a partir destas afirmações o recurso à negação utilizado pelos adolescentes, já que é próprio da operação que se impõe aos sujeitos a constatação da perda definitiva dos objetos. Lembremos as contribuições de Rassial (1997) quando afirma dar-se, na adolescência, a confirmação da farsa da promessa edípica, isto é, os primeiros objetos de amor estão perdidos, ou melhor, sempre estiveram perdidos, sem a possibilidade de recuperá-los. O sofrimento decorrente desta constatação tenderá a ser evitado, sendo a denegação uma das vias que o adolescente dispõe.

No mencionado texto, Freud (1925 b/1981) refere-se, geralmente, ao “não” que aparece nos enunciados de forma explícita, porém, sabemos que este poderá estar, também, implícito. É o caso dos adolescentes aos quais nos referíamos acima. Estes negam sua demanda através da rebeldia, do questionamento, da afronta aos valores transmitidos.

O tema da demanda subjacente à negação e da análise de negações implícitas é trabalhado por Schäffer (1995). Essa autora analisa situações pedagógicas nas quais o sujeito demanda a outrem a direção das ações. Segundo sua análise, essa situação implica a desobrigação de o sujeito agir e transformar a realidade. No entanto, a autora atribui, também, à negação um estatuto de mediação que possibilita a construção (Schäffer, 1999).

Apesar de a autora trabalhar num contexto diferente do nosso, podemos estabelecer semelhanças entre sua conclusão e a posição de muitos adolescentes, os quais questionam a direção das ações que demandaram aos pais, ficando, grande parte das vezes, paralisados. Paralisação que os impulsiona a diferentes ações: rebelar-se, juntar-se aos pares para compartilhar das peripécias de sua relação com o Outro parental, trabalhar, dentre outras. O

tóxico possui, por vezes, a função de “regular” o movimento pendular entre a ação e a paralização.

Sem uma compreensão deste mecanismo, geralmente, observa-se uma via interpretativa única, dessas ações e paralisações, que propõe a toxicomania como um flagelo a ser evitado e a adolescência como “aborrescência”. É assim que as figuras que encarnam o Outro tendem a responder às demandas implícitas dos adolescentes. Surge, então, uma série de desencontros entre o adolescente e o Outro, que se somam ao hiato na significação das modificações pubertárias.

Esse desencontro parece repetir um hiato inscrito nas demandas e no reconhecimento social. Le Poulichet (1987/1990) aponta para a construção da singularização da toxicomania enquanto entidade única, associando-a ao imaginário social no qual a figura do tóxico oferece um espelho para as imagens sociais da intoxicação. Estas imagens do tóxico dão lugar, na modernidade, a uma teoria sobre o tratamento do órgão da psique. Assim, elabora-se a categoria do “toxicômano” a partir do uso de produtos pelos sujeitos, sem considerar as significações em relação a esse uso. Além disso, a toxicomania assume a representação de um flagelo ou uma epidemia da qual é necessário livrar-se. Representação muitas vezes presente nas demandas dos sujeitos que procuram tratamento solicitando livrar-se do flagelo.

Melman (1992) afirma serem as toxicomanias um sintoma social, na medida que está inscrita, explícita ou implicitamente, no discurso dominante da sociedade. O autor revela, ainda, que os toxicômanos são os heróis da sociedade, já que realizam o ideal social de consumo. No entanto, os sujeitos são considerados marginais. A toxicomania assemelha-se nesse ponto à adolescência. Calligaris (2000) ressalta a dificuldade de encontrar uma escolha adolescente que não constitua a realização do sonho dos adultos. A rebeldia adolescente, diz o autor, realiza o ideal social do adulto.

Aqui surge o paradoxo: a adolescência e a toxicomania constituem um ideal social que os adultos não reconhecem como tal e negam ao adolescente o reconhecimento demandado. Paradoxo que os adolescentes, e em especial os adolescentes toxicômanos, repetem. Demandam reconhecimento através de um mecanismo socialmente inscrito, mas não reconhecem o seu pedido como tal, rebelando-se e aliviando-se com as respostas.

5.3. Especificidades do tratamento com adolescentes toxicômanos

Na apresentação desta tese mencionamos as questões clínicas que impulsionaram esta investigação. Dentre elas, situamos duas formas de demanda que se relacionavam a diferentes lugares ocupados pela droga. Um tipo de demanda era aquela na qual os tóxicos questionavam o sujeito, porém, não o afastavam dos afazeres cotidianos. Estes sujeitos, mencionamos na ocasião, apresentavam a possibilidade de associar o sintoma da droga a outras lembranças. Diferente era o caso daqueles sujeitos para os quais o tóxico tinha representado uma saída exclusiva que não permitia a manutenção das atividades do dia-a-dia.

Ao longo do trabalho entendemos, a partir da teoria de Le Poulichet (1987/1990), que essas diferentes formas de demanda e o que chamamos de lugares ocupados pela droga, representavam duas lógicas de toxicomania nas quais havia diferentes posições dos sujeitos na operação farmakon. As possibilidades associativas de uns foram por nós ressignificadas, ao considerar que as toxicomanias na via do suplemento constituem um sintoma num circuito de alteridade. Esse sintoma encontra-se, então, numa cadeia significante e permite o deslocamento de um a outro significante no trabalho analítico.

Mencionávamos, também, a quase impossibilidade de haver um deslocamento significante naqueles sujeitos para os quais as drogas ocupavam um lugar preponderante na subjetividade. Impossibilidade que nos colocava no limite de nossa prática. Perguntávamos: como trabalhar com sujeitos que não falam? No entanto, estes estabeleciam transferências e havia possibilidades de escuta. A lógica da suplência nas toxicomanias levou-nos a formalizar essa situação. Uma lógica na qual estabelece-se um circuito pulsional a dois. Aí reside a dificuldade dos sujeitos demandarem tratamento a um terceiro e permitirem ao analista inserir-se nessa dualidade.

5.3.1. A demanda e a transferência

Um pedido de auxílio surge, nos casos de toxicomanias, quando há um fracasso da operação farmakon. Segundo Le Poulichet (1987/1990), os sujeitos procuram tratamento quando a operação farmakon não garante a anestesia ou quando a “prótese” deixou de ser adequada.

Esse pedido geralmente é dirigido a um outro familiar que intermedia a procura de um analista ou terapeuta. Vimos que todos os sujeitos que nos procuraram o fizeram através de suas mães. Do mesmo modo, os pacientes da COTE, chegaram acompanhados por um familiar. Essa intermediação recoloca o lugar “entre” tratado acima. Os sujeitos mantêm um traço infantil que os leva a precisar do outro parental para fazer o movimento de busca de tratamento, e, também, procuram nesse outro “forças” capazes de “competir” com o tóxico; um outro que destitua as drogas do lugar que ocupavam. Em todas as análises surgem momentos nos quais os sujeitos referem-se à felicidade e ao agradecimento aos familiares por terem conseguido encaminhá-los ao tratamento, apesar de terem denegado, num primeiro momento, o pedido de auxílio.

O mencionado pedido não é formulado de forma direta. Este necessita, geralmente, que o outro o decifre a partir dos comportamentos. Assim, drogar-se e mostrar-se às figuras que encarnam o Outro, sejam estas pais ou amigos, foi um dos motivos que fizeram os pais de uma parte dos pacientes escutados procurarem análise para sus filhos. O abandono de atividades cotidianas surgiu em outro dos casos como a impulsão ao tratamento. Ainda outros sujeitos precisaram cavocar o olhar do outro através de corpos quase mutilados.

A solicitação do tratamento, nestes casos, constitui o primeiro tempo da demanda. Os sujeitos chegam ao tratamento, aparentemente sem ter outra coisa a dizer a não ser suas peripécias com as drogas. É o primeiro tempo de um endereçamento transferencial, no qual estes sujeitos parecem testar a capacidade do analista de suportar a escuta às questões tóxicas; “palavras tóxicas”, diz Le Poulichet (1987/1990), ao analisar a dimensão de passagem ao ato que as palavras podem ter, destruindo, assim, a possibilidade do “après-coup” do dizer.

Na minha experiência de supervisão, deparei-me várias vezes com analistas, os quais, angustiados com a dimensão que a fala sobre as drogas assumia nos momentos iniciais do tratamento, insistiam para que os sujeitos falassem sobre outras questões e lembranças. Este pedido apresenta, geralmente, uma dimensão impossível, uma vez que todas as lembranças remetem ao tóxico.

Assim, os sujeitos tendem a apresentar-se colocando o analista numa posição que o leva a perguntar-se pela possibilidade de realização da análise. Rassial (1990/1999), ao falar sobre os momentos iniciais de análise com adolescentes, lembra-nos que o sujeito

tentará pôr o analista numa posição que interditaria a análise ou levaria ao fracasso através das reações terapêuticas negativas.

Suportar esse primeiro tempo da transferência, no qual o analista ocupa um lugar de objeto imaginário que desperta o ódio, o amor, a fascinação ou a angústia (Le Poulichet, 1987/1990) torna-se essencial para a simbolização da demanda e da transferência; isto é, para que o analista possa ser situado num lugar de endereçamento da palavra não tóxica.

Quando dissemos suportar esse primeiro momento da demanda e da transferência situamo-nos numa posição contrária à daqueles analistas que afirmam estar o analista num primeiro momento substituindo a droga (Bergeret & Leblanc, 1991; Bucher, 1992). Substituir a droga seria engajar-se num relação dual com o sujeito e esta não é, nem no primeiro tempo do tratamento, a posição do analista. Pelo contrário, seu olhar dirige-se sempre à possibilidade de “irrealizar o uso da droga no marco da cura” (Le Poulichet, 1987/1990). Caso contrário, colocar-nos-íamos numa posição de competição com o tóxico e, competindo por um único espaço, não permitiríamos ao sujeito falar. Repetiríamos a dualidade a que os sujeitos nos empurram constantemente e cairíamos no engodo por eles proposto de estabelecer relações a dois.

Não competir com a droga significa, também, suportar as freqüentes “recaídas” e analisar sua função, e suportar o percurso do sujeito pelas drogas questionando sua posição, sem estarmos inseridos num pressuposto de abstinência. Já relatamos os casos em que a cura não significou a abstinência mas uma mudança da posição do sujeito em relação ao tóxico. Neste sentido, Rassial (1990/1999) aponta para o perigo de dirigir a análise de um adolescente na tentativa de vencer o sintoma, por exemplo, do uso de drogas, já que este possibilita-lhe reconhecimento.

5.3.2. A abstinência

Quando a abstinência coloca-se como um objetivo da cura, transforma-se num ideal do analista.⁷ E, tendo um ideal de cura, o analista se destitui como tal. Sob este ideal, torna-se fácil cair na competição com a droga e numa série de situações contratransferenciais nas quais a frustração e o descrédito nas palavras do analisante tomam dimensões fundamentais.

⁷ Não estamos nos referindo, aqui, à possíveis combinações de abstinência que objetivem o resgate simbólico da palavra.

Como podemos escutar alguém se não acreditamos nas suas palavras? Le Poulichet (1987/1990) recoloca no campo da clínica das toxicomanias o ensino freudiano em relação à abstinência do analista. Freud (1915/1981) ensina-nos que o analista poderá cair no engano de fazer-se destinatário do amor ou do ódio dirigido pelo analisante. Aí, diz Freud, o analista quebra a regra da abstinência. Num texto no qual o autor realiza algumas considerações técnicas (Freud, 1912a/1981), adverte aos jovens analistas sobre a impossibilidade de escuta posta em cena quando o analista vangloria-se do amor do seu paciente ou decepciona-se com o ódio. Freud recoloca aí a situação transferencial, na qual o analista é depositário dos amores e ódios endereçados a outras personagens familiares.

O ensino freudiano não pode ser esquecido quando se trata da cura das toxicomanias. Nesta devemos re-situar o lugar da abstinência do mesmo modo que Lacan re-situou o lugar das resistências. As resistências são as do analista, disse Lacan (1954-55/1984). Assim, a abstinência exige-se do analista e não do analisante. Esta é uma das contribuições fundamentais da clínica psicanalítica no campo das toxicomanias.

5.3.3. O lugar do analista

As toxicomanias têm nas falhas simbólicas um dos fundamentos da construção sintomática. Falhas estas que, na lógica da suplência, colocam ao sujeito uma suposição imaginária de ser engolido pelo Outro. Engolimento que atesta a dualidade tóxica e a impossibilidade de estabelecimento de um trajeto de “ida e volta” em relação ao Outro: olhar e ser olhado, falar e ser falado. No suplemento, a via de mão dupla se mantém. No entanto, trabalha-se com o risco de seu desaparecimento.

Ao analista, perante essa conjuntura psíquica, caberá propiciar as ressignificações, fortalecendo a dimensão ternária, no caso do suplemento, e reinserindo-a, no caso da suplência. Um analista que se mantenha numa posição silenciosa perceberá seu trabalho impossibilitado. O silêncio poderá criar um vazio de significações e propor a retomada do imaginário “engolidor” ou, ainda, impedir a via do resgate significativo perante o teste da eficácia paterna.

Referindo-se ao silêncio, Le Poulichet (1987/1990) aponta para o perigo de que este reforce a entrega à demanda do outro, induzindo ao descrédito da mediação simbólica da palavra.

Referindo-se ao silêncio no trabalho analítico com adolescentes, Rassistal (1990/1999) afirma:

“O lugar analítico é primeiramente o lugar onde é possível se calar, de tal modo que o silêncio não seja reduzido a signo de uma impotência em falar; com a condição, naturalmente, de que o analista se descentre deste exigência mundana de tudo explicar, ou então, de se queixar do que não se compreende. Para formular de outro modo, é preciso deixar o adolescente dizer seu sintoma”(p.162-163)

Os dois autores citados referem-se à manutenção da abstinência analítica- legado de Freud- ressaltando que nas clínicas onde a ineficácia da função paterna encontra uma saída no recurso ao tóxico, o silêncio impede a fala.

5.4. Novas questões de pesquisa

No presente trabalho focalizamos a fundamentação e análise nas falhas simbólicas decorrentes do enfraquecimento da função paterna da operação adolescente e do que denominamos inscrição em tênues traços ou apagamento da inscrição do Nome-do-Pai.

Nos casos apresentados, especialmente nos sujeitos que se encontram sob uma lógica de suplência toxicomaniaca, colocou-se, por vezes, uma dúvida diagnóstica entre a neurose e a psicose, que nos levou a citar a possibilidade de tratar-se de “estados limites”. Nossa argumentação e análise, no entanto, não se direcionou na reflexão dessa questão, tão presente para os analistas que hoje escutam sujeitos, não necessariamente toxicômanos. Fica aqui esboçada uma nova pergunta relativa à formalização desses estados, incluindo o estudo do apagamento ou tênue traçado da inscrição paterna.

Além disso, constatou-se nos casos de suplência toxicomaniaca um desamparo materno cujos efeitos psíquicos não foram suficientemente discutidos. Temos aí, novamente, um tema a ser pesquisado.

Por último, ressaltamos nosso desejo e intenção de discutir nossa tese com profissionais de outras áreas do conhecimento, já que acreditamos ser o trabalho interdisciplinar uma possibilidade de melhor trabalhar com a problemática da toxicomania na adolescência.

5.5. O que os adolescentes escutam?

Finalizamos com a poesia de um grupo muito caro aos adolescentes, ressaltando a necessidade de suportar a imperfeição sem confundir a cocaína com “tristeza”, “cansaço” e “solidão”. Valendo isso, não só para os adolescentes, mas, especialmente para aqueles que com eles convivem e trabalham.

“Parece cocaína mas é só tristeza, talvez tua cidade.

Muitos temores nascem do cansaço e da solidão.

E o descompasso e o desperdício herdeiros são.

Agora da virtude que perdemos.

Há tempos tive um sonho.

Não me lembro, não me lembro.

Tua tristeza é tão exata.

E hoje o dia é tão bonito.

Já estamos acostumados.

A não termos mais nem isso.

Os sonhos vem.

E os sonhos vão.

O resto é imperfeito....

(Legião Urbana)

REFERÊNCIAS

Bauman, Adrian e Phongsavan, Philayrath (1999). Epidemiology of substance use in adolescence: Prevalence, trends and policy implications. Drug and alcohol Dependence, 55 (3): 187-207.

Bento, Victor Eduardo Silva (1998). Formulando uma Psicopatologia Fundamental, justificando-a e ilustrando-a a partir da psicanálise da adolescência de Dora. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. 1 (4): 11- 29.

Bergeret, J e Leblanc, J. (1991). Toxicomanias: uma Visão Multidisciplinar. (Traduzido por Baptista, M.T.) Porto Alegre, Artes Médicas.

Bertolini, Roberto (2000). Struttura della personalità e fattori di rischio di tossicodependenza in adolescenza. Richard-e-Piggle, 8 (1): 77-92

Brook, Judith; Kessler, Ronald e Cohen, Patricia (1999). The onset of marijuana use from preadolescence and early adolescence to young adulthood. Development and Psychopathology 11(4): 901-914

Bucher, Richard (1992). Drogas e Drogadição no Brasil. Porto Alegre: Artes Médicas.

Bucher, Richard e Oliveira, Sandra (1994). O Discurso de “Combate às Drogas” e suas Ideologias. Revista de Saúde Pública, 28 (2), 137-145.

Byck, Robert (org.) (1989). Freud e a Cocaína.(Traduzido por Martinelli e Gama) Rio de Janeiro: Espaço e Tempo.(Original publicado em 1974).

Calligaris, Contardo (2000). A Adolescência. São Paulo: Publifolha.

Caon (1996). Tradição ou Pesquisa. Pesquisa em Psicanálise- Coletâneas da ANPEPP. 1 (16), 93-108.

Carlini (1990). Sugestões para Programas de Prevenção ao Abuso de Drogas no Brasil. São Paulo: CEBRID/Escola Paulista de Medicina. .

Chemama, Roland (1995). Dicionário de Psicanálise.(Traduzido por Settineri, F.) Porto Alegre: Artes Médicas.(Original publicado em 1993).

Derridá, Jacques. (1997) A Farmácia de Platão. (Traduzido por Costa, R.) Editora Iluminarias: São Paulo.(Original publicado em 1972).

Djambolakdjian, Sandra (1994). Toxicomania: Subjetividade e Cognição em Ambiente Logo. Dissertação de Mestrado em Psicologia não publicada. UFRGS, Porto Alegre.

Fedidá, Pierre (1991). Nome Figura e Memória- a Linguagem na Situação Psicanalítica. (Traduzido por Gambini e Berliner), São Paulo: Escuta.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda (1986). Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

Freud, Sigmund (1981) Carta a Fliess de 11 de janeiro. Em Los orígenes del Psicoanálisis (1950; 1981). Obras Completas de Sigmund Freud. V.III . (Traduzido por Lopez-Ballesteros e De Torres). Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1897/1950)

Freud, Sigmund (1981) Carta a Fliess de 22 de dezembro. Em: Los Orígenes del Psicoanálisis Obras Completas de Sigmund Freud. V.III (Traduzido por Lopez-

Ballesteros e De Torres). Madrid: Biblioteca Nueva. .(Original publicado em 1987/1950)

Freud, Sigmund (1981). La Sexualidad en la Etiología de las Neurosis. Obras Completas de Sigmund Freud. V.I . (Traduzido por Lopez- Ballesteros e De Torres). Madrid: Biblioteca Nueva.. (Original publicado em 1898)

Freud, Sigmund (1981). La Interpretación de los Sueños. Obras Completas de Sigmund Freud. V.I .(Traduzido por Lopez-Ballesteros e De Torres). Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1900)

Freud, Sigmund (1981) . Psicopatología de la Vida Cotidiana. Obras Completas de Sigmund Freud. V.I . (Traduzido por Lopez-Ballesteros e De Torres) Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1900-1901)

Freud, Sigmund (1981). Análisis fragmentário de una Histeria. Obras Completas de Sigmund Freud. V.I . (Traduzido por Lopez- Ballesteros e De Torres). Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1905 a)

Freud, Sigmund (1981). El Chiste y su Relación com lo Inconsciente. Obras Completas de Sigmund Freud. V.I . (Traduzido por Lopez- Ballesteros e De Torres). Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1905 b)

Freud, Sigmund (1981). Tres Ensayos para una Teoria Sexual. Obras Completas de Sigmund Freud. V.II . (Traduzido por Lopez- Ballesteros e De Torres). Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1905 c)

Freud, Sigmund (1981). Consejos al Médico en el Tratamiento Psicoanalítico. Obras Completas de Sigmund Freud. V.II . (Traduzido por Lopez- Ballesteros e De Torres). Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1912 a)

Freud, Sigmund (1981). La Dinámica de la Transferencia. Obras Completas de Sigmund Freud. VII. (Traduzido por Lopez- Ballesteros e De Torres). Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1912 b)

Freud, Sigmund (1981) La iniciación del tratamiento. Obras Completas de Sigmund Freud. V.II . (Traduzido por Lopez- Ballesteros e De Torres). Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1913)

Freud, Sigmund (1981). Sobre la Psicología del Colegial. Obras Completas de Sigmund Freud. V.II. (Traduzido por Lopez- Ballesteros e De Torres). Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1914)

Freud (1981)- Observaciones sobre el amor de transferencia. Obras Completas de Sigmund Freud. V.II . (Traduzido por Lopez- Ballesteros e De Torres). Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1915)

Freud, Sigmund (1981). Lecciones Introductorias al Psicoanálisis. Obras Completas de Sigmund Freud. V.II . (Traduzido por Lopez- Ballesteros e De Torres). Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1915-16)

Freud, Sigmund (1981). Duelo y Melancolia. Obras Completas de Sigmund Freud. V.II . (Traduzido por Lopez- Ballesteros e De Torres). Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1917)

Freud (1981)- Más Allá del Principio del Placer. Obras Completas de Sigmund Freud. V.III. (Traduzido por Lopez- Ballesteros e De Torres) Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1920)

Freud, Sigmund (1981). Psicología de las Masas y Análisis del “Yo”. Obras Completas de Sigmund Freud. V.III . (Traduzido por Lopez- Ballesteros e De Torres). Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1921)

Freud, Sigmund (1981). Algunas Consecuencias Psíquicas de la Diferencia Sexual Anatómica. Obras Completas de Sigmund Freud. V.III . (Traduzido por Lopez-Ballesteros e De Torres). Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1925 a)

Freud, Sigmund (1981). La negación (.Obras Completas de Sigmund Freud. V.III . (Traduzido por Lopez- Ballesteros e De Torres). Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1925 b)

Freud, Sigmund (1981). El Humor. Obras Completas de Sigmund Freud. V.III . (Traduzido por Lopez- Ballesteros e De Torres). Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1927)

Freud, Sigmund (1981). Dostoievsky y el parricidio. Obras Completas de Sigmund Freud. V.III . (Traduzido por Lopez- Ballesteros e De Torres). Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1928)

Freud, Sigmund (1930). El Malestar en la Cultura. Obras Completas de Sigmund Freud. V.III . (Traduzido por Lopez- Ballesteros e De Torres). Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1930)

Giberti, Eva(1996). Hijos del Rock: Una Mirada Psicoanalítica sobre los Adolescentes y el Rock. Buenos Aires: Editorial Losada.

Gosselin, Catherine; Larocque, Denis; Vitaro, Frank e Gagnon, Claude (2000). Identification des facteurs liés à la consommation de cigarettes, d'alcool et de drogues à l'adolescence. International Journal of Psychology. 35 (1): 46-59.

Hussong, Andrea, H.(2000). The settings of adolescent alcohol and drug use. Journal for youth and adolescence. 29 (1): 107-119.

Kaufman (1996). Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: O legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Zahar.

Kehl, Maria Rita (org.) (2000) A Função Fraternal. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

Lacan, Jacques (1984). Intervención sobre la Transferência. Escritos I. (Traduzido por Segóvia, T.) Buenos Aires: Sigloveintiuno, 201-215. (Original publicado em 1951).

Lacan, Jacques (1985). Función y Campo de la Palabra y del Lenguaje en Psicoanálisis. Escritos I. (Traduzido por Segóvia, T) Buenos Aires: Sigloveintiuno, 227-310. (Original publicado em 1953)

Lacan, Jacques (1984). El Seminario de Jacques Lacan. Libro 1 – Los Escritos Técnicos de Freud. (Traduzido por Agoff, I.). Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1953-54)

Lacan, Jacques (1984) . El Seminario de Jacques Lacan. Libro 2 – El Yo en la Teoría de Freud y en la Técnica Psicoanalítica. (Traduzido por Agoff, I.). Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1954-55)

Lacan, Jacques (1985). La Dirección de la Cura y los Principios de su Poder. Escritos II. (Traduzido por Segóvia, T.). Buenos Aires: Sigloveintiuno, 565-627. (Original publicado em 1958)

Lacan, Jacques (1973-74). Seminário 21. Os incautos- não erram. (Cópia mimeografada).

Lacan, Jacques (1980). O mito Individual do Neurótico. (Traduzido por Cardoso e Cunha, Bernardo, Medeiros, & Cardoso e Cunha) Lisboa: Assírio Alvim. (Original publicado em 1978).

Le Poulichet, Sylvie (1990). Toxicomanias y Psicoanálisis: Las narcosis del deseo. (traduzido por Etcheverry, J.L.) Buenos 0 Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1987)

Le Poulichet, Sylvie (1991). Se Faire un Corps Étranger. Nouvelle Revue de Psychanalyse I: L'excès. 43: 10-20.

Le Poulichet, Sylvie (1996). O tempo na Psicanálise. (Traduzido por Comaru, M) Rio de Janeiro: Zahar Ed. (Original publicado em 1994)

Lloyd, Charlie (1998). Risk factors for problem drug use: Identifying vulnerable groups. Drugs: Education, Prevention and Policy. 5 (3): 217-232

Mannoni, Octave (1996). A Adolescência é Analisável? Em MaisTarde é Agora! Ensaios sobre a adolescência. Corrêa (org), Bahia: Ágalma.

Melman, Charles (1991). Sobre o Alcoolismo. Em: Estrutura Lacaniana das Psicoses. Melman , C. Porto Alegre: Artes Médicas.

Melman, Charles (1992). Alcoolismo, Delinqüência e Toxicomania: uma Outra Forma de Gozar. (Traduzido por Pereira, R) São Paulo: Escuta.

Melman, Charles (1995). Haveira uma Questão Particular do Pai na Adolescência? Adolescência- Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre., N^o 11, 7-25.

Muisener, Phillip (1995). Understanding and Treating Adolescent Substance Abuse. Londres: Sage.

Násio, Juan David (1991). Os Olhos de Laura- O Conceito de objeto a na Teoria de J. Lacan. (Traduzido por Ramos, P) Porto Alegre: Artes Médicas.

Násio, Juan David (1996).Entrevista a Juan David Násio. Psicoanálisis- A.P.de B.A .XVIII
(2). 99-112.

Nunes, Otávio Augusto (1999). A Representação da Subjetividade na Escrita de Pacientes de Toxicomania. Dissertação de Mestrado não publicada. UFRGS, Porto Alegre.

Pearson, Michael e Michell, Lynn (2000). Smoke rings: Social Network Analysis of Freindship Groups, Smoking ans Drug-taking. Drugs: Education, Prevention and Policy. 7 (1): 21-37.

Petit, Patrik (1990). Toxicomania e Função Paterna. Em : A Clínica do Toxicômano: a Falta da Falta. Olievenstein, Claude. (Traduzido por Settineri, F.) Porto Alegre: Artes Médicas, 52-59. (Original publicado em 1987)

Paltão (1997). Fedrón-Fedro. (Traduzido por Gil Fernandez) Madrid: Alianza Editorial.
(No original 230e)

Rassial, Jean-Jacques (1997). A Passagem Adolescente: da Família ao Laço Social.
(Traduzido por Roche, F), Porto Alegre: Artes e Ofícios.

Rassial, Jean-Jacques (1999). O Adolescente e o Psicanalista. (Traduzido por Bernardino, F. L), Rio de Janeiro: Companhia de Freud. (Original publicado em 1990)

Rassial, Jean-Jacques (2000). Hypothèse sur le Sujet en “Ètat-limit”. Seele Revista de Psicanálise. <http://www.Roadnet.com.br/seele>.

Rodulfo, Marisa e Rodulfo, Ricardo (1986). Clínica Psicoanalítica en Niños y Adolescentes: una Introducció.n. Buenos Aires: Lugar Editorial.

Schäffer, Margareth (1995). O Estatuto da Negação no Discurso do Professor. Tese de Doutorado em Ciências da Educação não publicada. UFRGS, Porto Alegre.

Schäffer, Margareth (1999). O Problema do não-saber, não-conhecer, não-...; qual é o Segredo que o Sujeito do “não” detém?. Reunião Anual da Anped. 221-229.

Trost, Melanie; Langan, Emily e Kellar-Guenther, Yvonne (1999). Journal of Applied Communication Research. 27 (2): 120-138.

Wawzyniak (1998) L'adolescent incertain dans la solitude des camps de forces: Adolescence et produits stupefacients. Bulletin-de-Psychologie. 51 (434): 153-166.

ANEXO A

OPERADORES DE LEITURA

Nesta seção serão explicitados os conceitos psicanalíticos que fundamentaram nossa leitura dos casos e as construções teóricas sobre a adolescência e a toxicomania. Tratamos, então, das identificações, do narcisismo, do Édipo, do Nome-do-Pai e da transferência, separando-os em itens, apesar de serem conceitos associados.

A Identificação

A identificação é um conceito apresentado por Freud à Psicanálise e trabalhado por outros autores, dentre eles Jacques Lacan. Apresentaremos a seguir nosso percurso pelas obras destes dois autores e de outros que nos auxiliaram no seu entendimento. Tomamos a identificação pela via da constituição do sujeito, não enfatizando, tanto quanto o fizeram os citados autores, a via transferencial.

Iniciamos apresentando a concepção freudiana, especialmente a encontrada no capítulo VII da “Psicologia das Massas e Análise e do Eu” (1921), posteriormente as formulações lacanianas, focalizando basicamente os textos “O Estágio do Espelho como formador da função do [eu] tal qual nos é revelada na experiência psicanalítica” (Lacan, 1949/1984) e o Seminário sobre “A Identificação” (Lacan, 1961-62).

Freud (1921/ 1981)⁸ define a identificação como um elo afetivo em relação a outra pessoa e salienta que essa relação é, geralmente, ambivalente. Ambivalência esta que se manifesta na identificação tanto com quem amamos quanto com quem odiamos.

⁸ Freud, Sigmund (1981). *Psicologia de las Masas y Análisis del “Yo”*. Obra Completas de Sigmund Freud. V.III . (Traduzido por López-Ballesteros e De Torres), Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1921)

As identificações apontadas por Freud consistem na identificação com o pai, a identificação presente no sintoma histérico e a identificação com o líder presente nas massas. Situa, ainda, a identificação nas psicoses e na melancolia.

A identificação com o pai é situada por ele na pré-história do Complexo de Édipo. É uma identificação por incorporação, canibalesca. Este laço identificatório parece ser direcionado ao pai de Totem e Tabú (Freud, 1912-13/1981)⁹, aquele pai todo poderoso contra quem os filhos se rebelaram. Diz Freud que apesar de esta identificação ser pré-edípica, prepara o Édipo. Salienta neste ponto que a identificação é sempre possível antes da eleição do objeto.

Conjuntamente com a identificação ao pai, a criança toma a mãe como objeto de suas pulsões. Aqui há, segundo Freud, duas vias de enlace diferenciadas, uma via sexual em direção à mãe, sendo a outra uma identificação ao pai, considerado como modelo a ser imitado. Ao perceber o pai como um rival em relação à mãe, a identificação adquire um caráter hostil, culminando com o desejo de substituir o pai. Este pode transformar-se tanto em objeto quanto em sujeito do eu e, assim, o pai poderá constituir aquilo que se quer ser ou, na via do objeto, naquilo que se quer ter.

O segundo tipo de identificação é a que se apresenta no sintoma neurótico, no qual o sujeito apresenta o mesmo sintoma patológico que uma outra pessoa. Esta identificação, que poderá se dar por duas vertentes diferentes, possui a característica de ser parcial. Qualquer uma das vertentes, descritas a seguir, não toma o outro como um todo com o qual se identificar, mas toma um traço desse outro.

Uma das vertentes mencionadas será a identificação com um traço de uma pessoa não amada, por exemplo, a um sintoma materno, traduzindo assim o desejo hostil, herdado do Complexo de Édipo, em relação à mãe. É como se pudesse se dizer: “não almejavas substituir a tua mãe, bem agora és como ela”. Mas poderá, também, haver uma identificação a um sintoma da pessoa amada. O exemplo aqui trazido por Freud é a identificação de Dora com a tosse do seu pai. Aqui, aponta o autor, a eleição do objeto transformou-se por regressão em identificação.

⁹ Freud, Sigmund.(1981). Totem e Tabú. Obras Completas de Sigmund Freud. VII. (Traduzido por López-Ballesteros e De Torres), Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1912-13)

O terceiro tipo de identificação acontece independentemente da atitude libidinal em relação ao outro. Manifesta-se pela vontade de colocar-se na mesma situação do outro. O exemplo aqui trazido é um sintoma histérico coletivo entre uma moça e suas amigas. Aqui o autor situa a identificação presente nas massas.

Esta terceira identificação poderá auxiliar-nos na elucidação da nossa questão de pesquisa. Quando apontamos o papel do grupo no consumo de drogas estamos apontando para a identificação do sujeito que é levado a consumir drogas por identificação aos seus amigos, a essa pequena massa que o grupo de amigos constitui. Porém, dizemos, esta identificação não constrói toxicomanias.

Freud cita ainda as identificações presentes nas psicoses e na melancolia, enquanto uma identificação com a imagem global do objeto. Há aqui uma introjeção deste último. Na melancolia, o eu divide-se e uma parte ataca a outra. Deixemos traçada aqui uma ponte entre estas identificações e a lógica de suplência toxicomaniaca apontada por Le Poulichet (1987/1990). Ponte que se solidifica ao considerar que na lógica da suplência o outro é total. O sujeito identifica-se com a droga e passa a sê-la, de uma forma semelhante à descrita por Freud (1921/1981) em relação ao um menino que se identificando com seu cachorro morto passou a comportar-se como tal. Nas toxicomanias de suplência o sujeito transforma-se na droga, no lixo, no dejetivo. Já nas de suplemento a identificação assemelha-se a do sintoma neurótico.

A proposições lacanianas sobre a identificação nos permitirão avançar mais um trecho do nosso percurso.

Lacan define a identificação enquanto uma transformação do sujeito. No texto sobre o “Estágio do Espelho” (Lacan, 1949/1984)¹⁰, relaciona essa transformação à assunção de uma imagem e no seu seminário de 1961-62, a ênfase dessa transformação subjetiva estará no significante. Deter-nos-emos nestes dois textos com o objetivo de detalhar o tema proposto.

O estágio do espelho marca para Lacan (1949/1984) a primeira identificação do bebê num momento prematuro do seu desenvolvimento, culminando com o início da

¹⁰ Lacan, Jacques. (1984). El Estadio del espejo como formador de la función del yo [je] tal como se nos revela en la experiencia analítica. *Escritos I*. (Traduzido por Segóvia, T.). Buenos Aires: Siglo veintiuno. (Original publicado em 1949)

dialética da relação com o outro. Este estágio é fundamental para a constituição da imagem corporal e é matriz para as outras identificações.

A identificação é referida no texto “O estágio do espelho como formador da função do eu [je] tal como revelada na experiência psicanalítica” (Lacan, 1949/1984) como a transformação do sujeito quando assume uma imagem. Transformação esta que inicia aos seis meses, aproximadamente, e estende-se até os dezoito.

O pequeno bebê antes mesmo de dominar a postura ereta e a possibilidade de andar, olha sua imagem no espelho e inicia uma série de gestos, os quais incluem o movimento de seu corpo e o olhar a imagem da realidade que o cerca: os outros e os objetos refletidos. É este o primeiro momento em que o bebê antecipa uma imagem total do seu corpo na forma de uma Gestalt, diferenciando-se aos poucos da realidade circundante.

Este momento marca ao mesmo tempo a unificação de uma imagem e a alienação do eu. O pequeno sujeito, inicialmente, não reconhece como sua a imagem que o espelho lhe reflete. E aí que será necessário o reconhecimento do outro que lhe falará a partir do seu desejo. A mãe reconhecerá a imagem refletida como a imagem do seu filho, porém, esta é já uma imagem carregada dos significantes maternos. O sujeito se transformará, assumindo esta imagem que os olhos maternos refletem.

A primeira identificação é eminentemente imaginária, desde o momento que se trata-se de uma imagem, porém, deixa um rastro para as identificações aos significantes. Segundo Lacan (1949/1984)

“O fato de que sua imagem especular seja assumida, jubilosamente, pelo ser que se encontra, ainda na impotência motora e na dependência da lactância, que é o homemzinho nesse estado de “infans”, nos parecerá manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica que o eu [je] precipita numa forma primordial, antes de objetivar-se na dialética da identificação com o outro e antes de a linguagem lhe restituir, no universal, sua função de sujeito”. (Lacan, 1949/1984, p.87)

Chemama (1993/1995) resume este estágio enquanto uma encruzilhada estrutural que comanda: 1) o formalismo do eu pela identificação da criança com uma imagem que ao

mesmo tempo a forma e a aliena; 2) a agressividade do ser humano, o qual precisa ganhar seu lugar sobre o outro sob pena de ser aniquilado e 3) a instalação dos objetos de prazer, cuja escolha sempre se refere ao objeto do desejo do outro.

No Seminário de 1961-62¹¹, Lacan diz: “na identificação trata-se da relação do sujeito ao significante”(p. 1/3) Define-se aqui outra identificação de cunho simbólico, uma vez que é do significante que se trata.

Nesta identificação, simbólica, não se trata de formar uma imagem, de propiciar uma unificação, mas justamente do contrário. Trata-se do significante construído como traço, traço este que funda e suporta o sujeito. A palavra traço, em espanhol, permite-nos uma melhor compreensão desta questão: “razgo” em castelhano significa tanto traço quanto corte. Corte dessa completude imaginária do eu. O traço ou “razgo”, então, é aquilo que se perde entre um e outro significante e, no entanto, unifica o conjunto dos mesmos.

A transformação produzida na identificação simbólica é relativa ao significante, no que este tem que não unitário, mas unário. Traço unário porque unifica o conjunto dos significantes. Dissemos acima que a mãe reconhece a imagem do filho no espelho, aí a criança é apreendida no campo do Outro e sua imagem significada. Na experiência do espelho, a criança volta-se para o adulto na procura de um sinal que a reconheça, que autentique sua imagem. Esse sinal funciona como traço unário (Chemama, 1993/1995).

O Narcisismo

O conceito de narcisismo, tal qual entendido por Freud (1914/1981) e retomado por Lacan (1949/1984), remete à constituição do eu. Este conceito merece destaque pelos temas aqui tratados, especialmente a toxicomania.

Ao formalizar a toxicomania enquanto uma prótese ou formação narcísica, Le Poulichet (1987/1990) associa essa patologia ao narcisismo. Esta proposta é compartilhada por vários autores, dentre os quais citamos Melman (1991), Násio (1996), Giberti (1996). Além disso, as formulações relativas à adolescência na via da retomada de imagens associadas ao eu, relacionam-se com as questões narcísicas. Faremos, então, um breve percurso pelas conceituações de Freud e Lacan.

¹¹ Lacan, Jacques (1961-62). La Identificación. (Cópia mimeografada).

Freud (1914/1981)¹² no texto sobre “A Introdução ao Narcisismo”, distingue o narcisismo primário, não diretamente observável, mas dedutível, do narcisismo secundário. Num primeiro momento, a criança volta-se para si mesma enquanto objeto de amor, sem ter a plena capacidade de direcionar-se aos objetos externos. Neste primeiro momento, há uma indiferenciação da criança e seus pais. O narcisismo parental renasce no encontro com o bebê, reproduzindo e projetando, no filho, todas as imagens de perfeição, por esses já abandonadas (Le Poulichet, 1989; Roudinesco e Plon, 1998¹³).

O narcisismo secundário corresponde ao narcisismo do eu. Aqui há um investimento nos objetos externos e um retorno de investimento ao eu. Freud (1914/1981) diferencia aqui a libido do eu, relacionada aos investimentos direcionados ao eu e a libido do objeto, cujos investimentos são dirigidos aos objetos diferentes do eu. Analisa a psicose como uma patologia narcisica extrema, na qual todo o investimento objetal volta-se para o eu. No entanto, o investimento libidinal do eu coexiste, em todo ser humano, com a libido do objeto (Roudinesco, 1998).

Lacan (1949/1984) situa o narcisismo originário no Estágio do espelho quando a criança capta sua imagem no espelho e os olhos maternos devolvem-lhe uma imagem com a qual se identifica. Dualidade egoica que será quebrada a partir do Édipo.

O Complexo de Édipo

Vimos que o Estágio do Espelho propicia a identificação com o desejo materno como primeiro momento da constituição do eu e do narcisismo primário. Com o Édipo, introduz-se uma interdição que inscreve o sujeito no simbólico.

As seguintes obras foram tomadas como referência para tratar deste tema: A Dissolução do Complexo de Édipo (Freud, 1924/1981)¹⁴; Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica dos sexos (Freud, 1925 a/1981); Sobre a Sexualidade feminina

¹² Freud, Sigmund (1981). La Introducción al Narcisismo. Obras Completas de Sigmund Freud. V I. (Traduzido por López-Ballesteros e De Torres), Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1914)

¹³ Roudinesco, Elisabeth e Plon, Michel (1998). Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar.

¹⁴ Freud, Sigmund (1981) La Disolución del Complejo de Édipo. Obras Completas de Sigmund Freud. VIII. (Traduzido por López-Ballesteros e De Torres) Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1924)

(Freud, 1931/1981)¹⁵; As formações do inconsciente, Seminário V (Lacan, 1957-58)¹⁶ e De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses (Lacan, 1966/1984)¹⁷.

O Complexo de Édipo torna-se um conceito fundamental na explicação freudiana do sujeito. Freud atribui ao Édipo os investimentos amorosos e hostis da criança em relação aos pais- primeiros objetos de amor. Esses primeiros investimentos possibilitarão ao sujeito a procura de novos objetos de amor.

O menino tem na mãe seu primeiro objeto de amor, sendo marcado na pré-história do Édipo por uma identificação primária ao pai. Sob a ameaça do Complexo de Castração, tem no pai tanto um rival em relação ao amor materno quanto um modelo identificatório (identificação secundária). É nessa identificação que se encontra o núcleo do supereu. O menino reconhece a proibição do incesto e identifica-se com o pai como forma de superar o complexo.

Na menina, o processo edípico é, segundo Freud, mais longo e complicado. Como o menino, esta tem sua mãe como primeiro objeto de amor, ao qual , no entanto, deverá renunciar para orientar seu desejo na direção do pai. Assim, ao constatar a diferença sexual em relação ao menino, interpreta-a como uma inferioridade, considera-se castrada e responsabiliza a mãe por tê-la trazido mal provida ao mundo. Dirige-se ao pai enquanto objeto de amor, rivalizando com a mãe e, ao mesmo tempo, tomando-a como modelo de identificação. Nesse processo, a “falha” constatada é substituída pelo desejo de ter um filho. Diferentes patologias poderão surgir das variadas formas de resolução do complexo edípico, uma das quais é tema desta pesquisa.

Lacan (1957-58) propõe o Édipo como fundamento estruturante da constituição do sujeito. Ressalta que o Édipo não deve ser reduzido a significações conflitivas imaginárias e retoma de Freud a posição e função atribuída ao pai, tendo a castração como consequência principal. Situa três tempos no Édipo. No primeiro tempo mãe e filho constituem uma dualidade, na qual o segundo encontra-se numa posição de falo em relação à primeira. Neste tempo, o filho identifica-se com o desejo materno.

¹⁵ Freud, Sigmund. Sobre la Sexualidad Femenina. Obras Completas de Sigmund Freud. V III. (Traduzido por López-Ballesteros e De Torres) Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1931)

¹⁶ Lacan, Jacques (1970) . Las Formaciones del Inconsciente. Buenos Aires: Nueva Visión.(Original publicado em 1957-58)

¹⁷ Lacan, Jacques (1984) De una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de las psicosis. Escritos 2. (traduzido por Segóvia, T.) Buenos Aires: Sigloveintiuno(Original publicado em 1966).o.

O segundo tempo é marcado pela interdição paterna que vem tanto castrar o filho, ao apontar-lhe a impossibilidade da dualidade anterior, quanto retomar a castração materna ao interditar a posição do filho-falo. No entanto, para Lacan, apesar de estar aqui colocada a função paterna, o pai aparece como o pai terrível: um pai que castra sendo a lei.

Já o pai do terceiro tempo do Édipo, propicia a castração simbólica, ao interditar a dualidade mãe-filho, porém numa posição diferenciada em relação à Lei. Neste tempo, o pai aparece enquanto representante da Lei, reconhecendo-se, também, castrado.

Para Lacan, então, o Édipo tem a função de promover a castração simbólica através da inscrição do Nome-do-Pai. Os avatares relativos à função paterna terão como consequência diferentes estruturas e patologias.

O Nome-do-Pai

Esse conceito, criado por Lacan, refere-se à inscrição significante que constitui um sujeito. Segundo Roudinesco (1998), não possui na doutrina lacaniana o mesmo estatuto que os demais conceitos por não ter sido retirado de um corpus existente. A autora refere ser a fonte primordial do mesmo a vida pessoal e as experiências dolorosas de Lacan com a paternidade.

De acordo com essa autora, Lacan apóia-se na obra “As estruturas elementares do parentesco” de Levi-Strauss para demonstrar que o Édipo freudiano pode ser pensado como uma passagem da natureza para a cultura, na qual o pai exerce uma função essencialmente simbólica ao nomear o filho encarnando a lei.

Diz Lacan (1966/1984), referindo-se a Freud:

“ sua reflexão levou a associar a aparição do significante do Pai, enquanto autor da Lei, com a morte, inclusive com o assassinato do Pai- mostrando assim que esse assassinato é o momento fecundo da dívida com a que o sujeito liga-se para toda a vida com a Lei, o Pai simboliza quando significa essa Lei esta é, certamente, o pai morto. (p.538.)

Vimos que a conseqüência do Édipo é a castração simbólica na qual o pai interdita a dualidade mãe-filho e torna-se representante da lei. Esse pai nomeia o filho, garantindo a inscrição simbólica do sujeito. Apesar de a inscrição significante ser relativa ao pai, esta requer uma abertura materna que possibilite a apresentação do filho a um terceiro. O ato de nomear, refere Lacan (1973-74)¹⁸, exige que a mãe nomeie seu filho para um pai. Nomear é, então, nomear para. Esse endereçamento a um terceiro garante o estatuto simbólico da nomeação, diferenciando-a da nominação, eminentemente imaginária.

Produto da metáfora paterna, o Nome-do-Pai é substituído pela operação da ausência da mãe. Segundo Lacan (1966/1984): “ Isso aplica-se assim à metáfora do Nome-do-Pai, ou seja à metáfora que substitui esse Nome no lugar primeiramente simbolizado pela operação da ausência da mãe” (p.539)

A inscrição do significante Nome-do-Pai permite a ausência da mãe e o surgimento de um sujeito desejante. O Nome-do-Pai instaura uma falta a partir da qual será possível o deslocamento significante. O desejo da mãe, até então, indiferenciado com o menino, e substituído pelo Nome-do-Pai dando lugar à significação fálica. A organização fálica, regida pelo recalçamento originário propicia o surgimento de um sujeito de desejo.

Outro, no entanto, é o destino dos sujeitos nos quais há uma carência do Nome-do-Pai, afirma o autor:

“Tentemos conceber, agora, uma circunstância da posição subjetiva na qual, ao chamado do Nome-do-Pai responde, não a ausência do pai real, essa é mais do que compatível com a presença do significante, mas a carência do significante mesmo”. (p.539)

Essa carência de significante, associada por Lacan (1966/1984) à forclusão, será característica das psicoses. Se sublinharmos a noção de carência do significante foi para introduzir uma idéia por nós enfatizada neste trabalho: a de um apagamento do Nome-do-Pai ou de uma inscrição significante enfraquecida.

Tanto nos casos que originaram esta pesquisa quanto naqueles aqui trabalhados, constatamos não uma ausência do significante Nome-do-Pai, mas uma inscrição em tênues traços. O apagamento ao qual nos referimos, neste trabalho, deve ser entendido na via de

¹⁸ Lacan, Jacques (1973-74). Seminário 21. Os incautos- não erram. (Cópia mimeografada)

uma falha, mas não de uma ausência de significante. Falha esta a qual trava, mas não impede, o deslocamento na cadeia.

ANEXO B

LETRAS DAS MÚSICAS (CASO FLORIANA)

Faroeste Caboclo

Não tinha medo, o tal João de Santo Cristo,
Era o que todos diziam quando ele se perdeu.
Deixou pra trás todo o marasmo da fazenda
Só pra sentir no seu sangue o ódio que Jesus lhe deu.
Quando criança só pensava em ser bandido,
Ainda mais quando com um tiro de soldado o pai morreu
Era o terror da cercania onde morava
E na escola até o professor com ele aprendeu.
Ia pra igreja só pra roubar o dinheiro
Que as velhinhas colocavam na caixinha do altar.
Sentia mesmo que era mesmo diferente
E sentia que aquilo ali não era o seu lugar.
Ele queria sair para ver o mar
E as coisas que ele via na televisão
Juntou dinheiro para poder viajar
E de escolha própria escolheu a solidão.
Comia todas as meninhas da cidade
De tanto brincar de médico, aos doze era professor.
Aos quinze, foi mandado pro reformatório
Onde aumentou seu ódio diante de tanto terror.
Não entendia como a vida funcionava –



Discriminação por causa da sua classe ou sua cor
Ficou cansado de tentar achar resposta
E comprou uma passagem, foi direto a Salvador
E lá chegando foi tomar um cafezinho
E encontrou um boiadeiro com quem foi falar
E o boiadeiro tinha uma passagem e ia perder a viagem
Mas João foi lhe salvar.
Dizia ele: - Estou indo pra Brasília,
Neste país lugar melhor não há.
Estou precisando visitar a minha filha
Eu fico aqui e você vai no meu lugar.
E João aceitou sua proposta e num ônibus entrou no Planalto Central
Ele ficou bestificado com a cidade
Saindo da rodoviária, viu as luzes da Natal.
Meu Deus, mas que cidade linda,
No ano-novo eu começo a trabalhar.
Cortar madeira, aprendiz de carpinteiro
Ganhava cem mil por mês em Taguatinga.
Na Sexta-feira ia pra zona da cidade
Gastar todo o seu dinheiro de rapaz trabalhador
E conhecia muita gente interessante
Até um neto bastardo do seu bisavô:
Um peruano que vivia na Bolívia
E muitas coisas trazia de lá
Seu nome era Pablo e ele dizia
Que um negócio ele ia começar.
E o Santo Cristo até a morte trabalhava
Mas o dinheiro não dava pra ele se alimentar
E ouvia às sete horas o noticiário
Que sempre dizia que o seu ministro ia ajudar
Mas ele não queria mais conversa e decidiu que,

Como Pablo, ele ia se virar
Elaborou mais uma vez seu plano santo
E, sem ser crucificado, a plantação foi começar.
Logo logo os malucos da cidade souberam da novidade:
Tem bagulho bom aí!
E João de Santo Cristo ficou rico
E acabou com todos os traficantes dali.
Fez amigos, frequentava a Asa Norte
E ia pra festa de rock, pra se libertar
Mas de repente
Sob uma má influência dos boyzinhos da cidade
Começou a roubar
Já no primeiro roubo ele dançou
E pro inferno ele foi pela primeira vez
Violência e estupro do seu corpo
Vocês vão ver, eu vou pegar vocês.
Agora o Santo Cristo era bandido
Destemido e temido no Distrito Federal.
Não tinha nenhum medo de polícia
Capitão ou traficante, playboy ou general.
Foi quando conheceu uma menina
E de todos os pecados ele se arrependeu.
Maria Lúcia era uma menina linda
E o coração dele
Pra ela o Santo Cristo prometeu
Ele dizia que queria se casar
E carpinteiro ele voltou a ser
Maria Lúcia pra sempre vou te amar
E um filho com você eu quero ter.
O tempo passa e um dia vem a porta um senhor de alta classe com dinheiro na mão
E ele faz uma proposta indecorosa e diz que espera uma resposta.

Uma resposta de João:

Não boto bomba em banca de jornal, nem em colégio de criança

Isso eu não faço não

E não protejo general de dez estrelas que fica atrás da mesa com o cú na mão.

E é melhor o senhor sair da minha casa

Nunca brinque com um Peixes de ascendente Escorpião.

Mas antes de sair, com um ódio no olhar, o velho disse:

Você perdeu sua vida, meu irmão.

Você perdeu a sua vida meu irmão. Você perdeu a sua vida meu irmão.

Essas palavras vão entrar no coração

E eu vou sofrer as consequências como um cão.

Não é que o Santo Cristo estava certo

E seu futuro era incerto e ele não foi trabalhar

Se embebedou e no meio da bebedeira descobriu que tinha outro trabalhando em sue lugar.

Falou com Pablo que queria um parceiro

E também tinha dinheiro e queria se armar

Pablo trazia o contrabando da Bolívia e Santo Cristo revendia em Planaltina.

Mas acontece que um tal de Jeremias, traficante de renome, apareceu por lá

Ficou sabendo dos planos de Santo Cristo

E decidiu que, com João ele ia acabar.

Mas Pablo trouxe uma Winchester-22

E Santo Cristo já sabia atirar

E decidiu usar a arma só depois que Jeremias começasse a brigar.

(O Jeremias, maconheiro sem-vergonha,

organizou a Rockonha

E fez todo mundo dançar.)

Desvirginava mocinhas inocentes

E dizia que era crente mas não sabia rezar.

E Santo Cristo há muito não ia pra casa

E a saudade começou a apertar

Eu vou embora, eu vou ver Maria Lúcia

Já está em tempo de a gente se casar.
Chegando em casa então ele chorou
E pro inferno ele foi pela segunda vez
Com Maria Lúcia, Jeremias se casou
E um filho nela ele fez.
Santo Cristo era só ódio por dentro e então o Jeremias pra um duelo ele chamou
Amanhã às duas horas na Ceilândia, em frente ao lote 14, é pra lá que eu vou
E você pode escolher as suas armas que eu acabo mesmo com você, seu porco traidor
E mato também Maria Lúcia, aquela menina falsa pra quem jurei o meu amor
Santo Cristo não sabia o que fazer
Quando viu o repórter na televisão
Que deu notícia do duelo na TV
Dizendo a hora e o local e a razão
No Sábado então, às duas horas, todo o povo
Sem demora foi lá só pra assistir
Um homem que atirava pelas costas e acertou o Santo Cristo
E começou a sorrir.
Sentindo o sangue na garganta,
João olhou pras bandeirinhas e pro povo a aplaudir
E olhou pro sorveteiro e pras câmeras e
A gente da TV que filmava tudo ali.
E se lembrou de quando era uma criança e de tudo que vivera até ali
E decidiu entrar de vez naquela dança
Se a via-crucis virou circo, estou aqui.
E nisso o sol cegou seus olhos e então Maria Lúcia ele reconheceu.
Ela trazia a Winchester-22
A arma que seu primo Pablo lhe deu.
Jeremias, eu sou homem, coisa que você não é.
E não atiro pelas costas não.
Olha pra cá filha da puta, sem-vergonha,
Dá uma olhada no meu sangue

E vem sentir o seu perdão.
E Santo Cristo com a Winchester-22
Deu cinco tiros no bandido traidor
Maria Lúcia se arrependeu depois
E morreu junto com João, seu protetor.
E o povo declarava que João Santo Cristo era santo porque sabia morrer
E a alta burguesia da cidade não acreditou na estória que eles viram na TV
E João não conseguiu o que queria quando veio pra Brasília, com o Diabo ter
Ele queria era falar pro presidente,
Pra ajudar toda essa gente
Que só faz sofrer.

Geração Coca-Cola

Quando nascemos fomos programados a receber o que vocês nos empurraram
Com os enlatados dos U.S.A de 9 às 6
Desde pequenos nós comemos lixo comercial e industrial
Mas agora chegou nossa vez –
Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês.
Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Nós somos o futuro da nação
Geração Coca-Cola.
Depois de vinte anos na escola
Não é difícil aprender
Todas as manhas do seu jogo sujo
Não é assim que tem que ser?
Vamos fazer nosso dever de casa
E aí então, vocês vão ver
Suas crianças derrubando reis

Fazer comédia no cinema com as suas leis.

ANEXO C

DESCRIÇÃO DO O TRATAMENTO NA COMUNIDADE TERAPÊUTICA DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA/ RS (COTE)

Apresentaremos, esquematicamente, a estrutura e funcionamento da COTE bem como as modificações mais diretamente relacionadas aos escritos analisados nesta tese.

A triagem:

O sujeito que chegava pela primeira vez procurando tratamento iniciava um processo de triagem no qual acolhia-se o pedido de cura, escutavam-se as questões iniciais e situava-se o tipo de tratamento ao qual o interessado poderia submeter-se. Além disso, havia uma preocupação em analisar se o sujeito em questão beneficiaria-se com o tratamento oferecido na COTE. Inicialmente, casos de psicose e de adolescentes cujo uso de drogas fosse uma demanda de traços identificatórios eram encaminhados a outros tratamentos. Isso por considerar que o tratamento que tínhamos a oferecer, com a estrutura daquele momento, mais traria prejuízos do que benefícios a esses sujeitos. Os adolescentes em questão encontrariam um significante- o de toxicômanos- com o qual se identificar. Os sujeitos psicóticos não encontrariam o suporte necessário para suas questões.

No período de triagem, cuja duração média era de uma semana, solicitava-se ao interessado que escrevesse sobre: sua infância, sua adolescência, seu relacionamento familiar, respondesse por escrito à pergunta: quem sou eu? E, porque uso drogas? Cada um desse escritos eram trabalhados em uma ou duas sessões. Na última entrevista, solicitava-se o acompanhamento de um familiar e estabelecia-se o contrato relativo ao pagamento, aos horários e outras combinações consideradas necessárias.

Atividades realizadas durante o dia:

O encontro da manhã: primeira atividade do dia após o café da manhã, era um grupo no qual participavam todos os pacientes. Nesse grupo eram apresentados os **Sentimentos do Dia**, dispositivo do tratamento no qual era solicitado que cada um dos pacientes, no final do dia, fora da COTE, escrevesse livremente seu sentimentos.

Os grupos terapêuticos: eram realizados diariamente com a participação dos pacientes, coordenados por estagiários. Nestes grupos eram escutadas as questões emergentes ou proposta alguma questão surgida de algum momento específico do tratamento.

Grupos operativos: realizados uma vez na semana, visavam o trabalho com um tema específico, geralmente norteado por alguma das questões emergentes da semana.

Abordagens individuais: eram os momentos de escuta individual. Estas poderiam ser solicitadas pelo paciente ou pela equipe, em função do movimento do paciente.

Reunião de família: reuniões com os familiares, realizadas semanalmente e distribuídas quinzenalmente contavam com a de familiares e pacientes e quinzenalmente somente dos familiares.

Atividades artísticas: aulas de artes plásticas, teatro, desenho , música coordenadas por um profissional da área. Estas atividades foram sendo revezadas em diferentes épocas, em função da disponibilidade dos profissionais.

Educação física: atividade coordenada por um profissional da área

Atividades profissionalizantes: basicamente serigrafia, coordenada por um instrutor.

Telejornal : atividade diária na qual, a cada dia, um paciente era encarregado de selecionar uma notícia do dia e coordenar a discussão com os colegas

Vídeo: atividade semanal de exibição e discussão de um filme, geralmente escolhido pelo grupo de pacientes.

Equipes de trabalho: o funcionamento da COTE era sustentado pelo grupo de pacientes, divididos em equipes de cozinha, manutenção e limpeza. Estas equipes tinham rotação mensal, sendo que uma vez por semana se realizavam as chamadas Reunião das Equipes nas quais discutia-se o funcionamento da COTE, naquela semana.

A equipe:

A equipe estava constituída por uma coordenação, estagiários de psicologia, professor de educação física, estagiários de educação física, professores de artes, estagiários de aperfeiçoamento (profissionais formados). No momento da interrupção do trabalho tentávamos implantar uma proposta interdisciplinar de trabalho , entre as diferentes áreas. Realizavam-se, também, uma reunião de equipe semanal na qual discutiam-se todos os casos, além dos movimentos grupais.

Fundamentação do trabalho:

A Psicanálise fundamentou o trabalho de escuta realizado nos dez últimos anos. Esta embasou a escuta dos grupos realizados na COTE, bem como das abordagens individuais e o entendimento e intervenção dos movimentos realizados pelos pacientes nas atividades artísticas, laborativas, educação física, etc.

Fases do tratamento:

Inicialmente o tratamento era organizado em três momentos para cada um dos quais existia um crachá. Então, iniciava-se com o de abstinência, seguia o de iniciante e finalizava-se com o de titular. Estes crachás eram, do ponto de vista comportamental, uma

demonstração ao estilo de recompensa, de um progresso no tratamento. De tempos em tempos avaliava-se o sujeito em questão e, tendo ele cumprido determinados requisitos, era autorizado a mudar de crachá. Esta avaliação era realizada pelos seus colegas e pela equipe.

Essa leitura reorganizou-se, passando, cada uma dessas fases, a valer como uma situação do paciente no momento de seu tratamento, bem como um reconhecimento da mesma por parte dos outros (colegas e equipe).

Os diferentes momentos podem ser resumidos da seguinte forma:

ABSTINÊNCIA- apresenta uma reorganização psíquica no tempo e espaço através da rotina, a isso associa-se o reconhecimento de uma imagem do eu deixando aos poucos de ser cristalizada no tóxico. Ainda a droga ocupa o lugar central na subjetividade.

INICIANTE: - o sujeito fala em nome próprio, já não atrelando ao outro suas vontades e desejo, além disso, pode-se perguntar pela sua participação na desordem da qual se queixa. A historização delinea um lugar na filiação e resgata o laço familiar.

TITULAR: o sujeito é capaz de suportar a angústia provocada pela falta, sem recorrer ao tóxico a cada momento de angústia. Trabalho sobre a separação e alta.

Salientamos que esta descrição é produto de uma reflexão sobre o trabalho . Não são categorias colocadas a priori.

Dispositivos de escrita:

Cartela Clínica- consiste em um questionário , no qual os pacientes respondem a perguntas rememorativas que demarcam períodos de suas vidas – infância, adolescência, vivências da escola, falas dos pais, namoros, amizades. A Cartela possibilita uma forma semi-dirigida de reconstrução de suas vidas, e de lembranças sobre os diferentes períodos. Além disso, uma organização temporal dos mesmos.

Inventário Pessoal- é construído na forma de um roteiro no qual sugere-se a identificação de variados sentimentos, dificuldades, comportamentos bem como a associação destes com outros fatos de suas vidas . Sugere-se, também, que o paciente formalize algumas propostas de tratamento baseadas nos itens acima apontados.

Progresso Terapêutico- é o dispositivo que possibilita a formalização da passagem de uma fase a outra do tratamento. São diversas perguntas relativas ao tratamento respondidas pelo paciente e pelos seus colegas e lido em momento de grupo.

Sentimentos do Dia e Balanço de Sentimentos- os primeiros consistem, como já mencionado, na elaboração de um escrito livre com a consigna de escrever os sentimentos ao final de cada dia. Geralmente são realizadas , também, propostas para o dia seguinte. Após um período, determinado pelo paciente, estes sentimentos são relidos por ele e organizados servindo de fonte para a elaboração do Balanço de Sentimentos. Neste, é realizada uma retrospectiva dos Sentimentos do Dia.

Proposta de Saída Gradual- perto do momento da finalização do tratamento o paciente realiza uma proposta de saída, considerando as atividades que realizará- cursos, trabalho, procura de trabalho- os dias e períodos nos quais continuará freqüentando a COTE e a previsão da data de saída. Esta geralmente é ritualizada com um almoço especial.

Alguns destes dispositivos tiveram sua origem no “Quarto Passo” dos Alcoólicos Anônimos (A.A) e mantiveram, inicialmente, seu caráter de “inventário moral” do comportamento.

No entanto, hoje consideramos os dispositivos de escrita como um instrumento valioso no processo de tratamento das toxicomanias, especialmente pela possibilidade de simbolização que a escrita produz em sujeitos carentes de referência simbólica. Nunes (1999) formalizou esta discussão, concluindo ser a escrita um instrumento que serve à inscrição subjetiva, desses sujeitos, nos quais a função paterna aparece fragilizada. Diz o autor que na escrita podem-se localizar elementos que representem as marcas constitutivas desses sujeitos.

ANEXO D

DISPOSITIVOS DE ESCRITA UTILIZADOS COMO INSTRUMENTOS

I. CARTELA CLÍNICA

Data:	Estado civil:
Nome:	Renda familiar
Naturalidade:	Pai: Idade:
Data de nascimento:	Mãe: Idade:
Profissão:	Cônjuge: Idade:
Outros familiares:	

1. Relate quais são as primeiras lembranças de sua vida ou o que já ouviu falar.
2. Cite as pessoas que considerava importantes antes dos 6 anos e por quê.
3. Que lugar você ocupa na família?
4. O que imagina que esperavam de você, ao nascer ?
5. Quais as pessoas que considerava importantes nessa época? Por quê?
6. Relate experiências positivas, dessa época, dizendo com que foram e por quê.
7. Relate experiências negativas, dessa época, dizendo com quem foram e por quê.
8. Como foi (ou é) sua adolescência, o que considera mais importante nesse momento, quais as pessoas mais importantes dessa fase?
9. Quais as experiências que considera positivas na adolescência? Com quem e por quê?
10. Quais as experiências que considera negativas na adolescência? Com quem e por quê?
11. Cite quais as atividades de lazer que lhe davam prazer na adolescência. Por quê?
12. Como foi sua vivência na escola nessa época? Quem admirava?

13. Que pessoas você admirava? (família, amigos, ídolos, etc.)
 14. Pensava em seguir alguma profissão? Qual e por quê?
 15. Quais as suas responsabilidades nessa época?
 16. Como era seu comportamento nas festas? Em que horário costumava voltar para casa?
 17. O que é vida adulta para você?
 18. Quais as dificuldades para alcançar essa fase?
 19. Quais as vantagens dessa fase para você?
 20. Quais as responsabilidades dessa fase para você?
 21. Como e quando foi seu primeiro envolvimento amoroso? Cite o que considerou importante nesse relacionamento.
 22. Como foi sua primeira relação sexual?
 23. O que sentiu na época?
 24. O que pensa sobre sua sexualidade?
 25. O que considera um bom relacionamento sexual? O que considera importante para isso acontecer?
 26. Cite as suas preferências e dificuldades sexuais.
 27. Quando e como foi sua primeira experiência com drogas? O que levou você a experimentá-las?
 28. O que buscava na droga?
 29. O que o levou a buscar outras drogas?
 30. Com quem as usava, sozinho ou em grupo?
 31. Passado o efeito da droga, o que sentia?
 32. Resuma nesse enquadre seu envolvimento com drogas:
- | Data/ano | Tipo de droga | Por que usava | Como adquiria |
|----------|---------------|---------------|---------------|
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
33. Se já teve experiência profissional, como foi para você seu primeiro emprego?
 34. Que idade tinha e como conseguiu esse primeiro emprego?

35. Que outros empregos teve e quais as funções que exerceu?
36. Como se relacionava no seu ambiente de trabalho? Quais as dificuldades e facilidades?
37. Qual a função profissional que mais gostou de realizar? Por quê?
38. O que pensa de seu relacionamento com as pessoas, em geral?
39. Quais as características que possui que dificultam seu relacionamento, em geral ?
40. Como se relaciona em casa?
41. Com que familiar mais se identifica? Por quê? Como?
42. Que familiar lhe parece mais distante? Por quê?
43. Que características mais admira nas pessoas?
44. Dessas características, quais as que você acha que tem? Quais as que gostaria de ter?
45. Quais as características que mais detesta nas pessoas?
46. Destas características quais as que você acha que tem? Em que elas o atrapalham?
47. Qual a sua atitude com as pessoas com as quais simpatiza?
48. E com as pessoas com quem antipatiza?
49. Em termos de afeto, o que gosta de receber das pessoas?
50. Como solicita para recebê-los?
51. Como demonstra o que quer receber?
52. Como demonstra que determinadas pessoas são importantes para você?

Responda as questões 53 a 55 apenas se você já passou por outros tratamentos:

53. O que chegou a trabalhar dos seus conflitos? Cite e dê exemplos.
54. Quanto tempo de abstinência chegou a alcançar?
55. Caso tenha abandonado este tratamento, explique o porquê.
56. Das suas tentativas para abstinência, com o tratamento ou não, o que levava você a recair? Como e por quê?
57. O que levou você a buscar ajuda agora?
58. Como é que você chegou até aqui? Caso tenha sido por pressão familiar, explique como foi e por que você aceitou?
59. Que programas durante o tempo livre você acha que deve evitar para sustentar seus objetivos neste tratamento?
60. Você já foi preso? Por quê? O que sentiu?
61. Para quem pensou em pedir ajuda naquele momento?

62. Como gostaria de ser ajudado aqui na Comunidade Terapêutica?

63. Quais as características que acha importantes mudar neste momento? Como e por quê?

64. Após rever sua história, quais os seus sentimentos e o que gostaria de dizer sobre eles?

Ok. Você deu um passo importante. Vá em frente.

II- INVENTÁRIO PESSOAL

O objetivo do Inventário Pessoal é auxiliar você a resgatar aspectos importantes de sua própria história, buscando um sentido individual para eles.

Fatos e relacionamentos significativos estão associados a comportamentos e características pessoais. Conhecer-se é importante quando se faz um compromisso com as mudanças que se pretende realizar na vida.

Sugerimos alguns pontos para esse inventário, no entanto, você deve sentir-se livre para expor o que acha necessário para o avanço do seu tratamento.

Para os pontos em que você encontrar maior dificuldade, sugerimos que você discuta com um companheiro, familiar ou alguém da equipe.

1. Tente identificar qualidades que percebe em você e cite situações em que pode exercitá-las. Se você não tem conseguido valorizar-se, procure detalhar os motivos pessoais e os citados pelas demais pessoas que você conhece.
2. Identifique ressentimentos que vem acumulando em sua vida, buscando ver as causas, as pessoas e as situações.
3. Cite dificuldades que reconhece em si próprio e associe com situações em que estas dificuldades tenham impedido você de seguir em frente.
4. Aponte suas fragilidades e diga como tem lidado com elas.
5. Exponha as necessidades pessoais que vêm percebendo durante sua tentativa de interrupção do uso de drogas/álcool, (com relação às pessoas da família, amigos, afetividade, reconhecimento, valores culturais, lazer, profissionalização).
6. Relate o que tem feito para sentir-se satisfeito com relação às necessidades citadas acima.
7. Examine as situações em que você se sente culpado de alguma coisa, analisando os motivos, desejos e o momento da vida em que se encontrava ou se encontra. Tente identificar como esses sentimentos tem-lhe afetado ou impedido de realizar seus objetivos de vida.
8. Observe o tipo de relacionamento que estabelece com as pessoas que lhe interessam. Identifique necessidades e características que se repetem nos seus vários relacionamentos e analise que significado esses relacionamentos tomam em sua vida.

9. Situe comportamentos que considera incorretos, a origem desses comportamentos e o que você propõe fazer para sentir-se em dia consigo mesmo.
10. Releia todo o inventário e exponha propostas que considera fundamentais para o progresso do seu tratamento.